

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**ANA CAROLINA VILLAS BÔAS MENNELLA**

**Os jovens e a experiência de trabalho precário  
na cidade de São Paulo**

**São Paulo  
2009**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**ANA CAROLINA VILLAS BÔAS MENNELLA**

**Os jovens e a experiência de trabalho precário  
na cidade de São Paulo**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena T. de Souza Martins

**São Paulo  
2009**

## AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que contribuíram, de maneiras diferentes, para a realização desse trabalho. Tornando, por vezes, essa empreitada um pouco menos solitária e aflitiva.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, que me acompanha desde a Iniciação Científica, pela orientação sempre precisa e cuidadosa. Agradeço pelas considerações valiosas e conversas frutíferas sem as quais nunca seria possível a consecução desse trabalho.

Ao Dr. Álvaro Comin e à Dra. Suzana Sochaczewski pelas leituras atentas e pelos comentários valiosos emitidos por ocasião do exame de qualificação. Agradeço à generosidade, cuidado e rigor nas colocações que foram essenciais para a continuidade do trabalho e seu direcionamento final. Agradeço adicionalmente ao Álvaro Comin pelas considerações realizadas como comentador durante o seminário no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, atividade obrigatória para bolsistas da Capes.

À Capes pela concessão de bolsa, importante fator para tornar essa realização possível.

Ao professor Brasília Sallum Junior pelos comentários e pela disponibilidade durante o “Seminário de Projetos”, que foi um importante locus de discussão das principais questões do projeto aprovado na seleção. Agradeço também aos colegas de turma pelas leituras atentas e comentários. Os debates com os colegas e as observações do professor foram essenciais para obtenção de clareza acerca do objeto, hipóteses e procedimentos de pesquisa. Esse foi um momento importante para uma maior aproximação com o problema de investigação e de reflexão sobre os caminhos para alcançar os objetivos propostos.

Agradeço à Ana Paula Corti e Luiz Barata, da Ação Educativa, pelo auxílio prestado na indicação de entrevistados. E a Ação Educativa por permitir a utilização do espaço para a realização das primeiras entrevistas.

Aos professores Gustavo Venturi, Álvaro Comin e Márcia Lima, docentes da disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa I, pela oportunidade de aprendizado durante o estágio supervisionado, parte do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino.

Aos jovens entrevistados, pelo tempo e disponibilidade. E também por dividirem comigo relatos e histórias valiosas que foram a base desta pesquisa.

Aos secretários do programa de pós-graduação: Vicente, Irani e Juliana, que foram importantes em diferentes momentos. Um agradecimento especial à Ângela a quem sempre recorri nos momentos de dificuldades, pela disponibilidade e atenção que sempre dispensou.

Aos colegas da 14<sup>o</sup> Edição da Revista *Plural*. A participação na comissão permitiu observar todas as etapas envolvidas na consecução de uma revista, ofereceu a oportunidade de contato com artigos de temas variados, enviados de diversos Estados do Brasil, mas, principalmente, possibilitou aprender sobre os critérios que determinam a qualidade de um artigo científico. A leitura dos artigos e dos pareceres externos elaborados por professores convidados, as discussões com os demais colegas da comissão e a elaboração de pareceres foram atividades que contribuíram grandemente para a minha formação acadêmica.

Aos colegas do programa de pós-graduação e especialmente à Priscila, Claudia, Maria Carolina e Fernando pelo apoio e por dividirem as aflições e angústias em longas conversas, que tornaram o percurso bem menos solitário.

À Rosa e Sueli pela paciência e auxílio no momento de escrita do projeto, compartilhar com pessoas queridas nosso universo particular é sempre importante. À Bia e Danilo pela compreensão e generosidade, ao dividirem dicas e conhecimentos. Aos queridos Tio Valdir e Andreza pela indicação e ajuda carinhosa. À Elis, Diego e Stephan que, cada um à sua maneira, auxiliaram na consecução deste trabalho final.

À Catarina pela companhia persistente em muitas horas de estudo.

E, principalmente, aos meus pais, João e Maialú, à minha irmã, Giovanna, e ao meu amor, David, sem os quais nenhuma realização teria sentido ou seria possível. Agradeço pela compreensão, apoio e incentivo; por estarem presentes e participarem de cada passo dessa jornada. O carinho e atenção que me concederam e os esforços realizados para facilitar cada etapa do trabalho foram essenciais.

*Dedico esse trabalho à  
João, Maialú, Giovanna e David.*

## RESUMO

MENNELLA, Ana Carolina Villas Bôas. *Os jovens e a experiência de trabalho precário na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

A presente dissertação tem por objetivo compreender como se constroem as experiências de trabalhos precários na vida de jovens. Nesse sentido, retoma trajetórias de trabalho e também as relações entre as diferentes esferas relevantes, escola, família e amizades. Também investiga a significação subjetiva das experiências de trabalho marcadas pela precariedade, conferindo especial atenção às expectativas futuras. De maneira sistemática são objetivos da pesquisa: identificar as estratégias e alternativas criadas pelos jovens frente às dificuldades de inserção profissional, perceber de que forma a experiência de trabalho precário se engendra no interior da relação que estabelecem com a esfera do trabalho e com a idealização de projetos futuros e, por fim, revelar os elementos de natureza social que influenciam mais fortemente suas trajetórias. Para a realização desses objetivos foi realizada uma pesquisa de campo que consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com jovens que tinham experiência de inserção precária no mercado de trabalho. Foram realizadas 13 entrevistas entre os anos de 2008 e 2009, com jovens de ambos os sexos e com idades entre 17 e 25 anos.

**Palavras-chave:** Juventude. Trabalho. Precariedade. Desemprego. Trajetórias. São Paulo.

## ABSTRACT

MENNELLA, Ana Carolina Villas Bôas. *Young people and the experience of precarious work in city of São Paulo*. Master Dissertation. Departamento de Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

The present work aims at the comprehension of the process of building precarious work experiences in the youth. For that purpose, it revises work trajectories as well as the relations among different relevant spheres, such as school, family and friendship. It's also objective of this work to investigate the subjective significances of the work experiences marked by precariousness, focusing on future expectations. Systematically, the objectives of this research are the following: identifying strategies and ways chosen by youth to face the difficulties concerning the insertion in the labor market, perceiving by which means the precarious work experience structures itself inside the relationship they establish with the work sphere and with the idealization of future projects, and, at last, revealing the social elements which most influence their trajectories. In order to achieve these aims, a field research, which was constituted by semi-structured interviews with young people who had had previous experience in precarious insertion in the labor market, took place. Thirteen subjects of both sexes aged from 17 to 25 were interviewed along the years of 2008 and 2009.

**Keywords:** Youth, Work. Precariouness. Unemployment. Trajectories. São Paulo.

## **LISTA DE SIGLAS**

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CRECA – Centro de Referência da Criança e do Adolescente

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FATEC – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

ONG – Organização Não-governamental

OIT – Organização Internacional do Trabalho

SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

SESI – Serviço Social da Indústria

VAI – Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro I: Grupo 01 – Dados Pessoais	40
Quadro II: Grupo 01 – Trabalho	42
Quadro III: Grupo 01 – Dados familiares	60
Quadro IV: Grupo 02 – Dados Pessoais	88
Quadro V: Grupo 02 – Trabalho	91
Quadro VI: Grupo 02 – Dados Familiares	112
Quadro VII: Grupo 03 – Dados Pessoais	136
Quadro VIII: Grupo 03 – Trabalho	138
Quadro IX: Grupo 03 – Dados Familiares	159

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 - <i>Trajetórias dispersas: muitos trabalhos, poucos vínculos</i></b>	<b>40</b>
1.1 Perfil dos jovens	40
1.2 Trabalho	42
1.3 Família	60
1.4 Escola	69
1.5 Amigos e Lazer	77
1.6 Expectativas	80
<b>Capítulo 2 - <i>Jovens engajados: Terceiro Setor e a construção de trajetórias profissionais</i></b>	<b>87</b>
2.1 Perfil dos jovens	88
2.2 Trabalho	91
2.3 Família	112
2.4 Escola	120
2.5 Amigos e Lazer	125
2.6 Expectativas	127
<b>Capítulo 3 - <i>Construindo um foco: inserções direcionadas</i></b>	<b>136</b>
3.1 Perfil dos jovens	136
3.2 Trabalho	137
3.3 Família	158
3.4 Escola	163
3.5 Amigos e Lazer	165
3.6 Expectativas	172

<b>Capítulo 4 - Retomando Conceitos e Observado Resultados</b>	<b>180</b>
4.1 A Juventude como categoria sociológica	180
4.2 O trabalho precário como conceito	184
<b>Considerações Finais: Juventudes e seus trabalhos – uma reflexão sobre as diferenças</b>	<b>214</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>238</b>
<b>Anexos</b>	<b>246</b>
Anexo A – Roteiro de entrevistas	246
Anexo B - Situação Educacional dos jovens em 2006	248
Anexo C - Rendimento real do trabalhador, por faixa etária (RMSP), 2006	248
Anexo D - Rendimento médio do ocupado, por nível de instrução e faixa etária (RMSP), 2006	249

## INTRODUÇÃO

A introdução de uma dissertação deve apresentar a pesquisa ao leitor, dizer de onde veio, onde pretende chegar e quais os caminhos seguidos nesse percurso. Nesta introdução serão fornecidos os elementos necessários para tornar a pesquisa inteligível, isto é, pretende permitir a compreensão do que será apresentado a partir do primeiro capítulo. Como o próprio título indica, esta dissertação é o resultado de uma investigação acerca da experiência da precariedade do trabalho com jovens moradores da cidade de São Paulo. Antes de iniciar uma introdução sobre o tema propriamente dito, apresentarei rapidamente a origem do meu interesse e as razões pessoais que me levaram a abordar essa temática. Duas foram as motivações principais. Em primeiro lugar, o interesse pelo tema foi fruto de inquietações produzidas durante a realização da pesquisa de Iniciação Científica “Violência Urbana e Juventude”. Nessa ocasião foram realizadas entrevistas com jovens moradores da cidade de São Paulo, mais especificamente dos bairros Jabaquara e Jardim Ângela, que permitiram perceber a recorrência de trajetórias fragmentadas no mercado de trabalho, devido às grandes dificuldades encontradas de inserção e permanência. Em diversas ocasiões os jovens demonstraram dificuldades em recuperar suas trajetórias profissionais, devido a elevada quantidade de diferentes ocupações e da pouca duração das mesmas. Ainda que possuíssem um grande número de experiências, poucos haviam tido um emprego registrado em carteira, em suas trajetórias predominavam os trabalhos temporários e a recorrência do desemprego.

Uma segunda motivação decorreu da leitura do livro *Ganchos, Tachos e Biscates* de José Machado Pais (2001). Nessa obra, o autor realiza uma pesquisa com 14 jovens que desenvolvem atividades remuneradas variadas. Foi justamente a partir desse momento que me ocorreu o termo “trabalho precário” como noção sociológica capaz de caracterizar uma forma de inserção específica no mercado de trabalho.

O tema do trabalho é central no desenvolvimento da Sociologia como ciência, permeia o pensamento de autores fundadores e se mantém até os dias atuais como um importante ponto de reflexão das Ciências Sociais. As mudanças ocorridas no cenário e nas configurações do trabalho, antes de enfraquecerem a importância desse tema na Sociologia, suscitaram novas problemáticas e questões. Abordar algumas facetas da nova realidade contemporânea do trabalho é a tarefa a qual se dedica a presente pesquisa.

É difícil falar em transformações no universo do trabalho sem considerar as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX. Até então o universo do trabalho era fortemente moldado pela prevalência do modelo fordista/taylorista.

O taylorismo propôs uma nova organização do trabalho nas fábricas e se baseava em três princípios fundamentais. O primeiro princípio refere-se à total independência do processo de produção das qualidades daqueles que o efetuam. As etapas e as atividades exercidas durante o processo industrial são determinadas de forma desvinculada de qualquer particularidade do trabalhador responsável por aquela tarefa específica. Em outras palavras, quando é aplicada a gerência científica, a produção independe das características individuais do operário. O segundo princípio refere-se a total separação entre concepção e execução do trabalho, ou seja, aqueles que executam os procedimentos produtivos não estão envolvidos nas decisões sobre como devem ser executados. O terceiro princípio enuncia que a gerência deve possuir pleno conhecimento dos processos de produção industriais e usar esse monopólio para controle da execução de tarefas (Braverman, 1978). A sistematização de Taylor tinha como objetivo garantir que durante um dia de trabalho fosse produzido o máximo, através da imposição de um ritmo de produção pela gerência. Essa nova forma de disciplina e gestão do trabalho fabril necessitava de amplas mudanças no comportamento social, como afirma Druck, “a disciplina fabril exigia uma nova relação dos homens com o tempo, definindo um novo lugar para o trabalho, para a família, para o lazer, questionando e transformando todas as ‘velhas’ formas de sociabilidade, costumes e tradições”. (1999, p. 43).

Ainda segundo Druck, o taylorismo pressupunha cooperação entre empregados e patrões, o que ocorreria por meio do convencimento de ambas as partes<sup>1</sup>, entretanto, na prática sustentava-se na base da coerção e da autoridade. Por sua vez, o fordismo conseguiu ampliar e difundir o taylorismo. Segundo Harvey:

O que havia especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que a produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista. (1992, p. 121).

A expansão bem sucedida do fordismo esteve associada a um “reposicionamento” do Estado, capital e trabalho, ou seja, de todas as instâncias relevantes para o

---

<sup>1</sup> A autora ressalta que a implementação do taylorismo nas fábricas não foi fácil e pacífica, ao contrário, encontrou grande resistência por parte dos trabalhadores.

desenvolvimento do capitalismo. Mas, a consolidação desses novos papéis não ocorreu de forma tranqüila ou natural, ao contrário, envolveu lutas e resistências (Harvey, 1992). O sucesso do fordismo deveu-se também à existência de salários mais altos do que os praticados comumente no período anterior, que serviam como instrumentos de manutenção da estabilidade física e mental do trabalhador, para que não sucumbissem ao esforço exigido, permitindo o equilíbrio da fábrica. O salário funcionou também como um elemento de convencimento do trabalhador, pois ele devia não apenas aceitar, mas consentir com essa nova realidade (Gramsci, 1980).

Assim, o período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial e meados da década de 70 é o momento áureo de vigência do modelo fordista, quando se observa em diversos países capitalistas um elevado nível de crescimento econômico, baixos índices de desemprego, aumento do poder de compra dos salários, fortalecimento dos sindicatos e expansão das proteções e serviços sociais<sup>2</sup> (Pamplona, 2001). A partir dessa década tal modelo começou a dar sinais de desgaste, o que no plano internacional foi demonstrado por: queda da produtividade do trabalho e conseqüente perda de competitividade internacional americana, movimentos de lutas e resistências por parte dos trabalhadores, crescimento do poder dos sindicatos, que questionaram não apenas as formas de trabalhar e produzir, mas também o próprio modo de vida americano (Druck, 1999). Para Harvey, a crise desse período está associada à grande rigidez que permeava os contratos de trabalho, gastos estatais e mercados, planejamentos de produção, investimento e consumo. Segundo esse autor, como alternativa à crise do fordismo surge o sistema de “acumulação flexível” que, como a própria denominação sugere, se caracteriza por uma maior flexibilidade em relação ao sistema anterior. Algumas das mudanças observáveis sob a acumulação flexível são: surgimento de novos setores de produção, flexibilização dos contratos de trabalho, níveis elevados de desemprego estrutural, redução de poder dos sindicatos, valorização crescente da informação como mercadoria, aumento considerável do emprego no setor de serviços, reorganização do sistema financeiro e “compressão espaço-tempo<sup>3</sup>”.

---

<sup>2</sup> Entretanto, como ressalta Harvey os benefícios oriundos do sistema fordista não atingiram igualmente todas as parcelas da classe trabalhadora, também nesse período havia uma distinção entre trabalhadores protegidos pela legislação, com empregos estáveis e boa remuneração e outra parcela para qual a inserção no trabalho não seguia tais padrões. Segundo o autor, o acesso a determinado padrão de emprego dependia de fatores como gênero, raça e origem étnica. Além disso, nem em todos os países essa experiência ocorreu da mesma forma, nos países de Terceiro Mundo o fordismo representou também “a destruição de culturas locais, muita opressão e numerosas formas de domínio capitalista em troca de ganhos bastante píftios em termos de padrão de vida e de serviços públicos (...)” (Harvey, 1992, p. 133).

<sup>3</sup> “Há uma aceleração dos tempos de giro de capital, que acentuou a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas” (Harvey, 1992, p. 258).

Essa breve introdução ao debate que hoje caracteriza os estudos do trabalho nos permite afirmar que tais mudanças tiveram impacto nas formas de organização da produção e trabalho, resultando em conseqüências importantes para os empresários e trabalhadores, sendo que são estes últimos que nos interessam aqui. É necessário ter em mente que o cenário atual foi sendo delineado durante toda a história do trabalho, mas principalmente do trabalho moderno; o período de vigência fordista influenciou não apenas o desenvolvimento do capitalismo, mas também a nossa forma de pensar e compreender o mundo do trabalho, novos parâmetros foram erigidos e ainda possuem uma influência social considerável. Como será visto adiante, esse fato é importante no estudo da precariedade do trabalho.

A presente pesquisa se destina a pensar e contribuir para a discussão acerca desse universo, a partir de recortes claros. Em primeiro lugar, o foco central da pesquisa apresentada é o trabalho dos jovens, isto é, do grupo de indivíduos que não concluiu a transição completa para a vida adulta, mantendo-se ainda no interior de um processo de construção de estatuto. Entretanto, ainda com relação ao foco da presente pesquisa é possível afirmar que seu recorte principal não foi desenhado a partir de uma categoria particular da juventude e sim dos elementos que caracterizam suas experiências no mercado de trabalho, isto é, tipo de inserção e trajetória profissional. Os jovens estão entre os principais afetados pelas dificuldades de inserção profissional, seja pela instabilidade do emprego, a fragilidade do vínculo e as condições precárias de exercício da atividade. Se, por um lado, tais vicissitudes estão presentes no mercado de trabalho como um todo, por outro, alguns grupos sociais estão mais sujeitos a enfrentar algumas delas. É nessas condições que muitos jovens se inserem no mercado de trabalho, iniciam suas vidas profissionais e desenvolvem experiências que certamente influem no tipo de trajetória resultante. Em outras palavras, o delineamento das primeiras experiências pode influir no caminho construído futuramente, não apenas porque afetam as percepções do universo do trabalho, mas também porque o exercício de uma atividade profissional é também acúmulo de conhecimento sobre essa mesma atividade. Não apenas na juventude, mas principalmente nesse momento da vida, o trabalho é um lócus de descoberta de novas oportunidades e de aprendizado que permite, por meio do acúmulo de experiência e qualificação, a criação de novas possibilidades potenciais, que poderão vir a ser exploradas ou abandonadas. E, ainda, segundo Sochaczewski:

Também é possível concluir que as diferentes possibilidades e condições de trabalho nesse primeiro momento da vida profissional, longe de serem apenas etapa inicial e passageira, se refletem e determinam, em grande medida, o futuro profissional do trabalhador, o

que significa que não só reproduzem, mas aprofundam a desigualdade estrutural da sociedade capitalista (2007, p. 132)

Como foi dito anteriormente, esta pesquisa possui recortes claros. Não é apenas uma investigação acerca do trabalho juvenil, mas da precariedade que o permeia. Desta forma, esta pesquisa objetiva descobrir como se constrói a precariedade do trabalho dos jovens, como ela é percebida, vivenciada e como se relaciona com as demais esferas que formam a experiência social desse grupo.

Antes de prosseguir é necessário introduzir rapidamente em que sentido é utilizada aqui a noção de trabalho precário. De que forma de inserção estamos falando quando adotamos tal denominação? A revisão bibliográfica revelou que na produção sociológica a noção de precariedade é empregada a partir de abordagens e recortes diferentes, segundo cada autor. Sendo assim, restava-nos a tarefa de, a partir de tais empregos, delinear um sentido de precariedade que estivesse de acordo com os interesses e objetivos da pesquisa. Alguns elementos aparecem constantemente associados às características de uma inserção precária no mercado de trabalho, sendo que o primeiro e mais importante certamente é a sua oposição a uma determinada forma de emprego padrão. Dessa forma, o trabalho precário se define primeiramente a partir de tal oposição, já que não possui as mesmas características do primeiro. A existência de uma representação social de que existe uma forma de inserção profissional que seria aceitável e, mais do que isso, desejável, reforça a percepção negativa daquilo que é diferente, sendo considerado precário. Outro elemento importante, e que também é enfatizado nas mais diferentes utilizações da precariedade e permeia seu próprio significado, é a idéia de incerteza ou insegurança dessa forma de inserção. Logo, os trabalhos precários são também aqueles que são instáveis, por causa da fragilidade do vínculo institucional ou pessoal. Assim, o nosso recorte acerca do que constitui uma inserção precária se constrói principalmente a partir de uma observação das condições de exercício do trabalho e de suas características. É preciso esclarecer que essa conceituação foi aquela definida no início da pesquisa, com base na revisão bibliográfica, antes da realização do trabalho de campo, o qual certamente forneceu elementos para repensar aquilo que constitui a precariedade do trabalho. Nesse sentido, pode-se afirmar que a definição inicial do que constitui um trabalho precário serviu principalmente para estabelecer um recorte acerca do objeto investigado, e não propriamente a construção de uma conceituação definitiva, na qual a realidade empírica devesse ser encaixada. Em outras palavras, entende-se aqui que as descobertas do campo podem fornecer elementos que agregam conhecimento à reflexão teórica acerca da precariedade do trabalho.



Como foi dito, o objeto desta pesquisa são jovens em trabalho precário. Como esses indivíduos construíram e constroem suas trajetórias profissionais em um cenário de adversidades, dificuldades e insegurança? Como percebem e experimentam a situação de precariedade no início de sua vida no mercado de trabalho e como reconstróem seus objetivos? Essas questões perpassam a pesquisa e foram perseguidas no trabalho de campo que previu a realização de entrevistas semi-estruturadas para resgatar suas trajetórias profissionais, os percursos e caminhos percorridos. As entrevistas não ficaram restritas ao tema do trabalho, dado que é impossível ignorar que as biografias individuais são forjadas a partir da convivência e trânsito entre muitas esferas, em contato com diversos grupos sociais. Logo, as vivências familiares, escolares, as amizades foram elementos importantes a se considerar. As entrevistas deviam permitir alcançar também outros aspectos subjetivos, como projetos, sonhos, desejos, percepções e expectativas que influem não apenas na forma de vivenciar, experimentar e perceber as situações vividas, mas também na própria constituição de trajetórias. As entrevistas permitiram olhar a situação social a partir do discurso dos envolvidos e colocaram a própria construção do discurso como elemento importante de observação. E as entrevistas semi-estruturadas oferecem uma liberdade maior para pesquisador e entrevistado na abordagem de temas relevantes, assim como na forma e seqüência em que serão tratados.

De forma mais sistemática são objetivos da pesquisa: identificar as estratégias e alternativas criadas pelos jovens frente às dificuldades de inserção profissional, perceber de que forma a experiência de trabalho precário se engendra no interior da relação que estabelecem com a esfera do trabalho e com a idealização de projetos futuros e, por fim, revelar os elementos de natureza social que influenciaram mais fortemente suas trajetórias. A primeira hipótese relaciona-se com informações apresentadas pela pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” publicada no livro *Retratos da Juventude Brasileira* (Abramo e Branco, 2005). Os dados revelam que, quando perguntados sobre suas expectativas em relação aos próximos cinco anos, os jovens apresentam uma postura otimista em relação a sua vida pessoal: 92% dos entrevistados acreditam que irá melhorar, enquanto 2% acham que vai piorar, 4% que vai ficar como está e 2% não responderam. Na pesquisa a mesma pergunta é realizada em relação à situação do bairro, do país e do mundo, e as respostas se distribuíram da seguinte forma, respectivamente: 52%, 48% e 34% acreditam que vai melhorar; 15%, 21% e 35% que vai piorar, 28%, 27% e 25% que vai ficar como está e 4%, 3% e 5% não responderam. A questão seguinte da pesquisa pergunta quais os principais motivos para achar que a vida pessoal vai melhorar, as duas respostas mais citadas foram

“conseguir um emprego/trabalho melhor” (52%) e “terminar os estudos/estar estudando” (37%)<sup>4</sup>. Os dados revelam que o otimismo demonstrado em relação à vida pessoal não se repete com a mesma intensidade quando o foco é a situação do bairro, do Brasil e do mundo. Também é possível perceber que as porcentagens das respostas “vai melhorar” diminuem quanto mais global é o cenário considerado. Isso sugere que não estabelecem uma correlação obrigatória entre as condições do país e as melhorias no nível de vida pessoal, ou seja, não demonstram o raciocínio de que a situação do país ou do mundo seja determinante em suas condições de vida. Como primeira hipótese temos que os jovens observarão suas vidas pessoais a partir de um ponto-de-vista otimista e que os projetos profissionais são elementos importantes na expectativa de futuro. Em outras palavras, os jovens se mostrarão otimistas quanto à realização de seus objetivos pessoais, a despeito da vivência da precariedade passada ou presente. A segunda hipótese enuncia que será possível identificar elementos comuns de natureza social nas trajetórias dos entrevistados, tais como percursos escolares seguidos e as condições das famílias de origem, por exemplo.

Para a realização dos objetivos foram feitas entrevistas semi-estruturadas, isto é, foi elaborado um roteiro de entrevistas (Anexo A) que norteou as conversas com os jovens, mas que, ao mesmo tempo, não as limitou. A primeira parte do roteiro é formada por questões objetivas, que permitiram traçar o perfil do entrevistado. As demais perguntas foram separadas por eixos temáticos: trabalho, família, escola, amizades e expectativas. A existência de um roteiro previamente elaborado garantiu que as informações de interesse da pesquisa foram obrigatoriamente contempladas em todas as entrevistas. O objetivo era conceder aos entrevistados a maior liberdade possível para que criassem as próprias conexões entre os mais diversos assuntos e para que conferissem seu ritmo particular às entrevistas, quando essa disposição existia. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

A escolha pela realização de uma pesquisa qualitativa está fortemente associada à natureza do objeto pesquisado. Como a pesquisa propõe uma investigação acerca da vivência da precariedade foi crucial explorar as experiências daqueles que já estiveram nessa situação. O recurso à entrevista permitiu acessar fatos e experiências a partir do ponto-de-vista dos atores. Segundo Poupart (2008) há três tipos de argumentos clássicos que se destacam na defesa da utilização de entrevistas de cunho qualitativo: epistemológico, ético e político-metodológico. O primeiro sustenta que esse tipo de pesquisa permite uma

---

<sup>4</sup> Para a pergunta: *Principais motivos para achar que a vida pessoal vai melhorar?*, as respostas eram espontâneas e múltiplas.

investigação em profundidade da realidade social, a partir do ponto de vista dos atores. O segundo se baseia na idéia de que as pesquisas qualitativas são necessárias porque permitem perceber os problemas e dilemas enfrentados pelos atores sociais, permitindo, portanto, a denúncia de tais problemas. Por fim, o terceiro argumento enuncia que as entrevistas são instrumentos de pesquisa que permitem acessar em profundidade a experiência dos atores.

No projeto de mestrado, a pesquisa empírica previa a realização de entrevistas semi-estruturadas com jovens, com idades entre 15 e 24 anos, residentes da cidade de São Paulo, em situação de trabalho precário. Estipulou-se um máximo de quinze entrevistas, com jovens de ambos os sexos. No projeto foi realizado um recorte por ocupação, isto é, foram selecionadas algumas ocupações precárias dentre as quais seriam selecionados os jovens para as entrevistas. A proposta inicial era entrevistar jovens das seguintes atividades: motoboys, guardadores de carros, cobradores de lotação, entregadores de panfletos em semáforos e empregadas domésticas/ babás. Esse recorte foi apresentado em caráter provisório, pois essas categorias seriam revistas durante a realização da pesquisa.

Algumas dessas propostas iniciais foram modificadas com o desenvolvimento da pesquisa. A primeira e mais importante mudança diz respeito ao recorte por ocupação. É possível afirmar que o planejamento inicial foi revisto principalmente por razões práticas relacionadas à sua consecução. Em primeiro lugar, a aproximação com os jovens de algumas dessas atividades seria complicada, como, por exemplo, as empregadas domésticas/babás, dificultando a realização das entrevistas. Verificamos que a abordagem dos jovens trabalhadores durante o exercício de suas atividades, levantaria a importante questão de onde seriam realizadas as entrevistas. Assim, houve uma reelaboração da estratégia inicial de entrada no campo. Adotou-se como estratégia o contato com os jovens por meio de uma instituição, no caso a Ação Educativa. Em um primeiro momento, esta indicaria jovens que fizessem parte de algum(ns) projeto(s) e, em um segundo momento, seria solicitado aos próprios entrevistados que indicassem amigos ou conhecidos que pudessem participar da pesquisa. Dessa forma, os jovens ligados a Ação Educativa seriam um primeiro contato com o campo, mas a partir deles, seria possível chegar a outros jovens que não tivessem contato com nenhuma associação e pudessem garantir uma diversidade da amostra.

Além disso, algumas idéias iniciais foram revistas pela própria dinâmica do trabalho, porque a realização da pesquisa empírica e o contato com os jovens não respeita necessariamente critérios ou categorias pré-definidas. Ou seja, eu fui colocada em contato com um jovem que se dispôs a fazer a entrevista e possuía experiências interessantes no

mercado de trabalho, mas que já tinha completado 25 anos. Esse encontro obrigou-me a rever esse recorte de idade, pois ainda que uma definição prévia de determinados critérios seja importante, não acredito que isso deva ser um limitador para a realização de entrevistas com jovens que possuem mais de 24 anos<sup>5</sup>.

O mesmo ocorreu com relação à residência. Entre os jovens que me foram apresentados pela instituição, apenas uma delas não era moradora da cidade de São Paulo, mas sim de Carapicuíba, município localizado na Região Metropolitana de São Paulo. A expectativa em relação à realização da entrevista e a participação na pesquisa por parte desses jovens que me foram indicados pela Ação Educativa, não me permitiu recusar a entrevista devido a uma inadequação ao critério de residência.

Outro aspecto revisto diz respeito à obrigatoriedade de exercício de um trabalho precário no momento de realização da pesquisa. Dentre os jovens entrevistados, quatro estavam desempregados e três estavam empregados com registro em carteira no momento da entrevista, ainda que duas dessas contratações tenham sido realizadas em caráter temporário. Por outro lado, todos esses jovens ofereceram importantes relatos sobre como se constroem as experiências juvenis no mercado de trabalho.

Depois de decidida a estratégia de entrada no campo e escolhida a instituição foi necessário fazer o contato. O primeiro contato foi estabelecido por e-mail entre a minha orientadora e uma pessoa que ela já conhecia e que trabalha na Ação Educativa, no dia 11/02/08. Nesse e-mail havia uma explicação prévia da pesquisa e uma solicitação de indicação de alguém que pudesse fazer a intermediação entre os jovens e eu. Foram-me oferecidas duas opções de contatos que me levariam aos jovens de diferentes projetos. O primeiro contato estava vinculado a um projeto realizado exclusivamente com motoboys e o segundo ao projeto de mídia juvenil. A segunda opção foi selecionada como mais adequada, já que podia oferecer um espectro mais amplo de jovens. Assim, entrei em contato com o coordenador do projeto por e-mail, expliquei de forma mais detalhada a pesquisa, os objetivos e o perfil dos jovens que eu gostaria de entrevistar. Em seguida conversamos por telefone para definir a melhor maneira de proceder. Decidimos que ele falaria primeiro com alguns jovens para saber quem gostaria de participar da pesquisa e posteriormente me enviaria uma lista com os contatos dos mesmos. Fui alertada para o fato de que possivelmente eu teria que arcar com as despesas de condução dos jovens, pois eles não tinham dia certo para freqüentar a Ação Educativa e talvez a falta de recursos pudesse

---

<sup>5</sup> Na Europa se discute a extensão do limite de idade abarcado pelos estudos sobre a juventude para 29 anos.

impedi-los de comparecer às entrevistas. Em seguida, recebi uma lista com os nomes e telefones de seis jovens que se disponibilizaram a participar.

O contato com os jovens foi feito por telefone. Eu me apresentei, expliquei novamente a pesquisa e marquei os horários das entrevistas com eles, na própria Ação Educativa, já que, como havia sido informada, havia uma sala onde seria possível realizá-las. Dos seis jovens da lista foi possível marcar entrevista com cinco, pois um deles tinha um sério problema de horários, só estando disponível nos finais de semana. Foram realizadas três entrevistas no primeiro dia (14/04/2008), quando eu cheguei à Ação Educativa às 11h45 e saí do último encontro por volta das 17h30 da tarde. Na mesma semana foi realizada mais uma entrevista, no dia 17/04/2008, às 10h da manhã. A última entrevista com os indicados pela Ação Educativa demorou mais para ser realizada, pois a jovem estava comprometida com outras atividades, só sendo feita no dia 27/05/2008.

Todas as entrevistas foram gravadas e foi pedido aos jovens que escolhessem um nome pelo qual gostariam de ser identificados na dissertação. Foi solicitado, também, que indicassem outras pessoas que não participassem das atividades da Ação Educativa para que eu pudesse contatá-los. Os três primeiros entrevistados não conseguiram indicar ninguém. Esse fato é muito importante porque demonstrou que o círculo de amigos mais próximos é formado por pessoas desse mesmo universo. Não acredito que eles não conheçam alguém para indicar, mas antes, que por não terem um convívio social muito estreito com outras pessoas, não se sentiram à vontade para indicá-las. A quarta entrevistada conseguiu me indicar outros nomes, entretanto, segundo ela mesma me informou, alguns eram colegas de curso da Ação Educativa. Assim, entre os contatos que ela me passou decidi procurar um jovem em particular que, segundo ela, já havia colaborado com outra pesquisa, teria muitas experiências para compartilhar e possivelmente me indicaria outras pessoas.

Eu entrei em contato com esse jovem por telefone, me apresentei, disse que havia recebido uma indicação para procurá-lo e expliquei rapidamente a pesquisa. Ele me pediu que enviasse um e-mail explicando melhor o que eu estudava e que sugeriria um dia para a realização da entrevista. No e-mail, mais uma vez, eu apresentei a pesquisa e pedi que sugerisse também um local para nos encontrarmos, pois como ele não possui vínculo com a Ação Educativa não seria possível realizar as entrevistas lá. Além disso, perguntei se seria possível encontrar algum local mais próximo de sua residência, no Bairro do Campo Limpo. Ele me respondeu sugerindo um dia e horário para a entrevista. Mais uma vez entrei em contato com ele pelo telefone, que me perguntou se a entrevista poderia ser realizada na casa da namorada dele, pois lá seria possível ter privacidade e o silêncio necessário para a

gravação. Como eu não conhecia o lugar, ele me deu as referências necessárias para chegar à Praça do Campo Limpo, local onde nos encontramos no dia 08/05/2008. Ao chegar lá telefonei para ele que foi me buscar a pé. Nós nos dirigimos para a casa da namorada, que fica a menos de dez minutos dessa praça. Ela estava sozinha em casa, e nos deixou à vontade na sala para a realização da entrevista. Ainda que não fosse ligado à Ação Educativa, esse entrevistado também possui uma experiência de participação em diferentes cursos de formação, o que afeta a sua construção de estratégias para lidar com as dificuldades de inserção profissional. Quando eu pedi que ele me indicasse outras pessoas, ele me disse que era difícil, porque havia se afastado de muitos de seus amigos ou conhecidos, já que a vida leva cada um para um lugar diferente, alguns trabalham o dia inteiro, estudam, constituem famílias ou se mudam. A dificuldade de construir essas redes de indicação decorre desse fato que ficou muito evidente nas entrevistas: os entrevistados possuem um círculo de amizades mais restrito a pessoas com quem compartilham alguns interesses ou afinidades. Ainda que conheçam uma quantidade grande de pessoas, eles não se sentem à vontade para indicar aqueles com quem não tem um convívio freqüente, ou seja, não indicam colegas ou amigos de quem já se afastaram.

Dessa forma, essa estratégia de entrada no campo não se mostrou totalmente eficaz, primeiro porque os jovens não foram capazes de sugerir muitas pessoas e também porque quando o fizeram, indicaram outros do mesmo círculo social que eles. Essas seis primeiras entrevistas revelaram como jovens que possuem alguma espécie de aporte institucional, ou uma experiência de participação em movimentos sociais, constroem as suas percepções do universo do trabalho e foi interessante confrontá-las com o material coletado posteriormente com aqueles que não possuem a mesma experiência. Assim, como essa pesquisa não pretendia ficar restrita a esse universo, tornou-se necessário buscar outras formas de contato com jovens trabalhadores.

Estudando outros caminhos, decidiu-se que a melhor opção no momento seria retornar para a proposta inicial, isto é, a abordagem direta. A abordagem direta consiste em estabelecer contato com os próprios jovens durante o exercício de suas atividades. Isso pode ser facilmente realizado para algumas ocupações, como os entregadores de panfletos, feirantes, cobradores de lotação. Isso não significou um regresso ao critério de ocupação sugerido no projeto, pois pretendia-se que, a partir desses contatos, fosse possível conseguir indicação de outros jovens conhecidos que realizavam trabalhos diversos. Assim, seria possível ampliar o leque de situações pesquisadas e manter a heterogeneidade da amostra. O problema inicial de onde realizar as entrevistas apareceu novamente, foi o ônus de não

possuir uma associação como intermediária. Para resolver esse problema, foram adotadas soluções diversas, determinadas pelas possibilidades oferecidas pelos próprios jovens.

Depois de definido o modo de proceder, decidiu-se fazer a primeira tentativa de aproximação com os jovens no Centro da cidade, a partir de uma observação das diversas situações de trabalho dos mesmos nessa região. Assim, no dia 27/05/2008, às 09h45 da manhã, eu desembarquei do metrô na Praça da Sé, com um mapa das ruas da região, para dar início a essa nova fase do trabalho de campo e testar a sua viabilidade. Na primeira hora eu andei por algumas das ruas mais importantes e movimentadas do centro de São Paulo: Rua Direita, Praça do Patriarca, Viaduto do Chá, Praça Ramos de Azevedo, Rua Conselheiro Crispiniano, Praça da República, Rua Sete de Abril, Rua Marconi, Rua Barão de Itapetininga, Rua Vinte Quatro de Maio, Rua Libero Badaró, Avenida São João, Rua do Comércio, Rua São Bento, entre outras. A primeira coisa que chama atenção é a grande quantidade de pessoas nas ruas, fazendo propagandas de lojas da região. Alguns seguram as placas com anúncios, distribuem panfletos, outros possuem os anúncios ao redor do próprio corpo, são os homens-placa. Há também uma quantidade grande de vendedores ambulantes e camelôs, que oferecem os mais diversos produtos. No entanto, o que mais me surpreendeu foi a pequena quantidade de jovens entre essas pessoas. Ainda que, por já ter andado outras vezes nessas ruas, eu soubesse que nessa região muitos dos empregados em divulgação do comércio local são pessoas com mais idade, a pequena quantidade de jovens observada surpreendeu, esperava que fossem minoria, mas não uma parcela tão insignificante dos trabalhadores de rua do Centro. Por outro lado, percebe-se que são presença marcante como vendedores e atendentes no interior das lojas.

Nesse mesmo dia conversei com alguns jovens que identifiquei nas ruas da região, alguns se mostraram mais receptivos ao contato, enquanto outros demonstraram receio em conversar durante o trabalho. Essa primeira experiência revelou as dificuldades que cercam a opção por essa forma de abordagem no trabalho de campo, pois normalmente fala-se com uma quantidade relativamente grande de pessoas para conseguir poucas entrevistas, já que é necessário que existam interesse e disposição da pessoa para que a relação se estabeleça, o que parece ocorrer mais facilmente quando o contato é feito por meio de indicação. Além disso, é uma opção na qual é possível que ocorram muitos erros, isto é, escolhas erradas: procurar jovens em locais onde eles quase não estão presentes, não encontrar pessoas dispostas ou com o perfil próximo do esperado. Assim, essa alternativa mostrou-se mais exaustiva, no entanto, por outro lado, permitiu acessar uma grande quantidade de situações e de perfis. Portanto, ainda que o procedimento adotado pareça o mais difícil e desgastante, ao

menos nessa primeira investida mostrou-se viável e até enriquecedor em termos do que pôde ser descoberto.

Segundo já haviam me informado e como eu mesma observei, é possível encontrar uma concentração maior de jovens trabalhando na Rua 24 de maio, onde está localizada a “Galeria do Rock”. De fato, é notável a maior participação de jovens entre as pessoas que entregam panfletos de divulgação das lojas, que visam principalmente esse público em particular. Foi nesse local que consegui a minha sétima entrevista. Abordei um rapaz que trabalhava na divulgação para um estúdio de piercings e tatuagens na Galeria do Rock, conversei rapidamente com ele, para não comprometer a realização do seu trabalho e ele me deu seu e-mail. Entrei em contato e ele se dispôs a participar da pesquisa, desde que a mesma acontecesse durante o seu horário de almoço, pois ele trabalhava de segunda a sábado e residia relativamente longe do centro. Aceitei a proposta, com ressalvas, ou seja, realizaria uma avaliação do material coletado para verificar se a forma e o local da realização da entrevista não comprometeriam a qualidade do resultado. Esse jovem me indicou outra pessoa que trabalhava na mesma função que ele, mas não na mesma galeria e que também se propôs a participar.

Assim, como os outros jovens da Ação Educativa, eles não foram capazes de me indicar outras pessoas, além de algumas que trabalhavam na mesma função e no mesmo local que eles. Mais uma vez foi necessário procurar possíveis entrevistados em outros locais e por outros caminhos. Naturalmente, conhecidos que sabiam da minha busca começaram a me indicar pessoas que poderiam contribuir com a pesquisa. Foram contatados mais quatro jovens, que não se conheciam e não exerciam as mesmas atividades. Por fim, o último contato foi estabelecido com um jovem que procurava emprego na Rua Barão de Itapetininga, também no Centro da cidade, novamente por meio da abordagem direta. Depois de várias tentativas de marcar entrevistas com cobradores de lotação identificados em duas linhas da Zona Sul, voltei ao Centro com a proposta de abordar outros jovens e iniciar conversas que poderiam resultar na realização da última entrevista que faltava, o que ocorreu no dia 17/03/2009.

Como foi possível perceber, o contato com os jovens foi estabelecido de maneira diversa, a partir de estratégias diferentes. Ainda que não tenha sido obedecida uma linha clara de abordagem e contato com os entrevistados, o resultado foi positivo, pois foi possível reunir um grupo diversificado de jovens, com perfis diferentes, o que enriqueceu o resultado final da pesquisa. Há uma riqueza e diversidade de situações, opiniões e



experiências relatadas. Por outro lado, cada entrevista em particular suscita questões específicas acerca das situações de entrevista.

As entrevistas foram realizadas em contextos e situações muito diferentes. Ainda que, do ponto de vista da pesquisa, fosse interessante reproduzir situações de entrevista parecidas isso não se concretizou. Cada contexto de entrevista em particular foi determinado pela forma como se deu o contato com os jovens e pelas possibilidades imediatamente encontradas. As primeiras conversas ocorreram na Ação Educativa, em um ambiente propício para a concentração, sem barulhos ou interrupções. Eu já havia falado com todos os jovens por telefone, combinado dias e horários. A Ação Educativa não era um ambiente totalmente estranho para mim, pois quando trabalhava em um projeto de parceria do Núcleo de Estudos da Violência da USP e o Instituto Sou da Paz, no ano de 2002, algumas reuniões semanais ocorriam justamente nesse espaço. Havia uma certa familiaridade no ar, eu estava em um local que havia feito parte da minha rotina há alguns anos, enquanto os jovens estavam em um local que freqüentam atualmente. De certa forma, todos se sentiam um pouco em casa. O clima de familiaridade foi ressaltado pelo fato de os jovens da Ação Educativa terem um entendimento bem claro do que estava sendo proposto e realizado, todos eles conhecem trabalhos acadêmicos, tem grande clareza do que é Sociologia e do seu objeto de estudo, já viram e participaram de outras pesquisas.

As duas primeiras entrevistas realizadas com os jovens abordados diretamente no centro de São Paulo ocorreram em um contexto bem diverso, o contato se estabeleceu ali mesmo, durante o período de trabalho. Devido às longas jornadas de trabalho e aos poucos dias de folga, os jovens preferiram que as entrevistas fossem realizadas durante a hora do almoço (12h à 13h), nas imediações. Foram necessários dois dias para realizar cada entrevista. Os jovens passam a hora de almoço sentados nas escadarias do Teatro Municipal, normalmente levam alguma comida de casa ou compram um sanduíche e comem ali mesmo. Eles propuseram a realização da pesquisa justamente nesse local, pois economizaria tempo de locomoção. Fiz alguns testes com o gravador e concluí que seria possível a captação de áudio. Por fim, as entrevistas foram realizadas ali mesmo, em meio à movimentação e ao barulho do centro de São Paulo. Essa definitivamente não é a condição ideal para a realização de entrevistas, seria preferível um local silencioso e tranqüilo. Mas, por outro lado, talvez o próprio contexto possa ter favorecido a naturalidade obtida durante as conversas. Ali os jovens se sentiam em um território familiar, no qual transitam todo dia, esse fato pode ter ajudado a aliviar a tensão de estarem frente a uma situação totalmente nova, que nunca haviam vivenciado, em contato com uma completa estranha lhes fazendo

perguntas pessoais. Nesse sentido, tal contexto exigiu da minha parte mais concentração e cuidado, eu devia prestar atenção redobrada às respostas, me concentrar nos meus objetivos, para não permitir que o ambiente caótico prejudicasse a coleta de informações. Para as duas entrevistas foram necessárias duas visitas, que aconteceram em dias consecutivos. Nesse sentido, houve um corte nas narrativas, as conversas foram bruscamente interrompidas em algum ponto de onde seriam retomadas no dia seguinte. Entretanto, observando as transcrições e ouvindo as fitas não é possível perceber uma mudança no ritmo da conversa. Além disso, essa interrupção mostrou-se favorável para mim, pois me dava a possibilidade de ir para casa, transcrever as fitas, observar com atenção se havia algo que não tinha sido mencionado ou devidamente aprofundado e me preparar para a continuação no dia seguinte. A última entrevista feita no centro foi realizada no Shopping Light, localizado próximo ao Viaduto do Chá, o que propiciou um ambiente mais tranquilo e silencioso.

A conversa com Fernanda também ocorreu em um local público, mas em um contexto bem diferente. Nos encontramos na avenida Paulista e nos dirigimos ao Center 3, Shopping da região, onde eu sabia que encontraria mesinhas vazias e isoladas no último andar, onde o movimento é bem menor. Ainda que estivéssemos em um local público, o ambiente era bem diferente daquele do centro de São Paulo e assim como nas outras ocasiões, aquele ambiente era familiar para Fernanda, que frequenta constantemente a região.

As entrevistas com Otto, Claudio e Renata foram realizadas nas suas respectivas residências, enquanto a entrevista com Paulo ocorreu na minha casa. Em todos esses casos eu não conhecia os jovens e eles me foram indicados por terceiros, pessoas que eu já havia entrevistado ou que sabiam da pesquisa. Como Paulo mora no mesmo bairro que eu, ele se dispôs a ir até minha casa, com a alegação de que na casa dele não haveria ambiente propício para a gravação. Em todos esses casos, as entrevistas seguiram de maneira relativamente tranquila, obviamente com uma ou outra interrupção devido ao funcionamento normal das residências

A maneira como se estabelece a relação entre entrevistador e entrevistado é determinante na natureza do material coletado durante o trabalho de campo. Muitos fatores influem direta ou indiretamente nessa relação e ressaltarei aqui aqueles que de alguma maneira se revelaram como mais importantes para esta pesquisa.

Becker (1992) alerta-nos para a influência que determinados atributos sociais podem ter sobre as informações obtidas em pesquisa empíricas. Dessa forma, afirma que entrevistados podem fornecer opiniões diferentes quando abordados por pesquisadores com

atributos diferentes<sup>6</sup>. Nesse sentido, é preciso inserir aqui uma pequena reflexão sobre a forma como esse fator pode ter impactado a pesquisa em questão. Com relação aos atributos pessoais é premente considerar que o pesquisador é mulher e jovem. São características prontamente identificáveis visualmente, no primeiro contato e, certamente tem algum impacto sobre a entrevista. Mas de que forma foi possível perceber tal impacto?

Uma pesquisadora jovem entrevistando jovens, isso certamente permite uma rápida identificação. De fato, há um ambiente propício para acessar algumas opiniões, pensamentos e fatos biográficos, pois há um reconhecimento, por parte do entrevistado, de uma proximidade natural. Em diversas passagens das entrevistas a maneira de fornecer as respostas sugeriam que eles se dirigiam a uma pessoa que, em alguma medida, compartilha de determinados códigos sociais, e até mesmo, tem conhecimento de algumas questões que envolvem a vivência juvenil.

Outro atributo importante é o sexo, característica que tem uma influência claramente perceptível. Os jovens do sexo masculino se mostraram consideravelmente mais inibidos para abordar seus relacionamentos afetivos, enquanto as jovens falaram desse tema com maior naturalidade e se detiveram mais sobre esses assuntos. Assim disseram frases como: “eu como uma garota apaixonada” (Alice), “ah, eu tô encalhada” (Edna). Os homens também falaram sobre suas vidas e expectativas amorosas, mas, principalmente quando perguntados ou estimulados, as respostas foram em outros termos, como por exemplo, “almejo ter um relacionamento” (Paulo). É difícil mensurar até que ponto o fato de o interlocutor ser de outro ou do mesmo sexo influi na maneira como falam sobre os relacionamentos amorosos, ou se há de fato uma diferença de personalidade entre os dois sexos. Da minha parte, eu acredito que as jovens se sentiram mais à vontade por estarem diante de outra mulher.

Outro elemento que deve ser ressaltado como determinante de tal relação diz respeito à distância social entre entrevistador e entrevistado. A despeito das diferenças pessoais, temperamento e personalidade de cada jovem, há uma diferença na familiaridade que demonstraram em relação ao próprio ato da pesquisa, ao conhecimento em relação a tal área de conhecimento, à familiaridade com a situação e à compreensão dos propósitos do estudo. Nesse sentido, é possível claramente definir dois grupos de jovens. O primeiro é formado por aqueles indicados pela Ação Educativa. Esse grupo é formado por jovens que já frequentam ou pretendem ingressar na universidade, todos com algum conhecimento da

---

<sup>6</sup> O autor enfatiza a diferença obtida em relação às respostas obtidas em surveys sobre temas como raças ou sexualidade (Becker, 1992).

área de pesquisa. As carreiras mencionadas são: Ciências Sociais<sup>7</sup>, Psicologia, Educação, Serviço Social. Além disso, eles freqüentam uma instituição na qual trabalham muitos profissionais, formados justamente nessas áreas. Inclusive, alguns deles já tinham sido entrevistados anteriormente por outros pesquisadores, da própria organização. Assim, os jovens da Ação Educativa demonstraram um sentimento de identificação maior, pois muitos deles almejam construir uma carreira na mesma área.

Se, por um lado, a minha juventude favoreceu a criação de um ambiente propício para a realização das entrevistas e permitiu aos jovens uma determinada liberdade nas falas, por outro, é um elemento que pode influenciar seu próprio delineamento. Isto é, a relação de entrevista supõe necessariamente uma divisão de papéis. Há aquele que monopoliza o interesse da pesquisa, o objetivo da entrevista, que necessariamente se apropriará daqueles dados. De outro lado, há o indivíduo que fornece informações, compartilha opiniões e vivências. Durante esta pesquisa houve o estabelecimento de uma interação entre dois indivíduos jovens, mas dois indivíduos que assumiam papéis diferentes nessa interação. Dessa forma, se as semelhanças e identificações foram um componente dessa relação, a clara diferença, prontamente identificável, também se fez presente. Até que ponto o reconhecimento de que o entrevistador é uma pessoa jovem, muitas vezes com poucos anos a mais do que o entrevistado, porém em uma situação social diferente dos mesmos, influenciou a maneira como a informação foi fornecida? Dessa maneira, a juventude pode funcionar como um fator constituinte de uma relação ambígua entre entrevistador e entrevistado.

A relação desigual é também conformada pela própria situação de entrevista. É uma situação na qual a possibilidade de controle é desigualmente distribuída entre as partes. O entrevistador monopoliza as informações de pesquisa, no sentido em que define o objeto e objetivo, como utilizará e apresentará os dados coletados. Ainda que a entrevista semi-estruturada garanta uma maior liberdade ao entrevistado do que os questionários, sempre há um problema de investigação claramente delineado. Assim, há elementos que necessariamente serão abordados, ainda que os entrevistados não os mencionem espontaneamente. Por sua vez, o entrevistado pode tentar assumir uma posição de controle da situação com base no monopólio que ele tem de seu próprio relato, isto é, ele pode controlar a própria fala, as opiniões omitidas, o que revela ou o que esconde do entrevistador. Quanto a isso, o entrevistador nunca tem total garantia da profundidade, confiabilidade e veracidade de todo material coletado. Entretanto, as entrevistas são

---

<sup>7</sup> Um desses jovens estava cursando o terceiro ano de Ciências Sociais no momento da pesquisa.

situações de interação significativas, nas quais silêncios, pausas, entonações podem ser tão expressivas quanto aquilo que é claramente verbalizado.

A desigualdade da relação também é delineada pelo acesso diferente que cada uma das partes tem em relação ao outro. Em muitos casos, as entrevistas trazem à tona aspectos íntimos e particulares da experiência dos jovens e de seus sentimentos, desejos, sonhos, vontades, frustrações. Este trabalho de campo permitiu esse tipo de situação: relatos intensos e profundos que resultaram na criação rápida de um vínculo oriundo da partilha de intimidade. A questão é que apenas uma das partes se expõe ao conhecimento do outro. O entrevistador mantém a sua intimidade resguardada do olhar alheio, enquanto o entrevistado se expõe para aquela pessoa que não passa de um estranho. Durante o trabalho de campo, enquanto realizava as entrevistas me perguntei se seria capaz de prever algumas das respostas se as mesmas perguntas fossem feitas com pessoas do meu convívio pessoal. Certamente não. O contato social permite uma formação gradual do conhecimento, no qual ambas as partes se revelam aos poucos e de maneira espontânea. A situação de entrevista é justamente o contrário, é um tempo delimitado, no qual a relação se altera gradualmente, em um período curto no tempo. Em outras palavras, durante uma entrevista, muitas vezes se percebe uma mudança na atitude do entrevistado, que com o decorrer da conversa se sente mais à vontade e confiante, mas essas etapas são curtas.

O momento de entrevista é muitas vezes percebido como um momento de reflexão e auto-reflexão. Os temas abordados permitiram aos jovens pensar a respeito de questões que talvez nunca tinham sido objeto de reflexão, se constituindo, assim, em uma oportunidade rica de auto-conhecimento. Por vezes, foram ouvidas respostas como “Nunca tinha pensado sobre isso”, mesmo quando as questões eram sobre temas familiares, como a escola, por exemplo, mas que abordavam aspectos dessa experiência que não necessariamente estavam prontamente elaborados. A entrevista com Otto foi bastante ilustrativa nesse sentido. Quando perguntado sobre as suas expectativas com relação ao futuro ele respondeu: “... é muito louco isso, porque tanto que eu falei tanto porque eu tô lembrando das coisas agora assim, eu não paro pra ficar pensando na minha vida, eu tô falando porque você tá... você me perguntou uma coisa que me levou a tipo me rever assim e aí... eu não tenho muita expectativa pro futuro...”. Como no caso de Otto, nem sempre as próprias experiências e a forma como elas ecoaram na construção de uma biografia estão claras, as entrevistas permitiram que eles repensassem inclusive suas histórias de vida. As conversas duravam no mínimo cerca de uma hora, durante esse tempo toda a atenção estava voltada ao jovem e seus relatos. O jovem tem plena consciência de que a pessoa que está a sua frente está

largamente interessada no que ele tem a dizer. Nesse sentido, o entrevistador é o ouvinte em uma situação na qual as suas próprias opiniões, memórias, vivências não importam, não é uma conversa, uma troca de confidências, uma ocasião social normal na qual o interesse do diálogo se transfere naturalmente de um para outro. Ao contrário, a entrevista é o momento no qual há um foco explícito nos relatos de apenas um dos dois indivíduos da interação, o que constitui uma situação rara. Como uma oportunidade de ser ouvido e valorizado, a entrevista por vezes desperta sentimentos interessantes, como alívio, por exemplo. Na minha penúltima visita à Ação Educativa, entrevistei Joana, quando informei que a entrevista havia acabado, que tinha conseguido todas as informações que desejava, ela exclamou “Já? Agora que estava ficando bom, uma conversa”. Quando a conversa acabou Sofia adentrou o recinto para se apresentar, pois, dentre os jovens que me tinham sido indicados, ela era a única que faltava entrevistar. Eu já havia estado lá e entrevistado Frederico, Edna e Alice. As duas jovens conversaram na minha frente sobre como era participar da pesquisa, sobre o que os outros colegas já entrevistados haviam comentado. Segundo as duas, todos diziam que a entrevista era como uma conversa e que saíam se sentindo bem da sala. Além disso, contaram que já haviam participado de outras pesquisas, na Ação Educativa mesmo, e que nem sempre as entrevistas são situações tranquilas, fáceis, que “fluem tão bem”. Para elas é muito importante a atitude do entrevistador, a maneira de fazer as perguntas, o tom adotado, a sua capacidade de deixá-las à vontade, o que está em grande parte associado à percepção de que não estão sendo julgadas ou avaliadas. Também falaram da facilidade de conversar com alguém jovem, de quem se sentiam mais próximas.

Não é possível afirmar que a relação entrevistador/entrevistado seja marcada apenas por objetividade. Como foi dito acima, elementos naturais do contato intersubjetivo foram observados. Zaluar (1986) faz uma reflexão sobre as questões que permeiam a realização da pesquisa etnográfica e analisa aspectos da relação entrevistador/entrevistado. Ainda que o objeto de reflexão da autora seja a inserção do pesquisador em comunidades, ela ressalta elementos que podem ser úteis para a compreensão de como ocorreu essa relação, na concretização do trabalho de campo desta pesquisa. A autora argumenta que para pensar essa relação, é necessário ter em mente o fato de que o pesquisador nunca consegue se desvincular de duas coisas importantes: do seu projeto intelectual e de uma “alteridade não resolvida” (1986, p.115). A primeira significa que não importa o papel que lhe seja imputado pelo pesquisado, o pesquisador tem uma finalidade última que é sua pesquisa. A autora menciona que em muitos casos o pesquisador assume papel de juiz, conselheiro e, eu acrescento psicólogo. Entretanto, a proximidade e o envolvimento pessoal engendrados pela

intimidade adquirida durante a entrevista não apaga o fato de o pesquisador ter um objetivo claro e concreto nesse contato. E, a segunda significa que o pesquisador não consegue suprimir características diferenciadoras, que se demonstram por meio de gestos, palavras e atitudes, que são frutos de sua própria vivência, experiência e convívio social, gerando uma relação desigual entre as duas partes da pesquisa. A alteridade está presente e não pode ser totalmente controlada pelo pesquisador, pois “... está nos gestos, na posse de objetos (tais como o gravador, o papel, a caneta...)” (1986, p.115). Dessa forma, o momento de entrevista coloca em evidência essa relação de alteridade marcada pela diferença concreta e visível entre o entrevistador e entrevistado. É preciso considerar que a presença de instrumentos, como o gravador pode ter um peso no tipo de relato e comportamento assumido pelos jovens no momento da pesquisa. Algumas passagens das entrevistas sugerem que a existência de tal alteridade foi elemento importante na constituição de suas respostas, principalmente nos casos em que há uma maior consciência e conhecimento do significado do trabalho de pesquisa. Ainda que o roteiro utilizado permitisse que as entrevistas assumissem a leveza de uma conversa informal, será possível afirmar que a relação de alteridade estabelecida não influenciou em nenhum momento as respostas dos jovens? Podemos citar a entrevista de Alice por exemplo. Essa jovem participa ativamente do terceiro setor e milita por algumas causas sociais, por vezes as suas respostas assumiram um tom discursivo pouco autoral, ou seja, quando questionada sobre dificuldades do mercado de trabalho ela prontamente assumia um discurso socialmente construído e consolidado nos meios que frequenta. Não estou afirmando que a postura crítica assumida por essa jovem durante a entrevista seja racionalmente forjada para impressionar a entrevistadora ou disseminar um tipo específico de discurso. Mas, por vezes suas respostas assumem um tom quase professoral, no qual ela parece ter a intenção de transmitir o conhecimento adquirido durante sua vivência e deixar claro o tipo de visão de mundo que compartilha, como quando fala de seu interesse por projetos sociais:

*Alice: É identificação, é militância, então a gente costuma dizer que a militância é identificação, você faz porque você se identifica, você visualiza aquela situação é a mesma que a sua e pra que ela não se reproduza você luta por ela, né.*

Nesses momentos a clareza do propósito do pesquisador, a necessidade de não se desvencilhar de seu projeto intelectual, garantem uma observação atenta dos relatos transmitidos, o que permite a recondução da pesquisa para os seus objetivos, com as repetições, reformulações, ênfases e retomadas. Com base em todas as considerações

realizadas aqui acerca da relação entrevistador-entrevistado faz sentido afirmar que esta pesquisa confirma uma das principais reflexões atuais sobre a pesquisa qualitativa:

Primeiramente, os textos dos últimos anos enfatizam preferencialmente o papel dos pesquisadores na produção dos relatos. O material produzido pela entrevista é, assim, considerado por alguns como uma co-construção da qual tomam parte tanto o entrevistador quanto o entrevistado. O modo como os relatórios de pesquisa descrevem a experiência dos atores é também considerado como largamente dependente da orientação dos pesquisadores, dos enfoques e dos processos de escrita empregados. A relação entre o que dizem os entrevistados e o que se pretende que eles digam não é, portanto, tão simples, ou, preferindo-se é ainda mais complexa do que se tinha tendência a crer até recentemente. (Poupart, 2008, p.247).

Tendo em vista essas questões, é preciso considerar que o que será apresentado a seguir, as informações, relatos, pontos de vista dos jovens entrevistados, são resultado de uma interação. Não são apenas relatos, são relatos colhidos em uma situação específica, na qual se estabelece uma relação entre duas pessoas, com papéis claros e específicos, em um contexto particular. Essa afirmação não invalida a análise que será realizada ou as descobertas que serão apresentadas a seguir. Ao contrário, o objetivo é desanuviar a própria situação da pesquisa e a natureza desse conhecimento, que é permeado por sutilezas, detalhes e riquezas.

Ainda é preciso fazer algumas considerações a respeito da estrutura da dissertação. Inicialmente ela foi construída com uma estrutura muito clara: uma primeira parte teórica, na qual era apresentada uma revisão bibliográfica acerca dos estudos do trabalho, reflexões teóricas sobre os principais conceitos e apresentação de dados secundários. Em seguida era apresentado o trabalho de campo, os percursos para sua realização e os resultados das entrevistas. Definitivamente tal estrutura foi abandonada. Uma apresentação desse tipo poderia afastar em demasia as descobertas teóricas e empíricas, resultando em uma fragmentação do conhecimento acessado durante a pesquisa. Esse tipo de apresentação não favoreceria uma comunicação entre a pesquisa empírica e a teoria. Nesta pesquisa há uma intenção clara de que a teoria auxilie e embase algumas das descobertas e observações do campo, mas a observação empírica também deve se comunicar com a teoria no sentido de permitir descobrir novas facetas das problemáticas em questão e possibilitar construções teóricas também fundamentadas no empírico. Além disso, o trabalho de campo foi importante para esclarecimento dos conceitos, isto é, a observação empírica do que consiste o trabalho precário contribuiu para o entendimento e a sua própria construção como



conceito teórico. Assim, a estrutura da dissertação deve favorecer ao máximo a realização plena de tal intenção, permitindo uma aproximação maior entre empiria e teoria.

Dessa maneira, a estrutura da dissertação foi reformulada. O trabalho de pesquisa é ante de tudo um trabalho que supõe e obriga a escolhas e decisões de diversas naturezas. Assim, foi preciso muito tempo de reflexão sobre a melhor forma de organizar este texto, que nada mais é do que uma apresentação sistematizada das descobertas e do conhecimento adquirido durante os dois anos e meio de pesquisa. Por fim, ela tem quatro capítulos, mais as considerações finais. Tais capítulos são destinados às análises das entrevistas e as conseqüentes relações com a teoria. Antes de prosseguir em uma exposição sobre a estrutura desta dissertação e o conteúdo de cada capítulo é preciso esclarecer alguns pontos e responder a algumas questões.

As mais importantes questões a serem respondidas são: Como o material coletado nas entrevistas será analisado e como a apresentação dos resultados da pesquisa será sistematizada? Responder a tais questões é muito importante, pois afeta drasticamente o tipo de resultado que poderá ser alcançado. A forma de apresentar, agrupar os dados, interpretar as entrevistas traz à tona algumas descobertas, explora alguns dados, apresenta resultados. Dessa forma, para decidir como proceder na análise das entrevistas é necessário relembrar qual o problema de investigação da pesquisa, pois que a primeira deve estar em conformidade com o segundo. A pesquisa se propôs a investigar como os jovens trabalhadores vivem a precariedade na esfera do trabalho e como a mesma se relaciona com as demais esferas de sua vida. Tendo isso em mente é necessário esclarecer de que forma essas duas questões podem ser exploradas com o auxílio das entrevistas.

Pensemos acerca da investigação de como os jovens vivem a precariedade. Em primeiro lugar é preciso reafirmar aqui que, em nenhum momento da entrevista, a palavra “precário” é associada por mim aos tipos de trabalho que relatam, isto é, não há uma classificação durante a entrevista de determinadas atividades como precárias. Certamente, a consciência do entrevistado de que a presente pesquisa tem como objeto a precariedade do trabalho poderia influenciar sua própria percepção acerca do que está sendo relatado. Assim, em todos os casos em que esse termo aparece durante a entrevista é por menção espontânea dos próprios entrevistados. Não havendo tal classificação, os jovens falam livremente sobre as características das suas ocupações, enumerando qualidades, desvantagens, frustrações e realizações. Feito isso, é possível perceber a partir dos discursos dos mesmos como a precariedade é percebida e vivenciada por eles. Não apenas suas percepções imediatas sobre as experiências profissionais vividas, mas a maneira como observam o mercado de trabalho,

as opções que identificam e o cenário no qual se inserem podem estar também relacionados à vivência da precariedade. Além disso, a forma como constroem o futuro, concretamente através de ações determinadas para atingir objetivos estabelecidos, ou de maneira mais abstrata por meio de sonhos, desejos e expectativas, também podem estar intimamente relacionados à vivência da precariedade. Nos dois casos as situações de trabalho experimentadas podem nortear as ações e representações, tanto presentes, quanto futuras.

Também nos propusemos a observar as relações que podem existir entre a precariedade do trabalho e as demais esferas das vidas dos jovens. O roteiro de entrevistas contempla as seguintes esferas: família, escola e amizades. Não é necessário aqui afirmar a influência de tais instâncias sobre a esfera específica do trabalho, a apresentação do material coletado revelará essa importância. Mas é preciso afirmar a impossibilidade de ignorar essas relações quando se pensa acerca das trajetórias profissionais dos jovens. Em outras palavras, ao se propor a investigar as relações entre a esfera do trabalho e as demais, a pesquisa necessariamente se depara com a necessidade de resgatar trajetórias, profissionais, educacionais, familiares. Por um lado, é impossível compreender de fato a posição atual de um jovem no mercado de trabalho sem observar o caminho profissional que percorreu até o presente momento. Por outro, é igualmente impensável observar esse percurso desconectado de tais instâncias que estão intimamente relacionadas com a esfera do trabalho, ainda que pareçam à primeira vista exteriores a ela.

Por sua vez, essas duas questões de investigação propostas estão também relacionadas. A maneira de perceber a situação de trabalho certamente está vinculada às experiências educacionais, familiares, etc.. Em outras palavras, essas esferas não apenas influem sobre as trajetórias concretas dos jovens, mas também sobre a maneira de construir suas percepções, representações, de vivenciar a precariedade. Certamente tentar abordar esses dois problemas como questões estritamente separadas constituiria um erro. Dessa forma, será realizado um esforço para investigar não apenas essas duas problemáticas, mas também as possíveis relações entre elas.

Com base no que foi dito, ainda é preciso determinar de que forma as entrevistas serão inseridas no presente trabalho, isto é, como os discursos dos jovens serão apresentados. Foram entrevistados treze jovens, com características sociais, trajetórias, percepções e expectativas diversas; de fato, o grupo dos entrevistados reafirma a diversidade da juventude. Como sistematizar entrevistas de um grupo tão diverso? Como apresentá-las de forma a não cair na fragmentação total? Certamente essa questão foi uma das mais importantes a ser respondida no curso da presente pesquisa. Inicialmente, foi preciso tentar

enxergar para além das diferenças e buscar um critério segundo o qual os jovens poderiam ser agrupados ou divididos para a realização da análise das entrevistas.

O primeiro critério que apareceu como plausível foi o de estabelecer uma divisão dos entrevistados por estrato social. Mas, essa construção traria problemas, pois ainda que possa ter um caráter explicativo em relação às trajetórias estabelecidas no mercado de trabalho diz pouco sobre a atual situação em que se encontram. Além disso, seria difícil estabelecer os critérios de definição de tais categorias e inserir os jovens no interior delas. Essa afirmação mostra-se verdadeira quando se observa a realidade de jovens que estão inseridos no terceiro setor que, apesar de serem oriundos de famílias desprovidas de recursos materiais, sociais e culturais, se encontram em uma posição diferenciada em relação ao mercado de trabalho. Os jovens indicados pela Ação Educativa possuem acesso a oportunidades que derivam justamente das trajetórias estabelecidas no terceiro setor e da rede social criada em função disso. Entre outras coisas, tiveram acesso a conhecimentos e qualificações que os capacitam para a realização de determinados trabalhos, característica que não é compartilhada por jovens oriundos do mesmo estrato social e que não possuem a mesma vivência. Assim, ainda que isso não garanta um afastamento das condições de vida da família de origem, isto é, que isso não necessariamente represente uma ascensão social, tem influência nos dois problemas de investigação propostos, pois influi sobre as formas de vivência da precariedade no trabalho e também no relacionamento entre o mesmo e as demais esferas de suas vidas.

Além disso, foi necessário questionar se a divisão dos jovens em grupos deveria cumprir uma função explicativa ou apenas analítica. Foi preciso definir se o critério utilizado para tal sistematização deveria permitir acessar as questões propostas ou ser a chave para interpretar as diferenças observadas no universo empírico da pesquisa. Acredito que a primeira opção é a melhor, pois definir de antemão um critério com forte poder explicativo pode “engessar” descobertas na análise das entrevistas. Assim, foi realizada uma divisão dos jovens em grupos com o objetivo de facilitar a análise, mas a pergunta permanece: que critério adotar para realizar a divisão?

Como já foi dito, há muitas diferenças entre os entrevistados, e a distribuição dos mesmos em grupos de análise não é uma tentativa de homogeneizá-los. Contudo, no interior dessa diversidade é possível observar algumas similaridades de percursos, opiniões, percepções, expectativas etc.. Não foi fácil estabelecer um critério norteador da nossa divisão, pois há muitas sutilezas quando se observa os discursos dos jovens. Inicialmente tentamos adotar como critério um elemento concreto, que está inteiramente dado nas

entrevistas, ou seja, o tipo de percurso desenvolvido pelos jovens no mercado de trabalho. Com relação a esse ponto há enormes diferenças, mas também algumas similaridades claramente identificáveis. Quando se pensa em trajetórias é possível estabelecer algumas referências de classificação. Em primeiro lugar, é necessário pensar sobre o tipo de trajetória engendrada por esses jovens: trabalhos que teve, em que áreas, grau de qualificação de cada atividade e a existência ou não de regulamentação. Em segundo lugar, há a posição atual dos jovens, isto é, a situação atingida por eles como resultado de tais percursos específicos. Também foi utilizado mais um critério: grau de escolarização. Foi importante acrescentar esse elemento em nossa classificação, pois ele influencia o tipo de comportamento adotado em relação ao mercado de trabalho, principalmente na procura de emprego. Utilizando esses critérios foi possível tentar uma classificação. Percebe-se que há uma variedade de situações de trabalho, ainda que todos tenham relatado situações de trabalho sem regulamentação.

O primeiro tipo corresponde àqueles que iniciaram suas vidas profissionais em atividades sem registro, que requeriam pouca ou nenhuma qualificação; normalmente são trabalhos realizados na área de serviços, em pequenos estabelecimentos comerciais ou para terceiros. No interior desse grupo há aqueles que permanecem nessa situação, são os casos de Jeferson, Elisabete, Otto e Fritz. Nesses casos, a quantidade de trabalhos sem registro (respectivamente cinco, três, cinco e três) supera a quantidade de empregos registrados (respectivamente, zero, um, um e um). Além disso, nenhum deles cursou em algum momento o Ensino Superior. Há aqueles que atualmente conseguiram transitar para ocupações de caráter diferenciado, isto é, atividades mais qualificadas, mas não necessariamente registradas, são os casos dos jovens ligados ao Terceiro Setor: Frederico, Edna, Joana, Sofia e Alice, que compõe o segundo grupo, no qual há dois jovens que estão na faculdade, enquanto as outras três possuem planos concretos de ingresso, sendo que duas freqüentam cursinhos pré-vestibulares.

Por sua vez, há casos que não se enquadram totalmente em nenhum desses dois grupos. Fernanda iniciou sua vida profissional como atendente em um estúdio de tatuagem e depois trabalhou com e sem registro para grandes empresas. O primeiro emprego de Paulo foi como vendedor em uma pequena loja do bairro onde mora, sendo que hoje trabalha em uma grande empresa de engenharia. É possível afirmar que eles realizaram uma transição, pois houve um direcionamento da sua trajetória profissional para áreas específicas, o que inclusive exigiu investimento em qualificação. Claudio fabrica e vende trufas, sendo que atualmente esse é o seu único trabalho. Em outros momentos já esteve empregado com e sem registro para empresas de médio e grande porte, sendo que, assim como Fernanda,

houve um direcionamento gradativo das suas experiências para a área administrativa. Claudio e Fernanda são os que possuem o maior número de experiências de trabalhos registrados, dois cada um. Assim, ainda que com diferenças, é possível colocar os três jovens no mesmo grupo, pois as situações de trabalho relatadas por eles os diferenciam dos demais entrevistados e, ao mesmo tempo, os aproximam. Por fim, há Renata que trabalha há cinco anos como monitora em um Buffet infantil, sendo que essa constitui a sua única experiência profissional. Não é possível identificar semelhanças entre a sua trajetória e as relatadas pelos demais, sendo que tentar encaixá-la por essa razão em algum dos grupos citados seria um erro. Entretanto, há uma semelhança entre o caráter do trabalho que realiza e o caso de Claudio. Ambos observam suas atividades atuais como um trabalho prazeroso que possibilita uma renda pessoal. Os dois identificam esses trabalhos como alternativas para não se inserirem tradicionalmente no mercado de trabalho. Entre outras coisas, essas duas atividades permitem um ganho de tempo livre e uma flexibilidade de horários. Assim, se não há semelhanças entre as trajetórias de Claudio e Renata, há uma aproximação no que se refere à forma como percebem suas ocupações atuais, pois se para Renata o trabalho no Buffet permite um adiamento da entrada no mercado de trabalho, para Claudio a venda de trufas permite que se retire do mesmo quando lhe convém. Assim, se a trajetória de Claudio em algum sentido se assemelha à de Fernanda e Paulo, o seu comportamento em relação ao mercado de trabalho e o próprio caráter de sua atividade atual o aproximam de Renata. Há outro ponto em comum entre esses quatro jovens que é relevante para entender seu posicionamento em relação ao mercado de trabalho: a importância de cursos universitários. Os quatro privilegiam as áreas de procura de emprego na qual realizam sua formação acadêmica. Fernanda interrompeu seu curso universitário quando perdeu o emprego, mas continua mantendo a mesma seletividade na busca por trabalho. Claudio faz faculdade de administração, Renata de direito e Paulo de arquitetura, todos afirmaram que pretendem procurar futuramente um emprego nessas áreas. Dessa maneira, as entrevistas desses quatro jovens serão analisadas conjuntamente.

Recapitulando, temos no primeiro grupo jovens que possuem trajetórias de trabalho marcadas por dispersão de experiências em áreas diferentes, e trabalhos de natureza diversa. Além disso, suas experiências atuais não revelam nenhum direcionamento para uma área específica ou para trabalhos que exigem maior qualificação ou experiência. Esse grupo composto por Otto, Jeferson, Elisabete e Fritz será o tema do Capítulo 1. O segundo grupo é formado por entrevistados que possuem um vínculo com a área social e que transitaram de atividades que não exigiam nenhuma qualificação ou experiência para atividades

diferenciadas, tendo ainda no Terceiro Setor um ramo fundamental de inserção profissional. Esse grupo, formado por Frederico, Edna, Joana, Alice e Sofia, será o tema do Capítulo 2. Por sua vez, o terceiro e último grupo é formado por jovens que possuem uma experiência mais significativa de empregos formais e que possuem um posicionamento mais direcionado frente ao mercado de trabalho, sendo o assunto do Capítulo 3.

No Capítulo 4 serão retomadas duas noções centrais dessa pesquisa: trabalho precário e juventude, mas mesclando as duas faces da pesquisa, empiria e teoria.

Por fim, o capítulo “Considerações Finais” trará uma discussão acerca dos achados do campo, mas a partir de uma observação panorâmica, isto é, sem uma segmentação em grupos. Ao contrário, nesse capítulo serão retomadas as semelhanças e diferenças observadas nas entrevistas, na tentativa de elucidar ou sugerir elementos que estão nas bases de construção da diversidade.

## CAPÍTULO 1: Trajetórias dispersas: muitos trabalhos, poucos vínculos

Este grupo de jovens é formado por aqueles que possuem trajetórias dispersas no mercado de trabalho, que realizam ou realizaram atividades que não exigem habilidade específica, adquirida por meio de qualificação profissional, escolarização ou experiência e que, por fim, não revelam a existência de um direcionamento profissional para alguma área ou carreira. Os entrevistados com esse perfil são: Otto, Jeferson, Elizabete e Fritz.

O contato com esses jovens foi realizado de maneiras diversas. Otto foi indicado por uma das entrevistadas da Ação Educativa. Jeferson foi contatado na abordagem direta no centro de São Paulo, enquanto distribuía papel em frente à galeria do rock. Foi ele quem indicou Elizabete, que também trabalhava entregando panfletos no mesmo local. Fritz também foi abordado no centro de São Paulo, mais especificamente enquanto distribuía currículos na Rua Barão de Itapetininga. Ainda que seja possível identificar algumas similaridades nos relatos e perfis desses jovens, há também diferenças, como será revelado a seguir.

### *Perfil dos jovens*

A seguir é apresentada uma tabela com algumas informações sobre o perfil desses jovens.

**QUADRO I: Grupo 01 – Dados Pessoais**

Nome	Idade	Sexo	Cor	Local de moradia	Escolaridade	Religião
<b>Otto</b>	25	masculino	Mestiço	Campo Limpo (Sul)	EM completo	Não tem
<b>Jeferson</b>	19	masculino	Preto	Vila Industrial (Leste)	EM inc. (parado)	Não tem
<b>Elizabete</b>	17	feminino	Mulata	Mooca (Leste)	EM inc. (parado)	Não tem
<b>Fritz</b>	23	masculino	Pardo/branco	Mooca (Leste)	EM comp./Técnico	Não tem

A identificação por cor aconteceu de forma livre e espontânea, por essa razão surgiram categorias não oficiais. Otto identifica-se como mestiço, sugerindo que a sua composição étnica é um elemento mais forte de identificação do que a cor propriamente dita. Quando questionado ele afirma a dificuldade de se enquadrar em qualquer categoria pré-estabelecida de identificação: “(...) essas denominações também não me foram consultadas quando (risos) foram feitas, então eu me considero mestiço”. A reação de Fritz

foi interessante, quando ouviu a pergunta sua primeira ação foi olhar para o próprio braço e se identificou como pardo, com referência ao seu tom de pele, mas depois de pensar sobre sua ascendência européia mudou a resposta para branco.

Há um dado nesse quadro que é importante ressaltar e que será um fator de diferenciação entre os jovens. Otto e Fritz são mais velhos que os outros dois entrevistados; ainda que não seja o único fator, é possível afirmar que as diferenças de idade entre eles é um elemento importante para a compreensão de algumas divergências que serão observadas nos discursos, trajetórias e percepções.

Há outra informação importante que deve ser introduzida com relação à Fritz. Esse jovem não é natural da cidade de São Paulo, ele nasceu e morou praticamente a vida inteira em Itararé, cidade com cerca de 45.000 habitantes, localizada no Estado de São Paulo, próxima à divisa com o Paraná. Ele se mudou para São Paulo há cerca de um mês<sup>8</sup> e divide a residência com dois amigos da mesma cidade. Ainda que não tenha realizado a sua trajetória profissional em São Paulo, Fritz é um jovem que se depara agora com as possibilidades e limitações de trabalho existentes na cidade e, ainda que existam diferenças, veremos que os percursos percorridos por ele não diferem fundamentalmente dos demais descritos nesta seção<sup>9</sup>.

Outro dado de grande importância para a construção do perfil desses jovens é a escolaridade. A escolaridade é um dos fatores que os diferenciam dos outros jovens ouvidos na pesquisa. Otto concluiu o Ensino Médio há alguns anos, não realiza ou realizou qualquer curso técnico, universitário ou preparatório. Entretanto, participou do curso realizado pelos jovens entrevistados que compõe a Cooperativa “Microlhar”, que abordava a temática “Mídia e Educação”. Além disso, participa de um grupo formado por um fotógrafo na Comunidade de Paraisópolis, que faz imagens da cidade e expõe os trabalhos em locais diversos. Desses cursos não deriva renda e não estão diretamente associados a uma qualificação profissional. Obviamente que essas experiências ampliam sua rede de contato social e também propiciam conhecimento, mas não há uma associação direta entre essas

---

<sup>8</sup> Segundo Pasternak e Bogus (2005), dos migrantes recentes para a região metropolitana de São Paulo no ano 2000, 41,11% tinham idade entre 15 e 29 anos (enquanto a proporção dessas pessoas na população não migrante era de 26,13%). Segundo as autoras, nos anos 2000 a migração de pessoas oriundas do interior do Estado em direção à RMSP caiu: 23,46% dos migrantes vinham do interior em 1991, enquanto em 2000 esses eram apenas 5,2% do total.

<sup>9</sup> Muitas pessoas foram abordadas durante a realização do trabalho de campo e durante a procura por entrevistados no centro da cidade, foram abordados entregadores de papel, plaqueiros, ambulantes e demandantes de emprego. Ao menos três jovens não eram paulistanos e estavam há pouco tempo (menos de um ano) na cidade. Esses jovens integravam a parcela daqueles que estão precariamente inseridos no mercado de trabalho ou estão à procura de empregos com baixo nível de qualificação. Dessa forma, o relato de Fritz oferece uma dimensão da realidade e trajetórias desses indivíduos que migram para São Paulo, principalmente oriundos de cidades do interior.



experiências e o tipo de trabalho que pode realizar profissionalmente<sup>10</sup>. Fritz também concluiu o Ensino Médio há alguns anos, em 2003, desde então realizou um curso técnico de informática que, entretanto, não parece ser determinante na sua relação com o mercado de trabalho, essa questão será abordada de maneira mais detalhada adiante.

Por sua vez, Jeferson e Elizabete interromperam os estudos enquanto cursavam o Ensino Médio, respectivamente no primeiro e no segundo ano. Jeferson afirma que inicialmente parou de estudar em decorrência de uma viagem que fez para Teresina, cidade onde nasceu<sup>11</sup> e na qual seu pai mora até hoje. Lá sofreu um acidente de moto e não retomou os estudos imediatamente por essa razão. Elizabete parou de estudar em 2008, por causa do trabalho, pois chegava em casa muito cansada para ir à escola. Os dois mencionaram a intenção de retomar os estudos em algum momento, mas não imediatamente. Também não possuem nenhuma outra formação além da escolarização formal.

### *Trabalho*

A seguir são apresentadas algumas informações sobre suas trajetórias no mercado de trabalho:

**QUADRO II: Grupo 01 – Trabalho**

<b>Nome</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Idade do 1º trabalho</b>	<b>nº de trabalhos que teve</b>	<b>nº de trab. s/ registro</b>	<b>nº de trab. registrados</b>
<b>Otto</b>	desempregado	16	6	5	1
<b>Jeferson</b>	entregador de papel	16	5	5	0
<b>Elizabete</b>	entregador de papel	14	4	3	1
<b>Fritz</b>	desempregado	16	4	3	1

Dos quatro entrevistados, Otto foi aquele que teve a maior quantidade de empregos: 6. Entretanto, esse fato parece facilmente explicado pela sua diferença de idade em relação aos outros três. Todavia, quando se considera a idade que possuem, a idade com que

<sup>10</sup> Otto deixa claro na entrevista o caráter não profissional de sua participação no citado grupo de fotografia. Sua vinculação está principalmente associada ao seu interesse pela arte e pela cidade, e não à percepção de que dessa experiência possam resultar oportunidades profissionais imediatas ou futuras: “eu faço parte de umas paradas que não me rende nada, eu faço parte de um grupo de fotografia meu” (Otto).

<sup>11</sup> Como vemos, assim como Fritz, Jeferson também não nasceu em São Paulo, contudo se mudou para cá aos sete anos, tendo estudado e trabalhado aqui.

começaram a trabalhar e o número de empregos que tiveram, é possível observar esses dados a partir de outra perspectiva, mais rica para nossa análise. Otto trabalha há nove anos, teve seis empregos, sendo que apenas um deles era registrado. Jeferson trabalha há três anos, teve quatro empregos, sendo que nenhum deles era registrado. Elizabete começou a trabalhar há três anos teve quatro empregos e apenas um com registro. E, por fim, Fritz trabalha há sete anos, teve quatro empregos, sendo um registrado. Essas informações revelam a existência de similaridades entre esses jovens: começaram a trabalhar em idades próximas, tiveram diversas inserções profissionais, sendo que o emprego formalizado é uma exceção em suas trajetórias profissionais.

Certamente essas informações ainda dizem pouco sobre as trajetórias dos entrevistados, ao contrário, sugerem outras indagações, como por exemplo, a duração de cada emprego. Para elucidar essas e outras questões importantes sobre suas trajetórias, será apresentado abaixo um resumo das experiências que tiveram:

**Jeferson:** lavador de carros (16 anos): 1 mês. Repositor de mercadorias (17 anos): 5 meses. Metalúrgica (18 anos): três meses. Empresa de divulgação (18 anos): 1 mês. Divulgação/ Galeria do Rock (19 anos): atual.

**Elizabete:** Loja de máquina de costura (14 anos): 4 meses. Divulgação de jornal (?): 2 meses. Recepcionista de escritório de advocacia (?): 2 meses. Divulgação/ Galeria do Rock (17 anos): atual.

**Otto:** representante da Eletropaulo (terceirizado) (16 anos): 1 mês. Vendedor da C&A (temporário) (18): 3 meses. Trabalhou com o pai<sup>12</sup> (19 anos): 1 ano (aproximadamente). Vendedor da C&A (20): 2 meses. Vendedor da C&A (21): 15 dias. Controlador de acesso (23 anos): 8 meses.

**Fritz:** balconista (16 anos): seis meses. Estagiário (técnico de informática) (19 anos): 8 meses. Carteiro (21 anos): 3 meses. Auxiliar de escritório (23 anos): 6 meses.

Essas trajetórias retratam claramente uma característica importante da realidade do trabalho do jovem brasileiro, há uma conciliação entre os papéis de estudante e trabalhador (Guimarães, 2006b). Todos os jovens tiveram as primeiras experiências profissionais antes de concluírem a formação escolar básica, o que, por sua vez, já revela a inadequação da aplicação de teses de transição lineares escola-trabalho para a nossa pesquisa.

---

<sup>12</sup> A trajetória de Otto é a mais difícil de ser reconstruída, ele trabalhou com o pai em mais de um período, mas não sabe dizer quando e quanto tempo durou. Esse período representado acima foi o principal, tendo a maior duração. Assim, há imprecisões nessa reconstrução.

Antes de observar cada trajetória resumida acima, é preciso salientar uma questão importante. Como já foi dito anteriormente, quando se realiza uma pesquisa qualitativa dessa natureza, com a utilização de entrevistas, o dado captado é principalmente o discurso, e não propriamente os fatos da vida. Nesse sentido, quando se aborda a trajetória dos entrevistados no mercado de trabalho, esse resgate é feito por meio da memória que os mesmos possuem. As percepções e representações são afetadas pela memória, mas também a apreensão do próprio fato está sujeita à capacidade de rememoração do entrevistado. Essa afirmação se traduz na impossibilidade demonstrada por esse grupo de entrevistados de reconstruir suas trajetórias profissionais em uma linha do tempo. Perguntas aparentemente simples, como “com quantos anos você começou a trabalhar?”, “quanto tempo você trabalhou nesse emprego?”, tornam-se questões complicadas. Em alguma medida essa dificuldade foi revelada por todos os entrevistados, pois suas vivências não são ordenadas em uma linha do tempo clara e acessível, fazem parte de um todo de experiências de vida, que se mescla, se confunde e compõe um patrimônio pessoal. Entretanto, ainda que a dificuldade de ordenação de experiências profissionais não seja uma característica restrita, nesse grupo ela é aguda. Com relação a isso a dificuldade revelada por Elizabete, Otto e Jeferson foi a maior dentre todos os entrevistados. Fritz foi o único que conseguiu falar com maior precisão sobre os diferentes trabalhos que teve, com exceção do emprego na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) que só foi lembrado mais tarde. Ainda que sua trajetória seja dispersa, a sua experiência profissional se construiu em torno de empregos informais, isto é, ele tinha uma rotina de trabalho estruturada, um contratante, recebia salário, apenas não era registrado. Além disso, realizou estágio enquanto cursava o Ensino Técnico, experiência que ajuda na datação desse trabalho.

Quando começou a etapa de análise dessas entrevistas, as lacunas deixadas em relação às trajetórias no mercado de trabalho tornaram-se ainda mais evidentes. Para Otto Elizabete e Jeferson não foi possível traçar a linha de suas experiências (apresentadas acima). Para tentar resolver essa dificuldade tentei fazer contato com cada um deles, em uma última tentativa de reavivar os fatos em suas memórias, pedindo para que confirmassem a ordem, idade e duração dos respectivos trabalhos. Apenas dessa forma foi possível apresentar a trajetória completa de Jeferson. A trajetória de Elizabete continua incompleta. Não foi possível restabelecer o contato com ela, pois não trabalhava mais no mesmo local e também não respondeu a nenhum dos meus e-mails.

Em primeiro lugar, não há praticamente nenhuma referência espontânea de datação de experiências, isto é, referências ao ano ou idade que tinham em cada ocupação. Mas, não

apenas não há referências espontâneas, como há também perguntas sem respostas. Mesmo quando questionados diretamente sobre a ordem das situações ou a respeito das idades que tinham no emprego relatado, algumas vezes a resposta é “não sei”, “não tenho certeza”, “não me lembro”. É possível afirmar que as narrativas obtidas em relação ao trabalho foram tão dispersas, fragmentadas e confusas quanto às próprias trajetórias profissionais que relataram. Se, por um lado, a incompletude e a insegurança das informações dificultam o trabalho de pesquisa, por outro, indicam muito sobre a natureza do objeto pesquisado. O trabalho não apenas é vivido de maneira fragmentada, mas é dessa forma incorporado ao repertório de experiências que compõem a vida desses jovens. Não há vínculos, ligações ou continuidades entre tais trabalhos. Também não é possível pensar suas vidas a partir dos trabalhos que tiveram, isto é, as experiências profissionais não são capazes de fornecer uma referência a partir da qual ordenam suas próprias histórias.

*Otto: (...) é difícil assim eu lembrar da ordem assim do tempo, das coisas assim, eu tenho muita dificuldade. Você vai vivendo, parece que cada vez o tempo passa tão mais rápido, você acaba não se dando conta de quando que é.*

Isso não quer dizer que essas experiências são nulas ou irrelevantes, ao contrário, constituem partes de suas trajetórias, representam situações de aprendizado e auto-conhecimento. São as diferentes experimentações que permitem que os jovens construam suas percepções sobre o mercado de trabalho e servem como parâmetro para escolhas presentes e futuras nessa esfera. Entretanto, não possibilitaram a criação de um vínculo consistente entre eles e essas atividades, principalmente devido a pouca duração das mesmas.

Como vimos na entrevista acima, Otto é quem demonstra maior dificuldade em traçar uma cronologia dos trabalhos que realizou, o que deve estar fortemente relacionado ao grande número de experiências que teve, e ao fato das mesmas serem de natureza desestruturada. Mas, comecemos com as trajetórias de Jeferson e Elizabete.

As trajetórias de Elizabete e Jeferson se assemelham a de Otto pela sua dispersão e irregularidade. Eles também passaram por diversos empregos, com pouca duração e em áreas diferentes, sendo que a experiência adquirida em nenhum deles se converteu em uma melhor colocação posterior. Assim, como relatado por Otto e Fritz, os contatos sociais, amigos, conhecidos e parentes são vias importantes na obtenção de um emprego ou pelo menos na divulgação de vagas existentes.

O que diferencia fundamentalmente Jeferson e Elizabete de Otto é a maneira como relatam cada experiência. Ainda que também exista uma crítica, ela é mais personalista e particularista, isto é, eles se referem aos padrões e às condições de trabalho específicas. As razões para a saída de cada um desses empregos são diversas, mas há uma unidade. Jeferson e Elizabete não demonstraram nenhum vínculo real com nenhum trabalho que tiveram, assumindo-os como empregos descartáveis. Em primeiro lugar, a renda que obtém é para uso pessoal, não estando seu sustento diretamente relacionado a mesma; eles sabem que precisam trabalhar, pois só assim conseguem investir em si mesmos, mas essa necessidade não os faz persistir em uma ocupação que não os satisfaz. Além disso, a maioria dos trabalhos que tiveram, pela sua própria natureza, não significava satisfação, não representava realização ou ganho profissional, aprendizado, boa remuneração ou reconhecimento. Da mesma forma como sabem que são substituíveis nesses empregos, sentem que esses trabalhos também podem ser facilmente substituídos por outros, pois a perda não será irreparável. Assim, a decisão de abandonar um emprego parece ser facilmente tomada, na maior parte dos casos foram eles que pediram demissão e não foram demitidos. Isso se expressa na justificativa fornecida por Jeferson para a sua saída do lava-rápido: “É sem graça meu, aí eu pedi pra sair”.

Jeferson ainda teve outros três empregos, na metalúrgica, como repositor em um supermercado e em uma empresa de divulgação, sendo os dois primeiros conseguidos por meio de indicação. A motivação da primeira saída está associada a uma dificuldade de adaptação ao ambiente de trabalho, o ambiente da metalúrgica prejudicava a sua respiração, em decorrência de uma bronquite asmática. Do emprego de repositor ele saiu quando os donos do estabelecimento venderam o mercado. E da empresa de divulgação porque “daí também era mó sem graça, o cara era mó enrolão...”.

Elizabete trabalhou em uma loja de vendas de máquina de costura e depois como recepcionista em um escritório de advocacia. Ela afirma que saiu desses empregos porque tinha sido contratada para fazer apenas uma função e, nos dois casos, era pedido que executasse também outras tarefas, que no seu entender, não eram sua responsabilidade. Ela também trabalhou em um jornal de bairro, sua função era conseguir estabelecimentos comerciais que quisessem anunciar na publicação. Segundo ela, ficou apenas dois meses porque ela não gostava e era cansativo. O seu único emprego registrado foi no escritório de advocacia, no qual também permaneceu por apenas três meses.

Os dois jovens falaram rapidamente dos trabalhos que tiveram, as suas narrativas foram curtas e pouco detalhadas. A única experiência de trabalho que abordaram com maior

profundidade foi a atual, ambos trabalham entregando panfletos na frente da Galeria do Rock no centro de São Paulo. Os dois trabalham para estúdios de piercings e tatuagens, sendo que Jeferson trabalha para uma loja da própria Galeria e Elizabete trabalha para um estabelecimento localizado em outra galeria da mesma rua. Quando a entrevista foi feita, eles estavam empregados há menos de um mês e afirmaram que a rotatividade de pessoas nesse trabalho é grande, sendo realizado principalmente por jovens. Suas funções são: distribuir os papéis com a propaganda da loja e levar pessoas que desejam fazer piercings ou tatuagens até o estabelecimento. Eles recebem uma quantia fixa por dia, para trabalhar seis dias por semana, cerca de oito horas por dia. Além disso, há também uma comissão, referente ao valor do piercing ou tatuagem que a pessoa que eles levaram até a loja fez. A comissão de Jeferson é de 15% e a de Elizabete de 10%. A remuneração fixa que recebem é inferior a um salário mínimo, R\$15,00 por dia, o que resulta em aproximadamente R\$360,00 por mês. Não recebem mais nenhum benefício, custeio de condução ou almoço. Assim, precisam se empenhar em conduzir a maior quantidade possível de pessoas ao estúdio para aumentarem as suas remunerações:

*Elizabete: Mais estressante e mais cansativo, porque se você fica naquela dor de cabeça, naquela neura, “Meu Deus eu tenho que levar quinze... vai quinze, vinte pessoas lá pro estúdio pra ver se eu consigo tirar uma grana boa, pra eu tá juntando pra fazer aquilo que eu quero”, se eu não levar ninguém eu só vou ganhar aquela merreca.*

Mas, além da preocupação com o valor da remuneração, eles são fortemente pressionados pelos contratantes, que os cobram diariamente, correndo o risco de serem dispensados, caso os donos dos estúdios acreditem que os jovens não estão se empenhando de fato.

A percepção de ambos sobre esse trabalho é similar, os dois afirmaram que não têm intenção de continuar nessa ocupação por muito tempo, apenas até conseguirem um emprego melhor. Assim, é uma ocupação transitória. Eles também identificaram as mesmas desvantagens e fizeram as mesmas críticas. Em primeiro lugar, eles trabalham sob a pressão constante de levar pessoas para as lojas. Em segundo lugar, a remuneração é baixa e gastam boa parte do que ganham com as despesas de condução e alimentação, restando pouco dinheiro para outras despesas, como lazer, por exemplo. Em terceiro lugar, o trabalho é fisicamente cansativo e desgastante, passam muitas horas em pé, no mesmo local, expostos

ao frio<sup>13</sup> e a chuva. Por fim, há a hostilidade das pessoas na rua, que nem sempre são educadas com aqueles que distribuem papéis, os pedestres se afastam, tiram as mãos, reclamam, etc.

As trajetórias de Jeferson e Elizabete indicam uma grande rotatividade de situações, não apenas entre postos de trabalho, mas também com relação ao próprio estatuto de ocupados. Nem todo o período entre um emprego e outro é um momento de desemprego, onde há busca efetiva por uma nova colocação, há períodos de inatividade. Segundo Guimarães (2006b), uma análise das trajetórias no mercado de trabalho de jovens e adultos revela que o trânsito entre ocupações e entre situações de emprego e desemprego é comum aos dois grupos, entretanto, o trânsito entre inatividade e ocupação continua sendo uma marca distintiva da juventude.

Fritz começou a trabalhar aos dezesseis anos, como balconista, na mesma empresa onde seu pai trabalhava. Ele reconhece que a indicação de seu pai foi importante para a obtenção desse emprego. Ficou apenas seis meses e saiu porque se mudou com a família para o Mato Grosso do Sul, mas retornou para Itararé seis meses depois. Essa primeira experiência é seguida por um momento de inatividade, como relata:

- *Você teve outros empregos?*

*Fritz: Daí depois eu não trabalhei mais.*

- *Por quê?*

*Fritz: Olha... não sei se por falta minha mesmo, mas porque eu não fui procurar mesmo, porque aí eu tinha dezesseis, dezessete anos, eu estudava tal e não pensava assim...*

É interessante o uso da expressão “por falta minha mesmo”, pois sugere culpa, responsabilidade pessoal, mas também erro. O seu segundo emprego só aconteceu quando ingressou em um curso técnico de informática<sup>14</sup>, em uma cidade próxima à Itararé<sup>15</sup>. Esse estágio foi a sua experiência mais longa no mercado de trabalho, que se encerrou com o fim do curso. Depois disso se seguiu um longo período de desemprego. Inicialmente ele falou que procurou emprego no começo de 2005 até quase a metade de 2008. Depois ele se lembrou de um trabalho que realizou para a ECT em 2007, quando houve uma prolongada greve e contrataram pessoas em regime de urgência com contrato de duração determinada,

---

<sup>13</sup> Como as entrevistas foram realizadas no inverno foi possível ter uma dimensão do desconforto desse trabalho, pois a temperatura estava muito baixa.

<sup>14</sup> Esse curso foi realizado em uma instituição vinculada à FATEC (Faculdade de Tecnologia de São Paulo) e era gratuito.

<sup>15</sup> Ele estudou em Itapeva, cidade que fica a cerca de uma hora de Itararé.

por três meses. Ele atribui sua dificuldade de obtenção de emprego à limitação de oferta de trabalho existente em sua cidade, mas também:

*Fritz: Daí depois eu fiquei desempregado porque nessa cidade onde eu moro é muito difícil também, eles só dão oportunidade se você tem pai com alguma influência*

Fritz afirma que há vagas de trabalho no varejo, mas que são preenchidas principalmente por mulheres que, segundo ele, são privilegiadas nos processos de seleção. Em outras palavras, ele afirma que há uma preferência na contratação de mulheres quando o trabalho envolve o contato com o público, mas ele não sabe explicar a razão dessa diferença. Seu último emprego foi como auxiliar de escritório, do qual foi demitido em novembro de 2008. A demissão não foi vivenciada com angústia, pois afirmou que iria pedir demissão porque tinha desavenças com o antigo chefe.

Ele está há pouco tempo em São Paulo, cerca de um mês. Sua viagem foi motivada por diversas razões, sendo que uma das principais é a existência de maiores possibilidades de estudo e trabalho. Ele procura emprego desde o segundo dia na cidade, já foi chamado para algumas entrevistas e já recusou alguns trabalhos, como o de vendedor de carro e de operador de telemarketing ativo, pois acredita que não “serve” para esses trabalhos. É interessante perceber que o curso técnico em informática não teve grande impacto em sua trajetória, isto é, só se mostrou importante para a realização do estágio, pois a colocação seguinte já ocorreu em outra área. Também não está sendo decisivo na sua procura por emprego, pois as vagas que apareceram não são na área de informática. Além disso, ele não realiza uma busca direcionada, está disposto a aceitar qualquer trabalho que não seja na área de vendas:

*- Você não está privilegiando empregos na procura que você está fazendo?*

*Fritz: Não, eu tô matando cachorro a psiu (risos), tô aceitando qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, ajudante geral, eu tenho curso técnico, podia procurar só em informática, mas eu to procurando pra qualquer coisa assim, por enquanto o que eu tô vendo que estão precisando.*

Otto começou a trabalhar aos 16 anos, em uma empresa que prestava serviços terceirizados para a Eletropaulo. O seu trabalho era visitar residências e apresentar um plano de redução de consumo de energia. Ele ficou sabendo desse emprego por meio de uma conhecida de escola. Esse primeiro emprego não era registrado e foi rapidamente abandonado, porque, segundo ele “é um negócio totalmente sem futuro”. A empresa que o



contratou é uma prestadora de serviço, que trabalha principalmente com mão-de-obra temporária.

*Otto: É, isso então a secretária dele é temporária, todo mundo ali é temporário assim, tá todo mundo só pra não ficar... trabalhar um mês pra ficar um mês a mais de boa assim, vai aparecendo essas coisas assim, você vai ficar sem fazer nada? Você acaba abraçando assim.*

Assim, ele já inicia sua vida profissional com uma experiência que, do seu ponto de vista, se apresenta mais como um “bico”, isto é, uma ocupação temporária, sem nenhum vínculo formal, que visa preencher a lacuna deixada por uma inserção normal no mercado de trabalho. Na ausência de um emprego estruturado, essas atividades propiciam algum ganho material, que supre necessidades imediatas e também ocupam o tempo, a mente, o vazio oriundo do desemprego e da desocupação.

A trajetória de Otto é fortemente marcada por inserções dessa natureza, ele transita entre os empregos temporários, o trabalho com o pai e a inatividade. Em seguida ele conseguiu um emprego como vendedor em uma grande rede varejista de vestuário (C&A); sendo que essa contratação também ocorreu em caráter temporário, para suprir a necessidade de mão-de-obra resultante do aumento das vendas de fim de ano. Como se viu, Otto trabalhou por três vezes para essa mesma empresa, sempre em contratações temporárias. Na primeira vez ele acreditava que poderia ser efetivado, havia uma esperança de que a contratação temporária se convertesse em permanente, nos moldes do contrato de trabalho por tempo indeterminado. Isso não se concretizou na primeira oportunidade, e resultou em uma mudança de atitude e de percepção em relação a esse trabalho, nas contratações posteriores. Assim, mais do que qualquer outra trajetória observada nesta pesquisa, o caso de Otto expressa claramente a repetição de situações.

Nesse emprego como vendedor, ao mesmo tempo em que alimentou uma esperança de ser efetivado, ele conheceu de perto a rotina, o universo e as exigências do trabalho. Ele fala criticamente dessa experiência. Ele relata as estratégias utilizadas pela empresa para estimular os funcionários a atingirem metas de vendas cada vez maiores. As pessoas que trabalham ali são fortemente cobradas e, ao mesmo tempo, cada vez mais incitadas a se sentirem parte da equipe de trabalho, com a criação de gritos de guerra, por exemplo. Além disso, Otto relata situações em que presenciou o uso de estratégias de vendas desleais, principalmente na venda de cartões da loja, que foi uma das suas funções. Rapidamente Otto reconheceu que não tinha as características necessárias para realizar aquele trabalho, pois

ele não acreditava nos produtos que vendia (cartões de crédito e títulos de capitalização). Ainda que alimentasse uma esperança de ser efetivado ao fim do contrato, ele sabia que não conseguiria realizar aquele trabalho por muito tempo, atingindo todas as metas de venda que eram impostas a ele.

Depois disso, Otto começou a trabalhar com o pai que é mecânico, e realiza principalmente conserto de empilhadeiras. O seu trabalho consistia principalmente em ajudar com os equipamentos, mas essa experiência não propiciou um aprendizado do ofício do pai, ele diz que não tinha habilidade para lidar com todos aqueles fios e que apenas com muita persistência conseguiria tornar aquele trabalho compreensível para ele. O trabalho com o pai durou meses e foi importante para mantê-lo ocupado. Ele possui uma percepção interessante desse trabalho:

*- Mas você se considerava trabalhando?*

*Otto: Não, eu me considerava, mas não me sentia né, eu considerava, claro que eu tava trabalhando, eu chegava todo dia oito horas, seis horas, fui à noite, qualquer hora, você tá todo sujo de óleo, de graxa, todo sujo, o mínimo que você tá fazendo é trabalhando, mas você não se sente trabalhando, porque você não tá fazendo o que você quer, você não tá ganhando o tanto que você precisa e não tá fazendo o que você quer fazer... cada vez a nossa opção fica mais limitada, então você vai se jogando pra esses barato, então por isso que eu falei né, eu não vou arrumar um tipo de coisa que eu já vi que não dá pra mim assim, um trampo que de repente...*

Otto reconhece que trabalhava quando ajudava o pai, mas não existia um vínculo concreto com essa atividade. Assim como no seu primeiro emprego, ele percebe essa ocupação como temporária, pois, se por um lado, o tira da desocupação, por outro, não reconhece ali possibilidades de crescimento futuro, remuneração suficiente ou aprendizado. Preencheu seu tempo, mas não as suas expectativas, ele não possuía nenhum vínculo pessoal com as atividades que fazia, sendo que esse trabalho não representou realização pessoal.

Quando resolveu procurar um emprego, Otto novamente foi chamado para fazer uma entrevista na mesma loja em que havia trabalhado no ano anterior, mas essa experiência foi vivenciada de maneira diferente. Dessa vez ele não tinha nenhuma esperança de ser efetivado, aceitou o emprego, pois garantiria alguma renda no final do ano, mas adotou uma postura diferente em relação ao trabalho. A mesma situação se repetiu no ano seguinte, foi contratado mais uma vez como temporário para suprir a necessidade de mão-de-obra decorrente do aumento das vendas do final do ano. A terceira experiência durou menos tempo ainda, apenas quinze dias. E a cada nova experiência Otto observava mais criticamente o ambiente no qual trabalhava.

- *Você trabalhou lá três vezes em anos diferentes?*

*Otto: Em anos diferentes, e cada vez pior, cada vez menos tempo, cada vez eu enxergava as coisas de uma maneira totalmente diferente era a mesma coisa que eu tivesse indo lá pra me prostituir, não ia lá pra beijar na boca, eu ia lá pra fazer o que eu tinha que fazer e receber meu dinheiro e ir embora, eu não queria ficar com graça, eu não queria ficar cantando musiquinha, abraçando os outros, eu não queria nada disso, entendeu eu sei que ali não é a minha família, ali ninguém gosta de ninguém, ali é um barato financeiro, eu sou mão-de-obra e eles me pagam por ela, muito mal, muito mal por ela.*

Além da sua falta de afinidade com a função de vendedor, Otto sentia-se incomodado pela forma como o trabalho e a empresa eram organizados. Esse trabalho foi importante na sua história pessoal, pois auxiliou na formação de seu senso crítico em relação ao mercado de trabalho e também no seu conhecimento de si, no aprendizado daquilo que consegue ou não fazer. O seu relato sobre essas três experiências de trabalho é particularmente intenso, ele contou casos que exemplificavam as suas críticas, usou termos pejorativos, enfatizou os pontos negativos. Otto citou apenas um ponto positivo desse trabalho e que para ele possui uma relevância especial:

*Otto: mas um dos fatores que me motivaram a trabalhar lá, que eu fui trabalhar lá a primeira vez é que eu não precisava tirar os piercings e tal e nada, e eu tava com um .... na época eu tava com um moicano assim, o pessoal nem usava, minha mãe falou assim “Como que você vai procurar um trampo com isso na cabeça”, mas eu tipo vou fazer o que? Vou raspar a cabeça agora correndo pra ir lá? Chegou lá e lá não pegava nada, porque lá é mais jovem que trampa, então lá não pega nada, lá você pode ter cabelo roxo, azul, vermelho, você vendendo bem, sendo bom né, lá você pode ter o visual que você quiser, isso pra mim era uma vantagem, porque se for pra mim trabalhar em outro lugar, pra ganhar a mesma coisa e ainda ter que tipo drag queen, todo dia me montar e desmontar assim...*

A principal, e talvez única vantagem desse trabalho era a liberdade com relação à apresentação pessoal, principalmente por causa dos piercings que tem no rosto, o que parece ser particularmente importante para Otto, pois surge em outros momentos da entrevista.

Por fim, o último emprego de Otto foi em uma prestadora de serviços de segurança. Esse foi seu primeiro emprego com registro em carteira e teve uma duração relativamente mais longa, oito meses. Ele conseguiu esse emprego a partir da indicação de um conhecido. Mesmo sem ter nenhuma experiência na área ele foi contratado por uma grande empresa de segurança para trabalhar como controlador de acesso<sup>16</sup> noutra empresa para qual a primeira prestava serviços.

---

<sup>16</sup> Otto comenta a sua função: “(...) eu pensei ‘Por que controlador de acesso, qual a diferença entre um controlador de acesso e um porteiro?’, eles tentam inventar uns nomes pra maquiagem as coisas assim”.

É interessante perceber que essa foi a única experiência de emprego a qual Otto se referiu com alguma certeza temporal, ou seja, ele facilmente conseguiu afirmar quantos anos tinha e o tempo de duração. Esse fato reafirma o que foi dito anteriormente sobre a influência da natureza do trabalho na criação do vínculo e na transformação deste como referencial claro em uma história de vida. Segundo ele, a sua saída foi motivada por problemas de relacionamento dentro da empresa, com um antigo funcionário. Para Otto a empresa “forçou” sua saída, ou seja, utilizou dos instrumentos que podia para tornar aquele trabalho quase inviável: o transferiu para a sede, que ficava muito distante de sua casa, para trabalhar à noite, quando não tinha nenhum serviço para fazer. Ao falar desse trabalho, Otto afirma:

*Otto: Todos os tramos tipo que eu passei têm umas coisas assim na relação humana que eu acho degradante assim, não tem como você conviver, você tá convivendo como se você fosse um bicho, tipo se você não tivesse opinião, se você não pensasse, o cara quer enfiar na sua cabeça que você fez uma coisa que você não fez.*

Como é possível perceber, Otto critica a forma como as relações pessoais são organizadas dentro do ambiente de trabalho. Ele não acredita que exista respeito dos patrões pelos funcionários, que são muitas vezes tratados como indivíduos vazios, sem opinião. Nesse sentido, as relações de trabalho hierárquicas são degradantes, pois tentam usurpar a capacidade de pensar e autonomia individual do trabalhador.

No momento da entrevista Otto estava em uma situação dúbia, entre o desemprego e a inatividade. Por um lado, ele se ocupava com as tentativas de inscrever o projeto que escreveu sobre mídia e educação em editais de patrocínio e ia prestar um concurso público, por outro, não procurava efetivamente um emprego que não fosse por essas vias. Em muitas pesquisas o desemprego é caracterizado pela procura efetiva de emprego, o que tornaria Otto um inativo, entretanto, ele tentava se inserir no mercado de trabalho por caminhos alternativos. É possível afirmar que a não procura de emprego de Otto é motivada por uma desilusão com o mercado de trabalho, não por causa da impossibilidade de inserção, mas principalmente pela natureza dos empregos que estão disponíveis:

*Otto: mas eu fiquei assim na cabreiragem sim de procurar trampo, de ir no Poupa-Tempo, de ir não sei aonde, porque na verdade eles vão me arrumar mais ou menos esse tipo de trabalho<sup>17</sup>, que eu vou ter que fazer mais ou menos a mesma coisa, e com a qualificação*

---

<sup>17</sup> Nessa mesma resposta, Otto tinha feito uma referência anterior a uma vaga que surgiu por meio de um amigo para trabalhar com tele vendas e ele recusou.

*que eu tenho eu não vou conseguir arrumar um trampo legal, por isso eu vou ter que criar.... se eu não consigo achar uma alternativa vou ter que criar minha própria alternativa, aí tipo todas as informações que eu acumulei, as apostilas que eu guardei de curso de vídeo, de foto, e... as coisas que faço assistindo filme que eu fico analisando e tal, aí eu falei “porra eu vou fazer, eu vou criar meu próprio meio de vida, fazendo uma coisa que eu considero digna, que é passando conhecimento, não tipo vendendo título de capitalização, tá ligado”.*

Como visto, Otto tem consciência de que há uma limitação no perfil de trabalhos que conseguiria, sendo que não são satisfatórios do seu ponto de vista. Isso o leva a pensar e criar outros caminhos. É possível afirmar que a iniciativa de escrever o seu projeto social, com base no conhecimento adquirido no curso oferecido pela Cooperativa Microlhar e também no que aprendeu em outras esferas, está relacionada efetivamente à sua afinidade com a área social, mas também está vinculada à sua necessidade de construção de caminhos alternativos, que lhe expandissem os horizontes de atuação e lhe garantissem uma inserção diferente daquelas que teve até então. Ele pretende aplicar esse projeto escrito em parceria com a namorada em uma importante escola do bairro onde mora. O citado projeto prevê a realização de atividades diversas, como a exibição de filmes para a comunidade, debates e discussões a respeito. Assim, investir seu tempo na formulação e aprovação de um projeto social na área de educação é também uma maneira criativa de lidar com as barreiras do mercado de trabalho, com a falta de oportunidades e com a sua própria frustração. Jardim (2004) afirma que os jovens entrevistados por ela demonstraram uma experiência de desalento diferente daquelas observadas para os adultos. A autora argumenta que a relação do jovem com o mercado de trabalho é balizada mais pelas representações que circulam na sociedade com relação a essa esfera do que pela relação concreta com o trabalho. No caso de Otto é difícil encaixá-lo propriamente na categoria de desalentado, uma vez que esta situação é definida como: “pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias, por desestímulos do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos doze meses” (Seade, 2008)<sup>18</sup>. Não é possível dizer quando ele efetivamente procurou trabalho pela última vez, entretanto, isso não significa uma desmobilização em torno de ideais profissionais. Além disso, a sua frustração com o mercado de trabalho decorre de suas próprias experiências, pois como ele mesmo afirmou, na sua primeira contratação na loja de vestuário havia uma esperança de contratação efetiva. Entendo que a sua própria história nessa esfera é mais importante para a

---

<sup>18</sup> Definição: fundação Seade, disponível em [www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br) (acesso em: 30/01/2008).

compreensão de sua atitude atual em relação ao mercado de trabalho do que as representações sociais.

Quando narram as suas experiências profissionais, há um aspecto que se destaca. Ainda que Otto faça referências ao nível das remunerações, todos os jovens enfatizam as dificuldades de estabelecer relações de trabalho, revelando a importância que esse fator assume para os jovens, como afirma Oliveira:

A falta de um bom ambiente e de um bom relacionamento no local de trabalho, com a chefia principalmente, é o motivo mais destacado para que a atividade remunerada seja negativamente representada pelos jovens. Quando reclamam do trabalho, as razões são menos quantitativas, como o salário, do que qualitativas, relacionadas às amizades, às relações com a chefia e ao cansaço, ao esgotamento gerado por atividades pesadas ou pela conjugação do trabalho com a escola...” (2001, p. 90).

Todos eles relataram experiências nas quais exemplificam a falta de respeito nas relações de trabalho e aos desentendimentos gerados. Esse fato é tão importante que aparecem situações nas quais os trabalhos são abandonados em decorrência dessa dificuldade. Jeferson afirma que uma das motivações para o seu desejo de mudar de emprego é o relacionamento com o patrão.

Os jovens foram perguntados sobre suas percepções sobre o mercado de trabalho. O que foi exposto acima sobre a postura atual de Otto na procura de emprego reflete diretamente sua percepção. Quando perguntado ele responde da seguinte maneira:

*Otto: Ah, pra pagar o justo é com certeza, não conheço ninguém que recebe um trabalho justo assim, quer dizer recebe um salário pro trabalho que faz, eu nunca vi meu pai ganhar, nunca vi meu vizinho ganhar, assim não é... eu sei que existe cara que ganha bem pra caramba, mas isso não é a minha realidade (...) eu conheço gente que ganha bem e tal, ganha legal, faz um trabalho legal e ganha legal também, mas eu acho que com a formação que eu tenho, pra mim é quase impossível, por isso que eu passei o ano passado inteiro investindo nisso...*

Nessa passagem Otto faz não apenas uma análise da sua situação no mercado de trabalho, mas também se refere a outras pessoas que possuem a mesma origem e características sociais que ele. Existem empregos com boa remuneração, em condições justas, trabalhos realizadores, mas essa não é a sua realidade social. Ao contrário, a sua fala indica o reconhecimento de que as ocupações disponíveis não são adequadas. Ele enfatiza a sua pouca formação, que o torna menos qualificado para competir por um trabalho que considere adequado. Mais uma vez fica clara a referência ao seu envolvimento com o

projeto social como uma estratégia de realização profissional, uma estratégia para lidar com as vicissitudes do mercado de trabalho. Ainda que não exista uma referência clara nessa resposta à posição particular do jovem no mercado de trabalho, há outras referências na sua entrevista aos percursos similares que os jovens das periferias traçam não apenas em relação ao trabalho, mas também na vida. Essa percepção de que a juventude é uma categoria vulnerável às dificuldades de uma inserção estável aparece também quando ele diferencia a sua trajetória daquela realizada por pessoas da geração do seu pai, que migraram para São Paulo com uma escolarização menor do que a dele e conseguiram se estabelecer em uma profissão.

Em relação a isso Jeferson e Otto expressam percepções parecidas, mas com nuances diferenciadas. Os dois reconhecem que é particularmente difícil para o jovem conseguir um bom emprego. Nos dois casos a ênfase maior é na qualidade das ocupações disponíveis e menos na dificuldade de inserção, ou seja, não é tão difícil conseguir um emprego simplesmente, mas é muito difícil conseguir um emprego que tenha determinadas características. Para Jeferson, há uma preferência por trabalhadores mais velhos, poucas empresas dão chance para o jovem:

*Jeferson: porque normalmente quando você vai o pessoal não quer saber... você sendo novo o pessoal não quer saber se você tem experiência ou não, já vai querer pegar aqueles mais velhos que acham que tem mais experiência que você, você pode ter mais experiência do que outro que tem mais idade que você mas eles acham que não, e tipo assim também é difícil você arrumar um trampo legal e... fixo mesmo, onde você consegue se dar bem.*

Ele fala da dificuldade de conseguir um emprego que forneça estabilidade, nesse sentido ele faz referência a trabalhos que não sejam ocupações transitórias. Quando ele diz “onde você consegue se dar bem” a referência é às características do emprego, suas condições e atribuições e sua compatibilidade com as características daquele jovem específico. Observando a sua trajetória individual fica clara a relação da mesma com essa percepção. Jeferson teve vários empregos com os quais não sentia nenhuma afinidade. Houve apenas dois trabalhos que apreciou e nos quais continuaria, como repositor e na metalúrgica, do primeiro saiu devido ao fechamento do estabelecimento e do segundo por inadaptação ao ambiente físico de trabalho.

Ainda que Elizabete reconheça algumas dificuldades relacionadas à inserção do jovem, a resposta fornecida por ela assume outro tom:

*Elizabeth: Por um lado sim, tá difícil de arranjar um emprego legal e a sua altura, à sua altura eu digo assim... ao seu gosto, tá um pouco difícil, mas também se nós jovens colocarmos na cabeça que tá difícil a gente nunca vai conseguir nada, agora se por mais que o muro esteja muito alto, mas se você na convicção na cabeça que você vai conseguir aquilo, aí rola.*

Elizabeth acredita que o jovem tem mais dificuldades de se inserir no mercado de trabalho devido a sua pouca experiência. Para ela, esse é um dos requisitos<sup>19</sup> mais importantes na procura de emprego. Mais uma vez há uma menção à adequação daquele emprego específico ao gosto do jovem. A última passagem da fala de Elizabeth faz menção à necessidade de convicção de que é possível superar barreiras. Diferente do que observado em outras entrevistas, ela não se refere a empenho, esforço ou dedicação pessoal, mas à convicção, num sentido de esperança. Esse discurso aparece em outro momento de sua entrevista quando fala das suas expectativas para o futuro.

A percepção de Fritz do mercado de trabalho é diferente das demais. Em primeiro lugar ele afirma veementemente que não acredita haver maior dificuldade para o jovem. Em segundo lugar afirma que há vagas, mas não para todo o perfil de trabalhador:

*- Qual a sua percepção do mercado de trabalho?*

*Fritz: Acho que depende da área que você procura tem muito coisa, mas o que menos tem é gente capacitada.*

*- Você acha que têm vagas para pessoas muito qualificadas?*

*Fritz: É eles pedem coisas muito altas, tem vaga, se você procurar, tem vaga pra quem tem uns cursos de informática mais fodido assim, nossa mãe, têm cinco, seis vagas pra cada lugar, agora falta formação.*

Quando Fritz fala que há um déficit de formação, essa afirmação se aplica a ele. Nessa passagem fica clara a sua opinião de que o curso que realizou não o capacitou para diversas vagas existentes no mercado de trabalho na área de informática. Ainda que o papel da formação profissional tenha sido realçado com as mudanças nas configurações do trabalho, a formação técnica não acaba com o risco do desemprego, pois não há uma relação causal qualificação/ trabalho determinada, dado que há diversos fatores de ordem macroeconômica que configuram esse cenário (Moraes e Lopes Neto, 2005). Há segmentações no mercado de trabalho que se mantêm e se expressam no acesso a tais formações e também na qualidade da formação realizada. O que chama atenção na percepção enunciada por Fritz é que os demais jovens afirmam que não há “empregos

---

<sup>19</sup> Outro requisito que ela identifica como fundamental é a escolaridade. O interessante é perceber que o seu abandono escolar não está relacionado a uma incompreensão da importância da escolarização, parece estar mais associado ao momento da vida presente, as suas vontades imediatas.



bons”, enquanto ele sugere que há empregos bons, mas os trabalhadores estão aquém das qualidades exigidas para preencher tais vagas. Assim, há uma diferença de viés, enquanto os outros jovens apontam a qualidade das vagas ofertadas, Fritz é crítico com relação ao perfil da mão-de-obra.

Com base no que foi exposto é possível afirmar que os jovens fazem uma distinção entre as vagas existentes no mercado de trabalho. De um lado estão as ocupações que tiveram, marcadas por instabilidade, fragilidades, baixas remunerações, pouco realizadoras, e também os trabalhos imediatamente acessíveis, de outro, estão os empregos “bons”, estáveis, que são adequados àquele perfil de trabalhador, com remunerações mais altas. Nesse sentido, há uma convergência com a situação observada por Pascual, Martín e Suarez:

A dualização do mercado laboral se reproduz no terreno do significado, manifestando-se como uma dualidade entre um trabalho com sentido e valor e outro, mais habitual, desvalorizado. Assim, os jovens participantes de nosso estudo diferenciam claramente entre “o trabalho ideal”, definido fundamentalmente como uma atividade que responde aos gostos pessoais, permite a realização pessoal e gera reconhecimento, e “o emprego possível”, ao qual muitos deles já têm tido acesso definido como algo inevitável, subordinado, pouco atrativo, temporal e inseguro (tradução pessoal) (2001, p. 57).

As trajetórias dos quatro jovens pertencentes a esse grupo expressam a instabilidade de suas vidas profissionais. Ainda que tenham começado a trabalhar há anos, o tempo de trabalho efetivo nesse período foi curto. Jeferson trabalha há 4 anos, mas esteve empregado apenas 11 meses desse período. Por sua vez, Elizabete conseguiu seu primeiro emprego há três, mas trabalhou efetivamente nove meses. Fritz trabalhou apenas por pouco mais de dois anos, nos sete anos passados desde sua primeira experiência profissional. Por fim, o caso de Otto é mais complicado, pois ele trabalhou mais de uma vez com o pai e não sabe dizer nem exatamente quando isso ocorreu ou quanto tempo durou, mas com base nas informações apresentadas acima é possível afirmar que nos seus 9 anos de trajetória profissional ele trabalhou cerca de dois anos e meio. Assim, o tempo transcorrido desde a primeiro trabalho diz pouco sobre a natureza da experiência profissional desses jovens, houve vários períodos de desemprego e de inatividade. Em alguns momentos o desemprego é enfrentado com dificuldade. Jeferson afirmou que ficou cerca de sete meses desempregado, antes de conseguir seu trabalho atual, nesse período entregou currículo em vários lugares, mas nunca foi chamado para uma entrevista. Elizabete afirma não saber ao certo o tempo que ficou desempregada, mas diz que a maior dificuldade é não ter a própria renda. As trajetórias desses jovens, os períodos de desemprego, nos quais efetivamente procuraram uma ocupação, revelam também a dificuldade de inserção profissional. As formas de procura

tradicionais, currículo, cadastros, centros de apoio ao trabalhador foram pouco eficazes para eles, fato que ressalta a importância da indicação. O recém-chegado a São Paulo, Fritz, está utilizando tais métodos, procurando agências de emprego e centros de apoio das centrais sindicais e da prefeitura, também envia currículos para anúncios que vê no jornal. Como tem poucos contatos na cidade, não pode recorrer a uma rede de relações sociais para obter informação ou indicação de emprego, contudo, afirmou que na sua antiga cidade essa era a principal forma de obtenção de emprego. Fritz afirma que as redes de relações sociais eram importantes na circulação de informação, mas, no caso dele, foram ineficazes na colocação profissional propriamente dita, nesse caso contava mais a influência ou visibilidade social da família.

Como as narrativas dos jovens entrevistados neste e nos outros grupos sugerem, a procura por emprego e as possibilidades de inserção profissional se realizam através de mecanismos complexos, isto é, por mecanismos diversos, que incluem as redes sociais, conhecidos, amigos e parentes, além de buscas por meio de instrumentos tradicionais e, ainda, no caso de Fritz pelo intermédio de agências de emprego. As agências de emprego tornam-se um importante ator no processo de colocação profissional, como afirma Guimarães:

Mais ainda, sabemos hoje que dificilmente o funcionamento do mercado de trabalho poderia ser adequadamente descrito pela díade – o empresário que recruta e o trabalhador que se oferece no mercado. Ao contrário, tal funcionamento requer ser representado por modelo mais complexo, já que diferentes formas institucionais hoje nele se apresentam. Tais formas antes de convergirem apenas para os extremos dessa relação de forças onde estariam o contratante e o contratado, se distribuem por várias linhas de tensão que podem ser melhor representadas como convergindo para as extremidades, de uma outra figura, a do triângulo. (2006a, p. 3)

O outro vértice do referido triângulo é constituído pelo intermediador. Em outras palavras, na procura de emprego a relação é estabelecida pelos demandantes de trabalho, pelos ofertantes de trabalho e pelos agentes que intermediam a contratação. O exemplo mais contundente de intermediação é representado na figura das agências de emprego, procuradas por Fritz na sua busca profissional. No momento de nosso encontro no centro de São Paulo, Fritz entregava currículos e anotava vagas disponíveis na rua Barão Itapetininga, divulgadas pelos homens-placa que representam tais agências. Segundo o entrevistado me informou, ele deixa os currículos com os homens-placa que os levam até as agências que, por sua vez, entram em contato com os trabalhadores quando há vagas disponíveis para aquele perfil.

Segundo Guimarães, essas firmas não são apenas agências de emprego, são também contratantes, pois empregam a mão-de-obra que será alocada em serviços em outras empresas. São tais empresas que tornam as vagas “visíveis e aparentes” (Guimarães, 2006a, p. 20) para o trabalhador que busca uma ocupação.

Guimarães afirma que um survey realizado no Brasil indicou que sete em cada dez pessoas ressaltavam a importância dos contatos pessoais no momento de procura de emprego. Essa afirmação se mostra contundente na nossa pesquisa quando observamos as trajetórias dos jovens e a forma como cada emprego foi conseguido. Nesse sentido, há uma mescla de fatores e combinações que devem ser consideradas no acesso às oportunidades de trabalho<sup>20</sup>.

### *Família*

Agora abordaremos de maneira mais focada os dados sobre as famílias e as relações entre elas e as vidas profissionais dos jovens. Na tabela abaixo estão resumidas algumas informações:

**QUADRO III: Grupo 01 – Dados familiares**

<b>Nome</b>	<b>Estado de nascimento dos pais</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Com quem mora (n° de pessoas na casa)</b>	<b>N° de pessoas que estão trabalhando</b>
<b>Otto</b>	Mãe: Bahia Pai: Rio Grande do Norte	EF2 incompleto (ambos)	Mãe: inativa Pai: mecânico	Pai, mãe e irmão (4)	1
<b>Jeferson</b>	Piauí (ambos)	EF2 incompleto (ambos)	Mãe: secretária Pai: cabeleireiro	Mãe, padrasto e irmãos (5)	3
<b>Elizabete</b>	Mãe: Bahia Pai: Alagoas	Mãe: EF1 (inc.) Pai: EF2 (inc.)	Mãe: inativa Pai: funileiro	Mãe e pai (3)	2 <sup>21</sup>
<b>Fritz</b>	São Paulo (ambos)	EM completo (ambos)	Mãe: faxineira Pai: Mecânico	Amigos (3)	1

\* EF1: Ensino Fundamental 1 (até a quarta-série). EF2: Ensino Fundamental 2 (até a oitava série).

Em primeiro lugar, é preciso fazer uma ressalva com relação à apresentação das informações familiares de Fritz. Como já mencionado, ele não reside mais com os pais, atualmente ele divide uma casa com dois amigos em São Paulo, dos quais apenas um está

<sup>20</sup> Voltaremos a esse tema nas Considerações Finais.

<sup>21</sup> Neste quadro consta a informação que duas pessoas trabalham na casa de Elizabete, ela e o pai. Entretanto, essa não foi a resposta obtida à pergunta “Quantas pessoas trabalham na sua casa?”. Em sua resposta, Elizabete considerou que apenas o pai trabalha na sua casa, entretanto, ela estava empregada no momento da pesquisa (sobre isso ver tópico anterior).

trabalhando. Contudo, essa situação é muito recente e tem uma qualidade de experimentação, pois ele sabe que se em pouco tempo não conseguir se sustentar e se estabilizar deverá retornar para a casa dos seus pais. Assim, o próprio jovem demonstrou dificuldade de definir a sua situação. Ele mora com os amigos, mas são os pais que estão custeando as suas despesas atuais, o que torna importante saber quantas pessoas na sua casa trabalham, no caso duas, seu pai e sua mãe.

A primeira informação que devemos ressaltar nesse quadro é a origem dos pais dos entrevistados. A maioria é oriunda de Estados da região Nordeste, sendo que o pai de Jeferson continua morando no Piauí, enquanto os demais estão em São Paulo há muitos anos. Os pais de Fritz são naturais de cidades do interior de São Paulo, sendo que seu pai nasceu na zona rural. Para a maioria também, o grau de escolarização dos pais é baixo, sendo que os pais de Elizabete, Jeferson e Otto não possuem nem oito anos de estudo, isto é, não concluíram a oitava série do Ensino Fundamental. Mais uma vez, a exceção é Fritz, seus pais voltaram a estudar; sua mãe interrompeu os estudos na sexta série do Ensino Fundamental II e seu pai na terceira série do Ensino Fundamental I e concluíram o Ensino Médio recentemente. Quanto às ocupações, apenas as mães de Jeferson e Fritz trabalham, sendo que as outras duas mães são inativas. Entre os pais os trabalhos estão associados mais à experiência adquirida em suas longas trajetórias no mercado de trabalho e não a qualificação obtida por meio de cursos, especialização ou escolarização.

À exceção de Fritz, todos os demais entrevistados residem ainda com suas famílias de origem. Os pais mantêm sua função de provedores do sustento desses jovens, mesmo depois de suas entradas no mercado de trabalho. Como as inserções são precárias e não há estabilidade no trabalho, a independência financeira com relação à família de origem é ainda uma condição que está longe de ser conquistada.

Nenhum dos jovens entrevistados deste grupo afirmou que a sua renda é importante para o sustento da família, ao contrário, a renda que obtém é destinada aos gastos pessoais. Se, por um lado, as famílias não necessitam de suas rendas, por outro, o custeio de despesas pessoais são responsabilidade dos entrevistados, isto é, a família não supre despesas de consumo ou lazer. A família garante o sustento, oferece moradia, vestimenta, alimentação, mas não custeia despesas de outras naturezas. Dessa forma, quando afirmam a “necessidade de trabalhar” se referem principalmente às necessidades individuais de acesso à renda, pois reconhecem a impossibilidade da família de oferecer mais do que já é oferecido. Como mencionado, a família de Fritz o sustenta à distância e temporariamente, pode-se dizer que

seus pais concordaram em “bançar a sua tentativa” de morar em São Paulo, ajudando financeiramente nos primeiros meses enquanto não consegue se estabelecer definitivamente.

O relacionamento desses jovens com as famílias é marcado por divergências. Começamos com Jeferson e Elizabete. Esses jovens têm um gosto particular por um determinado estilo musical, que se reflete nas suas roupas, acessórios e comportamentos. Como já foi dito anteriormente, o interesse deles por algumas variações de rock influenciou a vontade de ambos de trabalhar na Galeria do Rock, local que já freqüentavam. Entre os hábitos que cultivam estão o uso rotineiro de roupas pretas, de piercings e o gosto por músicas<sup>22</sup>, na maioria em inglês. O estilo pessoal revelou-se muito importante na construção das identidades desses jovens, na maneira como as famílias e eles mesmos se vêem. E é um forte elemento de divergência entre eles, principalmente no caso de Jeferson:

- *Você tem uma boa relação com a sua família?*

*Jeferson: Mais ou menos, mais ou menos (em tom de ironia).*

- *Mas você tem bastante diálogo?*

*Jeferson: Não (secamente).*

- *Você não conta para eles...*

*Jeferson: Sou tipo a ovelha negra da família, entendeu.*

- *Por quê?*

*Jeferson: Por causa do jeito que eu sou.*

Esse trecho traz duas indicações importantes. A primeira diz respeito a visão de si expressada por Jeferson, ele afirma que os problemas de relacionamento existentes entre ele e a sua família decorrem do seu jeito de ser, que não é aprovado por seus pais. Com o prosseguimento da entrevista fica claro que ele se refere principalmente ao seu estilo pessoal, seu gosto estético e musical. Ele associa claramente essas duas características àquilo que o forma como indivíduo diferenciado, à sua personalidade, sua identidade<sup>23</sup>. Essas características são importantes na sua concepção de si. O segundo ponto diz respeito à indicação clara de que o seu relacionamento com sua família é marcado por uma diferença fundamental, pois justamente aquilo que aparece como sendo um dos pilares da sua identidade é também o principal elemento de conflito com os pais. Os diferentes espaços de sociabilidade e de construção de identidade são fortalecidos na sociedade contemporânea: grupos políticos, movimentos sociais, estilos pessoais. São espaços de expressão e

---

<sup>22</sup> Eles me falaram que os estilos de música que apreciam são chamados Trash Metal , Heavy Metal e Black Metal.

<sup>23</sup> Não faremos aqui uma reflexão sobre os processos de construção da identidade, pois nos desviaríamos de nosso foco, mas vale dizer que “Isto nos leva a observar que a identidade está situada no cruzamento entre duas vertentes: a que parte do indivíduo e a que parte da sociedade (...) A identidade do jovem é a expressão de um sistema simbólico com o qual o jovem organiza a sua experiência” (Lindemberg, 1994, p. 03).

identificação que, muitas vezes, se constroem fora das instituições tradicionais de vínculo juvenil, isto é, família e escola (Castro e Aquino, 2008).

Jeferson afirma que não tem muito diálogo com os pais. Ele reconhece que há uma grande distância entre os seus interesses e o da família, ele não pode compartilhar os elementos mais importantes que compõe seu universo com os pais, como seu desejo de fazer uma tatuagem, por exemplo, já que em casa encontra uma desaprovação expressa. Essa distância cria um afastamento entre ele e a família, principalmente de sua mãe:

*- Eles têm o desejo de que você faça alguma coisa?*

*Jeferson: Meu pai tem, mas minha mãe assim ela não tem muito não (rindo), ela fica naquelas, porque eu sou do jeito que eu sou, por causa do jeito que eu ando, por causa das músicas que eu ouço, ela chegou a falar pra mim que eu nunca vou conseguir nada na minha vida.*

*- Por causa das coisas que você gosta?*

*Jeferson: É... pra ela você tem que ser aquela pessoa certinha pra conseguir as coisas, tipo pra se dar bem na vida.*

Como o seu discurso revela, para sua mãe é importante se dar “bem na vida”, e ela acredita que para alcançar isso é necessário ter atributos e um comportamento que o filho não tem. Isso provoca não apenas conflitos, mas um afastamento, distanciamento e menor participação da mãe, com quem mora, em sua vida. Não há diálogo, ele não compartilha interesses, não é aconselhado ou estimulado, ao contrário, como ele faz questão de ressaltar durante a entrevista, o que ele sente por parte de sua mãe é desaprovação. Isso cria um distanciamento familiar e uma aproximação maior com outras pessoas de seu círculo de relações, como amigos e a namorada, por exemplo, que compartilham de seu universo. Com relação a isso, Lindenberg afirma:

Os jovens, buscando novas identidades, tendem a se afastar de seus pais e a encontrar novos modelos junto aos amigos. A construção da identidade de jovem se processa, assim, mediante a elaboração de elementos encontrados em seu universo de vivência mais aqueles proporcionados pelo grupo. Pertencer a um grupo de jovens significa se reconhecer e ser reconhecido como tal, distinguindo-se de todos os outros grupos. Para que isto ocorra são necessárias aceitação e obediência às regras em relação à vestimenta, modas e preferências de todos os tipos. (1993, p. 3).

Jeferson afirma que os pais não tiveram nenhuma influência na formação de seus gostos pessoais, mas salienta que o pai teve um papel na sua trajetória profissional, ao lhe ensinar seu ofício de cabeleireiro, quando passou meses em sua casa, há alguns anos<sup>24</sup>.

O caso de Elizabete é parecido. Ela compartilha os gostos musicais e estéticos de Jeferson, mas seus conflitos com a família são menores. Ela afirma que possui um melhor relacionamento com a sua mãe, pois o pai tem uma personalidade “difícil”, é reservado e intransigente; ela diz que é muito raro conversar com o pai, que tenta sempre impor sua vontade e dificilmente muda de posição. Segunda ela, seu pai não adota esse tipo de comportamento apenas com ela, o mesmo se observa no relacionamento entre ele e sua mãe. Por outro lado, com a mãe ela diz ter bastante diálogo e os conflitos são menores. Elizabete tem ainda três irmãos mais velhos, que já são casados e não moram mais com ela. É importante a participação dos seus irmãos em sua vida. Ela conta que os irmãos sempre deram conselhos relacionados ao trabalho:

*Elizabete: São mais velhos do que eu, eu sou a caçula, então eles sempre estão lá pra me dar um conselho, com esses negócios de emprego “não vai com piercing, não faz uma tatuagem, faz uma tatuagem quando você tiver fixo no emprego, mas conversa primeiro com o patrão, se você pode fazer, e se você for fazer faça num lugar que não dê pra ver”.*

Além dos conselhos eles influenciaram diretamente a sua trajetória profissional, pois foi por indicação da sua irmã que ela conseguiu o primeiro emprego. Sua irmã também a ajudava na procura por trabalho, comprando o jornal para ver o classificado de emprego, acompanhando para alguma entrevista, auxiliando no envio dos currículos. Assim, no caso de Elizabete a participação da família foi importante na construção da sua trajetória profissional, mas foram os irmãos e não os pais que exerceram um papel fundamental. A própria construção de sua percepção pessoal do mundo adulto foi elaborada a partir da convivência de Elizabete com seus irmãos. Ela diz que observando os seus caminhos, suas vidas, escolhas, a saída de casa, os problemas que enfrentaram, conseguiu perceber como é uma vida independente da família, quais as responsabilidades e dificuldades que pode encontrar. Ela sabe que para estabelecer residência própria ela deve estar num nível muito mais elevado de independência financeira do que tem hoje.

---

<sup>24</sup> É interessante nos aprofundarmos nessa questão. Jeferson aprendeu a ser cabeleireiro com o pai, entretanto, ele não considera seriamente a possibilidade de exercer essa profissão, pois afirma que “Ah cara eu sou meio preconceituoso, eu sou meio orgulhoso assim, aí como todo mundo fala que cabeleireiro é viado aí tipo...”

É preciso inserir mais um comentário sobre a relação de Elizabete e sua família. Ela parou de estudar no primeiro semestre de 2008, enquanto cursava o segundo ano do Ensino Médio. Quando realizei a entrevista, a sua família ainda não sabia da desistência e ela inventou uma mentira para que não desconfiassem do seu não comparecimento às aulas. Assim, nessa relação de Elizabete com os pais não há uma participação efetiva deles em sua vida, pois se isso fosse verdadeiro seria fácil descobrir o seu abandono escolar. Além disso, ela sabe que eles não concordariam com sua decisão e prefere mentir a defendê-la perante os pais. Elizabete sabe que a opinião e a vontade dos pais não podem ser simplesmente ignoradas ou enfrentadas, mas, ao mesmo tempo, quer tomar suas próprias decisões. Essas situações de conflito de opiniões é comum quando o jovem permanece na casa da família, como afirma Oliveira:

O fato dos jovens morarem com os pais faz com que necessitem participar de todo um código de obrigações dentro de casa, não sem conflitos. Nem sempre as prescrições são aceitas sem que haja discussões ou recusa por parte deles, Mas, no geral, os jovens respeitam os pais e contribuem para a manutenção do grupo, com o auxílio nas tarefas domésticas, o trabalho remunerado, os estudos, que também é uma das obrigações, mas um dos motivos de desentendimentos e conflitos na família (Oliveira, 2001, p. 45).

A freqüência à escola, ou melhor, o abandono, é certamente uma atitude dissonante daquilo que seus pais observam como parte do seu papel de jovem e para evitar uma desarmonia familiar ela prefere esconder sua decisão.

Outro indicativo da ausência de participação deles em sua vida aparece quando ela fala do seu desejo de fazer a primeira tatuagem. Eu pergunto se ela não terá que esperar, já que ainda é menor de idade. Ela me responde que não, pois os pais não se importam mais com as decisões que toma em relação ao seu corpo. Conforme me contou, a primeira vez que ela apareceu com um piercing eles se incomodaram, mas, depois de outras três, eles decidiram não interferir, aconselhar ou participar de suas decisões. São decisões tomadas à revelia da família, que hoje se comporta com algum grau de indiferença em relação às mesmas.

Os pais de Elizabete gostariam que a filha tivesse um emprego estável, em condições adequadas:

*Elizabete: Sabe que eu fosse... algo assim, trabalhar um emprego bom, em algum escritório, ou então alguma... que minha mãe, nem tanto meu pai, meu pai só fala pra eu me esforçar pra ter um emprego bom, mas minha mãe não minha mãe já pensa alto, ela já sonha com*



*Brad Pitt, John Travolta, ela fala que eu tenho que me empenhar bem, estudar, fazer a minha tão sonhada faculdade de direito e vê se eu consigo algum emprego num escritório, em algum lugar, que é pra mim, que eu olhe assim “Não esse emprego é pra você”.*

Os pais aconselham, desejam e incentivam Elizabete a buscar uma ocupação profissional que garanta uma renda satisfatória e em local adequado. Enfatizam o esforço pessoal, a necessidade de formação escolar e a busca por ascensão como atitudes determinantes para atingir esse objetivo.

A relação de Otto com a família não é conflituosa, ainda que existam divergências. Ele afirma que sua relação com os pais não é formal ou rígida, que ele sente liberdade dentro de casa. Quando perguntado sobre a frequência de diálogo entre eles, ele responde:

*Otto: Mas nesse ponto assim, eu acho que ela que... que fica muito a desejar, eu não cobro isso assim deles assim, que eles têm que me entender e tal, mas eu acho que de uma certa maneira assim eu até sinto falta dela “Oh e aí?”, ela quer saber porque tipo ela até perguntou “Oh e o negócio lá do projeto?”, quer saber porque tá vendo que você tá fazendo alguma coisa, quer saber o que você tá fazendo, mas não é aquilo de tipo.... assim de dar aquele incentivo assim, até mesmo porque eles nem se liga muito no que eu... tá tão acostumado com o trampo tradicional assim, ver o mundo de uma maneira mais assim, porque é difícil pra eles começar a enxergar você fazer parte de uma outra coisa que eles nem conhecem assim.*

Essa passagem da entrevista de Otto é muito ilustrativa. Em primeiro lugar, ao ser perguntado sobre a frequência de diálogo entre eles e os pais surge espontaneamente o tema do trabalho como sendo uma importante fonte de discordância nessa relação. Em segundo lugar, percebe-se que ele se refere principalmente a figura materna, fala em várias passagens “ela”, depois volta a falar “eles”. Em outro momento da entrevista ele diz que seu pai é mais reservado, participa menos da sua vida e principalmente dá menos conselhos, inclusive nos assuntos relacionados a trabalho. Otto deixa claro nessa resposta a ausência de participação, até mesmo de incentivo por parte dos pais, nos seus projetos pessoais. Isso resulta não apenas de falta de interesse, mas, segundo Otto, da não compreensão das suas escolhas e objetivos que se diferenciam dos modelos tradicionais de trabalho e inserção profissional. Há uma grande diferença entre aquilo que Otto deseja para si e o que os pais percebem como sendo a melhor alternativa nesse sentido. Otto é um jovem crítico, que questiona as formas de inserção profissional correntes<sup>25</sup> e busca uma alternativa diferenciada que esteja de acordo com aquilo que acredita ser a melhor opção. Como já foi dito, no momento Otto concentra seus esforços na elaboração de um projeto social, que envolve cultura e educação,

---

<sup>25</sup> Otto é crítico principalmente com relação às oportunidades de trabalho que percebe como disponíveis para ele.

que pretende aplicar em uma escola do bairro onde mora. Sua intenção é conseguir um patrocínio que viabilize a aplicação do mesmo. Para os pais é difícil entender as razões que levam o filho a abdicar da possibilidade de procurar um emprego estável em nome de um ideal pessoal e social.

*Otto: o que pesa na relação é porque ela nunca vai me entender e a gente sempre vai ter um conflito, enquanto a real, por mais que ela não seja mercenária, enquanto você não aparece com dinheiro, com carro, com uma coisa que dá pra pegar e que dá pra ver, aquilo que você tá fazendo não tem valor pros seus pais (...) é aquilo que... minha mãe ela queria que eu fosse aquele cara que eu falei né meu, que nem sei lá o filho da amiga dela que trampa na empresa e tá satisfeito, era vendedor, agora virou gerente da loja e pá, uma coisa que eu sei que não rola comigo.*

Para a mãe de Otto é preciso que as suas conquistas profissionais sejam palpáveis, concretas, ela gostaria de ver os frutos materiais de seu esforço, sinais de que ele está progredindo em uma carreira. Mas, as preocupações de Otto são outras, ele quer fazer um trabalho que tenha um sentido pessoal e que também seja relevante socialmente, ele almeja difundir as coisas que aprendeu, principalmente com a participação em outros projetos sociais. Os modelos de vida e carreira que ele tem são diferentes daqueles que os pais idealizam, nesse sentido, as diferenças entre gerações tem um peso significativo. A história de vida dos pais foi outra, eles imigraram pra São Paulo em uma época na qual a oferta de emprego era maior, a inserção estável era uma condição atingida desde a juventude. Além disso, são menos escolarizados do que Otto, não tiveram as mesmas vivências sociais, as dificuldades que encontraram eram outras, assim como as próprias expectativas. Dessa forma, a relação de Otto com sua família é marcada por essa diferença, pelo reconhecimento de ambas as partes da existência de uma barreira que os afasta, não pela indiferença ou pela não participação, mas principalmente pela incompreensão.

Por um lado, é importante considerar a influência da família em sua trajetória de trabalho, por mais de uma vez, quando estava desempregado, foi trabalhar com o pai. Essa experiência foi importante, pois garantiu ocupação e renda por um período relativamente longo. Por outro lado, ele afirma que a família teve pouca influência na constituição de seu interesse por cultura. Em casa ele não teve contato com livros, com arte, a sua convivência familiar não o incentivou a ampliar seus horizontes nesse sentido. A única coisa de que se lembra são as músicas populares ouvidas em fitas no carro do pai.

*Otto: eles não estudaram, a gente aqui tem a chance de estudar, mas a gente não tem a convivência com o livro, a gente não tem a convivência com a cultura dentro da sua casa*

*assim de (...) você vê a diferença do próprio ambiente, você vai na minha casa não tem um quadro na parede, tem aquela coisa da cultura mesmo popular de ter um santo sabe, é mais uma coisa assim, não é a coisa de ter um quadro na parede e coisas assim e isso até pelo ambiente você já sente o contato com a cultura*

Ele expandiu seus horizontes culturais e desenvolveu seu interesse e afinidade com essa área quando já era adolescente, em uma descoberta solitária e isolada da participação e influência da família. Assim, a família não compartilha do seu universo cultural, o que certamente os distancia ainda mais e dificulta o entendimento entre eles.

Fritz se mostrou mais conciso quando perguntado sobre sua família. Ele se limitou a fornecer respostas curtas e pouco descritivas. Afirmou que, embora já tenha brigado muito com os pais, o relacionamento entre eles é muito bom. Diferente dos outros jovens ouvidos, durante sua entrevista ele se refere de maneira carinhosa e afetiva aos pais, principalmente quando expressa a saudade sentida durante o tempo que está em São Paulo: “eu gosto pra caramba do meu pai e da minha mãe, sinto muita falta deles”. Foi difícil descobrir a razão dos desentendimentos entre Fritz e os pais, ele não explicou espontaneamente, mas fez indicações:

*- Vocês conversam sobre tudo?*

*Fritz: Sim (ênfase), com minha mãe e com meu pai eu falo qualquer coisa.*

*- Eles têm alguma opinião sobre como você deve se comportar em relação ao mercado de trabalho?*

*Fritz: Ah eles... não (conclusivo), eles não falaram pra mim...*

*- Eles não te dão conselho?*

*Fritz: Ah falam pra mim procurar sempre o que eu gosto de fazer, mas não é muito assim.*

*- Eles te apóiam nas suas escolhas?*

*Sim.*

*- Quando você resolveu fazer curso de informática?*

*No primeiro... porque eu passei na metade do ano... no primeiro... primeira coisa não, eles meio que bateram o pé, xingaram, fizeram.*

*- Por quê?*

*Porque eles não queriam que eu fizesse ainda, por causa do dinheiro mesmo (...) depois eles pensam assim, eles são meio cabeça-dura no começo, mas depois dão um tempo assim, por isso que não tem como brigar.*

Como ele indica nessa passagem, situações nas quais a decisão pessoal do jovem deve ser sustentada pela família podem ser conflituosas. Os pais não eram contra sua decisão de estudar, mas entendiam que naquele momento específico essa não era a melhor escolha, já que a renda familiar era restrita. A realização do curso resultaria em gastos com condução, alimentação e material que precisariam ser custeados pelos seus pais, nesse caso, a decisão os envolvia diretamente. Fritz ressalta que no momento específico da realização

do curso a situação financeira da família era diferente, sendo que as suas despesas tinham grande impacto no orçamento doméstico. Por outro lado, ele está em São Paulo com a ajuda financeira dos pais que não se opuseram à sua decisão, mas, segundo ele, agora a situação familiar é outra e o auxílio não é sentido da mesma forma pela família.

A influência da família na trajetória profissional é grande. Foi pela indicação do pai que conseguiu o primeiro emprego e foi com a ajuda deles que conseguiu realizar o curso técnico que resultou em um estágio. Ele afirma que os pais o aconselham a seguir o que ele gosta e, em outra passagem, ressalta a influência da família nas suas decisões e escolhas, principalmente pela frequência de diálogos e conversas.

### *Escola*

Todos os entrevistados desse grupo estudaram em escolas públicas. É possível distinguir dois tipos de postura em relação à experiência escolar. Como já foi enfatizado, Otto é particularmente crítico, sua reflexão sobre essa temática é constante, o que resultou no desenvolvimento de um projeto na área de educação. Por sua vez, Jeferson, Elizabete e Fritz observam a escola, suas condições, estrutura de ensino e ambiente a partir de um viés diferente, suas respostas se diferenciam daquelas obtidas na entrevista de Otto, são curtas e mais superficiais, além de menos abrangentes, isto é, abordam uma menor quantidade de elementos quando se referem à escola, os dois primeiros se detêm mais sobre as pessoas que compunham o corpo escolar e sobre as disciplinas.

Há um diferencial importante nesse grupo quando o tema em questão é a escolarização. Esse é o único grupo que contém jovens que não concluíram o Ensino Médio, por abandono. Todos os outros grupos são formados por entrevistados que possuem, no mínimo, esse diploma.

Jeferson interrompeu os estudos há dois anos, quando cursava o primeiro ano do Ensino Médio. Segundo ele, essa interrupção se deve a uma seqüência de acontecimentos. Ele viajou para a casa do pai, no Piauí e lá sofreu um acidente de moto e, esse acontecimento foi o fator mais importante na sua desistência. Sua intenção era passar um ano na casa do pai e continuar os estudos lá, entretanto, com a perna quebrada não procurou uma escola e deu prosseguimento à sua formação. Quando voltou ele não retomou os estudos. Certamente ele não possuía um vínculo muito estruturado com a escola, um compromisso estrito com a sua formação, pois se isso existisse, ele teria retomado os estudos assim que possível. Ele

afirma que tem intenção de voltar a estudar, mas isso é um plano para o futuro. Não ficou clara em sua entrevista a razão desse adiamento, quando questionado, a resposta obtida foi: “só que aí agora tá meio osso né meu”. Essa resposta e outros elementos da sua entrevista sugerem que esse adiamento está relacionado a sua intenção de se concentrar no trabalho, mas não é possível sustentar essa afirmação com segurança.

Elizabete interrompeu os estudos no ano de realização da entrevista, quando cursava o segundo ano do Ensino Médio. Antes disso, ela já tinha repetido o primeiro ano por excesso de faltas. Segundo ela, essa decisão está relacionada ao cansaço oriundo de sua rotina de trabalho atual. Ela trabalha muitas horas, em pé na frente da Galeria do Rock, de segunda a sábado, acorda muito cedo para ir ao curso de inglês de manhã. As horas que passava na escola eram um martírio, pois se sentia cansada e não se concentrava nas aulas. Mas, essa afirmação sugere uma pergunta importante. Elizabete se refere a esse trabalho como um “bico”, diz não ter a intenção de continuar no emprego, almeja conseguir uma colocação melhor, então porque interromper a formação escolar em nome disso? Este não é um emprego com o qual possua um vínculo, ou que signifique uma conquista pessoal, que abra oportunidades de crescimento ou ainda que garanta uma renda que valha a pena o sacrifício. Considerando esses elementos, também é possível afirmar no caso de Elizabete que seu vínculo com a escola e com sua formação é frágil.

Ainda que exista uma tendência geral ao prolongamento dos anos de estudo, até o fim do Ensino Médio, a interrupção dos estudos não é uma exceção absoluta. Como revelam os dados do IBGE (Anexo B)<sup>26</sup>, em 2006, 1,4% dos jovens com idade entre 15 e 17 anos não freqüentavam a escola e não tinham concluído o Ensino Médio, assim como Elizabete. Quando se observa a faixa etária superior, da qual faz parte Jeferson, essa porcentagem é maior: 6,8%.

No caso desses dois jovens não é fácil inferir a razão do abandono escolar. Observando as suas entrevistas como um todo e não concentrando a atenção a um aspecto particular é ainda mais difícil compreender a inércia em relação à conclusão dos estudos, principalmente no caso de Jeferson. Como mostraremos na última seção deste capítulo, ambos os jovens afirmam a vontade de cursar um Ensino Superior no futuro, contudo, esse desejo não é suficiente para motivá-los a retornar à escola neste momento. Muitas coisas podem ser ditas com relação à construção desse objetivo, o que será abordado adiante. Aqui nos concentraremos no vínculo desses jovens com a instituição escolar. Como foi mencionado, Jeferson e Elizabete compartilham de um estilo pessoal, que foi construído

---

<sup>26</sup> Dados disponíveis em Castro e Aquino (2008).

além dos muros da escola ou da convivência familiar. Como vimos na seção anterior, esse estilo é central na construção de suas identidades, que não apenas influi em suas percepções pessoais, mas também no relacionamento deles com o mundo. A escola não desenvolve de forma eficaz a formação intelectual dos alunos, sendo que, muitas vezes, a frequência a esta instituição é vista de maneira instrumental ou motivada pelo círculo de amizades. Nesse sentido, as interações com o grupo de amigos ganha importância central na construção de identidade pessoal e vínculos pessoais, como afirmam Castro e Aquino:

As referências que circulam nesses espaços de interação e convivência ganham relevo na medida em que preenchem o vazio deixado, de um lado, pela inadequação das instituições tradicionais (especialmente a escola) às demandas e interesses dos jovens e, de outro, pela persistência de uma ambigüidade na definição do papel social do jovem, exacerbada no contexto de prolongamento da juventude. (2008, p. 11).

Assim, a instituição escolar perde espaço como local de convivência, de sociabilidade e mesmo de descoberta social para outros espaços e interações. Jeferson e Elizabete dividem o tempo entre o trabalho desestruturado e tais atividades, compartilhando com amigos e frequentando lugares aos quais atribuem sentido. Essas são experiências que não são adiadas nas suas vivências juvenis, enquanto a conclusão dos estudos é postergada para outro momento. Um estudo relevante sobre a vivência juvenil compartilhada foi elaborado por Abramo (1994). Nesta ocasião a autora estudou dois grupos juvenis distintos presentes na cena urbana paulistana: punks e darks. Certamente não é o caso aqui comparar tais grupos com a experiência de Jeferson e Elizabete, há diferenças importantes e elementares<sup>27</sup>, mas, assim como observado pela autora, os dois jovens se inserem em grupos de sociabilidade, convivência e troca, nos quais há valorização da criação “de uma identidade distintiva, através da qual definem sua *posição no mundo* (grifo da autora)” (Abramo, 1994, p. 155).

Também sobre as condições da escola, Jeferson e Elizabete adotam posturas parecidas. Quando perguntados sobre a opinião que têm a respeito da escola que frequentavam a resposta obtida foi: “legal”. Jeferson diz que a escola era legal basicamente porque as pessoas eram legais. É interessante perceber como ele faz uma análise

---

<sup>27</sup> A autora afirma que nesses dois grupos se observa uma percepção da sociedade futura como negativa: “o espetáculo central montado pelos dois grupos analisados é o do fim do mundo, do apocalipse, da ausência de futuro” (Abramo, 1994, 151). Não se observa esse tipo de construção nos dois jovens referidos, ao contrário, a imagem que formulam do futuro é positiva.

personalista da escola, ele não se refere às condições físicas, à estrutura curricular, à didática dos professores ou a qualquer coisa que não seja apenas as pessoas da escola. Em sua opinião as professoras eram legais, os colegas e a direção também.

- *Legais por quê?*

*Jeferson: Não, assim pelo menos as professoras que eu tive tipo da minha adolescência até eu parar de estudar foram legais, tipo não teve nenhuma professora assim... aquela professora chata pra caramba, aquela professora que você quer esganar, quer matar tá ligado, não teve nenhuma assim, foi tudo legal, e tipo o pessoal da sala também, os colegas de sala era tudo legal, não tinha do que reclamar, até a diretora era legal, ia pra diretoria e tomava um café com ela.*

- *Muitos falam que não gostavam da escola...*

*Jeferson: Eu não gostava até os meus quinze anos, aí depois dos quinze...*

- *Por que você não gostava até os quinze anos?*

*Jeferson: Porque eu só pegava professora chata.*

Essa fala ilustra muito bem a afirmação anterior. Ele não gostava da escola antes dos quinze anos, ela não era legal, porque as professoras eram chatas. De certa forma, a opinião expressada por Jeferson sobre esse tema se resume a isso.

Na fala de Elizabete também há uma ênfase nas pessoas, mas não só isso. Ela revela que a razão principal para a sua repetência por faltas foi uma briga com suas colegas de escola, ela não se sentia mais motivada para comparecer às aulas. Os amigos são muito importantes na sua dedicação aos estudos. Mas, também salienta que na escola onde estudava o ensino não era de qualidade, que os conteúdos ensinados eram sempre de séries anteriores, isto é, ela diz que no segundo ano do Ensino Médio tinha conteúdos semelhantes aqueles aprendidos na oitava série do Ensino Fundamental.

Fritz concluiu o Ensino Médio em 2003, sem reprovações ou interrupções. Também realizou um curso técnico na área de informática, oferecido por uma instituição pública de ensino em uma cidade vizinha. O curso teve duração de um ano e resultou em um estágio na área. Dados do MEC (Castro e Aquino, 2008) indicam que, em 2006, a grande maioria de pessoas matriculadas no ensino técnico era composta por jovens com idades entre 15 e 24 anos: 61,89%. No Brasil a oferta de formação técnica está ainda muito aquém de ser suficiente, pois o MEC estima que em 2006 apenas 11,4% da demanda potencial ao ensino técnico foi atendida (Castro e Aquino, 2008). Além disso, a oferta dos cursos é concentrada em regiões e municípios e não é acessível a uma grande parcela da população, incluindo-se jovens. Ainda que exista uma valorização da qualidade e importância dos cursos técnicos (Castro e Aquino, 2008) na preparação para o mercado de trabalho e também para a continuidade dos estudos, a realização desse curso, no caso de Fritz, não parece ter lhe

trazido oportunidades profissionais mais amplas. Como dito, ele trabalhou como estagiário enquanto realizava o curso, todavia sua formação não resultou em novas colocações na área. Ele também acredita que em São Paulo não conseguirá empregos nessa área de atuação, pois acha que há pessoas mais capacitadas. Ainda que não tenha formulado explicitamente, essa opinião, provavelmente, também decorre do tempo transcorrido desde a conclusão (4 anos) em uma área em constante renovação e mudança. Um indicador de sua acertada opinião é o fato de, em um mês de procura, não ter sido chamado para nenhuma entrevista na área de informática e também o fato de seu último emprego não ser nessa área. No caso de Fritz, a formação técnica não representou a criação de um foco com relação ao mercado de trabalho, não permitindo, ao menos por enquanto, a construção de uma carreira.

Assim como Jeferson, a opinião de Fritz sobre a escola se concentrou em um único aspecto da questão. Ele disse que “adorava a escola”, e quando questionado o porquê, ele enumerou as disciplinas que gostava e não gostava. Quando perguntado sobre as condições da escola, mais uma vez ele se refere ao conteúdo e compara o ensino adquirido nas escolas públicas e particulares. A sua opinião da escola se baseia principalmente na relação que estabelecia com as disciplinas ensinadas, ele afirmou que era um bom aluno e que gostava de estudar. A sua avaliação sobre a qualidade do ensino da escola que freqüentou se torna mais evidente em outras passagens da entrevista, quando fala das dificuldades de ser aprovado em vestibulares ou concursos públicos, nos quais as pessoas formadas em escolas privadas têm vantagem e mais facilidade de serem aprovadas.

Como já foi introduzido, o posicionamento de Otto em relação à escola é bem diferente. Ele se detém nesse assunto de maneira prolongada e demonstra uma reflexão anterior, ou seja, as opiniões expressadas já estão sedimentadas e não representam apenas a sua percepção no momento da entrevista, ao contrário, é fruto de uma construção complexa. Otto teve uma trajetória escolar regular, nunca foi reprovado ou abandonou os estudos, ele afirma que isso foi fruto também dos “incentivos” oferecidos pela escola pública à aprovação. Ele deixa explícita sua opinião sobre a escola na qual se formou no Ensino Médio, que fica localizada perto de sua casa:

*- E como era a escola?*

*Otto: Era um lixo, era um lixo (...) quando eu mudei pra cá, aí eu fui estudar numa escola, na sexta-série, que era uma escola boa também, era uma escola bacana, tinha um ensino legal, os professores não faltavam muito, tinha bons professores, mas já era estranho, era feia a escola, fria, um lugar meio estranho, não era um lugar agradável de ficar, e aí eu mudei pra essa outra escola, quando eu fui pro colegial acabou o colegial lá e eu tive que ir pra essa outra escola que era um pouco perto de casa, todo mundo falava muito mal dessa*



*escola, mas aí eu falei meu eu não vou ficar ... ir estudar lá longe numa escola de bosta, se eu posso estudar numa escola de merda aqui perto, aí eu falei “Bom, vou estudar aqui mesmo”, aí eu fui estudar lá, nossa eu me sentia muito mal, eu me sentia mal demais, não era o meu ambiente, nunca foi, eu estudei lá anos,, mas eu odiava, não gostava dos professores, faltavam demais, trocava muito de professor durante o ano e eu ouvi dizer, não sei se é verdade, mas nessa época ela era uma das cem piores do Estado, mas eu não sei se isso era verdade, o cara que falava lá.*

A percepção de Otto é afetada por sua experiência anterior, quando morou cerca de dois anos com os pais em uma cidade do interior de São Paulo e estudou em uma escola do SESI. Segundo ele, essa escola era bem diferente das outras duas que freqüentou quando sua família retornou a São Paulo, o padrão de ensino era superior, a infra-estrutura e a organização da escola eram melhores, não faltavam professores, não havia aulas vagas e tinha material didático de qualidade. Assim, não houve uma naturalização das condições da escola e do nível do ensino que recebeu, ele teve uma base de comparação concreta que o levou a criticar duramente as duas escolas que freqüentou em São Paulo. Sua crítica não se direciona apenas às questões diretamente relacionadas às condições de aplicação do conteúdo programado, ele enfatiza o ambiente escolar como desagradável, isto é, um ambiente que por si só afasta os alunos e não os motiva a estar ali, vinculando a experiência do aprendizado a uma sensação desagradável. Observando o relato apresentado acima, não surpreende a posterior afirmação de Otto de que não gostava de nada na escola. Ele não se identificava com as pessoas, não compartilhava os mesmos interesses, aqueles com quem tinha mais afinidade eram amigos de fora da escola, ou seja, eram pessoas que estudavam com ele, mas sua relação se estabelecia mais fora da instituição do que dentro. Assim, a escola não tinha um papel importante como local de convivência e sociabilidade.

A importância da escola se define para Otto a partir do seu papel negativo:

*Otto: Eu acho que a escola... a escola foi importante pra mim descobrir muita coisa, acho que mais o que não se deve fazer do que... como me... a escola não me preparou pro mercado de trabalho, a escola não me preparou pro vestibular, a escola não me preparou pra uma relação humana saudável entendeu, não me preparou pra nada disso, e eu acredito que a escola na minha vida tem uma função de que você sabe que você vai ter que estudar e pronto assim, mais ou menos que desde que você estuda desde tal série, você sabe que você tem tal idade, então eu tenho que é... tenho que estudar até o terceiro colegial pra você arrumar o básico.*

A partir desse excerto é possível inferir que Otto demonstra um reconhecimento da escola como uma instituição que funciona como significante definidor de uma determinada fase da vida dos indivíduos. Há uma trajetória social compartilhada por aqueles que

nasceram na mesma sociedade e na mesma geração que ele, espera-se que a criança ingresse na escola com determinada idade e continue, no mínimo, até a conclusão do Ensino Médio. O status de estudante é parte da construção de uma identidade juvenil. Além disso, ele sabe que sem o diploma dificilmente conseguirá algum emprego, é a escolarização mínima exigida dos jovens de sua idade pelo mercado de trabalho urbano. Assim, a escola não o preparou para o mercado de trabalho, na sua opinião não agregou conhecimentos importantes para essa experiência, mas emitiu o certificado que o qualifica a disputar algumas vagas.

Como já foi dito, esse é o único grupo do qual não fazem parte jovens que cursam ou ingressaram no Ensino Superior. Nesse sentido, os casos de Otto e Fritz são interessantes. Eles afirmaram que quando concluíram o Ensino Médio ingressar em uma faculdade não era uma possibilidade tão difundida entre os jovens com quem conviviam. Eles perceberam mudanças nos últimos anos, nos quais houve uma propagação das oportunidades de cursar o Ensino Superior. Esse fato se transformou em uma pressão social, ou seja, fazer faculdade não era uma questão presente em suas expectativas quando terminaram a escola, atualmente houve uma disseminação das instituições, dos incentivos, dos cursos disponíveis, uma ampliação da quantidade de pessoas que conhecem que estão na faculdade. Otto e Fritz são os mais velhos dos entrevistados e os únicos que abordaram essa questão. Para todos os outros, o ensino superior aparece como uma etapa posterior e natural da formação escolar, ainda que em tempos diferentes, com maior ou menor ansiedade, todos os outros entrevistados se referiram à faculdade com uma naturalidade que demonstra o grau de interiorização desse ideal.

*Otto: É, então mudou, até essa política, esse negócio do ENEM, Prouni e tal e você... hoje em dia eu conheço várias pessoas que faz faculdade, as pessoas perto de você, então você começa a sentir que é real também, que é palpável, uns demora mais, outros vai mais rápido, uns outros bem mais cedo (...) isso te encoraja, porque são exemplos que tão perto de você, não que você vê na televisão entendeu, são coisas que você tá vivenciando, aí você já começa a se relacionar, um monte de faculdade dando bolsa também, aí você tem a oportunidade de se agarrar... de repente cê não sabe o que você quer fazer, mas pintou uma bolsa de pedagogia, você vai e faz, vai saber se não é a sua praia, mas pelo menos você tem um acesso, você tem uma abertura, mas se você não tiver, nem isso, nem um exemplo... você vive num bairro onde os caras tá ficando mais velho, tá tramando como servente de pedreiro, ou motoboy, ou então tramando em escritório a vida inteira lá, você fala “Pô meu”, essa é a vida que você tem, então você acaba procurando no mesmo sentido, você vai indo no mesmo sentido, aí você sai da escola e fala “E agora?”, aí cê tá... é a mesma coisa que você vê um fila, você vai e entra atrás, vai embora, eu lembro que quando eu era criança eu via assim uma história de “Eu estudei até a oitava-série, eu tenho até a oitava-série”, meu oitava série tá ligado, não é nada, assim também o Ensino Médio não é nada,*

*ai você fala “Putá eu tenho que fazer o que? Acabar o Ensino Médio e arrumar um trampo, não tem como dezoito anos em casa, dezessete anos em casa, sem fazer nada, né? Eu quero comprar minhas coisas, quero ter minhas coisas”, então você acaba seguindo um fluxo e nesse sentido a escola não me ajudou em nada e acho que em nenhum sentido eu tenho... acho que a escola é um lugar horrível.*

Otto demonstra como ele observou uma mudança social no que diz respeito à escolarização e às oportunidades de vida. Não é como a mudança percebida entre gerações, por exemplo, aquela revelada pelas diferenças de escolaridade dele e de seus pais. Essa transformação social foi vista e assistida de perto por ele, a partir da experiência de pessoas que formam o seu círculo social. Antes ele sentia que o seu destino e dos jovens de sua mesma condição social estavam restritos a um caminho que incluía um trabalho de pouca qualificação ou o crime, agora percebe a abertura de novas possibilidades. A escola não o preparou para uma busca por caminhos alternativos, para uma expansão dos seus horizontes de possibilidades, a sua percepção foi alterada por exemplos exteriores a essa instituição, por mudanças na realidade social. Assim, atualmente se depara com uma questão que não estava colocada anteriormente. Ele não se preocupou em descobrir ou escolher uma profissão. A escola organizou algumas palestras para apresentar diversas profissões, o que, na sua opinião, foi uma tentativa vazia e sem sucesso, pois não foi capaz de despertar o interesse dele e de muitos colegas por uma área específica. Agora ele começa a explorar áreas nas quais acredita que pode se realizar, ainda que não tenha se decidido claramente, ele revela interesse pela área da educação, principalmente por causa da sua experiência posterior à escola.

Fritz já prestou alguns vestibulares para carreiras diferentes: Geografia, Computação e Artes Visuais. Ele prestou o primeiro vestibular em 2007 e os outros dois em 2008. Ele reconhece que há uma pressão do mercado de trabalho por maior qualificação e entende que estudar agora é importante, mas sabe que deve criar as condições para realizar esse objetivo, seja frequentando um cursinho para ingressar em uma universidade pública, ou conseguindo um emprego que lhe permita custear essa despesa. Neste último caso ele não descarta a ajuda dos pais. Por outro lado, é clara a sua indecisão com relação à carreira que pretende seguir. Ele afirma que não teve nenhum tipo de orientação vocacional na escola e quando perguntado se esta foi importante na descoberta do que gostaria de fazer, ele reage com uma risada e um conclusivo “não”.

As narrativas desse grupo explicitam de maneira exemplar a insuficiência de se conceber os percursos juvenis marcados pela transição escola-trabalho. Todos eles tiveram o primeiro emprego quando ainda estudavam, conciliando essas duas atividades, como tantos

outros jovens brasileiros (Tarutce, 2008). O impacto da experiência escolar em suas vidas foi variada. Não é possível mensurar ao certo esta influência que, certamente é fluida, complexa e dispersa e não está necessariamente clara para os jovens. O que podemos afirmar é que a frequência a essa instituição não foi decisiva nas escolhas profissionais passadas e presentes ou na construção de preferências que orientarão escolhas futuras. Segundo Arroyo (1999), análises e estudos na área de educação e trabalho ressaltam a escola como a “agência por excelência para o aprendizado das relações sociais. O papel de outras instituições é minimizado...” (1999, p. 16). As relações sociais estabelecidas na escola são analisadas como fundamentais para a construção do ser humano, inclusive na sua adequação ao trabalho e, com relação a isso, salienta-se mais a importância dessas relações do que do conteúdo aprendido. No caso dos entrevistados, percebe-se a importância de outras esferas de convivência, espaços e tempos que impactaram suas formações pessoais e sociais, influenciando inclusive na relação que estabelecem com o mundo do trabalho. Os jovens aceitam e se submetem à autoridade e a disciplina do trabalho, mas não sem crítica, no caso de Otto, ou com desapego, como no caso de Elizabete e Jeferson.

#### *Amigos e Lazer*

Quando perguntados sobre rotinas de lazer, os jovens desse grupo salientaram um aspecto principal e significativo: sua restrição. Isso não quer dizer que há uma ausência total dessas atividades em suas vidas, mas que há uma limitação dos períodos destinados a esse fim. No caso desses jovens é possível afirmar que a relação com o trabalho, ou melhor, a situação atual no mercado de trabalho define em grande medida as possibilidades de uso do tempo livre. Elizabete e Jeferson afirmam ter dificuldades de ocupar seu tempo livre com atividades de lazer, principalmente o domingo, que é o único dia de folga na semana. Conforme relataram, há uma exaustão e cansaço tão grandes em consequência da rotina de trabalho, que esse dia é aproveitado principalmente para o descanso. Os encontros com amigos acontecem uma ou duas vezes por semana, depois do trabalho, onde vão para “bares” ou outros locais, como Shoppings, citados por Elizabete. A questão é que há uma influência maciça do tempo do trabalho no tempo livre, isto é, o tempo destinado ao ato de trabalhar e o desgaste oriundo dessa atividade comprometem a utilização do tempo livre para atividades de lazer. É preciso privilegiar o descanso. Elizabete enfatizou práticas solitárias de lazer, quando chega do trabalho, depois que os pais vão dormir, ela escuta as

músicas que gosta e arruma as suas coisas. Ela acredita que o seu momento de lazer é principalmente vivido em casa solitariamente.

No caso de Otto há uma ênfase na dificuldade de manter uma rotina de lazer na situação de desemprego. Nesse caso a limitação é resultado da ausência de renda, que restringe as possibilidades. Ele cita os bares como locais de reunião de amigos, seu interesse por cinema e a participação em eventos, como exposições, ressaltando a existência de programas gratuitos. Contudo, mesmo nesses casos, a limitação financeira pode ser um desestímulo a comparecer, pois há gastos com transporte. Ainda assim, afirma que constantemente comparece a sessões de cinemas ou peças de teatro gratuitas que descobre.

Fritz afirma que agora que está em São Paulo não frequenta muitos locais porque não tem dinheiro. Assim como Elizabete, ele faz referências a lazeres solitários, como ouvir música e ler livros. Quando morava em Itararé a limitação resultava da pequena quantidade de opções, pois ele diz que os bares existentes na cidade não o agradavam, principalmente pelo estilo musical que adotavam. Nessa época cultivava o hábito de assistir vídeos de shows musicais no Youtube, site no qual é possível compartilhar vídeos diversos. Agora não tem mais acesso constante à internet e essa atividade foi abandonada.

Os quatro jovens não identificaram uma influência muito grande das amizades na construção de suas biografias. Elizabete chegou a afirmar que atualmente ela só considera a mãe, os irmãos e o namorado como amigos, pois perdeu o contato com muita gente. Mais de uma vez em sua entrevista ela fala que perdeu contato com vários amigos: “Tinha amigos da escola, agora que eu perdi o contato com eles, mas também nem faço tanta questão porque amigos falsos, já basta nota de um real”.

Quando Jeferson é perguntado sobre suas amizades, ele afirma que poucos foram importantes. Jeferson não cita os amigos como influências importantes na construção de seu estilo ou gosto pessoal, ao contrário, quando perguntado ele afirma que essa influência foi limitada, sugerindo que essa foi uma construção muito mais individual do que coletiva. Ele salienta a amizade mantida com amigos de infância, que moram na cidade de seu pai no Piauí que possuem gostos muito diferentes do dele, mas que isso nunca foi impeditivo para a amizade. Quando perguntado sobre no que consiste a influência dos poucos amigos que ele cita, ele responde:

*- Em que sentido seus amigos foram importantes?*

*Jeferson: Alguns foram, uns dois ou três mais foram. Até hoje tem uns colegas meus que vira e mexe fica perguntando, agora é só mais um mesmo, tipo direto ele fica perguntando “Caralho, meu porque você não volta a estudar? Volta a estudar não sei o que lá. Estuda*

*no colégio que eu estou estudando e não sei o que lá, a gente fica lá estudando e conversando”.*

Quando questionado, Jeferson cita os conselhos dados com relação ao seu abandono escolar. É difícil entender exatamente qual foi o tipo de associação realizada por Jeferson, pois ele cita os amigos que tentaram o influenciar, mas não fica claro até que ponto essa influência se concretizou, dado que ele não retomou os estudos.

Quando Fritz fala da importância dos amigos, sua resposta se assemelha àquela fornecida com relação à família: “Ah acho que pela conversa, cada um fala uma opinião, expressava uma opinião pra mim”. É a partir do diálogo, conselhos e opiniões que identifica a importância em sua vida, inclusive na sua trajetória profissional. Mas é fácil perceber outra forma de participação. Ele está em São Paulo na casa de um amigo, que já está há um ano na cidade, foi ele quem o levou à Barão de Itapetininga e indicou outros lugares para procurar emprego. Assim, nessa nova etapa de sua vida, as amizades são fundamentais. Com o outro amigo que também está aqui há um mês, ele compartilha a angústia da procura, dicas e indicações, além de saírem juntos em busca de trabalho.

Otto também fornece uma resposta surpreendente sobre o papel dos amigos na sua vida:

*Otto: É, tem o negócio que você vai vendo o sofrimento de cada um, e você vai... ao mesmo tempo que você se sente muito diferente, mesmo eu, depois que você for analisar de fora, tentar ficar meio de fora pra analisar de outro ponto de vista, você vê que na verdade vocês têm as vidas muito parecidas assim, origem né, origem de pai, pai e mãe nordestino, os tramos ruim, as vivência de ter feito mil coisas, uns mais encostados, uns mais ativos, os que são mais ativos conseguem mais as coisas, mas sempre pagando aquele preço...*

Para Otto, os amigos e conhecidos de sua geração são pessoas que possuem histórias nas quais é possível ver refletida a sua própria. Seus amigos são pessoas com trajetórias semelhantes a sua, com algumas variações na forma de lidar com as contingências enfrentadas, mas com os quais compartilha uma origem social. Observando e analisando as biografias de seus amigos, ele reconhece e conhece sua própria história e a sociedade que o cerca.

Apesar de nenhum dos jovens ter verbalizado a importância das amizades nas trajetórias profissionais, todos citaram ocasiões nas quais essa relação foi determinante, ao indicarem vagas, compartilharem informações sobre trabalho. No caso de Otto seu relato acerca das experiências de trabalho é permeado pela participação de amigos.

Entendo que no caso dos jovens desse grupo houve uma dificuldade de resgatar e verbalizar a importância das amizades na construção das biografias, inclusive no que tange à

esfera do trabalho, o que não significa que são relações irrelevantes do ponto de vista pessoal ou social.

### *Expectativas*

Com relação às expectativas de futuro, os jovens entrevistados também revelaram percepções e projetos diferentes. Quando perguntado sobre o futuro, Jeferson imediatamente se vê como um advogado, faculdade que gostaria de fazer:

*- O que você pensa do futuro? Daqui a dez anos, por exemplo?*

*Jeferson: Daqui dez anos eu vou tá curtindo rock ainda, com a minha Harley Davison (moto) e sendo advogado.*

A profissão não é o único elemento que compõe a sua visão de si no futuro, a sua preferência musical mais uma vez se revela como um importante fator que constitui a sua identidade. Aparece como aquela característica duradoura, que manterá e que ainda será um pilar de identificação. Além disso, ele faz referência a um bem material que deseja comprar e que termina por compor um quadro de sua imagem pessoal no futuro. O seu estilo musical é o único elemento que vincula o seu presente ao futuro que deseja, enquanto a profissão de advogado e a moto são conquistas que estão longe de serem alcançadas.

Jeferson acredita que exercendo a profissão de advogado se sentirá realizado profissionalmente. Quando perguntado sobre a importância da realização profissional, ele afirma que é muito importante no interior de suas expectativas. Por outro lado, posteriormente eu pergunto se ele preferiria um emprego estável que lhe garantisse uma boa condição financeira ou um emprego com uma remuneração inferior e menor estabilidade, mas que propiciasse maior realização, ele respondeu que ficaria com a primeira opção. Assim, por um lado, ele reconhece a importância da realização profissional, por outro, reconhece também a importância da segurança, estabilidade financeira e da obtenção de uma renda que garanta a realização de outros sonhos e objetivos que também estão na sua lista de prioridades. É interessante perceber que, quando perguntado, ele fala que também pensa em constituir família, como todo mundo, mas, para ele, essa é uma questão distante, pois sabe que ainda não tem condições para isso. É possível perceber uma postura diferente quando fala da profissão e quando aborda a constituição de família própria, ainda que ambas sejam expectativas distantes, que dependem da realização de conquistas e da preparação das

condições adequadas. Formar-se na faculdade está colocado temporalmente antes da constituição de uma família.

Jeferson tem alguma insegurança em relação ao futuro, ele reconhece que pode ser difícil realizar seus objetivos, ele nunca prestou um vestibular, mas imagina que não será fácil ingressar na faculdade. Para ele, um dos principais obstáculos que terá pela frente é o preconceito. Ele diz que sofre preconceito por seu estilo de se vestir e pelos piercings e brincos. Ele acredita que há muito preconceito que não é sentido apenas na sua vida profissional, mas também por demonstrações de hostilidade nas ruas.

Quando perguntada sobre o futuro, Elizabete responde:

*- Você já pensou no seu futuro?*

*Elizabete: Já, é que nem aquelas coisas, nessas horas eu viajo que nem a minha mãe né, já sonho com Brad Pitt, com Deus grego assim, já penso alto, eu penso em tá, primeiramente com um emprego bom, sair de casa quando for minha hora certa... eu penso assim tá num emprego bom, minha casa, e... construir minha família.*

Nessa resposta Elizabete já revela a sua atitude otimista em relação ao futuro. Entre seus objetivos ela espera constituir família e estabelecer moradia própria. O seu projeto profissional se resume a “ter um emprego bom”, isto é, um emprego que garanta boas condições de trabalho, remuneração satisfatória e estabilidade. Apesar de mencionar anteriormente a sua vontade de cursar faculdade de direito, ela não cita espontaneamente essa realização quando perguntada a respeito de seu futuro. Com base nisso, eu questioneei se ela pretende estar formada, ela respondeu “de preferência”. Não fica claro, portanto, a prioridade de sua formação, ela não se refere a isso com a mesma ênfase e a mesma certeza revelada por Jeferson.

Quando perguntada se ela possui alguma insegurança em relação ao futuro ela afirma:

*Elizabete: Barreiras isso eu sei que eu vou encontrar um monte de obstáculos na minha vida, isso eu sei que eu vou ter que passar por cima deles, se eu não passar eu acabo ficando pra trás (...) Tenho uma segurança assim tremenda, porque eu confio nas coisas que eu faço e nas coisas que eu penso, tenho certeza assim.*

Essa resposta confirma o otimismo demonstrado anteriormente. Ela acredita fortemente na sua capacidade de realizar seus objetivos, de superar os obstáculos e entraves encontrados. Entretanto, há um paradoxo, pois ela reconhece a dificuldade de planejar o futuro, há uma insegurança inerente ao planejamento:

*- Mas você tem uma estratégia clara na sua cabeça?*



*Elizabete: Ainda não tenho ainda não, porque é tanta coisa que você quer, tanta coisa que você tem pra planejar, aí eu já não sei. É aquela história não adianta você planejar eu vou comprar aquilo, aí chega na hora, mudou tudo, é outra estratégia, então é muito difícil, você chegar e falar “Vou fazer isso, isso e isso”, “Vou chegar e vou ser aquilo tudo”.*

Ela reconhece que não é possível controlar o futuro e que há muito o que realizar e planejar, o que torna as conquistas ainda mais difíceis. Assim, ainda que Elizabete afirme sua segurança em relação ao futuro é necessário observar além das respostas concretas e conscientes, isto é, ela oferece indícios do reconhecimento da instabilidade que a cerca.

É difícil afirmar que Jeferson e Elizabete possuem um projeto de ação claro para atingir seus objetivos. Ainda que eles demonstrem alguma clareza em dizer como gostariam que fossem suas vidas no futuro, não é possível perceber um planejamento claro de suas ações. Isso pode ser percebido claramente na intenção de fazer uma faculdade, como foi dito anteriormente, eles abandonaram a escola e não mencionaram a intenção imediata de retomar os estudos. A conclusão do Ensino Médio é a primeira condição para cursar uma faculdade para atingirem seus objetivos de serem advogados, entretanto, não há uma mobilização nesse sentido.

Quando pensa o futuro, Fritz imediatamente faz uma referência ao seu presente:

*- Como você observa o seu futuro?*

*Fritz: Olha eu tô meio perdido ainda, mas (rindo)... eu acho, apesar dos vinte e três anos, acho uma vergonha isso, mas eu pretendo trabalhar primeiro, não tem jeito de estudar sem trabalhar, ah daí eu vou escolher se eu faço redes de computadores pra ganhar dinheiro ou se eu faço desenho industrial.*

A primeira coisa que chama atenção na resposta de Fritz é o reconhecimento de que ele não está na posição que gostaria aos 23 anos. É possível que exista uma grande influência da representação social do que deve ser conquistado e realizado até determinada idade, isto é, a sua insatisfação com a sua posição presumivelmente deriva do reconhecimento da existência de um determinado ritmo de vida e conquistas. Diferente de todos os outros jovens ouvidos nesta pesquisa, Fritz diz que está indeciso entre fazer o que realmente gosta ou aquilo que para ele trará melhores condições de vida. Ele se refere a essa questão espontaneamente sem, ser perguntado, o que demonstra uma relação específica com o trabalho. Ele diz em outra passagem que é importante fazer o que gosta, mas essas atividades podem ser realizadas como “bicos” ou como hobbies e que não precisam ser necessariamente o seu meio de vida. Ele possui uma relação com o trabalho que poderia ser identificada como instrumental, isto é, espera que o emprego lhe ofereça as condições para

ter uma vida confortável e realizar outros objetivos. Ele observa os possíveis trabalhos aos quais acredita que terá acesso no momento como ocupações temporárias<sup>28</sup>.

Ele se diz “perdido”, ainda não tem certeza do que gostaria de fazer. Para ele não apenas o futuro, mas o próprio presente é incerto e indeterminável, ainda que tenha aspirações e consiga pensar nisso:

- *Você consegue se imaginar daqui a dez anos?*

*Fritz: Sim, nossa mãe. (certeza)*

- *Como você acha que você vai estar?*

*Fritz: Nossa, bem podre, meio pai assim, daí eu vou ter um trabalho bom, dinheiro acho que não, não vai dar nada (risos), aí eu vou ter minha banda.*

Quando fala do futuro, sua narrativa mescla desejos e sonhos com um certo ceticismo, expressado por sua opinião de que ainda não vai ter dinheiro.

O posicionamento de Otto em relação ao futuro é bem diferente. Mais uma vez é preciso considerar a diferença de idade entre ele e, principalmente, Jeferson e Elizabete. A sua trajetória de trabalho mais longa, a maior experiência de vida, as vivências passadas certamente afetam o seu modo de percepção do futuro:

- *Como você observa o seu futuro?*

*Otto: Futuro...*

- *Você tem alguma perspectiva, alguma expectativa?*

*Otto: Não tenho, não tenho porque... se você for ver tudo essa trajetória que eu passei assim, eu tenho muito a sensação que eu não fiz nada (...) eu não tenho muita expectativa pro futuro, eu tento fazer minhas coisas né, fiz o meu projeto tal, isso é uma coisa que eu tenho certeza que é uma coisa que já ia começar a me direcionar pra algum lugar (...) mas eu gosto de me envolver com o negócio, de me envolver, de articular, de falar do projeto, divulgar, fazer as coisas assim, então eu acho que essas coisas podem me dar um caminho, se eu continuar então acho que pode me dar uma perspectiva, mas eu não acho que isso seja, que eu acredite cem por cento nisso, eu vou escolhendo caminhos que eu acredito que são mais difíceis, mas que eu acredite que me levem pra algum lugar.*

Essa resposta de Otto oferece indicações sobre como observa seu futuro. Quando ele afirma que tem a sensação de que não fez nada, ele se refere aos frutos gerados pela sua experiência passada, principalmente pela sua trajetória dispersa no mercado de trabalho. Essas experiências não o encaminharam para uma área particular, ele não sente que está hoje em uma posição diferente em relação ao mercado de trabalho do que quando ingressou pela primeira vez. Os trabalhos que teve foram importantes para sua formação pessoal, pois

---

<sup>28</sup> Essa afirmação está baseada em uma passagem da entrevista de Fritz na qual ele diz que não consegue se imaginar por muito tempo no emprego no supermercado, para o qual está fazendo ainda o processo seletivo. Ele afirma que aceitaria o emprego para não ficar desempregado, mas até conseguir coisa melhor. Nesse sentido, ele sabe que esse emprego não oferece condições ou remuneração suficientes para ser considerado como uma situação duradoura.

propiciaram um maior conhecimento das suas possibilidades, principalmente permitiram a descoberta daquilo que gostaria e do que não gostaria de fazer, colocaram-no em contato direto com a realidade do trabalho, auxiliaram na formação do seu senso crítico em relação a essa área. Entretanto, sua trajetória no mercado de trabalho não foi capaz de fornecer um encaminhamento ou direcionamento, foram trabalhos passageiros que não abriram novas oportunidades e não resultaram em um ponto de partida para uma carreira direcionada ao futuro. Atualmente ele resolveu investir no seu interesse pela área social, por meio da escrita de um projeto que visa transmissão e propagação de cultura no meio social no qual vive. Mas, por enquanto é uma vontade que não necessariamente se realizará ou se converterá em uma inserção no mercado de trabalho. Para isso, depende do financiamento para a aplicação do projeto, o que não é uma conquista certa. E, Otto tem completa consciência da chance de não conseguir viabilizar seu projeto e de não conseguir fazer dessa atividade seu trabalho. Mesmo assim escolhe investir nisso que acredita ser um caminho possível, que resultará em ganhos pessoais, mas também para a sua comunidade. Enquanto isso não se concretiza o futuro se coloca como um tempo incerto, distante. Ainda sobre a sua percepção do futuro, ele diz:

*- Mas você é otimista em relação à sua condição, aos seus objetivos?*

*Otto: Não, eu acho que eu tenho potencial, mas acho que tá mal canalizado, não tá direcionado, que é uma coisa que eu queria até... se desse trabalhar com outros, uma coisa que não aconteceu comigo, acho que a gente tá bem mal direcionado assim, então não tenho muito esperança na minha condição por isso, mas eu tenho condição, não sei o que vai acontecer, onde vai abrir essa porta pra mim, onde que eu posso pegar atalho pra fazer essas coisas que eu tô a fim.*

Diferente dos demais entrevistados, Otto não é apenas cético em relação ao futuro, mas reconhece que talvez não esteja preparado para realizar o que deseja no futuro. Ele reconhece seu potencial, mas tem consciência de que esse mesmo potencial não foi trabalhado, desenvolvido, direcionado para um foco específico. Ele almeja por uma chance de desenvolver seu potencial, oportunidade que não lhe foi dada pelas experiências de trabalho que teve. Ele ainda afirma saber que as realizações que deseja para o futuro não dependem apenas dele, isto é, é necessária a participação, apoio e interesse de outras pessoas. Ele não demonstra uma crença inabalável na sua capacidade de superação pessoal, ou seja, ele não adota uma postura de “eu sei que eu vou conseguir”, “eu acredito muito em mim”, “não importa as barreiras encontradas eu sei que eu teria condições de superá-las”. Ao contrário, Otto observa o futuro, suas expectativas, sua condição de vida e a própria

realidade social de uma maneira mais cética. Não é apenas o indivíduo que constrói suas alternativas, ele é capaz de fazer investimentos, tentativas, mas há portas que se fecham, há uma inter-relação entre o que esse indivíduo poderá alcançar e a sociedade. Ele não teve uma formação escolar de qualidade, traçou a mesma trajetória no mercado de trabalho que muitos dos jovens que moram no mesmo bairro, uma trajetória dispersa, instável, irregular. A sua insegurança em relação ao futuro é ainda mais evidente em outra de suas respostas:

*- Mas você não sente nenhuma insegurança em relação ao futuro, ou você nem pensa nisso?*

*Otto: Penso, acho que penso quase todo dia assim né, mas eu... em certos momentos assim a... falando mais sério mesmo... em certos momentos eu me sinto triste em ficar impotente em relação a situação que eu vivo, do que eu sou e também como as coisas precisam ser ainda e... mas, tanto que eu fico atrás assim pensando em algumas coisas, mas também, também só às vezes acontecem coisas que vai... só que você insiste assim, incerteza você tem, você sempre terá, por mais que você tenha é... sempre quem tem um projeto vai ter uma incerteza, porque as coisas nunca são do jeito que você idealiza, projeto não só de vida assim.*

Como Otto salienta, ele não sente apenas insegurança em relação ao futuro, mas também tristeza e impotência em relação a sua própria condição. Ele tem consciência da sua condição social, das dificuldades postas à realização de seus desejos, objetivos e sonhos. Ele sabe do seu pouco poder para mudar não apenas a sua condição, mas a própria realidade social, o que se converte em uma sensação de impotência e tristeza frente a uma situação que ele gostaria que fosse diferente. Para Otto, o futuro não é um campo cheio de oportunidades e conquistas, pelas suas palavras, o futuro se configura mais como um tempo de tentativas, vontades e frustrações.

Segundo Presta e Almeida (2008), uma pesquisa com jovens acerca das disposições com relação ao futuro revela que há um grau de ajustamento entre as mesmas e a amplitude de suas possibilidades, isto é, as chances que tem de concretizá-las. Ainda que esse ajustamento não seja perfeito e exista espaço para indeterminações, as autoras argumentam que as trajetórias das famílias (ascendente, descendente ou estável), patrimônio material e simbólico das mesmas e o veredicto escolar influem sobre as disposições expressadas. Retomaremos essa discussão nas Considerações Finais, mas, para a discussão do presente capítulo, vale a pena ressaltar uma não coincidência nesse sentido. Como dito acima, Jeferson e Elizabete são os dois jovens que se encontram a uma maior distância de alcançar seus objetivos, no sentido de que as etapas a serem cumpridas nessa direção ainda são numerosas. Contudo, são também os jovens mais otimistas em relação aos próprios desejos. Nesse sentido, podemos afirmar que as suas disposições de futuro não se delineiam com

base na percepção que possuem de suas chances reais. É interessante perceber que os dois jovens mais velhos desse grupo, Otto e Fritz, aparentam, a partir de suas falas, uma possibilidade de futuro aberto, isto é, que não apenas será efetivamente construído, mas também decidido. As certezas com relação aos caminhos a serem seguidos são menores, como a escolha de um curso universitário, por exemplo.

É interessante perceber o destaque dado pelos jovens à formação universitária no interior das expectativas que têm em relação ao futuro. Otto e Fritz afirmam em suas entrevistas que a disseminação desse tipo de formação é recente e, por isso, apenas recentemente aparece como uma alternativa possível. Nesse sentido, podemos afirmar que a esfera de possibilidades é em alguma medida importante para a construção dessas disposições. Além disso, esse anseio por formação superior não é individual e sim expressado cada vez mais pelos jovens, o que representa, de fato uma mudança social (Guerreiro e Abrantes, 2005). Sendo que, “para os jovens que lhe conseguem aceder, o ensino superior representa uma transformação significativa das redes de sociabilidade e dos estilos de vida e, sobretudo, uma enorme abertura de perspectivas face ao futuro” (Guerreiro e Abrantes, 2005, p. 158).

## **CAPÍTULO 2: Jovens engajados: terceiro setor e a construção de trajetórias profissionais**

O envolvimento e a participação em projetos sociais, Terceiro Setor<sup>29</sup> e ONGs<sup>30</sup> se revela importante em dois sentidos principais. Em primeiro lugar, afeta a forma de enxergar, pensar e perceber o mundo ao redor, pois, em grande parte das vezes, a participação supõe pensar e discutir questões sociais. Em segundo lugar, tem um impacto concreto nas vidas dos entrevistados; a partir dos cursos, experiências, relações que se constituem em suas trajetórias nesse campo, outras possibilidades concretas se abrem, resultando em uma ampliação de perspectivas. Dessa forma, decidiu-se separar esse grupo devido a essas diferenças que ficarão mais evidentes no decorrer da análise das entrevistas.

Nesse grupo estão cinco jovens: Frederico, Edna, Joana, Sofia e Alice. Todos são jovens que estiveram ligados à Ação Educativa<sup>31</sup>, para a realização de um curso de dois anos sobre vídeo e comunicação. Como consequência desse curso, os quatro primeiros jovens formaram uma cooperativa, que atua na área de audiovisual e educação, chamada Microlhar. A cooperativa tem aproximadamente dois anos e os jovens freqüentam a Ação Educativa regularmente, pois utilizam o espaço, computadores, ilha de edição e outros materiais para realização dos trabalhos da cooperativa. Alice não faz parte da cooperativa, mas também faz trabalhos com audiovisual, como *free-lance*, como ela mesma se identificou. Atua principalmente fazendo vídeos e gravações de eventos, a maioria na área do terceiro setor e projetos sociais. Alice trabalha sozinha e também utiliza materiais e equipamentos disponíveis na Ação Educativa.

É importante assinalar que esses jovens não freqüentam a Ação Educativa apenas quando algum trabalho os obriga, ao contrário, sua presença lá não é determinada pela

---

<sup>29</sup> A definição de Terceiro Setor está fortemente embasada na idéia de que existe um primeiro e um segundo setor, respectivamente, Estado e mercado. (Fernandes, 1994, 2000). Essa definição é ampla e engloba um número diverso de atores sociais, dos quais as Organizações não-governamentais são apenas uma parte. Ainda há discussão conceitual acerca do que é o Terceiro Setor, como salienta Cardoso: “O próprio conceito de Terceiro Setor, seu perfil e seus contornos ainda não estão claros nem sequer para muitos dos atores que o estão compondo. São vários os termos que temos utilizado para caracterizar este espaço que não é Estado nem mercado e cujas ações visam o interesse público: iniciativas sem fins lucrativos, filantrópicas, voluntárias” (Cardoso, 2000, p. 7).

<sup>30</sup> As ONGs são atualmente um importante ator do Terceiro Setor. “O surgimento das ONGs é talvez o sintoma mais claro, na América Latina, das tendências que nos levam a falar em ‘terceiro setor’. Não passam de um pequeno segmento, mas as suas características resumem-se com nitidez na idéia do ‘privado com funções públicas’. São instituições propriamente privadas, mas sem fins lucrativos” (Fernandes, 1994, p. 65).

<sup>31</sup> A Ação Educativa se define como “uma organização fundada em 1994, com a missão de promover os direitos educativos e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável do Brasil” (texto retirado do site: [www.acaoeducativa.org.br](http://www.acaoeducativa.org.br) acesso em: 29/01/2009).

necessidade de fazer uso profissional da infra-estrutura física que a instituição oferece. Lá eles podem usar os computadores e acessar a internet livremente, o que é feito não apenas com fins profissionais, mas é também uma atividade social e de lazer. A maioria desses jovens certamente não possui computador conectado à internet em casa. Além disso, a Ação Educativa é também um ponto de encontro, dado que cada um mora em uma região da cidade e ela está localizada no centro. Ainda, a frequência constante na Ação Educativa possivelmente cumpre outra função, pois quando não há trabalho a ser realizado, ir à instituição ocupa o tempo, os faz sair de casa, representa uma forma de lidar com a inatividade.

### *Perfil dos jovens*

A seguir eu apresento uma tabela na qual aparecem algumas das informações sobre o perfil desses jovens:

**QUADRO IV: Grupo 02 – Dados Pessoais**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cor</b>	<b>Local de moradia</b>	<b>escolaridade</b>	<b>religião</b>
<b>Frederico</b>	23	Masculino	Branco	Campo Limpo (Sul)	Superior Inc. (cursando)	Não tem
<b>Edna</b>	20	Feminino	Negra	Jardim Colombo (Oeste)	EM completo (cursinho)	Não tem
<b>Alice</b>	20	Feminino	Parda	Ermelino Matarazzo (Leste)	EM completo	Não tem
<b>Joana</b>	18	Feminino	Negra	Ermelino Matarazzo (Leste)	EM completo (cursinho)	Afro
<b>Sofia</b>	21	Feminino	Negra	Carapicuíba	Superior Inc. (cursando)	Xamanismo

Foi pedido aos jovens que se identificassem por uma cor, sendo que a identificação foi livre e não a partir de categorias pré-estabelecidas. Assim, as respostas não coincidem necessariamente com as classificações oficiais utilizadas em pesquisas como o Censo (IBGE). Além disso, é interessante perceber como a construção da identificação por cor ocorre de formas diversas; Sofia, por exemplo, se identificou como negra, porque possui uma forte identificação com a cultura negra. Dessa maneira, ainda que não tenha o estereótipo de uma pessoa negra, ela afirma que, com base no conhecimento de que sua ascendência é diversa, (indígena, negra, branca) ela se identifica com base no grau de afinidade cultural que possui.

A observação dos locais de moradia comprova o que foi dito acima, há uma grande distribuição espacial desses jovens pela Grande São Paulo. Assim, é plausível afirmar que a Ação Educativa funciona também como um ponto de encontro interessante. As regiões de moradia revelam também que esses jovens não são residentes dos bairros centrais da cidade, ao contrário, residem em bairros mais periféricos e afastados do centro.

Três dos jovens entrevistados afirmam que não possuem religião. As outras duas entrevistadas afirmaram possuir uma religião. Joana revelou uma forte ligação com o candomblé e umbanda, já tendo freqüentado ambas de forma assídua. Quando ela diz que sua religião é afro ela se refere principalmente a essas religiões, mas como não está ligada especificamente a nenhuma das duas, prefere se referir à sua prática religiosa por essa denominação genérica. Por sua vez, Sofia disse na entrevista que até pouco tempo atrás não possuía uma religião, mas que esteve recentemente em um ritual do xamanismo e estava bastante impressionada com a experiência, assim se definiu como tendo uma religião, mas de forma ainda bem desestruturada, pois a própria entrevistada não conseguiu explicar muito bem do que se trata esse “trabalho espiritual” no qual compareceu. O interessante com relação à religião é que todos os jovens relataram que a formação e a prática religiosas já fizeram parte de suas vidas em algum momento, principalmente durante a infância, o que está fortemente associado à influência dos pais e parentes próximos. Mas, de certa maneira, houve um afastamento dos mesmos da religião da infância. Enquanto alguns procuraram seus próprios caminhos, outros se afastaram de qualquer forma de prática religiosa. Isso ocorreu devido aos laços frágeis que os ligavam às religiões de origem ou porque a própria vivência suscitou questionamentos em relação não apenas àquela crença, mas também à estrutura das referidas igrejas.

Outro aspecto que merece destaque é a escolaridade. Esse ponto é especialmente importante porque a escolaridade é um dos indicadores da diferenciação desse grupo dos demais jovens entrevistados durante o trabalho de campo. Dois dos cinco jovens entrevistados estavam cursando o Ensino Superior no momento da pesquisa. Frederico estava no 3º ano de Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política e Sofia cursava o 2º ano de Pedagogia no Centro Universitário São Camilo. As duas instituições de Ensino Superior em questão são privadas, sendo que esse custo é alto para as famílias de ambos os entrevistados. A faculdade nos dois casos é uma realidade possível devido a programas estatais de bolsas e financiamento de estudos, principalmente no caso de Sofia.



Frederico foi beneficiado pelo programa Escola da Família<sup>32</sup> e recebe uma bolsa de cinquenta por cento da mensalidade, fornecida pelo Governo do Estado de São Paulo. Como contrapartida ele deve participar do projeto Escola da Família, nos finais de semana, elaborando um projeto próximo à sua área que será realizado com a comunidade da escola a qual foi designado. Sofia é beneficiária do programa federal Prouni<sup>33</sup>, que oferece bolsas de estudo aos estudantes que não têm condições de custear a formação universitária. Sofia recebeu uma bolsa de cem por cento para o curso de três anos de duração. Para ter acesso a esse tipo de benefício concedido por políticas públicas é necessário não apenas cumprir os requisitos exigidos, mas ter também o conhecimento da existência das mesmas e dos procedimentos. Além disso, no caso do Prouni uma nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) auxilia a obtenção da bolsa. Essa prova é composta principalmente por questões de interpretação de texto, raciocínio lógico e conhecimentos gerais. Essa avaliação possui um caráter diferente das provas dos principais vestibulares, pois não exige um alto nível de conhecimento técnico, principalmente em disciplinas da área de exatas.

As outras três jovens possuem o Ensino Médio completo. Mas, Edna e Joana fazem cursinho preparatório para o vestibular; com o auxílio da Ação Educativa elas conseguiram bolsa no cursinho preparatório da Poli. Alice afirmou que tem intenção de fazer uma faculdade e que conhece os programas estatais de auxílio, mas no momento está com o foco em outras questões.

Uma observação sobre a escolaridade desses jovens revela-nos que, independentemente das condições financeiras e das dificuldades para cursar uma universidade pública, eles conseguem obter o acesso à educação formal por outras vias. Seja por programas públicos, seja por meio do auxílio concedido pela Ação Educativa, de alguma maneira eles encontram alternativas para a realização do Ensino Superior, que possui uma significativa importância dentro de suas expectativas. No caso desses jovens, no acesso à educação superior, mais relevante do que a renda são recursos de outra natureza,

---

<sup>32</sup> O Programa Escola da Família é um programa do Governo do Estado de São Paulo que concede bolsas de estudo em faculdades privadas, para estudantes que cursaram o Ensino Médio integralmente em escola pública estadual ou municipal. Sendo que um dos critérios utilizados para a seleção dos beneficiários é a renda familiar. Como contrapartida os beneficiários elaboram e executam projetos que serão aplicados no programa Escola da Família, com base nos conteúdos aprendidos nos cursos de graduação. A aplicação dos projetos ocorre nos finais de semana em escolas previamente selecionadas pelo programa. (<http://www.escoladafamilia.sp.gov.br>, acesso: 05/05/2009).

<sup>33</sup> O Prouni é um programa federal de concessão de bolsas universitárias em instituições privadas. São concedidas bolsas integrais para estudantes com renda familiar mensal de até 1 salário mínimo e bolsas parciais (50%) para estudantes com renda familiar mensal de até 3 salários mínimos. A realização do ENEM é condição obrigatória para a participação no programa, sendo exigida uma nota mínima de 45 pontos (média obtida entre a prova objetiva e redação). (<http://portal.mec.gov.br/prouni>, acesso: 05/05/2009).

seja a rede de relações sociais, o auxílio da instituição, o conhecimento e discernimento que lhes permite acessar determinados programas públicos.

### *Trabalho*

A seguir é apresentada uma tabela que sistematiza algumas informações sobre o trabalho desses jovens:

**QUADRO V: Grupo 02 – Trabalho**

<b>Nome</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Idade do 1º trabalho<sup>34</sup></b>	<b>nº de trabalhos que teve</b>	<b>nº trab. s/ registro</b>	<b>nº trab. registrados</b>
<b>Frederico</b>	Cooperativa	19	2	2	0
<b>Edna</b>	Cooperativa / Creca	13	6	5	1 (atual)
<b>Alice</b>	Desempregada (free-lance)	17	4	3	1
<b>Joana</b>	Cooperativa / Creca	14	3	2	1(atual)
<b>Sofia</b>	Cooperativa	8	4	4	0

Alice é a única dentre esses jovens que não faz parte da Cooperativa. Ela está desempregada, mas afirmou que faz alguns trabalhos como *free-lance* na área de audiovisual, já que, assim como os demais, fez o curso “Vídeo, Cultura e Trabalho” (VCT), promovido pela Ação Educativa.

Como já foi dito anteriormente, quatro dos cinco jovens que compõe esse grupo formam uma cooperativa, que realiza trabalhos na área de educação e audiovisual. Esses jovens se conheceram no já citado curso, que teve duração de dois anos. Nessa ocasião, aprenderam a produzir e editar vídeos, assim como a manusear os equipamentos necessários para a realização desse trabalho. Durante o curso os jovens recebiam uma ajuda de custo, para cobrir principalmente as despesas de transporte e alimentação. Segundo os jovens, terminado o curso eles se depararam com a seguinte questão importante: O que fazer agora? Foi então que, com o auxílio da instituição, decidiram fundar a cooperativa, na qual colocam em prática os conhecimentos adquiridos. A cooperativa é uma organização autogestionária, que presta serviços, mas que também elabora e executa projetos na área social, que dependem da aprovação de programas de financiamento públicos ou privados. Quando não tem um projeto aprovado em andamento, como no momento da realização das entrevistas, a sobrevivência da cooperativa e a renda de seus integrantes dependem totalmente da realização de trabalhos contratados, que não são constantes ou regulares. Dessa forma, não há uma frequência ou rotina de trabalho, assim como os jovens se veem desprovidos de

<sup>34</sup> Nesse caso são considerados apenas trabalhos remunerados.

qualquer renda. Mas, antes de pensar a respeito da condição presente em relação ao trabalho, vamos nos concentrar em outras questões, como a percepção do que é estar trabalhando e as trajetórias no mercado de trabalho.

Começaremos com as trajetórias desses jovens no mercado de trabalho. A tabela acima apresenta as idades com que esses jovens começaram a trabalhar. Sofia e Edna começaram a vida ativa muito cedo e são as duas que exerceram o maior número de trabalhos. Abaixo estão apresentados os trabalhos de cada um, a respectiva idade e o tempo aproximado de duração:

**Frederico:** Atendente de lanchonete (19 anos): 4 dias. Cooperativa (21 anos): 2 anos (atual).

**Edna:** Garçonete (13 anos): 3 meses. Babá (14 anos): 1 ano. Empregada doméstica (15 anos): 2 anos. Entregadora de panfleto no farol (16 anos): 1 dia. Cooperativa (18 anos): 2 anos (atual). Educadora (20 anos): duas semanas (atual).

**Alice:** Secretária (17 anos): 1 ano. Educadora (escola particular) (?): pouco tempo. Oficineira (Projeto social) (18 anos): 1 ano. Educadora (Casa de Acolhida) (20 anos): 6 meses.

**Joana:** Plantão Jovem (projeto social da Prefeitura de SP) (14 anos): 1 ano. Cooperativa (16 anos): 2 anos (atual). Educadora (Creca) (18 anos): duas semanas (atual).

**Sofia:** “fazendo sacolinhas” (8 anos): 2 meses. Babá/ lavando roupas (12 anos): 3 anos. Atendente de papelaria (15 anos): 2 anos. Cooperativa (19 anos): 2 anos (atual).

Antes de analisar as trajetórias dos jovens é preciso, mais uma vez, lembrar a dificuldade já mencionada de tentar reconstruir a trajetória dos entrevistados no mercado de trabalho. As respostas são muitas vezes incertas e imprecisas, o que foi demonstrado principalmente por Alice. Foi particularmente difícil precisar as idades e tempo de duração de cada trabalho, pois ela possui um forte engajamento social, que se reflete na sua grande experiência nessa área e, como ela mesma afirmou, a participação em alguns projetos vem acompanhada de remuneração. Assim, a entrevistada demonstrou uma grande dificuldade de conseguir tornar a sua experiência mais tangível e palpável para mim, pois foram muitos os projetos, inclusive simultâneos. Mesmo perguntando mais de uma vez, não consegui precisar a idade com que ela trabalhou na escola particular e nem o seu tempo de permanência que, segundo ela, foi curto, provavelmente entre dezessete e dezoito anos, já que ocorreu entre os dois outros trabalhos.

A partir do que foi apresentado, é possível perceber algumas diferenças entre as trajetórias desses jovens. Todos eles estão inseridos na área social, há pelo menos dois anos, mas as experiências anteriores, no início de suas vidas profissionais não são as mesmas. De todos, Frederico foi o que teve menor número de trabalhos, sendo que o primeiro durou apenas quatro dias. Isso parece estar fortemente associado às condições financeiras da sua família, pois quando perguntado se procurou esse emprego porque precisava, ele respondeu:

*Frederico: (...) precisar, precisando tal não né. Mas tem essa coisa de querer começar a trabalhar, querer criar uma independência, né, e aí eu fui procurar, mais fácil do que trabalhar em lanchonete só telemarketing né, e aí foi assim, não necessariamente não precisava tanto, porque o custo de trabalhar não valia o salário.*

Como já foi dito, Alice possui uma grande experiência na área social, mais do que isso, possui um interesse apaixonado, seu envolvimento, engajamento e militância impressionam. Isso se reflete na sua trajetória, à exceção do primeiro emprego como secretária em um escritório de advocacia, todos os outros estavam em alguma medida relacionados aos seus interesses, mesclando educação e audiovisual. A trajetória de Joana foi construída inteiramente nessa área, desde sua primeira experiência em projeto da Prefeitura até o emprego atual. De certa forma, Frederico, Joana e Alice possuem trajetórias um pouco mais parecidas, nas quais não há uma grande mudança do tipo de ocupação e inserção que distancie o passado e o presente.

O caso de Edna e Sofia é fundamentalmente diferente dos demais, elas começaram a trabalhar mais cedo e exerceram um leque mais diversificado de atividades. Edna começou a trabalhar aos treze anos de idade como garçomete, quando morava em uma pequena cidade da Região Metropolitana de Fortaleza, para onde se mudou com a mãe e o padrasto. A falta de adaptação ao trabalho e a falta de experiência como garçomete foram as principais razões para sua curta permanência no emprego. Pouco tempo depois, com a separação conjugal da mãe, ela se mudou para Fortaleza onde trabalhou como babá e depois como doméstica. Desse último emprego ela só saiu para voltar com a mãe para São Paulo. Essas três primeiras experiências estão fortemente relacionadas à necessidade de ajudar financeiramente a família:

*Edna: Ah... eu tinha pouca experiência né, também tinha uma formação meio precária, quando eu fui pra lá eu tava na sexta série, então... tinha alguma expectativa de vida já, tipo fazer faculdade tal, mas eu tinha noção de que faltava um longo período e de que eu precisava fazer alguma coisa até lá. E aí como a minha família tava precisando, tipo minha mãe assim que chegou lá, tipo seis meses depois ela se separou do marido com quem ela*

*tinha ido. E daí minha família ficou precisando tal, tipo cê tá em cidade nova, num Estado novo, a gente não tinha família lá, a idéia foi mesmo ir trabalhar pra ir ajudando.*

Quando voltou para São Paulo, Edna conseguiu um emprego de entregadora de panfletos em farol, no qual ficou apenas um dia, porque passaram com o carro por cima do pé dela. É interessante notar na sua entrevista que ela se refere a esse emprego em um tom muito diferente daquele utilizado ao se referir às outras experiências, se posiciona de uma forma mais crítica, enfatizando e detalhando as difíceis condições de trabalho. Um dos indicadores de sua avaliação negativa desse trabalho é a frase empregada para explicar sua saída: “eu não mereço isso”. De fato, o trabalho era desgastante e mal-remunerado, mas com o prosseguimento da entrevista percebemos que sua atitude também mudou em relação ao “ato de trabalhar”. Depois de aproximadamente quatro anos trabalhando, Edna decide que naquele momento ela queria se concentrar nos estudos, e também relaciona esse momento com problemas familiares. Além disso, já em outra passagem da entrevista, a jovem fala que, por volta dessa época, teve um sério problema de saúde e que teve que interromper várias atividades, como os estudos, por exemplo. Sua próxima ocupação já foi na cooperativa, aos dezoito anos de idade, depois de realizado o já mencionado curso.

Com relação à história de Sofia, o primeiro fato que chama a atenção é a pouca idade do primeiro trabalho. Ela começou fazendo sacolas plásticas no quintal de uma vizinha aos oito anos, como relata:

*- Você já trabalhou?*

*Sofia: (...) Eu trabalhei... eu comecei a trabalhar com quinze anos... na verdade antes dos quinze eu... minha mãe sempre... eu e a minha irmã começamos a trabalhar muito cedo, aí a gente fazia sacolinha quando era criança, nessas fábricas meio clandestina de fundo-de-quintal, muito cedo, muito cedo. Eu lembro que quando eu tinha oito anos eu já fazia sacolinha, mas eu fiquei lá uns dois meses e... depois eu saí, depois eu comecei... quando eu fiz acho que doze anos eu comecei a cuidar de criança dos outros, aí eu ganhava uns trocados, lavava roupa também pros outros.*

*- Você trabalhava algumas horas?*

*Sofia: Nem lembro quantas horas eu trabalhava, eu era muito nova... mas é muito engraçado porque hoje em dia que eu tenho a dimensão que eu trabalhava antigamente não era pra mim um trabalho em si.*

*- Você não percebia como um trabalho.*

*Sofia: É... pra mim era uma coisa que eu fazia e conseguia dinheiro, daí que tanto que todo mundo falava assim “Você já trabalhou?”, “O primeiro trabalho que eu tinha era com quinze anos”. Hoje em dia que eu falo não, aquilo ali foi um trabalho também.*

Quando perguntada se os pais a incentivavam a trabalhar ela responde:

*Sofia: Não nem tanto, porque meus pais nunca falaram “Você tem que trabalhar”, mais agora que eu cresci que eles ficam me enchendo o saco, mas antigamente, porque os meus pais... meu pai ganhava pouco, ele tinha uma funilaria, ele era autônomo, mas ele bebia, todo o dinheiro que ele ganhava, ele gastava em bebida, minha mãe trabalhava em um orfanato, mas o dinheiro que ela ganhava era pra sustentar a casa assim, o básico do básico, daí eu e minha irmã começou a trabalhar mesmo pra comprar nossas coisas.*

Como ficou evidente nesses excertos, só é possível entender a primeira experiência de trabalho de Sofia considerando o contexto social e familiar em questão: a pequena remuneração dos pais, o problema de alcoolismo paterno, que reduzia ainda mais a renda familiar, a existência de fábricas clandestinas na periferia, que empregam crianças para reduzir os custos de produção, funcionando sem nenhuma regularização ou fiscalização. Depois desse trabalho de curta duração, já com doze anos, Sofia cuidou de crianças e lavou roupas para fora durante aproximadamente três anos. Talvez um dos pontos mais interessantes da fala de Sofia nesse excerto consista justamente na sua incapacidade de perceber essas duas situações como trabalho, essa consciência só foi adquirida recentemente. Não há dúvida de que foram situações de trabalho, ela prestava um serviço e era remunerada por isso. Entretanto, por um lado, há a imaturidade, o desconhecimento da realidade social, a falta de consciência dos direitos por parte de uma pessoa que ainda não deixou a infância. A não percepção dessas situações como trabalho derivam de uma naturalização dessa realidade aos seus olhos de criança; aquela não era a experiência apenas dela, mas de sua irmã, das suas amigas, das outras crianças do bairro. Se agora ela pode afirmar com segurança que trabalhou muito precocemente, é porque hoje ela tem condições de situar as suas próprias experiências e a sua condição social em um referencial mais amplo. Por outro lado, há a natureza singular dessas situações de trabalho, que se estendem e se espalham pelas malhas da sociedade, aproveitando as brechas, fraquezas, vulnerabilidades, constituindo-se de formas pouco estruturadas. Assim, cuidar da criança da vizinha durante três anos, agora aparece aos seus olhos como uma situação típica de trabalho, não há contratação, qualificação, rotina definida, regularização e todos os outros elementos que se associaram historicamente ao ato de trabalhar, contudo existe remuneração, dedicação, esforço, responsabilidade, emprego de tempo.

Aos quinze anos, depois de uma briga com a mãe, ela saiu de casa, foi morar com a prima da mesma idade e procurou um emprego para se sustentar. Começou a trabalhar em uma papelaria, onde era atendente e ajudante. Ela ficou nesse emprego por dois anos, sem nunca ser registrada, nem receber qualquer benefício ou direito, como férias, hora extra, aviso prévio. Por fim, foi demitida sem nenhuma justificativa plausível. Além disso, ela

relatou ocasiões nas quais foi humilhada por seu patrão, inclusive na frente de clientes da loja. Ela afirma que suportou essa situação por necessidade, já que não morava mais com a mãe e precisava se sustentar, por isso se sujeitou aos constrangimentos morais do seu patrão e às condições de trabalho irregulares. Ela só voltou a trabalhar anos depois na cooperativa.

É difícil separar as trajetórias no mercado de trabalho de Edna e Sofia da história de suas famílias, não seria possível entendê-las de forma isolada. Não apenas porque as condições financeiras das famílias as impeliram ao trabalho, mas também porque o relacionamento com elas foi muito importante para definir a forma de agir em relação às suas próprias prioridades. Edna afirma em vários momentos que “estava brava” com a família, que por mais de uma vez saiu de casa, foi morar na casa de conhecidos por causa da impossibilidade de conviver com a família. A esfera do trabalho está intimamente relacionada a outras, a família é apenas uma delas. Outra esfera importante que pode influir no comportamento em relação à esfera do trabalho é a escola. Edna se refere aos seus primeiros empregos como colocações que estavam de acordo com a sua pouca escolaridade e experiência. O que parecia estar de acordo com aquele momento de sua vida, certamente hoje não seria observado da mesma maneira.

As narrativas das duas jovens acerca das suas primeiras experiências de trabalho demonstram a dificuldade de se compreender o exercício do trabalho precoce sem considerar as condições sociais das famílias de origem:

No aspecto específico do trabalho e da educação dos jovens da classe trabalhadora, a contradição se radicaliza, tendo em vista que a maior produtividade do trabalho não só não liberou mais tempo livre, mas, pelo contrário, no capitalismo central e periférico a pobreza, a ‘exclusão’ ou inclusão precarizada *jovializaram-se*. Ou seja, cresceu o número de jovens que participam de ‘trabalhos’ ou atividades dos mais diferentes tipos, como forma de ajudar seus pais a compor a renda familiar. E isso não é uma escolha, mas imposição de um capitalismo que rompe com os elos contratuais coletivos e os reduz a contratos individuais e particulares (...) Uma ideologia que aumenta sua eficácia na medida em que efetiva a interiorização ou subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social, das relações de poder (Frigotto, 2004, p. 197).

A precocidade de Edna e Sofia não é uma particularidade biográfica. Ao contrário, ainda que existam proibições legais com relação ao trabalho infantil, há um contexto que propicia esse tipo de prática, no qual se conjugam pobreza e oportunidades. O desenvolvimento do capitalismo não garantiu uma distribuição mais justa da riqueza, mantendo a desigualdade social; sem falar das redes de trabalho informais, que se espalham pela sociedade e criam oportunidades de utilização da mão-de-obra infantil. Além da

necessidade material, que empurra ao trabalho, há outro fator: a naturalização da situação. Não é uma experiência atípica, como nos relatou Sofia, ao contrário, ela foi testemunha desde cedo da utilização de crianças na realização dos mais diversos trabalhos no seu meio social. Não causava espanto, indignação ou revolta, esse tipo de reação é hoje o resultado da consciência desenvolvida a partir da sua formação posterior. Da mesma forma, as famílias não se opunham a essas práticas, dado que as rendas obtidas também eram importantes para a manutenção das mesmas, no caso de Edna era essencial. Sofia também relata que, no seu meio social de origem, há uma disseminação da opinião de que o trabalho desde cedo é favorável, pois pode garantir o não-envolvimento de crianças e jovens em atividades criminosas. Nas entrevistas realizadas com jovens por Oliveira esse fator também aparece como importante justificativa para a precocidade do início da atividade laboral: “O trabalho dos filhos também é importante porque contribui para a formação ética dos filhos” (Oliveira, 2001, p. 42), o que envolve não apenas o aprendizado de valores como responsabilidade e disciplina, mas também o afastamento dos filhos da marginalidade. A precocidade de entrada no primeiro emprego dessas duas jovens não é fato isolado na sociedade brasileira. Dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (Abramo e Branco, 2005) indicam que 20% dos entrevistados começaram a trabalhar antes ou aos treze anos<sup>35</sup>.

O que chama a atenção nas histórias de Edna e Sofia é que houve uma mudança de área nas suas trajetórias profissionais. Com o passar do tempo elas conseguiram desenvolver uma carreira e se estabelecer em uma área específica de interesse. Atualmente elas possuem experiência em cursos, atuação e participação no Terceiro Setor, além da experiência em trabalhos na área de audiovisual e educação. Elas conseguiram realizar uma transição importante profissionalmente. No passado elas tiveram ocupações que exigiam um baixo nível de qualificação e formação, com as quais não tinham nenhuma afinidade pessoal particular e que não representavam uma possibilidade de ascensão profissional. Hoje elas realizam trabalhos para os quais foi preciso preparação e formação, se identificam fortemente com o que realizam e projetam para o futuro uma continuidade de suas atividades presentes.

Como foi demonstrado acima, Sofia expressou dificuldade em reconhecer algumas atividades como trabalho. De fato, é interessante notar que empiricamente a identificação e a definição do que é e o que não é trabalho é singularmente delicada. As atividades que realizam e as formas de inserção são tão diversas que por vezes os próprios jovens revelam alguma dificuldade em reconhecer certas situações como trabalho. A própria cooperativa

---

<sup>35</sup> A pesquisa entrevistou 3501 indivíduos com idades entre 15 e 24 anos, de 198 municípios do país.



aparece como uma situação dúbia em alguns momentos, o que fica claro nas hesitações de Frederico:

*- A sua ocupação no momento está relacionada ao projeto?*

*Frederico: Eu tô... eu faço parte da... (pausa) de uma... de um grupo que... pretende ser uma cooperativa de... que trabalha com audiovisual e educação. Que é a Microlhar.*

*- E você considera essa atividade como um trabalho?*

*Frederico: Considero um trabalho (pausa) é é... uma forma de trabalho*

*- Quantas pessoas trabalham na sua casa?*

*Frederico: Considerando eu trabalhando? (interrogativo)... são três.*

Nas duas situações acima Frederico demonstra uma certa hesitação em se assumir como alguém que está trabalhando<sup>36</sup>. Mesmo quando afirma que o grupo “pretende ser uma cooperativa” ele transmite a idéia de que sua sensação em relação a ela é marcada por algum grau de ambigüidade.

Uma hesitação diferente é demonstrada por Joana:

*- Com que idade você começou a trabalhar?*

*Joana: Trabalhar trabalhar ou... porque trabalhar, trabalhar assim como se diz eu nunca trabalhei, que vai ser a primeira vez que a minha carteira vai ser assinada...*

Por um lado, essa resposta de Joana indica a dificuldade de categorizar aquilo que é diferente do que está representado socialmente como inserção normal no mercado de trabalho e, por outro, revela como é forte inclusive para os jovens como ela que transitam por formas alternativas de inserção essa representação social sobre o trabalho.

A mesma situação não se repete em relação aos outros membros da Microlhar, que são mais seguros ao considerar a sua participação na cooperativa como trabalho. Essa posição particular em relação à cooperativa deriva justamente da dificuldade anteriormente mencionada de ser esse trabalho uma ocupação regular e constante.

Além disso, para esses jovens em particular, que possuem uma trajetória de trabalhos em projetos sociais e de realização de cursos oferecidos por organizações do Terceiro Setor, é ainda mais difícil definir o que pode ser considerado trabalho. Quando um jovem realiza um curso e recebe uma ajuda de custo para suas despesas não é possível afirmar que ele está trabalhando, mas, ao mesmo tempo, essa renda pode ter uma importância significativa, que

---

<sup>36</sup> É preciso afirmar que, nas referidas passagens citadas da entrevista de Frederico, sua hesitação não se expressa apenas no que é verbalizado, mas, principalmente, na forma como é dito, isto é, na entonação utilizada. Infelizmente, essa percepção não pode ser devidamente captada com a transcrição da entrevista.

lhe permita não trabalhar. Dessa forma, contabilizar quantos empregos um jovem teve pode ser pouco significativo do ponto de vista da compreensão da sua trajetória.

Outra demonstração da ambigüidade em relação ao trabalho realizado na cooperativa deriva do fato de estarem duas das integrantes trabalhando em outro emprego no momento das entrevistas. Como foi dito, Edna e Joana trabalham como educadoras do CRECA (Centro de Referência da Criança e do Adolescente). Segundo eles me relataram, o primeiro semestre desse ano foi muito difícil para a cooperativa, pois não conseguiram ter projetos aprovados e os trabalhos foram escassos e insuficientes para garantir alguma renda regular para os integrantes. Dessa forma, eles se viram obrigados a procurar empregos, inclusive para manter o trabalho na cooperativa, isto é, para conseguir uma fonte de renda que permitisse custear alguns gastos, como a condução, por exemplo.

O emprego conseguido no CRECA é registrado, mas não é ainda fonte de segurança para as jovens, pois a contratação ocorreu em regime de urgência, sendo que o contrato de trabalho possui um prazo de duração de noventa dias, com uma possibilidade, mas não certeza de renovação. Isso prova que o registro em carteira não necessariamente representa uma inserção mais segura. Por outro lado, esse trabalho é adequado aos planos das jovens, pois o emprego nesse momento foi uma necessidade, mas ambas afirmaram veementemente que a prioridade é a cooperativa, assim, na impossibilidade de conciliar as duas coisas há uma preferência por manter as atividades da cooperativa. Inclusive é interessante observar como Joana e Edna se referem ao ato de trabalhar nesse momento:

*Edna: inclusive (...) a gente foi pra dinâmica de seleção e aí falaram nosso nome tal, e a gente veio comentando (...) “Ah o grupo não vai precisar acabar tal”, é mais ou menos uma estratégia também de conseguir continuar com o grupo.*

*Joana: (...) pra mim eu não queria entrar de cabeça em uma coisa, igual eu entrei no Creca, e é complicado você entrar nessa coisa que que... te pede muito e você chegar no tempo, igual se eu conseguisse entrar numa coisa que é mais a minha área, educação, essa parte assim, e aí eu deixasse, se o VAI<sup>37</sup> passasse eu ia ter que deixar, eu queria entrar numa coisa que eu não ficasse com peso na cabeça né, na consciência, se entrasse no telemarketing, dane-se se eu deixasse, porque não é aquilo, aquilo é só pra dar um tempo até o nosso grupo estabelecer um pouquinho.*

Como fica evidente nas falas de Joana e Edna, o trabalho nesse momento é uma necessidade, mas a Cooperativa ainda é uma prioridade, tanto que Joana preferia conseguir

---

<sup>37</sup> Criado em 2003, o VAI, Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais, é um programa municipal que oferece financiamento anual para projetos de atividade artísticas e culturais, desenvolvidos por jovens com idades entre 18 e 29 anos. Sendo que há uma orientação do programa em contemplar principalmente projetos desenvolvidos por jovens de baixa renda, a serem aplicados em regiões desprovidas de recursos e equipamentos culturais. (<http://www.deensp.org.br/portal/index>, acesso: 05/05/2009).

um emprego com o qual não tivesse alto grau de identificação e de responsabilidade, já que de acordo com os seus planos, esse emprego seria abandonado assim que possível para uma dedicação exclusiva ao trabalho do grupo. Esse é um bom exemplo de como um jovem pode adotar comportamentos diversos em relação ao mercado de trabalho dependendo da situação presente. Nesse caso, a melhor inserção não era aquela que proporcionasse um trabalho na área de sua preferência, nem o trabalho mais agradável, ao contrário, era o que lhe propiciasse renda com pouco comprometimento. É muito importante considerar que o comportamento frente ao mercado de trabalho muda conforme a situação vivenciada. Não apenas a conjuntura, a situação financeira, o relacionamento com a família, mas também com relação aos desejos e expectativas daquele momento.

Os jovens entrevistados deram vários exemplos de momentos em que transitam entre situações diferentes: inativo, empregados e desempregados. Em praticamente todos os relatos é possível perceber como essas condições se alternam em suas vidas e como são determinadas pelos mais diversos fatores. Isso é ainda mais comum durante o período escolar, onde o trânsito entre a ocupação e a inatividade tende a ser ainda mais freqüente, principalmente no caso de Sofia e Edna que começaram a trabalhar mais cedo. Há ainda o outro fator já mencionado relacionado com a participação desses jovens em cursos que garantem uma ajuda de custo. Durante os anos de realização do curso da Ação Educativa (VCT), do qual todos fizeram parte, nenhum deles estava trabalhando. Em primeiro lugar, porque seria difícil conseguir tempo para conciliar as duas atividades; em segundo lugar, porque a ajuda de custo representa uma renda capaz de fazer da inatividade uma possibilidade. Sem essa remuneração a realização do próprio curso poderia ter se tornado inviável. Mas, esse trânsito entre diferentes posicionamentos com relação ao mercado de trabalho não é apenas uma característica distintiva da juventude ou dos entrevistados em particular, ao contrário, esse comportamento está de acordo com o funcionamento do mercado de trabalho brasileiro. Segundo Brandão, Watanabe, Ferreira e Montagner:

Mercados de trabalho como o brasileiro tendem, em momentos de alterações no ritmo de crescimento da economia, a se ajustar por meio de três mecanismos: fluxos entre ocupações e desemprego; variações nas taxas de participação; mudanças internas ao contingente de ocupados e ajustes nos níveis salariais entre os ocupados (2006: p. 93).

Os autores ressaltam que na primeira metade da década de 90 houve um importante ajustamento entre a População em Idade Ativa (PIA) e a População Economicamente Ativa (PEA), isto é, um movimento de saída e retorno ao mercado de trabalho, originando uma mão-de-obra potencial. Além disso, observou-se a existência de fluxos importantes entre

ocupação e desemprego e na movimentação de ocupados por postos de trabalho diferentes. Essas informações salientam uma característica importante desse mercado de trabalho: a instabilidade da inserção, representada pelo curto tempo de duração de uma ocupação e trânsito entre situações de ocupação, desemprego e inatividade. Assim, se esse comportamento é observado nas trajetórias dos entrevistados, não é possível afirmar que a sua razão está única e exclusivamente ancorada em decisões e momentos pessoais, há um contexto maior, um modo de funcionamento do mercado de trabalho brasileiro. Os jovens constituem apenas um grupo social que está mais propenso a se retirar do mercado de trabalho em alguns momentos, favorecidos pelas suas posições de estudantes e dependentes das famílias de origem, por exemplo.

Esse trânsito constante entre diferentes situações também propicia a existência de situações que são difíceis de definir, como o caso de Alice:

- *Você trabalha?*

*Alice: Atualmente não, só free-lance assim.*

*Alice: (...) geralmente isso as pessoas chamam né, conhece um, que conhece outro que acaba chegando né, então... você vai fazer um evento, você filma uma festa ou um evento cultural e às vezes rola uma grana ou não, às vezes o evento é tão cultural que os caras não tem grana, e você vai assim mesmo porque você gosta e tudo mais, e enfim vai indo né...*

Em outro momento da entrevista Alice afirma que mandou currículos para vários lugares e espera ser chamada para alguma entrevista. Ela é ao mesmo tempo desempregada e free-lance. Ela mesma afirma que não está trabalhando no momento, ainda que realize alguns trabalhos esporadicamente. A sua forma de obter alguma remuneração é dispersa e eventual, se mistura e confunde totalmente com as outras atividades que permanece fazendo por militância e engajamento nas causas sociais. Inclusive porque em outro momento da entrevista, Alice deixa claro que reconhece a sua participação em projetos sociais como um trabalho:

*Alice: Olha eu comecei trabalhar... na realidade eu comecei a trabalhar em projetos sociais com quinze anos assim, que eu comecei a me articular com quinze anos, mas acho que no trabalho mesmo que minha família considera um trabalho, deixa eu pensar... no meu primeiro emprego... acho que foi mesmo no escritório de advocacia, não foi... foi no escritório de advocacia mesmo.*

Há uma dissonância entre a representação do que é trabalho para Alice e para sua família. Ela reconhece seu esforço, dedicação, envolvimento nas atividades que realiza e associa tudo isso ao ato de trabalhar, que não é caracterizado simplesmente pela renda

obtida. Entretanto, ela tem consciência da diferença da sua concepção daquilo que é aceito socialmente. O que é expresso em sua família, mas não apenas nela, pois quando perguntada se ela estava trabalhando, ela responde que não, pois ela tem consciência do objeto ao qual me refiro. Assim, mesmo que realize diversos trabalhos, ela não hesita em definir sua posição no mercado de trabalho, ainda que posteriormente explicita sua própria visão e entendimento sobre as coisas que realiza.

A mesma situação é relatada por Sofia em relação ao trabalho que realiza na cooperativa:

*Sofia: Quando eu falo que eu tô fazendo algum trabalho eles não acreditam que é um trabalho realmente, eles acham o estilo da Cooperativa... pra eles tem que ter um patrão, eu recebo as ordens, tenho que ter um salário fixo, todo aquele vínculo trabalhista e a gente não tem*

Os jovens foram questionados sobre suas percepções do mercado de trabalho. De maneira geral, todos ressaltaram as condições desfavoráveis do mercado de trabalho, mas com algumas diferenças importantes. Sofia resalta as dificuldades do mercado de trabalho para a população em geral:

*Sofia: Ah, muito, eu fico olhando pra minha mãe, minha mãe tá com quarenta anos agora, ela trabalhou treze anos num negócio e agora vai fazer... tá com quarenta anos, eu tenho 21, tenho ensino acadêmico, tô fazendo ensino acadêmico e é muito difícil pra mim, pra minha mãe é impossível, ela procura, procura, só arruma de empregada doméstica, não sei o que, e ganha muito pouco, aí eu falei “mãe, não vai fazer isso”, aí ela tá trabalhando de fazer tapete, ganha um real por tapete.*

*- Mas você acha que é mais difícil para o jovem? Você acha que é difícil para todo mundo?*

*Sofia: Pra todo mundo, pra minha mãe eu acho que é mais cruel, porque ela é analfabeta, então é muito mais difícil.*

*- Então você está me dizendo que têm outras coisas que tornam difícil conseguir um emprego?*

*Sofia: Na verdade tudo... o mercado de trabalho tá difícil pra todo mundo, todo mundo a não ser que você tenha uma formação muito foda, que normalmente são um pessoalzinho de classe média alta, que se dedicam totalmente aos estudos, não sei o que, que tem aquela puta formação, é muito mais fácil, agora se você não tem essa formação, fica muito mais cruel, porque se você tiver um ingresso pior, pra conseguir um posto que já é precarizado, a tendência é continuar naquilo pro resto da sua vida.*

É possível perceber por esse trecho da entrevista de Sofia que ela reconhece as dificuldades do mercado de trabalho, mas identifica a existência de uma relação entre tais vicissitudes e algumas características pessoais do trabalhador, como grau de instrução e idade. Essa percepção está fortemente influenciada pelo exemplo próximo de sua mãe. Quando ela fala da formação há uma forte associação entre esse elemento e a classe social

de origem, os indivíduos de classe média alta têm a possibilidade de se preparar melhor para o mercado de trabalho. Alice também faz uma análise baseada em classe social, em um tom inclusive mais enfático:

*Alice: (...) pra qualquer jovem de periferia, primeiramente eles acabam pegando o que dá dinheiro, então é o trabalho super precário, aqui no centro é super comum você ver jovem que é carregador de água, de gás, de compra, é guarda carro, lava carro, enfim, o subemprego; então os subempregos em São Paulo tá bem alimentado pelos nossos jovens assim, tá muito presente...*

Ao ser questionada sobre o mercado de trabalho, Alice imediatamente responde sobre as condições para os jovens da periferia. É interessante notar que ela não baseia sua resposta nas suas experiências pessoais, ou na sua possibilidade de conseguir um emprego, mas realiza espontaneamente um recorte muito preciso de classe social. Diferente de Sofia que fala da sua formação, da formação de sua mãe e fornece uma resposta moldada a partir de um ponto de vista mais individual, Alice constrói sua percepção principalmente a partir da realidade que ela observa e do discurso no qual está inserida. Quando questionados sobre isso, todos os jovens fazem, em algum nível, uma menção à realidade social em geral, mas sempre há um elemento que marca sua própria condição. Talvez em consequência do seu forte grau de engajamento, esse tipo de posicionamento apareça algumas vezes durante a entrevista de Alice. Em outras palavras, em algumas perguntas para as quais as respostas dos jovens costumam ser moldadas a partir de um ponto de vista mais pessoal e biográfico, no caso de Alice aparecem respostas mais genéricas sobre classes sociais ou a realidade em geral.

Joana também enfatiza a relação entre a dificuldade de se conseguir um emprego e as características pessoais do trabalhador.

*Joana: quando você consegue, ou senão quando você... ah, você vai trabalhar aqui, você tem que se mostrar pro público, ah não você é gorda, você não consegue.*

*- Você acha que existe isso?*

*Joana: Tem, tem porque eu já passei por isso.*

*- Você acha que aparência...*

*Joana: Sério se eu fosse... se eu tivesse algum Poder Legislativo eu acho ridículo mandar currículo com foto, isso é absurdo, isso é degradante pro ser humano, um currículo com foto, quer dizer que o que tá escrito ali no meu currículo não funciona, só minha foto, você é gorda, você é negra, ou quando você tá na dinâmica de trabalho ou você falou muito ou você falou pouco.*

*- Você acha que o fato de ser negra influi?*

*Joana: Influi, eu acho que são os três pontos... eu ser negra, ser gorda e ser mulher. Esses três pontos são muito...*

Joana nos relata de um ponto de vista muito pessoal as questões que estão colocadas na sua procura por emprego. A partir de sua própria experiência ela identifica os preconceitos sociais que ainda são barreiras para a contratação de uma pessoa como ela. Neste caso, não é a formação ou a classe social que estão em questão, mas suas características pessoais, seu gênero, sua cor e a sua aparência. A formação pode ser adquirida, mas essas características citadas por Joana são parte de sua identidade, de sua origem, de sua individualidade. O que Joana nos diz é que qualquer interpretação superficial sobre as possibilidades de inserção que levem em conta apenas classe social ou qualificação não são eficientes, podem diminuir o peso de outros atributos, pois muitos são os elementos que podem influenciar na contratação ou não de uma pessoa por uma empresa. Joana afirma que já sentiu esse preconceito em diversas dinâmicas que fez, através dos gestos, fala, comportamento, expressões, percebeu um tratamento diferenciado por parte dos contratantes. Sendo que, para as vagas nas quais concorreu, foram contratadas pessoas que não se pareciam com ela; ela afirma que há uma preferência por homens e por mulheres loiras e magras. Ao analisar o padrão de inserção ocupacional dos jovens na década de 90, Pochmann afirma que, em épocas recentes, a economia brasileira foi incapaz de gerar postos de trabalhos qualificados e estáveis suficientes para absorver a mão-de-obra em ascensão. Por essa razão, os jovens são obrigados a concorrer com adultos mais experientes e qualificados, mesmo para postos de trabalho que exigem pouca qualificação e oferecem baixa remuneração. Isso gera um cenário de alta competitividade no mercado de trabalho:

Há indícios de que os requisitos contratuais têm sido crescentes, pois, diante da abundância de oferta de mão-de-obra, tendem a crescer os mecanismos de discriminação de trabalhadores com menor escolaridade e experiência profissional. O acirramento da competição no interior do mercado de trabalho faz com a discriminação tenha maior incidência, em especial, sobre jovens e mulheres. (Pochmann, 1998, p. 57).

Com base no relato de Joana, é possível afirmar que, no cenário de acirramento da competição no mercado de trabalho, outros preconceitos sociais são também determinantes nas possibilidades de inserção. Ainda se verifica uma segregação ocupacional por gênero, isto é, permanece a concentração de mulheres em determinadas ocupações, que criam “espaços de trabalho socialmente diferenciados e hierárquicos” (Oliveira e Ariza, 2001, p. 88). Há diversos indicadores que revelam a diferença ocupacional das mulheres no mercado de trabalho, como, por exemplo, a predominância de mulheres nas contratações em tempo parcial e a discriminação salarial (Oliveira e Ariza, 2001). O quadro de desigualdade também se repete quando se observa a inclusão de negros no mercado de trabalho. Assim

como as mulheres, os negros também enfrentam uma diferença de oportunidades nessa esfera. Dados do relatório *Os negros no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo* (Seade, 2008), com base na PED, mostram que a participação de negros entre os desempregados (42,9%) superava em 2007 a participação dessa parcela no contingente total da população economicamente ativa (36,1%), revelando uma desigualdade de inserção no mercado de trabalho de negros e não-negros. O quadro é ainda mais desfavorável para as mulheres negras: sua taxa de desemprego total era de 20,4% enquanto a taxa de desemprego dos negros era de 17,6%, e a dos não negros de 13,3%. O que Joana salienta é que as características pessoais e sociais influenciam as chances de seleção, como afirma Rodrigues:

O rigor adotado para empregar as pessoas dificulta o reingresso de certos grupos de trabalhadores ao mercado de trabalho. A seletividade do mercado opera por diferenciação, mediante princípios de exclusão, que acentuam as diferenças existentes entre as pessoas que competem no mercado. Nesse processo, fatores como idade e sexo (de caráter adscritivo) e escolaridade e qualificação determinam, de maneira variável e conforme o contexto – cultura, religião, nação – a permanência ou não de uma pessoa em um emprego, ou definem limites ao seu reingresso ao mercado de trabalho (Rodrigues, 2005, p. 153).

Para Joana essas características são uma barreira à entrada no mercado de trabalho, assumindo, no seu relato, forte papel explicativo com relação à sua dificuldade de inserção profissional. As discriminações de gênero, racial e estética se manifestam de forma mascarada e não declarada nos processos seletivos, dado que a escolha de um candidato não respeita apenas critérios objetivos, como escolaridade e experiência, ao contrário, está sujeita aos preconceitos e discriminações das pessoas responsáveis pelas seleções. É importante enfatizar que Joana não acredita que tais situações sejam casos isolados, isto é, manifestações de preconceitos deste ou daquele entrevistador, são preconceitos sociais disseminados.

Outro elemento que aparece na entrevista de Joana é a dificuldade de colocação profissional do jovem como ela. Em primeiro lugar, porque ela não está estudando, já terminou o Ensino Médio e não está cursando Ensino Superior, não podendo se candidatar a uma vaga de estágio. Em segundo lugar, ela não possui experiência, sempre esteve ligada à área social em projetos e cursos que não a qualificam para a maioria das vagas disponíveis no mercado de trabalho. Os cursos em ONGs que ela realizou não oferecem certificação profissional fazendo com que as suas experiências e a sua formação tenham pouco valor no momento de conseguir um emprego. Assim, ela afirma que conseguiu esse emprego no



CRECA porque também é ligado ao Terceiro Setor, onde os preconceitos são menores e as suas experiências são mais reconhecidas.

Joana afirma que tem dificuldades para conseguir um emprego, mesmo não sendo seletiva em relação às vagas. Por sua vez Alice afirma que o problema não é a falta de empregos, mas a qualidade das ocupações e a discrepância entre as mesmas e a personalidade do jovem. Ela enfatiza que existem empregos, mas a dificuldade está em se “submeter” a esses empregos, pois para ela alguns trabalhos, como na área de vendas, poderiam ser fonte de infelicidade. Mesmo procurando emprego ela diz que não se candidata para nenhuma vaga de telemarketing<sup>38</sup> ativo, pois sabe que ela seria incapaz de realizar a função da forma devida, pois certamente não acreditaria no produto oferecido. Assim, ela demonstra algum grau de seletividade na sua busca, ainda que esteja numa situação financeira muito delicada e tenha necessidade de obtenção de renda, ela ainda procura fazer uma busca relativamente direcionada. Por exemplo, aceitaria trabalhar em telemarketing receptivo<sup>39</sup>, mas não ativo, pois a primeira opção seria menos “dolorosa” do que a segunda. Por outro lado, em outro momento da entrevista, ela afirma que possivelmente aceitaria um emprego que a fizesse infeliz se fosse estritamente necessário.

Assim como Alice, sobre as percepções do mercado de trabalho, outros entrevistados não se detiveram nas barreiras existentes à inserção, abordaram também a natureza das vagas. Edna ressalta a desvalorização da mão-de-obra jovem, pois este está sujeito ao peso daquilo que é disseminado acerca da juventude, isto é, a existência de estereótipos sociais. Nesse sentido, ela parece um pouco incerta sobre a razão que faz com que o jovem não seja valorizado profissionalmente, ela fala do posicionamento do jovem e também das generalizações que são feitas a partir do que é veiculado na imprensa sobre as atitudes de algumas “tribos” específicas. Mas, ainda que não saiba explicitar com clareza a causa, ela salienta que não há respeito ao jovem como profissional. Além disso, destaca que conhece poucos jovens que possuem empregos formais, com horário e rotina estabelecida, sendo que os poucos que conhece realizam trabalhos de baixa qualificação e perspectiva e reduzida remuneração. Os dados da PED revelam uma diferença significativa na remuneração média dos ocupados para o ano de 2006 (Anexo C), quando se considera a faixa etária. Os jovens com idades entre 15 e 17 anos possuíam um rendimento médio de R\$316,00 e os com

---

<sup>38</sup> É interessante notar que muitos dos entrevistados citam o emprego em telemarketing como uma das áreas que mais absorve mão-de-obra jovem e onde há o maior número de ofertas. A referência ao telemarketing aparece em diversas entrevistas.

<sup>39</sup> O telemarketing receptivo só recebe ligações em centrais de atendimento, por sua vez, o telemarketing ativo é aquele que realiza ligações para clientes ou consumidores e é muito utilizado para oferecer e vender produtos.

idades entre 18 e 24 anos de R\$679,00, enquanto que para a faixa etária seguinte, entre 25 e 39 anos, o rendimento médio era de R\$1.139,00. Essa diferença certamente está associada a diversos fatores, como qualificação, escolaridade, experiência no mercado de trabalho, natureza do vínculo e do trabalho. São todos requisitos que estão em construção durante a juventude. Entretanto, a generalização da afirmação de Edna pode estar também baseada nas características de seu grupo social e no tipo de experiência que possuem no mercado de trabalho. Observa-se ainda, nos dados da PED, que há uma variação relevante do rendimento médio dos jovens com relação ao grau de instrução (Anexo D). Observa-se principalmente um aumento dos rendimentos daqueles que concluem o Ensino Superior. Além disso, esses dados sugerem uma relação entre aumento da idade e a taxa de rendimento, pois os jovens da segunda faixa de idade (18 a 24 anos), com Ensino Fundamental Incompleto recebem remuneração superior aos jovens da primeira faixa (15 a 17 anos) que já concluíram o Ensino Médio. Essa diferença certamente não se deve à idade, provavelmente decorre da experiência profissional adquirida pela permanência mais prolongada no mercado de trabalho.

Ainda com relação à conquista do emprego, Edna e Joana enfatizam a importância da indicação. As redes de relações aparecem como importante fonte de informação sobre empregos, muitas vezes é por intermédio de amigos e conhecidos que eles ficam sabendo das seleções. Entretanto, as entrevistadas se referem à indicação no sentido estrito, isto é, da abertura de reais possibilidades de contratação a partir dessas redes.

Dessa forma, a trajetória no mercado de trabalho, as dificuldades, barreiras e oportunidades encontradas estão associadas aos mais diversos elementos que abrangem características pessoais e sociais. A situação do jovem no mercado de trabalho é ainda mais delicada devido à fase da vida que atravessa. É um momento de transição em que diversas esferas da vida estão em construção, um momento específico no qual os jovens tentam conciliar suas vontades nas mais diversas esferas.

Sofia critica a forma como o trabalho está estruturado na nossa sociedade, para ela não há uma valorização do trabalhador em geral, antes há uma prioridade por garantir os lucros, o faturamento das empresas. Ela rejeita também o modelo de trabalho que exige que o indivíduo se dedique a isso durante oito, doze horas por dia. Para ela o trabalho deve garantir a sobrevivência e não ser a principal “razão” da vida das pessoas, aquela que atribui sentido à sua existência. Assim ela revela sua vontade de conseguir conciliar outras atividades com o exercício profissional:

*Sofia: mas o pior é trabalhar muito, porque eu vou trabalhar doze horas, oito horas, a vida é tão curta, porque eu não posso trabalhar quatro horas e ter outros tempos pra mim curtir realmente, pra mim o trabalho é um subsídio pra mim viver, ele não é o fim de tudo, então por isso que pelo menos aqui ele respeita o meu tempo...*

*Sofia: (...) o mercado de trabalho, pra mim ele é tão cruel, tão cruel, porque até mesmo quando você gosta do que você faz, você acaba se martirizando, se flagelando, não se permitindo tantas coisas, que muitas vezes você não percebe, só quando você chega num bom processo, que você percebe...*

Nessa última passagem ela faz uma referência ao trabalho que fazem na cooperativa. Ainda que não estejam subordinados a um padrão hierárquico e não possuam uma rotina de trabalho determinada, por vezes eles prestam serviços para terceiros e são compelidos a produzir no ritmo do mercado. Portanto, mesmo sendo um trabalho que ela aprecia, realizado através de uma organização autogestionária ela se sente em alguns períodos “sufocada” pelo trabalho que se impõe frente a todas as outras atividades que ela poderia realizar. A crítica em relação ao tempo destinado ao trabalho também foi mencionada pelos jovens entrevistados por Oliveira (2001), o trabalho não deve ocupar o tempo de vida que deveria ser destinado a outras dimensões: “a vida não é só trabalhar” (2001, 49).

Quanto à desvalorização da mão-de-obra jovem, eles afirmam que isso ocorre também na área de atuação deles, pois mesmo quando conseguem ter projetos aprovados por algum programa de financiamento, a remuneração prevista para os educadores deve ser pequena. Segundo os quatro entrevistados que compõem a Cooperativa, há uma desvalorização dos projetos que são escritos e executados por jovens. Há uma preferência por projetos nos quais está previsto maior investimento em material, equipamentos e recursos físicos e menor investimento nas pessoas que executam. Um sinal indicativo da desvalorização dessa mão-de-obra é que, em tais projetos, a remuneração dos participantes deve ser indicada como ajuda de custo.

Quando questionado se o mercado de trabalho é favorável ao ingresso do jovem, Frederico responde categoricamente que não, e acrescenta que em face disso a Cooperativa foi criada. Segundo ele, a Cooperativa é uma forma de estar no mercado de trabalho sem ter que se submeter à baixa qualidade dos empregos e aos constrangimentos associados a eles. Todos disseram que um dos objetivos centrais da Cooperativa desde sua fundação é garantir renda aos integrantes. Frederico afirma que fundar a Cooperativa foi uma estratégia. A cooperativa lhes propiciou a união de vários elementos: a formação que tinham em comum na área de audiovisual, a vontade de trabalhar com educação e transmitir conhecimento, a possibilidade de obtenção de renda agregada à realização profissional, a oportunidade de integrar uma organização autogestionária, que permite a participação de

todos nas decisões. Além disso, por algum tempo, trabalhar na Cooperativa significava não ter que trabalhar no mercado, isto é, a sua existência fez com que não tivessem que procurar e trabalhar em empregos que não desejavam.

Segundo Lima, no Brasil há uma proliferação das cooperativas de trabalho a partir da década de 90, principalmente de “movimentos de recuperação de fábricas em diversas regiões e do surgimento de cooperativas envolvendo profissionais liberais e desempregados de empresas públicas em processo de enxugamento e, posteriormente, de privatização, motoristas de táxi, médicos, professores etc.” (2007, p. 75). Analisar cooperativas no Brasil é uma tarefa árdua, pois há uma diversidade de situações:

Ao analisarmos cooperativas de trabalho ou de produção industrial, deparamos com um quadro de grande heterogeneidade, o que dificulta análises a partir de critérios normativos. Os diferentes tipos de cooperativas, sejam elas efetivas na observância dos princípios cooperativistas, sejam de fachada para atividades empresariais rebaixarem custos, sejam incubadas como políticas de compensação, apresentam profundas diferenças em termos de gestão, participação efetiva dos trabalhadores, envolvimento, autonomia etc. Em comum, talvez, há formas distintas de construção do ideal de trabalho-gestão-propriedade coletiva, nem sempre muito claro para os trabalhadores, nem sempre buscado conforme o tipo de cooperativa (Lima, 2007, p.79).

O trabalho em cooperativa pode ser definido como uma situação de auto-emprego, em oposição à inserção assalariada no mercado de trabalho. Segundo Pamplona, o auto-emprego pode ser definido como:

Uma caracterização mais específica deveria levar em conta que o auto-emprego é uma situação de trabalho na qual o trabalhador independente controla seu processo de trabalho (atividade em si, matérias-primas, meios de trabalho); fornece a si próprio seu equipamento, o que permite que o proprietário dos meios de produção participe diretamente da atividade produtiva; sua renda não é previamente definida, pois dependerá de seu trabalho, de seu capital e da demanda direta do mercado de bens e serviços; seu objetivo primordial é prover seu próprio emprego (meio de subsistência) e não valorizar seu capital (acumulação de capital). (Pamplona, 2001, p. 78).

O autor salienta que há uma heterogeneidade de situações e configurações de auto-emprego, por isso, nos casos empíricos não se observa necessariamente uma conformidade a todos esses critérios. Ao contrário, existem casos que ele denomina “puros”, nos quais se identificam todas essas características e “casos menos puros”, que apresentam apenas algumas. Essa definição é bem próxima àquela utilizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), que reconhece quatro categorias de auto-emprego: empregadores,

trabalhadores por conta própria, membros de cooperativas de produtores e trabalhadores familiares auxiliares. Sendo que,

Os membros de cooperativas de produtores são os trabalhadores cooperados (os não cooperados são considerados assalariados) que produzem bens e serviços em uma cooperativa, na qual cada membro participa em pé de igualdade com os outros membros das definições da organização da produção. (Pamplona, 2001, p. 80)

As características citadas acima como definidoras de uma situação de auto-emprego são encontradas no caso da cooperativa formada pelos jovens. Todos os integrantes participam das decisões acerca da organização e ritmo de trabalho, assim como da produção de serviços e elaboração dos projetos. A cooperativa da qual fazem parte foi formada a partir da percepção dos mesmos de que eles poderiam prestar serviços na área de mídia e audiovisual, produzindo material para outras empresas. A qualidade, desse tipo de organização, mais citada por eles é a autogestão. Como a cooperativa é pequena, possui apenas quatro membros, é grande a participação de todos em cada decisão. Mas, a cooperativa em questão é uma organização com particularidades. Ela nasceu no seio do terceiro setor, valoriza a participação e gestão coletiva do trabalho, mas, mesmo com dois anos de existência, ainda não conseguiu se firmar como uma organização profissional no mercado no qual atuam. Como os próprios jovens relataram, eles já perderam alguns trabalhos porque não possuem CNPJ<sup>40</sup>, isto é, registro como empresa e, por isso, só prestam serviços sem nota fiscal. Essa cooperativa não atingiu ainda o nível de profissionalização necessário para uma atuação efetiva no mercado. Essa é também uma das razões pelas quais eles preferem continuar trabalhando no próprio Terceiro Setor, principalmente inscrevendo projetos em programas de financiamento, em sua maioria, públicos, já que há também uma preferência por esse tipo de trabalho, nos quais mesclam seus conhecimentos técnicos à educação.

Os jovens investiram parte da renda que obtiveram na compra de equipamentos necessários para o trabalho, como câmeras de vídeo, por exemplo, entretanto, ainda utilizam o espaço e os computadores da Ação Educativa para a realização dos mesmos. Assim, essa cooperativa possui um caráter bastante particular, não apenas na sua origem e estrutura de funcionamento, mas também no seu direcionamento. Entretanto, é preciso reforçar a idéia de que a fundação da cooperativa está fortemente atrelada à percepção dos integrantes de que a inserção no mercado de trabalho é problemática e que os obrigaria à sujeição a formas de trabalho que não são as desejáveis, principalmente porque a formação que adquiriram no

---

<sup>40</sup> Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, adquirido na abertura legal de uma empresa.

Terceiro Setor não é reconhecida como profissionalizante, sendo difícil uma contratação na área na qual se qualificaram. Nesse sentido, ainda que muito distante das cooperativas industriais, que proliferaram na última década do século passado, tal como aquelas a Microlhar também se insere em um cenário de busca de soluções para lidar com as contingências de um mercado de trabalho adverso.

Outra particularidade dessa cooperativa reside no fato de ser formada apenas por jovens. Pamplona (2001) mostra que o auto-emprego é uma situação vivenciada principalmente por aqueles que estão no auge de sua vida de trabalho<sup>41</sup>. Como consequência, a média de idade dos auto-empregados tende a ser superior a dos trabalhadores assalariados. No caso dessa cooperativa, a juventude dos membros pode ser considerada como um dos fatores que propiciou sua viabilidade, dado que o suporte da família possibilita o envolvimento em uma atividade incerta e arriscada. Assim, só é possível entender a formação e a continuidade da Microlhar observando todos esses aspectos mencionados: vínculo com a associação, a partilha de conhecimento e formação comum dos membros, idade dos integrantes, orientação, objetivos e direcionamento da cooperativa.

Esses jovens têm uma grande experiência em trabalhar por projetos, isto é, uma situação que tem prazo definido para terminar. O momento atual é talvez um dos mais críticos vivenciados por esses jovens, pois a Cooperativa não conseguiu ter nenhum projeto aprovado e Alice depende dos eventuais trabalhos que realiza como free-lance. Mesmo quando estão inseridos em algum projeto específico a remuneração é baixa. Essa afirmação pode ser ilustrada com o exemplo do projeto que os jovens da Cooperativa escreveram para o VAI, programa do qual conseguiram financiamento em 2007, mas para o qual não foram selecionados em 2008. Segundo me relataram, nesse ano o projeto sofreu modificações, eles tentaram valorizar mais sua mão-de-obra aumentando a remuneração, que atingiu R\$400,00 mensais, valor inferior a um salário mínimo no momento da pesquisa<sup>42</sup>. Essa remuneração seria suficiente para garantir a dedicação exclusiva dos integrantes à Cooperativa. Mas a instabilidade e falta de regularidade do trabalho acaba fazendo parte do modo de vida dos entrevistados, ao ponto de Sofia afirmar que já se acostumou a viver assim:

- *Como é viver com a instabilidade da Cooperativa?*

*Sofia: Uma hora você acaba se acostumando sabe, agora já tô...*

- *Você acha que você se acostumou?*

---

<sup>41</sup> O autor utiliza dados sobre Estados Unidos e Reino Unido.

<sup>42</sup> No momento de realização da pesquisa empírica o valor do salário mínimo estadual era de R\$415,00.

*Sofia: Acostumei, nossa porque é uma instabilidade desde que a gente acabou o VCT a gente tá nessa instabilidade “O que vai fazer agora, o que vai fazer agora? A gente tá fodido”, daí vai pra mesa do bar e começa “A gente tá perdido, vamos lavar roupa”, piadinhas a respeito, todo ano... duas vezes ao ano pelo menos tem que ser assim, então você acaba achando muita graça (risos).*

Eles desenvolvem estratégias para lidar com a recorrente falta de dinheiro: procuram guardar nos momentos em que têm trabalho para o futuro e contam com a ajuda de amigos e família para manter suas atividades, inclusive aquelas relacionadas ao trabalho.

### *Família*

Ainda que algumas informações sobre as famílias já tenham sido adiantadas anteriormente, neste tópico nos debruçaremos de forma mais sistemática sobre essa esfera, principalmente no que ela se relaciona ao trabalho. A seguir são apresentadas algumas informações sobre os perfis das famílias:

**QUADRO VI: Grupo 02 – Dados Familiares**

<b>Nome</b>	<b>Local de nascimento dos pais</b>	<b>Escolaridade*</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Com quem mora (Número de pessoas na casa)</b>	<b>Nº de pessoas que estão trabalhando</b>
<b>Frederico</b>	São Paulo (ambos)	EM Técnico (ambos)	Mãe: técnica de enfermagem Pai: Projetista	Pai e dois irmãos (4)	3
<b>Edna</b>	Mãe: Paraná Pai: Bahia	Mãe: Analfabeta Pai: EF1	Mãe: inativa Pai: funcionário público	Mãe, cunhada e sobrinho (2 anos) (4)	2
<b>Alice<sup>43</sup></b>	Mãe: São Paulo Pai: Espírito Santo	Pai: EF1 incompleto	Pai: autônomo (afiador de faca)	Pai e avó (3)	1
<b>Joana</b>	Mãe: São Paulo Pai: Pernambuco	Mãe: ES Pai: EF2	Mãe: desempregada Pai: funileiro	Pai e mãe (3)	2
<b>Sofia</b>	Mãe: Paraná Pai: Minas Gerais	Mãe: EM (inc.) <sup>44</sup> Pai: EF2 (inc.)	Mãe: faz tapete <sup>45</sup> Pai: funileiro	Mãe (2)	2

\* As siglas utilizadas nessa coluna representam: EF1: Ensino Fundamental 1 (até a quarta série), EF2: Ensino Fundamental 2 (até a oitava série), EM: Ensino Médio, ES: Ensino Superior.

<sup>43</sup> Alice não forneceu a escolaridade e ocupação da mãe, com quem não mora mais.

<sup>44</sup> Sofia nos relata que a sua mãe não concluiu o Ensino Médio, mas estudou em curso supletivo oferecido para adultos pelas escolas públicas estaduais de São Paulo. Entretanto, ressalta que, apesar disso, sua mãe ainda é semi-analfabeta, com dificuldades grandes de leitura e escrita.

<sup>45</sup> A mãe de Sofia trabalhou durante treze anos em um orfanato e atualmente trabalha perto de sua casa fazendo tapete. Segundo Sofia, ela trabalha em um ambiente impróprio, sem ventilação, em pé por muitas horas, ao lado de várias crianças que realizam a mesma atividade e é remunerada por produção. Sofia afirma que em média a mãe ganha R\$ 90,00 por mês, mas prefere exercer essa atividade desgastante e mal-remunerada a ficar desocupada.

Como é possível perceber pelas informações apresentadas na tabela, grande parte dos pais dos entrevistados é natural de outros Estados, mas todos já estão em São Paulo há muitos anos. Percebe-se também que o nível de escolarização é baixo: apenas três concluíram o Ensino Médio, enquanto outros três têm menos do que oito anos de estudo. Dentre os três com maior escolaridade, dois cursaram o Ensino Médio técnico e suas ocupações estão relacionadas a essa formação. A terceira se graduou em Letras recentemente, mas não conseguiu ainda uma inserção nessa área no mercado de trabalho.

Há um elemento que chama a atenção: a grande maioria dos jovens, quatro dos cinco, são filhos de pais separados, sendo que dois residem apenas com o pai e dois apenas com a mãe. A separação dos pais não é irrelevante no tipo de influência ou suporte que eles podem oferecer, pois as entrevistas revelam que há um afastamento considerável dos jovens do membro da família com o qual não residem. Essa afirmação se baseia principalmente na constatação de que, espontaneamente, nas perguntas relacionadas à família os jovens referem-se mais às pessoas com quem residem. Isto é, ainda que eles possuam algum tipo de contato ou relação com quem não moram, eles parecem ser figuras não apenas menos presentes em seu cotidiano, mas também no seu referencial. Assim, Alice que mora com o pai e avó não faz nenhuma referência espontânea à mãe, enquanto a avó aparece como uma figura de referência mais importante. Com exceção de Frederico, que se refere à família de uma forma mais genérica, e afirma que possui um diálogo maior com sua mãe, com quem não reside, os demais citam sempre a figura familiar mais próxima. Por exemplo, quando perguntados: “Seus pais apóiam suas escolhas profissionais”, suas respostas freqüentemente tendem a citar apenas um.

Com exceção de Alice, todos os outros jovens foram contabilizados na última coluna, referente ao número de pessoas da família que estavam trabalhando no momento da entrevista. Os dois jovens que se dedicam exclusivamente à cooperativa afirmaram que os ganhos obtidos não são destinados às despesas da família, são utilizados principalmente para prover despesas pessoais como transporte e gastos com a faculdade. Esse fato deriva principalmente do caráter pouco estruturado desse trabalho, do qual nem sempre conseguem obter ganho suficiente para custear os próprios gastos. Por outro lado, Alice é enfática ao afirmar a importância da aposentadoria da sua avó na sobrevivência da família, principalmente porque a aposentadoria é a única renda estável da família, já que seu pai trabalha como afiador de facas ambulante e possui uma renda variável.

O relacionamento entre os jovens e a família é complexo, por vezes problemático. Edna, Sofia, Frederico e Alice afirmaram que a relação familiar é complicada e permeada



por conflitos. Principalmente reconhecem a existência de diferenças significativas entre eles e a suas famílias:

*Edna: Eu tenho dificuldades com eles assim porque a gente... eu converso muito com os meninos e eles falam assim “putz vocês são muito diferentes”, sabe, minha família tem uma perspectiva de vida, uma formação, um olhar sobre o mundo que é muito diferente da minha, sabe?*

Para Edna as diferenças entre ela e a família são globais e generalizadas, isto é, não estão restritas a alguns elementos específicos ou questões pontuais, ao contrário, observam e se relacionam com o mundo de maneiras diferentes. A relação de Edna com sua família é a mais delicada, o que se expressa nas suas constantes saídas de casa. Ela atribui a perda de dez quilos à tensão emocional que é morar com sua família.

O trabalho apareceu como um fator importante não apenas de discordância, mas também como um complicador do relacionamento entre os jovens e família, principalmente com os pais. Como já foi indicado anteriormente, há uma dissonância entre a concepção que jovens e pais possuem sobre o trabalho, assim como há uma discordância em relação ao que cada um considera a melhor escolha quando se trata dessa esfera. Primeiramente é interessante perceber como há uma referência espontânea dos jovens às discordâncias em relação a esse tema quando perguntados acerca do relacionamento que estabelecem com a família, como na fala de Frederico:

*- E você se dá bem com seus pais, com seus irmãos?*

*Frederico: A gente tenta né, a gente tenta. Porque nesse caso a gente não tem emprego fixo então a cobrança também é maior.*

Assim como Edna, a relação de Sofia também é delicada, permeada por conflitos e diferenças. Por causa de uma briga que teve com a mãe, Sofia saiu de casa aos quinze anos e foi morar com a prima da mesma idade. Depois de dois anos ela voltou pra casa, quando perdeu o emprego e após de fazer as pazes com a mãe. Edna e Sofia são exemplos da ausência de linearidade na transição para a vida adulta. A transição para a vida adulta remete a diversas mudanças e conquistas: término dos estudos, estabelecimento de emprego estável e independência financeira, saída da casa dos pais e estabelecimento de moradia, matrimônio e constituição de família própria. As trajetórias que antes eram estabelecidas de forma mais linear, atualmente são marcadas por reversões, retornos e recomeços. Por vezes as trajetórias descontínuas em relação às diversas esferas da vida fazem parte da biografia

dos jovens de hoje<sup>46</sup> (Pais, 1994). Essa é uma característica da juventude atual, pois há diversas dificuldades postas no percurso desses indivíduos que problematizam a conquista de autonomia e a obtenção de todos os elementos associados tradicionalmente ao estatuto de adulto. Assim, Edna e Sofia saíram da casa dos pais, mas retornaram em seguida; o regresso derivou em parte da incapacidade de proverem seus próprios sustentos, da dificuldade de obtenção de uma inserção segura no mercado de trabalho e da vontade de se dedicarem integralmente aos estudos. É possível observar um entrecruzamento de situações, que podem ser também ambíguas e temporárias. A independência financeira conquistada em alguns momentos foi perdida, o que não permitiu a continuidade da condição de jovens com residência própria. No caso de Edna e Sofia é possível afirmar que o caráter temporário dessa mudança esteve fortemente relacionado com a fragilidade das conquistas obtidas. As duas jovens demonstraram reconhecer esse fato, quando afirmaram que a volta para a residência de origem permitiria uma dedicação integral aos estudos, o que por sua vez, não deixa de ser uma decisão relacionada à prioridade de construir uma carreira em determinada área. A fragilidade da capacidade de auto-provimento se expressa também no fato de que as duas jovens foram morar com outras pessoas quando deixaram as casas das respectivas famílias, ou seja, as remunerações obtidas por elas não eram suficientes para custear integralmente as despesas de uma residência própria.

Atualmente Sofia afirma que o relacionamento com a mãe melhorou, mesmo sabendo que ela não concorda totalmente com suas escolhas, principalmente no que diz respeito ao trabalho. Segunda Sofia, na sua família há uma grande valorização do trabalho, em detrimento dos estudos e da formação acadêmica. A mãe tem dificuldades de entender a atividade de Sofia na cooperativa e também de compreender suas motivações e os seus objetivos futuros:

*- Como você acha que a sua família vê a sua trajetória no mercado de trabalho, a Cooperativa? Você acha que existe uma compreensão?*

*Sofia: Não. Acho que a minha mãe ela tenta compreender, mas ela não aceita, porque ela acha que não é o certo pra mim, tanto que quando eu falei pra ela “Mãe eu tenho que procurar emprego”, ela me levou pra fazer tapete, eu cheguei lá, a hora que eu olhei aquilo, um monte de criança trabalhando, aquela salinha toda feia, não tinha banheiro, não tinha nenhum filtro de água, (...) eu subi até lá, quando eu olhei, eu falei “Eu não vou trabalhar nisso”, minha mãe ficou muito decepcionada assim, daí eu falei, eu expliquei “Mãe eu to fazendo faculdade, isso não vai me acrescentar em nada na minha vida profissional, não sei o que”.*

---

<sup>46</sup> Por essa razão Pais (1994) utiliza a metáfora do iô-iô para caracterizar a condição do jovem na sociedade contemporânea.

No excerto acima, Sofia conta que quando demonstra a necessidade e vontade de procurar um emprego, sua mãe a leva para fazer tapete em uma fábrica de “fundo-de-quintal” perto de sua casa. Esse trabalho irregular é feito em condições inadequadas, é desgastante fisicamente e a remuneração é calculada por produção, sendo a remuneração mensal resultante muito baixa. Essa tentativa da mãe de Sofia demonstra seu desconhecimento das expectativas da filha, mas também desconhecimento do significado do percurso desenvolvido pela filha até o presente momento, isto é, aquilo que representa sua trajetória, que proporcionou experiências, formação, qualificação, elementos que fazem com que deseje uma colocação diferenciada no mercado de trabalho.

Outra coisa que chama atenção nessa passagem é a afirmação de Sofia de que sua mãe acha que “o trabalho na Cooperativa não é certo para ela”. É interessante perceber como há uma identificação desse trabalho como sendo algo inadequado. Essa inadequação deriva não da natureza da atividade realizada, mas sim da forma como este trabalho se estrutura. Por um lado, esse trabalho é incapaz de oferecer uma renda fixa e constante, por outro, é incapaz de garantir uma ocupação regular, não possui, rotina, chefe, hierarquia etc.. Aos olhos da mãe essa forma de ocupação causa estranhamento, pois não está de acordo com as formas de trabalho que fazem parte do seu referencial. Assim, não é apenas a insegurança do trabalho, mas a própria estrutura que faz com que se torne uma escolha incompreensível aos olhos da família. Há outra passagem na entrevista de Sofia que confirma essa afirmação: ela nos contou que a sua prima tem o sonho de fazer faculdade, mas o emprego que possuía consumia muito de seu tempo, ela fazia horas-extras além do permitido, não recebia remuneração adequada por isso e não recebia o pagamento no dia previsto, chegando a ficar três meses sem receber. Ainda que esse trabalho não trouxesse segurança para a prima de Sofia, já que não existiam garantias do pagamento no dia esperado, e ainda não tivesse boas condições, a família valorizava o fato de “ter um emprego”, sendo contra a idéia de abandoná-lo para buscar uma colocação melhor que lhe permitisse cursar a faculdade. Nesse sentido, percebe-se que há uma valorização do emprego em si, desde que seja possível reconhecer nele uma forma “normal” de inserção no mercado de trabalho, diferente da Cooperativa. O mesmo pode ser afirmado sobre a família de Alice:

*Alice: Então num primeiro momento eu enfrentei muito de resistência, muito preconceito assim, como a minha família é muito assim... tinha uma coisa assim “O que que é isso? Isso vai dar dinheiro? Pra onde vai? De onde vem? Isso tem registro?”, não sei que que tem, então num primeiro momento quando eu comecei com trabalhos sociais assim as brigas*

*eram muito grandes assim “Vai procurar um trabalho de verdade, você não tá fazendo nada”, então como se o trabalho fosse social não cansasse, não exigisse de você força, sabe assim, porque eu não tava limpando o chão de alguém parecia que eu não estava trabalhando.*

Mais uma vez, aos olhos de sua família, o que Alice realiza difere daquilo que estão habituados a ver e reconhecer como trabalho. A não-concordância e diferenças não necessariamente significam falta de apoio. O apoio pode aparecer de duas maneiras principais, por meio de ações ou recursos concretos, como recursos financeiros, por exemplo, ou por meio do incentivo ou mesmo da participação. Quando perguntados se existe apoio por parte da família, Alice foi a única que respondeu negativamente. O seu pai acha que ela deve ter responsabilidade com relação à sua vida e às suas escolhas, assumindo uma posição marcadamente passiva, de observador; assim, ela afirma que “há muitas críticas na família, mas nenhum apoio”. Esse não parece ser um fator limitante ou impeditivo para que Alice busque concretizar seus objetivos e se envolva nas atividades que deseja, pois, se por um lado a família é crítica em relação às suas escolhas, por outro, ela enfatiza a opinião de seu pai sobre a natureza individual e particular das mesmas, já que é a única responsável por elas.

Todos os outros jovens afirmaram reconhecer a existência de algum apoio por parte da família, inclusive Edna e Sofia que têm as relações mais conflituosas. Nos quatro casos há um apoio financeiro da família, ainda que com dificuldades e restrições, viabiliza a continuidade de suas atividades mesmo quando não estão trabalhando. Como todos eles ainda moram com a família, esta ainda cumpre uma importante função de provedora, assim, o apoio aparece identificado muitas vezes como a mobilização dos pais, por exemplo, para conseguir custear transporte e gastos com cursos em andamento, por exemplo.

*Sofia: ela tem umas coisas que ela sempre me apóia, mesmo sendo contra totalmente... ela vai falar, vai falar, mas se fala “Mãe não tenho dinheiro pra ir pra faculdade”, ela vai dar os seus giros, “Olha mãe eu preciso comprar um livro”, mesmo ela não tendo um trocado, ela vai se virar, vai conseguir e vai comprar.*

Muitas vezes a possibilidade de ajuda financeira é restrita, mas há ainda outras formas de apoio, como o incentivo, o estímulo e a confiança, por exemplo. Edna afirma que a mãe sempre a apóia nas suas decisões, não apenas no que se refere ao trabalho. A confiança nesse caso está altamente vinculada ao desconhecimento, ou melhor, a não compreensão total da mãe das atividades dela:

*Edna: Minha mãe me apóia super, mas ela me apóia por confiança sabe, ela confia em mim, então ela... ela fala assim “Tudo que ela quiser fazer, ela vai fazer porque eu confio nela, eu sei que ela não vai fazer uma coisa errada”, mas por exemplo, minha mãe... quando eu fazia curso aqui, o VCT, que era um curso de vídeo, minha mãe achava que fazia faculdade de computação sabe, até hoje eu falo, durante... enquanto eu tava desempregada eu vinha pra reunião eu falava assim “Mãe eu vou pra reunião”, cinco minutos depois ela falava assim “Ah, tenho que arrumar um dinheiro porque a Edna precisa de dinheiro de transporte pra ir pro curso”, aí eu “Mãe que curso, eu não tô fazendo curso de nada”, e aí no início eu tentei falar assim “Mãe olha é assim eu faço curso de vídeo, não faculdade de computação tal não sei o que...”*

Como fica claro, o apoio que Edna sente não está baseado na participação ou conhecimento de sua mãe de suas atividades ou objetivos. Ao contrário, por um lado, a mãe procura ajudar a filha nas suas necessidades materiais, por outro, não se opõe e também não participa de suas escolhas pessoais.

A relação e a influência da família podem interferir concretamente nas trajetórias escolares, profissionais e pessoais dos jovens. Essa influência pode ser resultado das condições materiais da família, como no caso de Sofia que reconhece que a pobreza da família foi fator importante na sua trajetória profissional. No caso de Joana, a influência familiar se manifestou de outra maneira, por meio da transmissão da afinidade pela área social. Desde pequena ela viu a participação ativa da sua mãe em várias causas sociais, o que a influenciou a seguir o mesmo caminho.

Há uma grande discordância entre as expectativas pessoais e familiares com relação às suas inserções no mercado de trabalho. A divergência de expectativas se concentra principalmente em torno da percepção das famílias de que os jovens devem buscar uma inserção tradicional, na qual veriam garantida a estabilidade financeira, além de outros indicadores de compromisso profissional, como uma rotina de trabalho fixa. Esse momento da vida, no qual buscam a definição de um caminho a seguir não apenas com relação ao trabalho, mas em direção ao futuro, faz com que tais diferenças sejam amplificadas na convivência diária. Em outras palavras, não é apenas a existência de diferenças entre gerações ou entre esses jovens e suas famílias que determina o tom de seus relacionamentos, mas é também o fato de atravessarem um momento específico de suas vidas, no qual as diferenças vêm à tona e não podem mais ser mascaradas.

As divergências em relação ao trabalho se inserem no interior de uma gama global de perspectivas e percepções que foram construídas de maneira e em cenário diferentes. À exceção de Joana, todos os outros jovens são ou estão em vias de alcançar maior grau de escolaridade que seus pais. Eles alcançaram a juventude em uma época na qual houve uma disseminação dos cursos universitários e dos programas de financiamento de bolsas de

estudos. Mas, isso não é suficiente para explicar as diferenças observadas entre os jovens e seus familiares. O mundo do trabalho não é mais aquele que foi conhecido pelas gerações anteriores. Constroem-se novas referências, que incidem sobre a percepção e o comportamento daqueles que estão ingressando nessa esfera. Telles alerta para o perigo de pensar as diferenças entre gerações em relação ao mercado de trabalho partindo da idéia do que existia antes e o que não existe mais, isto é, o modelo fordista de inserção:

O problema aí não é tanto a idealização de algo que, ao menos no caso brasileiro, não tem por que ser celebrado (essa é a crítica mais fácil de se fazer, e que já foi feita por muitos), mas ficar aprisionado num jogo de referências que não permite apreender os sentidos da experiência social que se vem desenhando. E isso exige um trabalho de deciframento do social capaz de captar novos campos de força configurados sob outro diagrama de relações e referências sociais. Para os mais jovens, as circunstâncias atuais do mercado de trabalho não significam uma degradação de condições melhores ou mais promissoras em outros tempos. Eles entraram num mundo já revirado, em que o trabalho precário e o desemprego já compõem um estado de coisas com o qual têm que lidar, e estruturam o solo de uma experiência em tudo diferente da geração anterior. Por outro lado, entram na vida adulta em uma cidade inimaginável para as gerações anteriores. Ponto e contraponto de uma mesma realidade, os capitais globalizados transbordam as muito ricas e modernas fortalezas globais dos serviços de ponta, e fazem expandir os circuitos do consumo de bens materiais e simbólicos que atingem os mercados populares. São fluxos socioeconômicos poderosos que redesenham os espaços urbanos, redefinem as dinâmicas locais, redistribuem bloqueios e possibilidades, criam novas clivagens e afetam a economia doméstica, provocando mudanças importantes nas dinâmicas familiares, nas formas de sociabilidade e redes sociais, nas práticas urbanas e seus circuitos. (Telles, 2006, p. 176).

Além das novas forças do consumo que estão configuradas na atualidade, há outras que devem ser destacadas no caso desses jovens em particular. A autora salienta a importância de se considerar os percursos diferenciados dessas novas gerações pela cidade que, assim como o trabalho, já não é mais a mesma. A cidade - seus constrangimentos, agitação, os espaços de convivência - levou o jovens a caminhos diferenciados, no qual outros atores sociais foram encontrados. São jovens que se inseriram em um Terceiro Setor, que é hoje mais atuante do que em qualquer década passada, justamente porque faz parte, íntegra, nasce e se estabelece nesse mesmo cenário de contingência. Essas experiências contribuíram para formar percepções, opiniões e desejos. Na atuação constante no Terceiro Setor pensaram, refletiram e questionaram a sociedade e seus padrões. Suas experiências

não são palpáveis para aqueles que, ao percorrerem outros percursos, construíram também outros referenciais.

Os jovens não recusam totalmente o referencial padrão de seus pais, isso será demonstrado melhor adiante. Entretanto, questionam e reivindicam outras formas de se inserir e trabalhar, almejam poder de decisão e controle sobre suas próprias atividades, envolvimento, realização profissional, mas, principalmente, menos tempo de trabalho. O trabalho é um dentre outros interesses, portanto, deveria ocupar um espaço proporcional a esse interesse em suas vidas. A construção das diferenças entre as expectativas de jovens e familiares não deixa de ser complexa, não compartilham completamente o mesmo mundo. Se as possibilidades concretas e o espaço físico mudaram, os referenciais também se transformaram.

### *Escola*

Com relação à experiência escolar dos jovens é preciso assinalar alguns pontos. O primeiro diz respeito às condições da escola, o que só é possível a partir do ponto-de-vista dos jovens. Critérios objetivos como quantidade de professores, estrutura física, segurança, material didático tornam-se subjetivos quando dependem do senso crítico daquele que observa e relata a experiência. Os jovens ligados à área social são particularmente críticos em relação à experiência escolar.

Todos os jovens estudaram em escolas públicas e, de maneira geral, há uma crítica recorrente em relação às condições da escola. Problemas de infra-estrutura e a falta de professores e materiais foram alguns dos mais citados. Em alguns casos, os jovens reconhecem que algumas das escolas que estudaram são melhores do que outras e, na maioria das vezes, associam essa superioridade ao vínculo mais estreito entre escola e comunidade. Frederico, Edna e Alice citam escolas nas quais a comunidade é atuante e participativa e salientam a importância desse vínculo na conservação da estrutura física, no comprometimento dos professores, na viabilização de projetos pedagógicos mais integrados; tudo isso reduz os problemas e deficiências da escola, mas há alguns que permanecem, ainda que em escala menor.

Com relação à trajetória escolar, apenas Sofia, Edna e Joana terminaram o Ensino Médio sem interrupções ou repetências. Frederico repetiu duas vezes, a quarta-série e quinta-série do Ensino Fundamental. Segundo ele, as duas repetências estão relacionadas à quantidade de faltas, pois “era chato ir pra escola”. Edna interrompeu os estudos duas vezes,

a primeira porque se mudou com a mãe para outro Estado e não deu prosseguimento aos estudos no mesmo ano, a segunda interrupção ocorreu em decorrência da descoberta de uma doença grave que a impediu de continuar os estudos, que só foram retomados após o tratamento.

Como já foi dito, dois entrevistados desse grupo já cursam o Ensino Superior, em instituições privadas. As outras três já fizeram ou ainda fazem cursinhos pré-vestibulares para ingressar na faculdade. Em vista da experiência dos vestibulares prestados e dos cursinhos frequentados, há uma crítica frequente à incapacidade da escola pública de preparar os estudantes para o vestibular. Todos eles enfatizam a dificuldade encontrada nesse momento, pois a ambição pessoal de cada um deles é conseguir uma vaga em universidades públicas, mas reconhecem que a debilidade da formação escolar os afasta desse objetivo.

Frederico, Joana e Sofia afirmam que gostavam de estudar, mas não necessariamente o que era lecionado na escola e, principalmente, não da maneira como era ensinado. Assim, Frederico afirma que estudava em casa assuntos pelos quais tinha maior interesse, e que algumas vezes estavam relacionados com algum conteúdo ensinado na escola, pois, para ele, grande parte do que se aprende ali não é realmente importante para a vida. Sofia afirma que faltava às aulas para estudar em casa com amigos, porque acreditava que dessa forma aprendia mais do que na escola.

Alice se diferencia dos demais entrevistados ao falar de sua experiência escolar. A escola onde estudou não possuía apenas um vínculo com a comunidade, segundo ela a escola era politizada, adepta de uma “pedagogia da autonomia”, orientada para tornar os estudantes sujeitos. A escola possuía vários projetos extra-curriculares que foram importantes na trajetória de Alice. Essa importância é tão grande que a jovem é a única a citar a escola antes mesmo de ser questionada, quando fala dos trabalhos que teve, ela menciona os projetos sociais e salienta a escola como um importante lugar de realização dos mesmos. A escola nesse caso assume um caráter muito diferente daquele observado nos demais relatos, pois ao falar desse tema Alice não observa a escola da mesma maneira que os outros; infra-estrutura, conteúdo, didática dos professores são elementos que não aparecem espontaneamente e dão lugar à participação juvenil e engajamento social. A escola assumiu para ela um papel tão diferenciado que a participação em um projeto lhe rendeu remuneração, sendo que essa atividade foi contabilizada na quantidade de trabalhos que teve. Alice afirma que a relevância da experiência escolar deveu-se justamente à existência dos projetos extra-curriculares, pois sem isso a importância da instituição teria



sido muito restrita e praticamente nula no que diz respeito às suas escolhas e trajetória profissional.

Os jovens não identificam a escola como um referencial importante nas suas formações pessoais, principalmente no que tange à esfera profissional, ainda que a influência da experiência escolar não seja nula. Para Frederico, por propiciar o contato com diferentes áreas do conhecimento, a escola auxilia na descoberta dos gostos e afinidades, tendo o influenciado na escolha da faculdade de Ciências Sociais; para ele, foi durante o período escolar que ele descobriu do que gostava e gostaria de estudar no futuro. Há ainda a referência a algum amigo da escola ou professor, mas a influência que exercem é muito individual e personalizada.

Ainda que de maneiras muito diferentes, Alice e Frederico conseguiram durante a vida escolar estabelecer um caminho que gostariam de seguir. De forma contrária, Edna Joana e Sofia afirmam que as experiências que tiveram fora da escola foram mais relevantes. Em primeiro lugar, porque o que foi vivenciado fora da escola permitiu-lhes descobrir suas vontades, gostos e desejos, representando importante lócus de auto-conhecimento. Em segundo lugar, porque dessas experiências resultaram conhecimentos de natureza diferente que, do ponto-de-vista delas, podem ser mais claramente empregados, como responde Joana ao ser perguntada sobre a importância da escola:

*Joana: Não, foi mais importante o que eu aprendi fora da escola, pra levar pra dentro, do que dentro pra fora, porque fazer fração nunca me ajudou em nada, nunca mesmo.*

Nesse caso, o curso que realizaram na Ação Educativa torna-se mais importante, pois o que foi aprendido permitiu-lhes fundar a Cooperativa, sendo, portanto, um tipo de aprendizado claramente utilizável.

A influência da Ação Educativa, dos projetos sociais, da experiência como educadores é grande, o que é demonstrado também pelas escolhas que fizeram em relação aos cursos superiores que fazem ou desejam fazer, a grande maioria na área de Ciências Humanas. Frederico cursa Ciências Sociais, o mesmo curso para o qual Joana pretende prestar vestibular. Segundo Sofia, a escolha pelo curso de Pedagogia está intimamente vinculada à sua aproximação com a Ação Educativa. Edna pretende fazer Psicologia, possivelmente seguir carreira na área de Psicologia Social. E, por fim, Alice, está indecisa entre Serviço Social, Ciências Sociais, Pedagogia ou Psicologia.

A relação entre esses jovens e a escola é determinada por muitos fatores, que extrapolam certamente as fronteiras da vivência escolar. O que se vive em uma esfera da

vida não fica imune à influência de outras experiências. Dessa forma, é difícil entender a relação entre esses jovens e a escola realçando apenas as características da mesma, ou seja, a debilidade de condições físicas, as ausências e carências do ensino, a falta de sentido dessa experiência. Para Dayrell, a crise nessa relação está baseada nas transformações ocorridas nas sociedades ocidentais, que re-configuraram a condição juvenil<sup>47</sup>, a constituição do aluno e a escola como espaço de socialização prioritário.

Para aqueles que freqüentaram e freqüentam o ensino médio, parece que a escola contribui, em parte, na construção e na vivência da sua condição juvenil. E é em parte porque a escola perdeu o monopólio da socialização dos jovens, que vem ocorrendo em múltiplos espaços e tempos, principalmente naqueles intersticiais, dominados pela sociabilidade, como vimos. Essa constatação traz conseqüências significativas. Implica reconhecer que a dimensão educativa não se reduz a escola, nem que as propostas educativas para os jovens tenham de acontecer dominadas pela lógica escolar. (Dayrell, 2007, p. 1124, 1225).

O autor enfatiza que ocorreram mudanças na forma como o jovem se constitui em aluno; a concepção de aluno forjada durante a sociedade moderna exclui a identidade juvenil e impõe regras, comportamentos, atitudes que deviam ser adotadas no interior e no isolamento da instituição escolar. Esse isolamento ruiu e a escola se depara com a influência das manifestações sociais e juvenis, advindas de socializações exteriores aos seus muros. Agora ser aluno também inclui atribuição de sentido ao que é realizado no processo educativo, vinculando cada vez mais tal experiência à condição de jovem, o que pode ser um processo marcado por tensões e ambigüidades, que, por sua vez, pode se manifestar de diversas maneiras: no cotidiano da escola, nos relacionamentos sociais estabelecidos, na maneira de observar e analisar conteúdos ensinados etc.

Contudo, não é um trabalho fácil, o jovem vivencia uma tensão na forma como se constrói como aluno, um processo cada vez mais complexo, onde intervêm tantos fatores externos (o seu lugar social, a realidade familiar, o espaço onde vive etc.) quanto internos à escola (a infra-estrutura, o projeto político-pedagógico etc.). No cotidiano escolar essa tensão se manifesta não tanto de forma excludente – ser jovem *ou* ser aluno -, mas, sim, geralmente na sua ambigüidade de ser jovem *e* ser aluno, numa dupla condição que muitas vezes é difícil de ser articulada, que se concretiza em práticas e valores que vão caracterizar o seu percurso escolar e os sentidos atribuídos a essa experiência. (Dayrell, 2007, p. 1120).

---

<sup>47</sup> “Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo com tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc.” (Dayrell, 2007, p. 1108).

Com relação aos jovens entrevistados na nossa pesquisa, tais afirmações parecem bastante contundentes. Suas trajetórias escolares estão permeadas pela influência de fatores externos, Edna, por exemplo, contou que mudou diversas vezes de escola por problemas de adaptação. Foram muitos os fatores que interferiram no tipo de percepção e comportamento que os jovens construíram em relação a essa instituição. Todos eles questionaram o tipo de conteúdo e ensino adotados nas escolas, mas não recusam o aprendizado. O seu desinteresse não se baseia no não-reconhecimento do valor do conhecimento ou do aprendizado intelectual. Ainda que o ensino de alguns conteúdos lhes pareça sem sentido, todos eles demonstram interesse e até mesmo gosto pelo aprendizado.

Com base nos dados da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* (Abramo e Branco, 2005), Sposito afirma que quando solicitados para identificar livremente os assuntos de maior interesse, educação (38%) e trabalho (37%) aparecem nos primeiros lugares. A autora argumenta que é preciso inserir esse dado nas teses que afirmam uma atitude hedonista da juventude, que valorizaria a vivência presente, pois essas respostas indicam uma preocupação com o futuro. Indo além, indicam que as esferas tradicionais de socialização, trabalho e escola, ainda estão presentes no horizonte de preocupações juvenis. Assim, falar em crise da experiência escolar não significa afirmar que essa instância não ocupa mais um espaço significativo no referencial dos jovens, ou mesmo, que perdeu importância como experiência. Antes, expressa uma ênfase nas mudanças de construção da relação entre os jovens e a escola. Além disso, da mesma forma que se fala em “juventudes” no plural, para destacar a sua heterogeneidade, é preciso considerar que não há um padrão na forma de viver e perceber a fase escolar. Como esta pesquisa mostrará, há diferenças no interior da juventude.

O que se percebe é que todos os entrevistados desse grupo entendem e aceitam as regras do jogo, no sentido de que reconhecem a importância social de concluir os estudos, ainda que, muitas vezes, essa experiência não proporcione o aprendizado a que se propõe. Abandonar os estudos não foi uma alternativa, principalmente porque o diploma de ensino médio é pré-requisito para o ingresso na universidade, esta sim vista como uma instituição capaz de oferecer uma experiência significativa, em termos educacionais, sociais e pessoais. Alice, Sofia e Edna cursaram ao menos parte de sua escolarização enquanto trabalhavam, conciliando as duas atividades. Entretanto, como Sofia e Edna explicitam em suas falas, os períodos de trabalho foram intercalados com períodos de inatividade, nos quais houve uma decisão pessoal de concentrar esforços e energias nos estudos. Essa atitude fornece indicações sobre como, em muitos casos se configura a relação entre trabalho e escola:

Assim, para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil. Por essas razões, a experimentação e a reversibilidade de escolhas aparecem como fatores importantes para compreender as relações dos jovens tanto com a escola como com o mundo do trabalho, situando-as na dimensão do tempo como uma construção social e cultural em que se articulam demandas do presente e projetos para o futuro. (Sposito, 2005, p. 106)

A conclusão do Ensino Médio e, no caso desses jovens, o ingresso no Ensino Superior por si só não se traduziu em melhores oportunidades ou colocações no mercado de trabalho. Segundo Tartuce, o aumento da escolarização no Brasil não modificou o “padrão de articulação entre estudo e trabalho” (2007, p. 30). Essa certamente é uma das razões que fortaleceram a iniciativa de construir formas alternativas de trabalho, concretizada com a cooperativa, isto é, essa iniciativa se relaciona ao reconhecimento de que os postos de trabalho acessíveis a seus níveis de escolaridade não são satisfatórios na medida em que não atendem às suas expectativas pessoais. A escola não é o local prioritário de socialização e também não exerce monopólio sob a formação, no sentido geral. E, nesse caso, deve-se ressaltar o Terceiro Setor. A participação desses jovens na ONG permitiu um acesso a conhecimentos de outra natureza, inclusive levou-os a um conhecimento de si e da sociedade que os cerca e, certamente, influenciou na relação desses jovens com a escola.

### *Amigos e Lazer*

Quando perguntados sobre as atividades de lazer há um predominância dos “bares” como locais de freqüência privilegiada nos momentos de não-trabalho, onde se reúnem com amigos e consomem bebidas alcoólicas. Joana, Edna, Frederico e Sofia citaram a freqüência a tais locais como primeira atividade de lazer. O bar é visto como um local que propicia a conversa e possibilita a interação entre os jovens. Os entrevistados citados acima são os integrantes da Cooperativa, sendo que mencionam uns aos outros quando são perguntados sobre o círculo de amizades. Eles convivem diariamente, compartilham os mesmos interesses, estão ligados profissionalmente. Por todas essas razões, os colegas da cooperativa são algumas das pessoas mais presentes na vida desses jovens. Eles afirmam que há um interesse em outros programas, como exposições, cinemas, contudo o bar ainda é o local onde se reúnem com maior assiduidade, inclusive porque é um local que permite a discussão de questões relacionadas ao trabalho:

*Edna: (...) a gente vai muito em bar, basicamente em bar assim, a gente vai muito em bar, e a gente faz um esforço eu e a Sofia, principalmente “Vamos ir em tal exposição?”, fala “vamos”, fica combinando assim até uma hora em que a gente tem que falar assim “não a gente tem que ir sabe”, aí a gente vai tal, da última vez a gente foi no Museu da Língua, a gente faz umas atividades mais bacanas.*

*Joana: aí no final de semana quando sobra algum dinheirinho a gente vai no museu da Língua Portuguesa, ou até mesmo... a gente não vai pro bar só pra beber, a gente sai da reunião e vai pro bar, a gente ainda vai fazer reunião no bar, ou vai discutir alguma coisa que tá acontecendo, ou vai... pro cinema muito pouco porque o cinema tá muito caro.*

*- Me parece que o bar é um lugar de troca?*

*Joana: Isso, é um momento que a gente tá ali, a gente nunca foi pro bar só pra encher a cara, a gente sempre vai pro bar, sempre tem alguma coisa polêmica pra discutir, sempre várias, a gente começa no copo cheio de cerveja e vai pra Marx, pra Weber e é incrível.*

*Sofia: Normalmente a gente tem ido muito pro boteco (risos). Mas a gente tá tentando mudar, é que a gente vai muito pro bar, que é o momento que a gente senta realmente, fala, discute, raramente a gente vai pra um parque, vai pro cinema, vai ver alguma exposição.*

Foi necessário inserir os excertos acima para ilustrar a convergência de respostas fornecidas pelos jovens cooperados no que diz respeito às suas atividades de lazer. Como as respostas de Edna, Joana e Sofia ilustram, essa é uma atividade que faz parte de suas rotinas de lazer. Há uma tentativa, ou até mesmo um esforço, para inserir outras atividades em tais rotinas, o que não é feito facilmente, pois é fácil sair da reunião de trabalho e ir para um estabelecimento próximo onde podem descontrair e relaxar. Além disso, como fica claro nas passagens acima, a reunião de amigos nesses estabelecimentos pode ser um prolongamento do trabalho ou uma ocasião para conversar sobre assuntos sérios, trocar opiniões e compartilhar conhecimentos. Para realizar outros passeios é necessário programação anterior e, muitas vezes, uma maior disponibilidade de dinheiro. Há várias referências nas entrevistas à renda como um limitador das atividades de lazer. Alice faz referência a isso, ela afirma que a sua principal atividade de lazer atualmente é frequentar cinemas, todavia ela enfatiza a possibilidade de adequar suas atividades de lazer à renda limitada, procurando estabelecimentos com entradas gratuitas, como o cinema da Galeria Olido no centro ou os filmes que passam no Centro Cultural São Paulo.

Quanto à importância das amizades na construção de biografias pessoais, principalmente no tocante ao trabalho, as respostas foram variadas. Frederico afirma que as amizades só foram importantes como exemplos de caminhos que poderia ou não seguir na sua vida, isto é, a convivência com pessoas diferentes tornou possível uma descoberta de si, da sua própria personalidade e escolhas. Essa resposta oferecida por Frederico não leva em conta a importância da Cooperativa, que foi um projeto tornado possível porque reuniu um

grupo de pessoas que hoje são declaradamente seus melhores amigos. As outras jovens da Cooperativa e Alice ressaltaram a importância das amizades como influências positivas, por meio de ações, conselhos, auxílio, companheirismo. Alice enfatizou a relevância do seu círculo de amizades na indicação de trabalhos que ela realiza como autônoma. É importante não desconsiderar o peso das amizades na vida desses jovens, pois como foi demonstrado anteriormente, os amigos são o principal grupo de identificação e aceitação, o que, para a maioria desses jovens, não ocorre na família. São com os amigos que compartilham interesses, dividem projetos e objetivos, são as pessoas com quem se identificam e para quem suas experiências e vivências são palpáveis.

### *Expectativas*

As últimas questões da entrevista se referem às expectativas de futuro dos entrevistados: o que esperam, como observam e como se direcionam para a conquista de seus objetivos.

Todos eles demonstraram ter em mente algum tipo de expectativa para o futuro. Edna, Alice e Joana citam primeiramente o ingresso na faculdade; com certeza esse é o primeiro objetivo que almejam atingir no futuro. Se a formação universitária aparece com destaque dentre os objetivos citados espontaneamente pelos jovens, isso decorre justamente do momento de vida que vivem, isto é, de ainda não terem conquistado a vaga na universidade; esse é uma conquista que deverá ser construída, ainda há muito o que ser feito para tornar esse projeto uma realidade.

Por sua vez, Sofia<sup>48</sup> e Frederico<sup>49</sup> que já estão na faculdade fazem referências mais diretas às suas expectativas depois de formados. Frederico afirma claramente sua intenção de seguir carreira acadêmica e trabalhar como pesquisador e professor universitário. Sofia tem planos de fazer outra faculdade, de Ciências Sociais, mas isso ainda parece bastante incerto.

É impossível dissociar nesses casos os projetos educacionais dos profissionais, pois eles estão intimamente relacionados. Todos os entrevistados pretendem trabalhar nas áreas que escolheram, sendo que consideram a faculdade como um importante elemento facilitador na procura de emprego. O diploma universitário os habilita a exercer determinadas funções e abre um leque de oportunidades possíveis. Mas, a importância da

---

<sup>48</sup> Sofia está no 2º ano da faculdade, que tem três anos de duração

<sup>49</sup> Frederico está no 3º ano de um curso programado para durar quatro anos.

faculdade não se restringe apenas a isso, pois, Alice salienta que estar na faculdade também é importante por causa do reconhecimento do seu grupo social. Nesse caso, não o grupo de origem e familiar, mas daquelas pessoas com quem trabalha e tem contato nos diferentes projetos e experiências na área social. Se, por um lado, há o reconhecimento claro de que o diploma universitário é necessário para a inserção no mercado de trabalho na área específica que escolheram, por outro, há o meio social no qual convivem. Esse ponto é especialmente importante, pois esses jovens vêm de famílias e círculos sociais nos quais não há uma generalização da formação superior; a maioria de seus parentes, pais, vizinhos e conhecidos não possui diploma de faculdade. Mas, como foi visto anteriormente, em vários sentidos percebe-se um afastamento dos entrevistados do modo de vida e das expectativas do grupo de origem. Um indicador disso é o círculo de amizades. Com exceção de Alice, que afirma ter vários amigos de locais diferentes, os demais afirmaram ter um círculo social muito mais restrito, houve um afastamento daquelas pessoas com quem conviviam na infância e uma aproximação com outras que transitam no mesmo universo social que eles, com os quais reconhecem ter uma maior afinidade, o que provavelmente também foi desenvolvido ao longo do tempo. Assim, se há uma vontade e uma orientação para atingir esse objetivo, isso em parte decorre da vivência que possuem em um universo no qual não apenas o diploma, mas o conhecimento adquirido com o Ensino Superior é valorizado, fazendo com que essa conquista torne-se urgente e prioritária, não só para garantir a aceitação no grupo, mas também para garantir o reconhecimento pessoal e social de fazer parte dele. No caso desses jovens, pode-se afirmar que o diploma é um certificado de término da transição que realizaram, das famílias e círculos sociais de origem para o grupo social com o qual construíram uma identificação e onde querem permanecer.

Com exceção de Frederico, que projeta o seu futuro a médio e longo prazo, isto é, afirma com segurança sua intenção de fazer mestrado, doutorado e pós-doutorado, as demais apenas se referem espontaneamente aquilo que querem ou esperam em um período de tempo bem mais curto. Como demonstram respectivamente Joana e Sofia:

*- Você não pensa o que vai acontecer quando você estiver na faculdade e depois?*

*Joana: Não, eu penso dentro da faculdade, curtir a faculdade.*

*- Mais no curto prazo?*

*Joana: Isso.*

*- Por quê?*

*Joana: Porque eu não consigo fazer planos, porque todos os planos que eu fazia, eles acabaram não dando muito certo né, agora as coisas que vieram no supetão deram muito certo né.*

- Então você acha que se você ficar planejando talvez seja só um sonho porque as coisas podem mudar no meio do caminho?

Joana: É, com certeza.

- Você só consegue pensar no seu futuro mais perto?

Sofia: Bem mais perto, o máximo que eu posso planejar é daqui a quatro anos, mas dez anos.... é isso que eu... quatro anos contando que eu vou fazer faculdade.

Joana e Sofia revelaram uma dificuldade de projetar suas vidas num período de tempo mais longo. Essa dificuldade não decorre apenas da própria natureza do futuro, que invariavelmente possui em alguma medida um caráter de indeterminação e imprevisibilidade, já que todos eles têm a consciência de que não é possível prever ou exercer um controle estreito sobre o devir. Todos os entrevistados revelaram, em alguma medida, certa insegurança com relação à realização de suas expectativas. Alice, por exemplo, reconhece que a ausência de dinheiro é um elemento dificultador na conquista do seu sonho de fazer uma faculdade, mas ainda assim ela é bastante firme ao afirmar que conquistará seus objetivos independentemente de qualquer barreira. Sofia também afirma que a falta de dinheiro pode funcionar como uma “barreira”. Mas, por sua vez, Joana e Sofia se mostram mais reticentes não apenas em projetar suas vidas no longo prazo, mas também na certeza da realização de seus projetos; dentre todos os entrevistados, as duas são as únicas que, além de reconhecer as dificuldades, admitem a possibilidade de não obter êxito na conquista de seus objetivos.

Certamente há uma diferença entre ter um projeto de ação definido que oriente sua ação em busca dos objetivos almejados e a crença de que tudo “vai dar certo”. Nem sempre àquele que possui uma visão mais otimista de seu futuro é aquele que está mais próximo ou mobilizado para atingir determinado fim. É interessante perceber que há uma diferença grande entre os jovens nesse sentido. Frederico, Alice e Edna se mostraram seguros e otimistas em relação ao futuro, pois demonstraram uma confiança maior a esse respeito. Essa confiança está baseada na crença de que eles terão condições de superar adversidades, dificuldades, limitações, sendo, portanto, uma confiança na suas próprias capacidades de realização.

Edna fala de seus projetos em detalhes e utiliza a palavra estratégia diversas vezes no decorrer da entrevista. Por exemplo, a sua vontade é cursar Psicologia na USP, mas ela sabe que mesmo com a preparação do cursinho terá dificuldades no ingresso, então ela planeja prestar o vestibular para um curso menos concorrido, Pedagogia, provavelmente e, posteriormente pleitear uma transferência. Inclusive antes mesmo de entrar na faculdade, ela já sabe como funciona a transferência e quais as reais possibilidades de conseguir. Ela



acredita que assim ela terá chances maiores de atingir o seu objetivo. Ela baseia seu projeto de ação no conhecimento que possui sobre possibilidades, dificuldades e exigências ligadas à realização do seu objetivo.

O interessante é perceber que exteriormente Frederico é aquele que parece estar mais próximo da realização das suas expectativas, pois já se encaminha para o fim de sua faculdade. Mas, essa impressão é exterior e aparente. Quando questionado melhor sobre o seu projeto e sobre os elementos necessários para a sua realização, percebe-se que não há ainda uma mobilização consciente em prol do que ele se propõe. Ainda que exteriorize uma grande vontade de seguir uma carreira acadêmica, principalmente fazer um mestrado, ele não demonstra muita informação sobre os requisitos necessários para isso e não realizou nada ainda, além da faculdade, que o permitisse viabilizar esse desejo. Isso não quer dizer que isso não ocorrerá no próximo ano ou posteriormente, mas também não é possível dizer que ele possui um projeto de ação claramente estruturado na busca de seu objetivo. O mesmo é possível dizer sobre Alice, como visto anteriormente, ela diz que ingressar em uma faculdade é seu objetivo prioritário. No entanto, quando questionada sobre a possibilidade de ingressar em um cursinho pré-vestibular ou sobre os programas governamentais que fornecem bolsas em universidades privadas, ela revela que não procurou se informar sobre essas coisas no ano anterior, mas que pretende fazer isso em breve. Pode-se dizer que Alice e Frederico têm objetivos claramente definidos, mas as estratégias para alcançá-los não estão tão claras, o que não necessariamente os impedirá de conseguir.

Não apareceu em nenhuma entrevista espontaneamente o desejo de constituir família como um objetivo a ser atingido no futuro. As referências comuns estão relacionadas ao trabalho e aos estudos, não sendo citadas conquistas na vida pessoal, seja matrimônio, maternidade/paternidade, conquista de residência própria ou qualquer outro bem. Os jovens foram questionados sobre essa ausência:

*Edna: É porque quando é educacional, profissional é uma coisa que depende muito das nossas ações, a gente tem maior controle, a gente pode planejar, fazer um plano de como que a gente vai chegar nisso, mas quando se relaciona à família a gente vai... vai fazer o que, vai partir da onde. Nenhuma de nós temos namorado, é uma coisa horrível, mas é isso, se a gente tivesse, tipo tendo a perspectiva, conversar com ele, você acaba que a gente pode planejar, mas se não tem sabe, a gente não pode planejar sozinha.*

*Sofia: eu tinha um objetivo assim se eu encontrar um cara... tanto que eu coloquei no meu objetivo do ano arrumar um namorado (risos), que tá difícil, mas eu quero me juntar assim, encontrar alguém e morar junto, mas isso é coisa que pra mim tá tão instável, eu acho tão difícil que é bem raro pensar...*

As falas acima oferecem indícios sobre a não referência de projetos no âmbito mais pessoal. Em primeiro lugar, é preciso considerar que os entrevistados são ainda bem jovens, todos têm idade entre 18 e 23 anos. Como a maioria dos projetos citados é de curto e médio prazo, é natural que alguns planos não apareçam, não por não existirem, mas porque são ainda muito distantes, não aparecem no horizonte de suas realizações. Todos eles manifestaram alguma vontade de estabelecer matrimônio, mas apenas depois de questionados especificamente sobre isso. Em segundo lugar, como Sofia e Edna salientam, a vida amorosa não é uma esfera passível de controle e planejamento, pois sempre depende da vontade e disposição de uma outra pessoa. Assim, é uma esfera claramente fadada à incerteza e que não permite um planejamento individual. Ainda que estabelecer um relacionamento afetivo seja uma vontade, não apenas futura, mas também presente, a percepção de que é algo fora do controle das ações individuais faz com que não seja vislumbrado como um objetivo real, aparecendo mais como uma vontade ou desejo. Não apenas a consecução de objetivos é comprometida pela ausência de controle, mas também a capacidade de projetar, como demonstra Alice:

*Alice: Porque eu gosto assim de me planejar, então eu me planejo até onde eu posso ir, até onde minha perna vai né, então assim, eu planejo até aonde eu consigo ir, porque assim sonhar com uma casa própria, jogar na mega sena, comprar o carnê do baú não é minha cara, eu posso assim pensar em começar a juntar uma grana pra fazer um financiamento, porque aí eu consigo alguma coisa, mas ainda assim...*

Quando Alice fala que gosta de se planejar e que só faz isso dentro das possibilidades reais de consecução, ela está fazendo uma diferenciação entre o que é um projeto e o que é um sonho. Nesse caso, os projetos só são possíveis em um prazo mais curto, principalmente porque as barreiras externas, as contingências e limitações são muito grandes. Quando faltam as condições necessárias para realizar os objetivos, a capacidade de fazer projetos é limitada. Segundo Sofia, a instabilidade do trabalho que realizam não propicia a elaboração de planos, ainda que ela afirme que se acostumou com a instabilidade.

*- Mas como fica pra você fazer um projeto?*

*Sofia: É por isso que eu não consigo pensar o que eu vou fazer, eu não consigo nem... por exemplo eu preciso fazer um curso de inglês, eu não consigo, eu queria fazer natação, eu não consigo. Eu só consigo pagar minha faculdade, daí sobra uns trocados pra quando der sair com os meus amigos, mas eu não consigo fazer mais nada.*

*- Aí quando você não tem dinheiro você depende das pessoas que você conhece?*

*Sofia: Ou não faço, eu fico em casa, eu ando a pé pra caramba, pulo a estação de trem e venho pra cá.*

Fica clara a relação entre a construção de objetivos futuros e a observância das condições de realização. Ela identifica a ausência de um ganho fixo como um elemento problemático para a realização do que gostaria de fazer. Ela demonstra que não apenas está habituada à instabilidade, mas, que a vivência dessa condição fez com se adaptasse. Tanto Sofia quanto os outros entrevistados narraram diferentes estratégias de adaptação à inconstância do trabalho que desenvolvem: recorrem à ajuda de amigos, fazem economia quando o momento permite, visando à sobrevivência futuro, priorizam alguns gastos e atividades, em detrimento de outros, não assumem dívidas em médio prazo etc. Uma atividade prioritariamente afetada pela ausência de dinheiro é o lazer. Alice é a única que afirma que frequenta cinemas e teatros gratuitos e consegue manter a continuidade dos seus programas de lazer mesmo quando não recebe nenhuma remuneração. Os demais afirmam que o encontro entre os colegas da cooperativa não deixa de ser uma atividade de lazer, uma das únicas em momentos de pouco trabalho.

Em relação às percepções de futuro dos entrevistados, é preciso acrescentar outro elemento associado à vivência do tempo, que não ocorre da mesma maneira em cada momento histórico. “As orientações temporais sociais podem ser consideradas um indicador das diferentes ‘épocas cognitivas’ da humanidade, dos diferentes modelos de mundo que se sucederam no curso do processo de civilização” (Leccardi, 2005, p 37). Após a Segunda Guerra houve uma transformação no modo de construção social do tempo. Até então o tempo era concebido como linear, com uma clara separação entre passado, presente e futuro. Sendo que o futuro apresentava-se como o foco das ações individuais e sociais, pois a sua construção era concebida como resultante de escolhas, ações e decisões. Assim, fortaleceu-se a crença na autonomia do indivíduo como o construtor de sua própria biografia. Além disso, havia uma clara associação entre a identidade individual e as instituições sociais, isto é, os indivíduos eram capazes de alicerçar seu desenvolvimento nessas instituições. É o contexto do “futuro aberto”, amplo de possibilidades para o exercício da individualidade (Leccardi, 2005).

Segundo Leccardi, a partir do fim da segunda Guerra Mundial ocorreram amplas mudanças sociais, políticas e culturais que alteraram a concepção de tempo. Atualmente vive-se em uma época de “futuro incerto e indeterminável”, onde há riscos constantes, ambientais, econômicos, políticos, de segurança. Não é mais possível prever o resultado de uma ação, pois na sociedade do risco não há controle completo de todos os elementos que compõe o mundo social e que podem influir no resultado de uma ação determinada. Como

consequência, o futuro perde seu posto de referencial último das ações humanas, já que ele é imprevisível, sendo substituído pelo presente, que pode ser um presente próximo ou estendido, ou seja, a dimensão temporal sobre a qual se pode ter algum controle. Essas mudanças são essencialmente importantes quando se aborda o tema da juventude, pois são componentes da erosão da possibilidade de construção de trajetórias biográficas lineares, como referido anteriormente. Além disso, como afirma a autora

A juventude concebida como fase de transição, em uma palavra, permitia pensar a relação entre identidade individual e identidade social como uma relação entre duas dimensões não apenas complementares, mas superpostas de modo praticamente perfeito. A certeza de ter alcançado a autonomia interior era garantida pela progressiva passagem a degraus cada vez mais elevados de independência, possibilitados pela relação com instituições sociais com suficiente credibilidade e não fragmentadas.

Hoje, o cenário, em termos gerais, alterou-se. As instituições sociais continuam a cadenciar os tempos do cotidiano, mas desapareceu sua capacidade de garantir aos sujeitos uma dimensão fundamental na construção da individualidade: o sentido de continuidade biográfica. (Leccardi, 2005, p. 48, 49).

Nesse cenário há a disseminação do sentimento de insegurança e incerteza em relação ao futuro, que não pode ser planejado. Por isso é possível perceber algumas estratégias utilizadas pelos jovens para se adaptar a esse cenário: projetam para o futuro sonhos mais gerais, ao invés de projetos muito determinados, fazem planos de curto ou curtíssimo prazo, estabelecem um controle mais intenso sobre o presente, assim como valorizam mais as experiências do agora, se preparam para novas oportunidades e mudanças. Esse tipo de estratégia foi percebida nas entrevistas, principalmente de Joana e Sofia. Entretanto, há que se ressaltar que a forma de vivenciar essa relação com a imprevisibilidade do futuro é variável no interior da juventude. Para alguns essa indeterminação pode trazer insegurança, enquanto que para outros pode ser experimentada como um potencial de possibilidades, que pode ser continuamente construído em resposta às alternativas encontradas no percurso. Leccardi afirma que essa diferença revelada pela juventude parece associada a posse de recursos (sociais, econômicos e culturais). A autora sugere que aqueles que possuem mais desses recursos tendem a estar mais alinhados com essa mudança, enquanto que os que possuem menos recursos parecem mais afetados negativamente por essa conjuntura.

No interior das expectativas que têm para o futuro, um ponto aparece com muita força: a necessidade de realização profissional. Todos os jovens afirmam a importância de trabalhar no que gostam, naquilo que escolheram. Isso não quer dizer que não admitam a possibilidade de aceitar um trabalho que não gostem porque a necessidade exige. Mas, ao

considerar trabalhar em algo que não traz realização eles se referem com muita ênfase à “infelicidade” que essa situação pode gerar. Alice afirma que aceitaria um emprego que não fosse o desejado se o momento pedisse, mas fala de sua frustração como um possível obstáculo à realização desse trabalho de forma satisfatória. Sofia diz preferir perdurar uma atividade incerta como a Cooperativa a ter que se empregar em algo que ela não goste no mercado de trabalho, pois da mesma forma que Alice ela afirma que essa incapacidade de adaptação torna-se uma barreira para conquistar o que deseja futuramente.

*Sofia: a questão da grana, a grana é uma barreira que tá mais que posta, daí a outra barreira também diz respeito é que... fazer o que eu gosto, eu não consigo fazer o que eu não gosto, se eu não conseguir fazer aquilo que eu gosto... uma coisa que eu não gosto afeta todas as outras que eu gosto, porque eu não consigo me sentir satisfeita, então eu fico pensando “Putá, se ir pra um mercado de trabalho fazer aquilo que eu não gosto, eu não sei se eu vou conseguir lidar com isso bem, pra conseguir fazer aquilo que eu gosto”. (...) eu pensar em fazer uma coisa que eu não gosto pra conseguir isso me machuca muito, eu prefiro ficar enrolando... apostando naquilo que eu não sei se vai dar certo e não... mesmo acreditando muito querendo muito que der certo eu não consigo olhar e falar “Pode ser”.*

Mesmo sabendo que a Cooperativa pode acabar e que talvez nunca consiga conferir estabilidade aos membros, ela prefere investir seu tempo, energia e esforço nesse empreendimento, como uma alternativa para evitar uma experiência que poderia lhe trazer um sofrimento muito maior. Assim, a realização profissional não é apenas uma prioridade futura, mas é um elemento que certamente já aparece com muita força no presente, pois é por realização e identificação que esses jovens escolheram conscientemente não tentar uma inserção normal no mercado de trabalho. Buscaram um caminho alternativo, uma opção que, ainda que não seja ideal, é preferível à outras que estão disponíveis. A situação de trabalho desses jovens é marcada por uma dualidade, pois representa uma possibilidade de exercer a atividade que desejam, mas não nas condições que gostariam. É preciso considerar que essa situação também é possível graças às famílias de origem, com quem residem e que provém o sustento dos jovens.

Há um reconhecimento de que a estabilidade é importante, mas principalmente em alguns momentos específicos da vida. Para Joana e Alice neste momento é muito importante ter a segurança de um emprego certo, com remuneração programada. Há esta forte associação entre a conjuntura específica do momento, as necessidades que impõe, e o tipo de atitude adotada com relação ao trabalho. Quando perguntados sobre a importância da estabilidade profissional no interior de suas expectativas futuras, Joana e Frederico disseram acreditar que a instabilidade do trabalho é uma tendência social. Na visão deles, o emprego

registrado em carteira e o contrato de trabalho por tempo indeterminado estão perdendo espaço para outras formas de contratação, de autônomos, com contrato de trabalho por tempo determinado e com horários mais flexíveis. A autonomia no trabalho é vista como favorável por Joana, pois permite uma maior liberdade ao trabalhador.

### **CAPÍTULO 3: Construindo um foco: inserções direcionadas**

Este grupo de entrevistados é formado por jovens que possuem trajetórias diferenciadas no mercado de trabalho, sendo que nelas é possível perceber um direcionamento mais estruturado para determinadas áreas de interesse. Em outras palavras, neste grupo estão jovens que, quer pela experiência no mercado de trabalho, quer por suas formações universitárias, direcionam suas inserções para uma determinada área de trabalho, estruturando de forma mais consistente uma carreira. Além disso, as inserções precárias assumem para esse grupo um significado muito particular, diferenciado em relação ao que foi observado para entrevistados que compõe os outros grupos.

Neste grupo estão reunidos aqueles que possuem maior quantidade de experiências formais e também maior escolaridade e todos, sem exceção, já ingressaram em cursos universitários. O contato com esses jovens foi realizado por meio da indicação de colegas, amigos e conhecidos.

#### *Perfil dos jovens*

Na tabela abaixo estão reunidas algumas características que compõe o perfil desses jovens.

**QUADRO VII: Grupo 03 – Dados Pessoais**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cor</b>	<b>Local de moradia</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Religião</b>
<b>Claudio</b>	22	Masculino	Branco	Interlagos (Sul)	Sup. Inc. (cursando)	Não tem
<b>Fernanda</b>	22	Feminino	Branca	Osasco	Sup. Inc. (trancado)	Espírita
<b>Renata</b>	18	Feminino	Branca	Vila Gumerindo	Sup. Inc. (cursando)	Católica
<b>Paulo</b>	19	Masculino	Pardo	Americanópolis (Sul)	Sup. Inc. (cursando)	Não tem

Como se observa, esse grupo é predominantemente constituído por jovens que se identificam como brancos. Apenas Paulo afirmou ser pardo, segundo ele em decorrência da miscigenação presente em sua família, que possui descendentes de italianos, índios e negros.

Também há uma predominância em relação aos locais de moradia, três dos jovens residem na Zona Sul, ainda que não em bairros próximos. Esse fato decorre mais de uma coincidência, devido a ausência de direcionamento no momento de procura e seleção dos jovens para as entrevistas. Fernanda é a única que reside em Osasco, cidade da Região Metropolitana de São Paulo, localizada próxima à Zona Oeste da cidade.

Na coluna “escolaridade” há uma grande homogeneidade, todos os entrevistados já ingressaram no Ensino Superior, sendo que Fernanda estava com o curso trancado no momento da entrevista. Ela estudava “Gestão Bancária”, curso que escolheu influenciada pelo seu emprego na época, na área administrativa de um banco. Quando perdeu o emprego decidiu interromper o curso, para tentar ingressar em Arquitetura, profissão que realmente almeja seguir. Claudio, Renata e Paulo cursam respectivamente as faculdades de Administração de Empresas, Direito e Arquitetura, sendo que todos estão ainda no primeiro ano. Claudio, Fernanda e Paulo são os únicos responsáveis pelo pagamento integral de suas faculdades, não recebem ajuda financeira da família e também não são beneficiados por nenhum programa governamental ou desconto. Claudio afirma que escolheu estudar no período vespertino, pois o preço do curso é menor do que nos outros períodos, sendo compatível com sua renda pessoal. Renata é a única que recebe a ajuda dos pais, que arcam com metade do valor da mensalidade de sua faculdade, sendo que é beneficiada por um desconto devido a nota obtida no ENEM<sup>50</sup>.

Paulo e Claudio afirmam não ter uma religião, ainda que na infância tenham seguido e freqüentado as religiões de seus pais. Renata se diz católica, principalmente por sua formação familiar, mas admite que não possui uma prática religiosa freqüente, o que não impede a sua identificação imediata com essa religião. Por sua vez, Fernanda revelou a existência de um vínculo consistente com o espiritismo, religião que atualmente segue. O espiritismo não é a religião predominante em sua família e representa mais uma descoberta e escolha pessoal do que uma herança familiar, o que talvez justifique seus laços mais estreitos com essa doutrina.

### *Trabalho*

A tabela a seguir apresenta alguns dados sobre as trajetórias profissionais desses jovens:

---

<sup>50</sup> Algumas faculdades oferecem descontos na mensalidade para alunos que obtiveram boas notas no Enem. Essa é uma política de distribuição de bolsas de estudos parciais e totais que estimulam o ingresso de mais pessoas no Ensino Superior.



### QUADRO VIII: Grupo 03 – Trabalho

Nome	Ocupação	Idade do 1º trabalho	nº de trabalhos que teve	nº trab. s/ registro	nº trab. registrados
<b>Claudio</b>	Vendedor de trufas	16	4	2	2
<b>Fernanda</b>	Desempregada	16	6	4	2
<b>Renata</b>	Monitora de Buffet	13	1	1	0
<b>Paulo</b>	Auxiliar administrativo	14	3	2	1

Três dos quatro entrevistados desse grupo estavam trabalhando no momento da entrevista, sendo que Paulo é o único que possui um emprego registrado. Renata trabalha como monitora em Buffet de festas infantis e recebe por festa.

Claudio adquire sua renda da fabricação e comercialização de trufas de chocolate. Ele comercializa seus produtos em estabelecimentos comerciais, como salões de cabeleireiros e padarias, fornece para conhecidos que revendem e utilizam como forma para aumentar suas próprias rendas e, vende ainda para amigos, colegas e conhecidos para o consumo pessoal. O feriado da Páscoa é o período do ano no qual seu trabalho e sua renda aumentam consideravelmente com a fabricação de ovos de Páscoa sob encomenda.

Também para esse grupo de entrevistados, as experiências de trabalho sem registro superam os empregos regulamentados, ainda que nesse caso a quantidade desses últimos seja mais significativa do que nos outros grupos analisados. Abaixo estão resumidas as trajetórias desses jovens no mercado de trabalho:

**Claudio:** Fabricação e venda de trufas (16 anos): 6 anos (atual). Vendedor (18 anos): 6 meses. Atendente de telemarketing (19 anos): 6 meses. Gerente de Atendimento (20 anos): 5 meses.

**Fernanda:** Estagiária na Prefeitura (16 anos): 8 meses. Recepcionista (18 anos): 3 meses. Telemarketing (19 anos): 3 meses. Recepcionista/ auxiliar administrativa (19 anos): 1 ano e três meses. Recepcionista (20 anos): 1 ano e um mês. Auxiliar administrativo (21 anos): 4 meses.

**Renata:** Monitora de Buffet infantil (13 anos): 5 anos (atual).

**Paulo:** Vendedor (14 anos): 5 meses. Vendedor de pastel (15 anos): 1 ano. Office-boy/ auxiliar administrativo (16 anos): 2 anos e 2 meses (atual).

O caso do Claudio é diferente de todos os outros observados nesta pesquisa. Ele começou a vender trufas aos dezesseis anos de idade, sendo esse seu primeiro trabalho.

Desde então ele teve outras experiências no mercado de trabalho, mas nunca deixou de fabricar e vender seus chocolates, adaptando sua produção às condições do período, às necessidades e à sua capacidade de produção. Atualmente a única renda pessoal que possui deriva justamente da venda das trufas. Assim, a sua ocupação atual é ao mesmo tempo a sua primeira ocupação.

Claudio aprendeu a fazer trufas com uma vizinha, e começou a fabricá-las com uma amiga de escola com o intuito de vender para os colegas quando ainda estava no Ensino Médio. Nesse momento as trufas apareciam como uma forma de conseguir um dinheiro extra, para seu uso pessoal, pois tinha a consciência de que não precisava se sustentar, já que a família custeava a maior parte de suas despesas. No início a comercialização de trufas surgiu como uma alternativa em meio a uma situação familiar delicada: com o falecimento recente de seu pai, a família precisou se adaptar a uma realidade financeira diferente, com uma queda de seu poder aquisitivo. As trufas permitiam o prosseguimento de suas atividades rotineiras, a escola, os cursos de línguas, pois não exigiam a mesma dedicação de um emprego. Permitiam também uma adequação do trabalho aos seus horários, não comprometiam a realização das suas outras atividades. Ele fazia as trufas em casa, no seu tempo livre, e vendia na escola, nos intervalos da aula. Assim, essa foi uma opção que se adequou às suas expectativas e necessidades momentâneas. Claudio contou que as trufas rapidamente ficaram conhecidas na escola e que as suas vendas só não eram maiores, porque havia um limite da quantidade que ele conseguia transportar, principalmente porque a escola que freqüentava era distante de sua residência. Ele chegava na escola e as pessoas o procuravam para adquirir suas trufas, não sendo necessário nenhum empenho de sua parte para vendê-las. É interessante perceber que mesmo representando uma importante e adequada fonte de renda pessoal, Claudio afirma que nesse período as trufas eram mais um hobby do que propriamente um trabalho, pois num primeiro momento não havia uma grande preocupação com o retorno financeiro que elas poderiam propiciar, ao contrário, seu posicionamento era outro: o que ele ganhasse com essa atividade representaria um ganho extra, isto é, algo além do que aquilo que a sua família poderia lhe dar. Essa posição está fortemente atrelada ao reconhecimento de seu papel no interior da família, como jovem estudante, que ainda não concluiu o Ensino Médio; ele reconhecia que naquele momento seu papel era de dependente da família, não tendo nenhuma grande responsabilidade financeira perante ela.

Quando terminou o Ensino Médio a situação mudou, pois concluir a escola significava não ter mais aquela atividade que era vista como principal e perder o principal

local de comercialização de seus produtos. Foi nesse momento que procurou seu primeiro emprego e teve a primeira experiência de trabalho registrado. Como seu irmão mais velho já trabalhava como vendedor em uma loja de brinquedos no Shopping, Claudio conseguiu facilmente uma colocação em uma filial da mesma rede. Ele salientou as vantagens desse emprego, a sua fácil adaptação à função de vendedor e as vantagens de receber comissões pelas vendas. Além disso, ressaltou o prazer de trabalhar em uma loja de brinquedos, que propiciava a possibilidade constante de contato com o público, principalmente crianças. Esse emprego durou seis meses e sua saída foi motivada por desentendimentos entre ele e outro vendedor da loja. Ele afirmou que a decisão de sair do emprego naquele momento esteve relacionada à sua falta de maturidade, de experiência em estabelecer relações de trabalho, pois se a mesma situação fosse vivenciada hoje adotaria uma postura diferente, teria permanecido e enfrentado os problemas de outra maneira.

Depois dessa experiência, trabalhou como atendente de telemarketing durante seis meses. Durante esse período não parou de fazer as trufas, ele as mantinha como um “hobby”, vendendo-as inclusive no local onde trabalhava. Saiu desse emprego porque recebeu um convite de uma antiga colega de escola para ir trabalhar no ramo de atendimento ao cliente em uma empresa que vendia produtos na área de informática. Nessa empresa, ele teve a possibilidade de estabelecer contato com novas funções e adquirir conhecimento sobre administração. Ainda que tenha tido uma curta duração, cinco meses apenas, e não tenha sido um emprego registrado como os anteriores, essa experiência foi muito importante para seu crescimento pessoal e seu aprendizado profissional. Até esse momento, ele afirmou que as trufas ainda eram um “hobby”, pois, ainda que nunca tenha abandonado totalmente essa atividade, ajustando a quantidade fabricada à sua capacidade de produção e comercialização, a venda de trufas não era sua principal fonte de renda. Assim, quando trabalhava com telemarketing tinha algum tempo livre e a possibilidade de vender as trufas dentro da empresa, então fazia em maior quantidade, por outro lado, como gerente de atendimento tinha menos tempo disponível e sua possibilidade de comercialização era menor, então fabricava menos.

Depois disso Claudio se mudou para Araraquara, para a casa do irmão mais velho, motivado principalmente por questões pessoais e emocionais. Nessa nova cidade o irmão o avisou que ele precisava ajudar em casa e ainda pagar seu cursinho pré-vestibular; foi a partir desse momento que ele começou a observar as trufas como uma atividade profissional, sua principal fonte de renda, capaz de garantir ganhos suficientes para arcar com as novas despesas assumidas. Começou a fazer as trufas e vender na sua escola e onde

mais conseguisse. Sua estada em Araraquara durou cinco meses, e ele resolveu voltar para São Paulo, para a casa da mãe. Quando retornou, sua maneira de encarar seu trabalho com as trufas já havia mudado, não era mais um “hobby”, ao contrário, era uma opção de trabalho concreta. Nessa época, com o auxílio de outras pessoas, principalmente o namorado da mãe, que residia com eles, procurou lugares para comercializar seus produtos, principalmente salões de cabeleireiros e padarias. Ele fazia as trufas em casa e o padrao entregava as encomendas.

Se, por um lado, esse trabalho tem vantagens explícitas, como a ausência de horário definido, a possibilidade de produzir as trufas em casa e adequar as produções às necessidades momentâneas de Claudio, por outro, exige responsabilidade, disciplina e dedicação. A não-existência de um tempo de trabalho pré-estipulado exige desse jovem capacidade de planejamento e grande senso de responsabilidade, pois deve cumprir com os compromissos anteriormente estabelecidos e realizar as entregas nos prazos estipulados. Além disso, a grande desvantagem dessa atividade é a incerteza em relação aos ganhos obtidos no final do mês, pois ainda que existam lugares para os quais ele sempre fornece seus produtos, a maioria de sua renda provém da comercialização realizada por ele mesmo, para amigos, nos locais que frequenta, principalmente na faculdade. Não há garantias ou certezas sobre o rendimento mensal da venda de trufas, além de ser obrigado a considerar a demanda sempre variável por seus produtos. Não há uma constância mensal, nos meses mais frios as vendas aumentam, enquanto que nos meses quentes há uma queda considerável na procura por chocolates. Nos meses mais quentes, o próprio trabalho de produção fica dificultado, pois o chocolate, matéria-prima utilizada para a fabricação é extremamente sensível ao calor. É com a venda de ovos de chocolate, no feriado da Páscoa, que Claudio consegue obter a maior renda do ano e trabalha em ritmo mais acelerado. Ele enfatiza a insegurança associada a esse trabalho, pois sabe que além dos compromissos que deve cumprir, há também pessoas para as quais a renda obtida com a revenda de seus produtos é muito importante.

*- Esse trabalho não te causa insegurança?*

*Claudio: Dá, eu tendo a estocar as trufas, principalmente os sabores que tem mais durabilidade na (...) eu tendo a estocar exatamente pra eventuais problemas, porque eu sempre falo pra minha mãe, “Mãe você precisa aprender a fazer, porque é uma fonte de renda que a gente tem aqui em casa, que se acontece alguma coisa comigo amanhã você pode dar conta, você pode assumir isso e continuar ganhando dinheiro. Porque eu não sei, de repente eu posso ter um problema, eu posso perder os meus movimentos, eu posso vir a falecer por qualquer coisa”, e eu tenho outras pessoas que ganham dinheiro em cima de*

*mim também, então é fundamental que outras pessoas saibam fazer isso, mas me dá muita insegurança...*

Atualmente, esse trabalho permite que Claudio financie seu curso superior, assuma as suas despesas pessoais, como condução, lazer, conta de celular e, ainda, ajude nas despesas da casa. Na resposta apresentada acima, fica clara a preocupação de Claudio de, em algum momento e por qualquer razão, ser incapaz de fazer e vender as trufas e não conseguir mais ter acesso a essa renda. Esse trabalho possui outra característica: é uma atividade que também representa uma fonte de prazer. Conforme relatou, gostaria de ter prestado vestibular para Gastronomia, justamente devido à sua afinidade com a culinária, mas o alto custo da faculdade e o conhecimento prévio de que os horários de trabalho incluem finais de semana, o levaram a escolher outro curso.

*Claudio: (...) por mais que às vezes me estresse, é cansativo, agora na época do frio é dolorido, é difícil você trabalhar na cozinha, no congelador, é... essa segunda-feira tava muito frio, eu tive que ficar aqui na cozinha fazendo trufa, você fala “Meu, minhas mãos tão ardendo” (...) você vai fazendo, eu faço com muita música (...) é um lazer também, em certos momentos é um lazer, quando eu to numa fase mais complicada emocionalmente deixa de ser um lazer sim pra ser um pouco de peso, eu acho que a gente... quando você não tem um chefe você... você precisa de uma força de vontade, você precisa de um auto... essa disposição pra isso tem que ser muito forte...*

Como é possível observar a partir da fala de Claudio, um trabalho como o dele, realizado em casa, de forma autônoma, nem sempre conta com as melhores condições. Há dificuldades práticas concretas: o ambiente de trabalho não é o mais adequado, já que produz as trufas na cozinha de sua casa e a rotina familiar pode interferir na produção. Como ele menciona, esse trabalho é por vezes um lazer, atividade prazerosa que integra a sua rotina diária, mas também pode ser desgastante ou até mesmo um fardo. Com relação a esse ponto é possível afirmar que essa não é uma característica que distingue essa ocupação de outras que as pessoas realizam com algum prazer. Certamente em alguns dias o simples fato de ter que ir trabalhar representa uma obrigação penosa. O que diferencia o trabalho de Claudio dos demais é que ele não tem chefe, uma empresa ou instituição com a qual tenha um compromisso, um vínculo ou controle externo. Ele sente que a pressão para manter o ritmo da produção é uma responsabilidade totalmente pessoal. O relato de Claudio sugere que a prática de seu trabalho envolve algumas dificuldades que se aproximam daquelas encontradas pelos assalariados contratados para trabalhar no domicílio. Obviamente essas duas situações de trabalho são bem diferentes, a começar pela existência de um vínculo, não necessariamente formal, que liga o empregado a uma empresa. Mas, se o trabalhador no

domicílio deve controlar sua jornada de trabalho em função das tarefas que deve realizar para uma empresa contratante, Claudio deve fazê-lo visando seu próprio sustento. Sobre o trabalho no domicílio, Evelyn afirma: “O relato das pessoas que exercem sua profissão dessa maneira ressalta um outro aspecto que, muitas vezes, passa despercebido. Ao cogitar o trabalho no domicílio há sempre uma dúvida se o movimento normal de uma casa não interfere na execução do serviço (...) E é claro que interfere” (1998, 100). Claudio aborda essa questão na sua entrevista, a hora trabalhada em casa pode ser menos produtiva do que aquela realizada em uma empresa, justamente porque o ambiente de trabalho não propicia a concentração, isolamento e as condições necessárias para a prática daquela atividade. O local de fabricação das trufas é a cozinha da sua casa, que foi equipada com os instrumentos necessários, geladeira extra, bancada de mármore, torneira com água aquecida etc., contudo, não deixa de ser a cozinha de sua casa, que divide com o restante da família. Outra característica do trabalho assalariado no domicílio que pode também ser aplicada ao caso de Claudio é a ausência de separação clara entre tempo de trabalho e tempo livre: “No trabalho em casa não sobra tempo. Ao contrário, em geral, faltam horas e tranqüilidade para o exercício da profissão. Mais que isso, confundem-se e embaralharam-se o tempo de trabalho e aquele que seria de descanso, do lazer e da vida em família...” (Evelyn, 1998, p. 104). Por ser pouco estruturada, a rotina de trabalho de Claudio muitas vezes impede o total aproveitamento daquele que seria seu tempo de descanso. Em outras palavras, quando está em casa, com tempo disponível, dificilmente tirará o dia inteiro de folga, pois sempre há trufas para serem feitas ou novas receitas para experimentar.

A ocupação realizada por Claudio com a fabricação e comercialização de trufas pode ser caracterizada como uma situação de auto-emprego, assim como o foi o trabalho dos jovens cooperados (Capítulo 2). Como definido anteriormente, o auto-emprego se caracteriza por “independência, autonomia e controle sobre seu trabalho e seus meios de produção” (Pamplona, 2001, p. 79). Dessa atividade provém uma renda que não é previamente definida, que deriva em função do seu investimento, trabalho e demanda do mercado. Por fim, o objetivo principal desse tipo de ocupação é a geração de renda para o trabalhador (Pamplona, 2001). Com base nessa definição, a atividade profissional de Claudio pode ser claramente identificada como auto-emprego. Pamplona afirma que no interior dessa categoria de auto-empregados há diversas situações diferentes de trabalho: autônomos, micro-empregadores, etc. O caso de Claudio pode ser definido como autônomo ou trabalhador por conta própria que deriva seu próprio sustento a partir do exercício do seu trabalho, produzindo bens ou serviços para terceiros, sem a contratação de empregados. O

autor salienta que há desvantagens associadas ao auto-emprego, no âmbito pessoal, vale a pena destacar: remuneração inferior em comparação ao emprego assalariado e maior quantidade de horas trabalhadas. Não é possível precisar se essas duas observações se aplicam ao trabalho de Claudio. O seu ritmo de trabalho aparece fortemente associado à demanda por seus produtos; ele mesmo não consegue afirmar seguramente quantas horas dedica a essa atividade por semana. É possível fazer a mesma afirmação com relação aos ganhos materiais, a sazonalidade de sua atividade não permite um cálculo preciso de qual será seu ganho mensal. No caso de Claudio, é principalmente a instabilidade e incerteza dos ganhos que caracterizam as principais desvantagens dessa ocupação.

Pamplona afirma que muitas situações de auto-emprego se mantêm na ilegalidade, à margem de qualquer regulamentação. Em muitos casos, são trabalhadores que não pagam impostos ou contribuições previdenciárias e não há nenhuma fiscalização sobre o que é produzido. Este é o caso de Claudio. Ainda que seja uma atividade de longa duração, que tenha sido tão importante para sua sobrevivência pessoal, em mais de uma ocasião, é uma atividade organizada de maneira inteiramente informal.

Devido a todos esses fatores, atualmente Claudio procura um emprego, na área de Administração, na qual está se graduando, além de ser também a área de seu último emprego. A principal razão que motivou sua decisão foi a sua necessidade atual de maior estabilidade, já que assumiu um compromisso com a faculdade. Também se sente auto-pressionado a colaborar mais com as despesas domésticas, isto é, ainda que não exista uma cobrança expressa de sua família, sente que nesse momento de sua vida, com vinte e dois anos de idade deve ajudar mais. Isso não significa que abandonará seu trabalho com as trufas, mas essa atividade voltaria a seu status inicial de fornecedora de renda extra e não de principal atividade profissional. É impossível compreender a trajetória profissional desenvolvida por Claudio sem observar seus momentos, escolhas e necessidades pessoais. A existência dessa ocupação com as trufas permite que se insira ou se retire do mercado de trabalho de acordo com seus interesses, que não necessariamente estão relacionados a essa esfera. A decisão de procurar ou sair de um emprego está intimamente relacionada com o ritmo de vida que deseja para si, com seus compromissos financeiros e com o seu estado emocional. Ele identificava, no momento de realização da entrevista, a necessidade de um trabalho mais estruturado, seguro, estável, pois suas responsabilidades aumentaram, não é mais um adolescente de dezesseis anos que vende as trufas no colégio, a percepção de si não é mais a mesma, ou seja, houve uma transformação na forma como observa o seu papel dentro da sua família e o papel do trabalho na sua vida, isto é, daquilo que deve propiciar.

Agora não basta obter renda, ele tem necessidade de construir uma carreira, de obter aprendizado, experiência, para conquistar futuramente seus objetivos na área que escolheu. A inserção profissional presente deve plantar os frutos para a realização de projetos futuros e não apenas garantir a sobrevivência imediata.

A trajetória profissional de Fernanda foi bem diferente desta realizada por Claudio. Ela começou a trabalhar com dezesseis anos de idade e passou por diversos empregos. O primeiro foi como estagiária para a Prefeitura de Osasco, enquanto ainda estudava. Esse trabalho durou oito meses e trabalhou por contrato, sem registro em carteira. Nesse emprego ela atuou como recepcionista em policlínicas<sup>51</sup>. Esse emprego foi conseguido por meio da indicação de um conhecido e ela saiu quando acabou o contrato, já que a contratação definitiva ocorria apenas por concursos. Depois disso seguiu-se um período de inatividade, no qual ela se dedicou inteiramente aos estudos. Voltou a trabalhar apenas muitos meses depois, como recepcionista em um estúdio de tatuagens. Conforme relatou, ela não procurava emprego, mas, ao passar na frente desse local viu o anúncio e resolveu entrar, sendo contratada quase que imediatamente. Essa experiência durou apenas três meses, ela decidiu abandonar o emprego para viajar com a mãe para outro Estado, para visitar alguns parentes. Segundo ela, a intenção do seu contratante era registrá-la, mas ela pediu demissão antes disso, no fim de seu período de experiência. Depois desse emprego ela demorou cerca de sete meses para conseguir outro. Nesse momento da sua entrevista há uma inconsistência, pois ela afirma que procurava emprego, entretanto, o que arrumava não era inteiramente satisfatório, pois eram trabalhos sem registro, contudo, ela afirma em seguida que isso não era importante naquele momento<sup>52</sup>. Portanto, não fica clara a razão real dessas recusas. De fato, ela conseguiu um emprego de telefonista em uma empresa japonesa de cobrança, com a promessa de que seria registrada, o que, ela descobriu posteriormente quando foi demitida três meses depois, não se concretizou. Depois disso foi trabalhar como recepcionista em uma empresa de Tecnologia da Informação, como combinado no ato da contratação, essa experiência também não foi registrada. Apesar de apreciar esse emprego e o ambiente de trabalho, ela se deparou com problemas concretos que a forçaram a procurar outro emprego. Essa empresa trabalhava com projetos, principalmente prestando serviços para o Governo.

---

<sup>51</sup> Unidades de saúde da Prefeitura.

<sup>52</sup> - *Mas você procurava emprego nesse período?*

*Fernanda: Até procurava só que o que... o que eu arrumava, todos sem registro também, a maioria assim "Eu te pago tanto", um bom salário, mas sem registro.*

*- E isso é importante pra você o registro?*

*Fernanda: Hoje é, naquele tempo não era tanto porque hoje eu já acarreta muitas coisas.*



Essa forma de contrato não garantia para a empresa um faturamento constante, o que resultava na dificuldade de realizar em dia os pagamentos dos funcionários. Fernanda conta que, em uma ocasião, não recebeu seu salário durante três meses e que essa situação de instabilidade se mostrou problemática para a concretização de seus objetivos pessoais, que incluíam o ingresso no Ensino Superior.

Nesse cenário ela procurou outro emprego e saiu dessa empresa quando foi contratada para trabalhar como recepcionista em um grande banco. Essa foi sua primeira experiência com registro em carteira e esse emprego possuía diversas características que o tornavam ideal do seu ponto de vista: era um trabalho registrado, possuía rendimentos regulares, que permitam que assumisse compromissos, tinha um bom ambiente de trabalho e possibilidade de crescimento profissional dentro da empresa. Depois de algum tempo como recepcionista ela mudou de área e foi trabalhar como auxiliar administrativa. Foi nesse momento que ingressou na faculdade, para cursar Gestão Bancária, sendo que essa escolha estava inteiramente baseada na sua vontade e possibilidade de fazer carreira dentro dessa empresa. Depois de um ano e um mês ela foi demitida, em decorrência de um corte de funcionários. Essa experiência de demissão foi especialmente traumática para a entrevistada:

- *Você gostava do trabalho?*

*Fernanda: Gostava, eu chorei tanto, me senti sem chão, porque era um lugar que eu gostava, e todo mundo... eu sempre tive uma relação pessoal muito boa assim (...) aí eu fiquei três meses, fiquei nossa, fiquei em depressão assim, não conseguia acordar, não conseguia dormir, só queria ficar na cama, o dia todo pra mim... todo mundo “Fernanda, reage”, eu falava “Eu não consigo”.*

- *Foi uma perda difícil?*

*Fernanda: Foi, porque muita gente me prometeu muita coisa lá dentro (...), é algo que você fica em pedaços assim, é algo que você acreditava, é algo que você tinha uma meta ali dentro sabe, é muito difícil.*

Souza Martins (2001) salienta que o elevado desemprego juvenil, em diversos países do mundo, torna tal situação banalizada. Contudo “não deixa de constituir uma experiência negativa e traumatizante para a maioria dos jovens” (2001, p. 68). Por trás das altas taxas de desemprego juvenil há uma gama de experiências individuais diversas que não são captadas pelas estatísticas, como, por exemplo, o trauma das demissões e a angústia da procura por emprego. Como é possível perceber pelo excerto da entrevista de Fernanda, a demissão foi uma perda difícil de ser superada, tanto que a levou a depressão. Não foi a primeira vez que a jovem foi demitida, isso tinha ocorrido poucos anos antes, quando trabalhava na empresa de telefonia, entretanto, a saída do banco foi essencialmente diferente, justamente porque

esse emprego foi vivenciado de uma maneira particular. Foi o primeiro emprego no qual se sentiu segura para fazer planos ao médio prazo, experimentou uma situação de vida diferenciada, na qual tinha um trabalho certo e benefícios, criou expectativas, investiu tempo e dinheiro apostando na possibilidade de crescimento profissional dentro da empresa. A demissão não significou simplesmente o desemprego, ao contrário, representou o fim dos sonhos e planos que dependiam dele para se concretizar. A questão agora não era apenas procurar outro emprego, mas também reformular suas expectativas em relação ao futuro, repensar suas escolhas. Por isso, quando foi demitida ela interrompeu o curso de Gestão Bancária, não apenas porque precisava do salário para pagar a mensalidade, mas também, porque só havia escolhido esse curso por causa de sua colocação profissional, já que o seu sonho sempre foi fazer Arquitetura. Costa (2002) argumenta que diante de mudanças observadas no cenário do trabalho, cresce a insegurança dos jovens quanto às suas escolhas vocacionais, isto é, o medo de ser vítima do desemprego ao optar por carreiras que não estão imediatamente no centro do interesse do mercado. Como consequência, em diversos casos, há um adiamento da realização das aspirações reais dos jovens para o futuro, em nome de escolhas que parecem mais seguras. Esse foi o caso de Fernanda, a crença em uma possibilidade de ascensão profissional dentro dessa empresa fez com que, na primeira oportunidade de assumir o compromisso financeiro de um curso superior, ela abrisse mão de seu desejo real de infância, para investir naquilo que, conforme acreditava, lhe propiciaria maiores chances de crescimento. Assim, a decepção foi grande, pois a perda do emprego foi também a perda de seus projetos que, ainda que recentemente construídos, orientavam suas escolhas e ações naquele momento.

Passados três meses da demissão, Fernanda conseguiu reagir à decepção e procurar novamente outro emprego. Ela foi contratada por uma metalúrgica multinacional, para trabalhar como auxiliar administrativa. A contratação era registrada, mas aconteceu como contrato de duração determinada, prevista para durar dois meses, mas houve uma renovação do contrato que passou a ser com prazo indeterminado. Não há surpresa nesta prática de contratação que proliferou com rapidez nos últimos anos, atingindo ocupações que tradicionalmente eram exercidas a partir de contratos de duração indeterminada (Evelyn, 1998). Contudo, como afirma Maruani (2002), empregos precários podem significar ao mesmo tempo um preâmbulo da contratação ou prelúdio do desemprego. É interessante notar que o caso de Fernanda ilustra bem essa afirmação. Ao fim do contrato, houve uma renovação, mas, pouco tempo depois, seguiu-se a demissão. Segundo ela, a demissão

ocorreu por problemas com outra funcionária da empresa. Mas agora a demissão não foi vivenciada da mesma forma, como a anterior:

*- Mas você acha que foi uma saída melhor do que a do banco? Você não ficou da mesma forma?*

*Fernanda: Foi, foi, foi algo também assim que eu não esperava, os dois, eu não esperava, mas não sei, mas também algo me dizia que talvez um dia eu sairia, porque pra mim... eu já não queria ficar pelo motivo de ser muito desgastante também.*

*- Você achava o trabalho muito desgastante?*

*Fernanda: Achava, você trabalhar das sete da manhã às onze da noite, não tinha tempo pra nada, é longe de tudo né, por isso a melhor forma foi...*

Como é possível perceber pela sua fala, ainda que a demissão não fosse desejada, não significou uma experiência tão traumática quanto à anterior. Ela não tinha o mesmo vínculo com os dois empregos. No banco ela achava que tinha conseguido o emprego certo, ambiente, trabalho e ganhos estavam dentro de suas expectativas, além disso, a duração desse emprego permitiu que criasse laços consistentes com o trabalho e construísse seus projetos ao redor dele. Nessa segunda empresa ela foi inicialmente contratada como temporária, o trabalho era exaustivo, desgastante, não se adequava inteiramente ao seu ritmo de vida, teve uma curta duração, que não permitiu uma consolidação de sua vida em torno dessa ocupação, não representava pessoalmente segurança e estabilidade, pois ela sabia que sairia, quer por decisão pessoal, quer por demissão. Assim, foram trabalhos vivenciados de maneiras diferentes, sendo as respectivas demissões também sentidas de formas diversas:

Contrato temporário não significa, dispensa, a cada vez que expira o prazo combinado. Muitas vezes ele é renovado; entretanto de uma forma ou de outra, e é isso que nos interessa, estabelece-se uma relação de trabalho diferente e, portanto, uma interpretação e uma representação do trabalho que não são mais as mesmas (Evelyn, 1998, p. 83, 84).

De fato, Fernanda relatou que não se sentia segura nesse emprego, de alguma forma, ela sabia que essa situação era passageira, mesmo depois da renovação do contrato por tempo indeterminado. Se houve uma transformação no regime de contratação, o mesmo não ocorreu com a percepção que tinha desse emprego, isto é, a mudança não foi suficiente para modificar a sua percepção inicial de instabilidade dessa situação. Utilizando o vocabulário de Evelyn, podemos afirmar que o seu status inicial gerou um impacto nas suas representações sobre sua própria situação nessa empresa.

Quando entrevistei Fernanda fazia poucos meses que ela havia saído dessa empresa e estava novamente procurando emprego, contudo, sua busca era selecionada, direcionada para a área administrativa, com base na experiência já adquirida.

Um aspecto que chama atenção no relato de Fernanda é a referência constante ao ambiente de trabalho. É um dos primeiros e principais aspectos mencionados quando relata suas experiências de trabalho. Em entrevistas com jovens sobre as representações do trabalho na contemporaneidade, Oliveira (2001) observa que o ambiente de trabalho é determinante na auto-realização associada ao mesmo, sendo que, as relações interpessoais muitas vezes substituem o próprio conteúdo do trabalho na análise dos jovens: “A dimensão expressiva do trabalho como espaço de realização do indivíduo, no que se refere ao aspecto profissional, perde espaço para a dimensão afetiva” (Oliveira, 2001, p. 98). A narrativa de Fernanda nos conduz a pensar nessa direção. Mesmo realizando trabalhos tão diferentes ela se refere a todos da mesma maneira, afirmando que “adorava” trabalhar neste ou naquele local, mas a primeira coisa que menciona acerca desses trabalhos é a sua relação com os colegas e as atividades que faziam juntos.

A trajetória de Renata é diferente das outras relatadas por jovens desse grupo, ela possui uma única experiência de trabalho, como monitora em Buffet infantil. Ela começou a trabalhar aos treze anos no Buffet no qual sua mãe é gerente e lá permanece há cinco anos. Ela trabalha por festas, isto é, ela recebe por eventos trabalhados. Segundo Renata, depois de tantos anos de experiência, hoje ela se encontra em uma situação confortável em relação a essa atividade, pois o Buffet a escala para todas as festas da semana e ela escolhe as que quer comparecer. Assim, ela possui um controle de quantas horas semanais serão trabalhadas e de quanto será sua remuneração. A mesma situação não é vivenciada por outros monitores, que não são chamados para todas as festas e não conseguem escolher os horários e dias de trabalho. Renata afirma que essa posição privilegiada deve-se à sua experiência e não ao fato de sua mãe ser gerente do Buffet, pois nesses cinco anos ela aprendeu diversas funções que são realizadas pelos monitores: recepção, salão de beleza, controle dos brinquedos. Da mesma forma, há uma diferença de remuneração por função, pois cada atividade exige um nível de dedicação e de domínio daquela prática. Assim, quem trabalha no salão de beleza ganha mais do que aqueles que ficam nos brinquedos, pois o conhecimento e prática exigidos para preparar penteados e maquiagem são maiores do que o necessário para ligar e desligar um brinquedo. Atualmente, Renata recebe o valor máximo pago por festas aos monitores, independente da função que execute, pois é considerada a mais experiente entre todos.

Renata começou a trabalhar aos treze anos porque ela já queria ter alguma independência, ganhar seu próprio dinheiro. Ela trabalha principalmente aos finais de semana, dias nos quais ocorre a maioria das festas, ainda que eventualmente ocorram algumas durante a semana. Quando começou, esse trabalho se adequava muito bem às suas necessidades: conseguia obter sua renda pessoal, com uma atividade que apreciava e que ainda não interferia nos seus estudos, o que ela afirmou veementemente ser sua prioridade durante a adolescência. Assim, durante a semana se dedicava principalmente às atividades escolares e nos finais de semana trabalhava no Buffet. No entanto, depois de cinco anos, as suas prioridades mudaram e a sua relação com esse trabalho também. Atualmente a sua vida social é mais agitada, ela preferia estar com amigos nos finais de semana ao invés de trabalhar, sendo essa uma das principais razões que a faz pensar em abandonar esse trabalho:

*Renata: Na verdade você não tem muito desgaste físico lá, o problema é que você fica trancado lá, o dia tá passando e você tá lá, às vezes você não faz nada, você senta lá no salão de beleza, que é onde eu fico e não faço nada, um penteado em uma criança, passa a festa e você não fazendo nada, você conversando com os outros monitores, só que você tá lá dentro, então às vezes você fica... o desgaste é mais mental assim “nossa, os meus amigos estão aproveitando lá fora e eu aqui dentro”.*

*- E isso é um dos motivos pra você estar cansada desse trabalho?*

*Renata: Pesa, isso é o que mais pesa, você tá num domingo de maior sol, você sabe que tá todo mundo lá fora e você lá dentro, então isso nossa me deixa extremamente nervosa.*

*- Agora né? Por que você já trabalha com isso há cinco anos...*

*Renata: Agora, antigamente eu era uma criança assim, se eu não tivesse no Buffet eu ia tá aqui fazendo nada, lá pelo menos eu tô ganhando, só que agora não, agora é mais alternado, eu posso estar com meu namorado, com meus amigos, aproveitando assim.*

Percebe-se claramente pela fala de Renata como esse trabalho não está mais totalmente adequado às outras atividades as quais gostaria de se dedicar. Se, inicialmente, era a opção perfeita para obter renda sem atrapalhar os estudos, atualmente prejudica a sua vida social e o seu lazer. As inquietações que sente em relação a esse trabalho são recentes, estão vinculadas a este momento específico da vida, no qual seus interesses mudaram, seu círculo social se expandiu, suas necessidades de lazer e de convívio com os outros jovens são maiores. Mas, mesmo afirmando a sua vontade de conseguir outro emprego, que permita conciliar seu ritmo de vida com o das demais pessoas da sua idade, ou seja, conciliar seus momentos de trabalho e de lazer com os dos amigos, ela ainda considera essa a melhor opção entre outras:

- *Você nunca pensou em trabalhar em outra coisa enquanto você estava no Buffet?*

*Renata: Já, já, tem aqueles dias, que você tá nervosa, não agüenta mais criança “Eu quero sair dessa vida, eu não quero fazer isso”, mas o que é que tem, a gente vem pra casa e a gente pensa: “Eu vou me colocar em um trabalho assim semanal, todos os dias, das nove às seis da tarde e vou ganhar tal valor, às vezes um salário mínimo, um salário mínimo eu ganho trabalhando em quinze dias no Buffet”. E aí você pensa. E eu posso ter um tempo pra estudar, um tempo pra descansar, um tempo pra sair, se eu tenho uma festa eu não sou obrigada a ir, então assim, eu já pensei “Vou sair do Buffet, não agüento mais aqui”, mas aí você chega em casa e você pensa “Às vezes compensa ficar lá”.*

Como ela relata, ela se mantém nesse trabalho enquanto é a melhor opção entre outras que pode encontrar no mercado de trabalho, pensando principalmente a partir do critério considerado: remuneração por horas trabalhadas. A flexibilidade do trabalho é também apreciada, a ausência de vínculo, de compromisso permite que adéqüe a sua rotina de trabalho aos seus planos pessoais. É possível afirmar que a ausência de vínculo é vista através de um ponto de vista otimista. Entretanto, a construção dessa percepção certamente está associada à segurança de que será chamada para as festas. Em outras palavras, a ausência de rigidez de horário de trabalho e de compromisso é observada de uma forma positiva, porque é ela quem determina o quanto será trabalhado e não a empresa para qual presta seus serviços. Por outro lado, ela reconhece que há um fator de incerteza derivado da inconstância do Buffet, já que há meses nos quais tradicionalmente as festas são menos freqüentes. Como ela já conhece essa distribuição desigual das festas pelos meses do ano, também com base na experiência da sua mãe, ela se programa antecipadamente para receber uma remuneração menor nesses períodos. Além disso, a incerteza sobre quanto exatamente será a sua remuneração no final do mês, e também no próximo, faz com que ela se polície em relação ao seu consumo e gastos pessoais, evitando adquirir dívidas ou uma grande quantidade de gastos fixos. Ela afirma que pretende sair desse trabalho para estagiar na área de Direito, na qual faz faculdade, mas isso deverá ocorrer apenas no próximo ano, quando já tiver completado pelo menos um ano de graduação.

A trajetória de Paulo é marcada por uma grande transição. Ele começou a trabalhar aos quatorze anos em uma pequena loja de bijuterias do bairro, sem nenhuma regulamentação ou benefício, recebendo um pagamento diário. Ele conseguiu esse emprego porque os donos da loja eram conhecidos e lhe ofereceram o trabalho. Ele afirma que não estava procurando emprego nessa época, ainda que a idéia de trabalhar e ter alguma independência financeira em relação à sua família o agradasse desde cedo. Ele trabalhou nesse local por cinco meses e saiu de lá porque a loja fechou. Depois disso seguiu-se um

período de inatividade, no qual não procurou emprego e se dedicou integralmente aos estudos.

Meses depois surgiu outra oportunidade de trabalho através da sua rede de relações sociais. Alguns amigos de sua mãe o convidaram para vender pastel em uma barraca perto de sua casa. Mais uma vez, esse emprego não era registrado, não havia uma carga horária fixa, pré-determinada, pois trabalhava seis dias por semana, sendo que aos sábados, o dia mais movimentado, não tinha um horário certo para sair. Ele ficou nesse emprego por cerca de um ano e resolveu sair porque já não se dava bem com os donos e com a colega que trabalhava com ele. Além disso, esse trabalho tomava grande parte do seu tempo impedindo-o de realizar outras atividades que os amigos e pessoas da mesma idade faziam, limitava seu convívio social e suas atividades de lazer. Entre a saída desse emprego e o início do seguinte houve um período de cinco meses, nos quais ele entregou currículos. Ele procurou emprego como vendedor, já que essa era a experiência que tinha e era o ramo no qual parecia ser mais fácil conseguir um emprego. A forma como conseguiu seu atual emprego não ficou muito clara na entrevista de Paulo. Seu irmão trabalhava em uma empresa e a sua chefe perguntou se ele conhecia alguém para indicar para uma vaga em outra empresa, na qual uma amiga sua trabalhava. Não ficou muito evidente o grau de participação de seu irmão na conquista desse emprego, pois em um primeiro momento ele diz: “porque quem conseguiu esse emprego foi na verdade meu irmão”. Quando ele afirma que seu irmão foi quem conseguiu esse emprego entende-se que a sua indicação teve uma participação determinante no processo. Porém, em outro momento da entrevista, justamente quando critica a importância da indicação no momento de se candidatar a uma vaga, afirma que na verdade seu irmão apenas o informou da vaga, mas que não conseguiu o emprego por indicação, ao contrário, foi principalmente por mérito pessoal.

Aos dezesseis anos ele começou a trabalhar nessa empresa de engenharia como office-boy, essa é a sua primeira e única experiência de trabalho registrado. Depois de pouco mais de um ano, foi promovido para auxiliar de escritório, cargo que ocupou por cerca de seis meses. Depois disso seguiu-se outra promoção, para assistente administrativo na área de Recursos Humanos da empresa, cargo que ocupa atualmente. Assim, Paulo está no mesmo emprego há mais de dois anos, com uma carreira em ascensão dentro da empresa, em um trabalho que lhe garante todos os direitos e benefícios previstos na legislação e que representa uma estabilidade que permite a realização de seu curso superior de Arquitetura. A trajetória de Paulo permite observar claramente a transição de trabalhos que não exigiam nenhuma qualificação, sem regulamentação, sem oportunidade clara de crescimento

profissional, para uma situação de trabalho mais estruturada, que permite o aprendizado de conhecimentos e práticas. Esses primeiros trabalhos representavam ocupações temporárias, que permitiam alguma independência pessoal, mas não havia um vínculo real com essas ocupações. Um sinal disso é a dificuldade encontrada por Paulo em fornecer informações mais precisas sobre esses trabalhos: rotina de trabalho, remuneração, carga horária. Essas informações não são consistentes, pois ele não consegue precisar ao certo algumas delas. Isso pode decorrer da própria natureza informal desses trabalhos, que talvez fossem estruturados de maneira mais flexível, sem horários previamente estipulados, por exemplo. Por outro lado, isso também pode decorrer do pouco vínculo criado com essas ocupações, que foram vistas por ele como situações passageiras, trabalhos por meio dos quais conseguia garantir sua renda pessoal enquanto ainda estava na escola, mas que não estavam no seu horizonte de projeto futuro. Há também uma atitude diferenciada em relação a esses empregos e aquele que possui agora, era mais fácil abandoná-los, pois era mais jovem, não tinha as mesmas responsabilidades e eles também não significavam uma situação ou oportunidade que devia aproveitar.

À exceção do caso de Renata, as demais trajetórias observadas são marcadas por discontinuidades, períodos de trabalho intercalados com momentos de desemprego e inatividade, sendo esta última situação mais comum quanto mais jovem é o entrevistado, ou seja, a inatividade é uma condição mais comumente vivenciada quando não há ainda a conclusão do Ensino Médio. Os entrevistados adotam diferentes atitudes em relação aos diversos trabalhos que tiveram. Este fato se relaciona ao momento da vida que atravessam, mas também ao significado específico que esses trabalhos adquirem para eles. Principalmente nesse momento da vida dos entrevistados, é especialmente importante considerar o papel das escolhas em relação à vida profissional. Uma interpretação simplista das suas ações nessa esfera, como, por exemplo, baseada na necessidade material ou na ausência de outras opções possíveis, não permite uma compreensão real de suas motivações e uma compreensão das situações vivenciadas. Outro elemento importante percebido nessas trajetórias é o papel da experiência do trabalho e o aprendizado associado a ela. Todos os jovens deste grupo experimentaram situações de trabalho que os qualificou para o exercício de determinadas funções, mais do que qualquer educação formal ou escolar, esse jovens revelaram a importância das experiências profissionais para um direcionamento de carreiras e para a ascensão profissional.

Quando questionados sobre suas percepções do mercado de trabalho, as respostas obtidas mesclaram experiência pessoal e aquilo que acreditam que seja esse cenário, ou seja,



nas respostas fornecidas por vezes esses dois elementos aparecem como constituintes das percepções que possuem sobre essa esfera. No momento da entrevista, Claudio e Fernanda estavam efetivamente procurando emprego, e os dois expressaram opiniões próximas, ainda que não idênticas. Para Claudio a dificuldade maior não está em conseguir um emprego, mas sim em obter uma colocação satisfatória:

*Claudio: Conseguir emprego não é difícil, não é difícil, oportunidade tem de monte aí no mercado, isso é uma coisa que eu notei, realmente tem de monte, mas assim... como eles sabem que tem muita gente precisando eu não vejo oportunidades de emprego valorizando o trabalhador, os valores de salário são baixíssimos, as condições de trabalho na minha opinião são precárias sabe, eles sempre querem que você trabalhe aos finais de semana, não dão ajuda de custo extra por causa disso, você não recebe um valor a mais pelo tempo de trabalho no final de semana, querem que você faça hora extra, eu vejo isso, oportunidade tem de monte, mas assim principalmente pra quem tá necessitado mesmo de emprego.*

Para Claudio, o excesso de mão-de-obra disponível gera uma deterioração das condições de trabalho, o que faz com que muitas das oportunidades disponíveis para ele sejam vistas como não adequadas ao tipo de emprego que gostaria de ter no momento. Fernanda aborda a mesma questão ao relatar as dificuldades na sua procura por um novo emprego. Ela afirma que já viu diversas oportunidades, mas todas com uma remuneração menor do que aquela que recebia anteriormente e que está registrada em sua carteira de trabalho. Ela acredita que aceitar um trabalho com uma remuneração inferior seria uma desvalorização de sua mão-de-obra, além de não ser suficiente para suprir as suas necessidades materiais, principalmente não possibilitaria o retorno à faculdade. Segundo sua percepção, o mercado de trabalho está se tornando mais exigente a cada ano, principalmente em relação à formação, por outro lado, os salários estão diminuindo. Ela se deparou com exigências que não pode cumprir, como curso de AutoCAD, por exemplo, o que para ela não são pré-requisitos necessários para o exercício da função de assistente administrativo, cargo para o qual está se candidatando. A percepção de que há um excesso de exigências em relação às qualificações do trabalho também foi relatada pelos entrevistados de Rodrigues (2005), ainda que estes tenham um perfil bem diferente dos jovens ouvidos nesta pesquisa<sup>53</sup>. Muitas vezes há uma situação de incongruência entre o que é exigido do trabalhador e o que o cargo exige de fato para a prática da função. Por outro lado, Fernanda acredita que mesmo exigindo maior formação, as empresas oferecem salários mais baixos atualmente do que há três anos. A percepção do mercado de trabalho de Claudio e Fernanda é semelhante ao

---

<sup>53</sup> A autora analisa a corrosão do caráter causada pelas modificações nas configurações do trabalho, com base em entrevistas realizadas com trabalhadores de uma Petroquímica.

ênfatizar não a dificuldade de inserção profissional e sim a qualidade dos empregos disponíveis. Por sua vez, essa análise está intimamente relacionada à busca selecionada que realizam e às suas expectativas pessoais. Os dois são reticentes ao afirmar que a juventude pode ser um dificultador no momento de conseguir um emprego. Claudio afirma que a pouca idade pode atrapalhar, mas isso depende muito da empresa e para ele é a pouca experiência do jovem no mercado de trabalho ou a sua dispersão que pode ser vista como uma barreira, ou seja, experiência em muitas áreas e trabalhos diferentes. Fernanda também afirma que não necessariamente a juventude é determinante em um momento de seleção de funcionários, contudo, em seu último emprego ouviu diversas vezes seu chefe falar que não trabalhava com assistentes com menos de trinta anos, pois achava que os jovens eram imaturos e irresponsáveis<sup>54</sup>.

Paulo também aborda a qualidade dos empregos existentes, entretanto, sua análise está mais baseada no que vê, do que na sua própria experiência. Ele afirma que o mercado de trabalho não está fácil, ainda que ele esteja em uma boa situação. Ao falar de sua percepção, ele espontaneamente responde sobre o mercado de trabalho para os jovens. Ele critica o pré-requisito da experiência e a falta de oportunidades oferecidas. Também fala da importância da indicação como um dos principais meios de obtenção de emprego. Por fim, salienta a dificuldade encontrada pelos jovens ao se inserir no mercado de trabalho, pois, por um lado, não há uma remuneração adequada e, por outro, não há incentivos das empresas para que esse indivíduo realize seus sonhos, estude ou faça uma faculdade.

Aparentemente, a resposta oferecida por Renata é aquela que mais se diferencia no interior desse grupo. Ela responde com base principalmente do que pensa ser o mercado de trabalho, a partir de uma observação exterior, já que nunca procurou um emprego:

- Como você observa o mercado de trabalho?

*Renata: Olha eu acredito... o mercado de trabalho eu acho muito vasto, e assim eu não acredito nisso que não há trabalho pra todo mundo, eu acho que assim o que não existe... o que existe é pessoas que não querem trabalhar, o que elas querem é assim é que o emprego bata na porta entendeu? Acho que quem quer trabalhar vai atrás e acha.*

De seu ponto de vista há trabalhos suficientes, mas não há uma verdadeira dedicação daqueles que procuram emprego. Essa resposta se diferencia de todas as outras apresentadas aqui, pois ainda que Claudio e Fernanda tenham salientado a existência de empregos, eles responderam a partir de suas próprias experiências, não situaram no mesmo nível de

---

<sup>54</sup> Nesse caso seu chefe não sabia exatamente sua idade e acreditava que fosse mais velha.

generalização de Renata. Além disso, Claudio, Fernanda e Paulo se mostraram críticos quanto à qualidade dos empregos existentes, enquanto Renata crítica mais fortemente a atitude ou postura dos trabalhadores, adotando, portanto, um viés totalmente diferenciado. Quando questionada a respeito do tipo de empregos disponíveis para os jovens ela afirma:

*Renata: Eu acho assim... na verdade assim é muito difícil assim pra qualquer pessoa, trabalhar numa área assim que ela tá totalmente segura, só que assim a pessoa faz o trabalho dela, ela tem a capacidade dela, se ela quiser um emprego bom, ela tem que fazer ser notada entendeu? E conquistar os objetivos dela.*

Essas duas respostas de Renata indicam claramente a importância que confere à atitude pessoal no tocante à construção de suas oportunidades de trabalho. Esse é o primeiro elemento que identifica quando questionada sobre mercado de trabalho. Ela reconhece a dificuldade de obtenção de um emprego estável, mas salienta a importância do esforço pessoal. Esse elemento aparece diversas vezes durante a sua entrevista, quando se refere ao mercado de trabalho, mas também quando fala de sua própria experiência no Buffet, da existência de hierarquia entre os monitores ou mesmo das suas possibilidades futuras. O mérito pessoal, o esforço, capacidade e dedicação individual parecem balizar suas opiniões sobre o trabalho. A partir dos dados coletados em entrevistas com desempregados, Jardim (2004) afirma que há uma particularidade na forma como os jovens lidam com as vicissitudes da inserção profissional:

Na fala dos jovens, o caráter privado da experiência do mundo do trabalho se revela com mais nitidez: ao contrário dos adultos, que dispõem de referências (pautadas em sua experiência) que lhes permite avaliar o sentido das perdas, os jovens já têm a instabilidade como a condição normal da experiência de trabalho e assumem com mais facilidade o discurso da *empregabilidade* (grifo da autora) (Jardim, 2004, p. 261).

Vale ressaltar o caráter individualizado que é conferido à vivência da procura e vivência do trabalho; da mesma forma que as angústias e medos são vivenciados privadamente, conquistas e fracassos também são apreendidos como decorrentes de qualidades e características particulares daquela personalidade individual. O conceito de empregabilidade nasce e se propaga a partir no ambiente empresarial e, enuncia as características que tornam o trabalhador empregável, isto é, aquelas qualidades que o tornam apropriados para a modalidade contemporânea de trabalho:

A força simbólica do conceito de empregabilidade reside justamente na capacidade de nomear e ordenar coisas, e assim, fazer com que elas existam no mundo social sem serem questionadas e funcionem como uma modelagem das práticas sociais dos agentes em que as regras são

vividas sem serem percebidas como regras (...) A modelagem das práticas envolvem desde os pequenos detalhes do vestir, se comportar e agir dos trabalhadores, as suas redes de sociabilidade até os requisitos formais da experiência profissional, mas o que está no centro da modelagem das práticas é o forte apelo ao engajamento pessoal do trabalhador (...) O trabalhador assume o ônus de ser inteiramente responsável pelo seu fracasso ou sucesso no mundo do trabalho (Oliveira, 2005, p. 93).

De alguma forma, a associação entre as qualidades pessoais e a construção de trajetórias no mercado de trabalho, principalmente em relação aquilo que pode ser conquistado, permeia a percepção dos jovens. Acima, escrevi que a opinião de Renata é aparentemente diferente das demais de seu grupo. Eu fiz essa afirmação com base em um elemento que diferencia sua opinião, daquela expressada por todos os demais jovens. Ainda que os outros entrevistados desse grupo não façam o mesmo grau de generalização que Renata, isto é, não balizem suas análises das condições sociais do mercado de trabalho com base nesses pressupostos, a importância do mérito está fortemente associada às conquistas no mercado de trabalho, tendo como referência os seus casos particulares. Há a presença marcante do reconhecimento de que eles possuem certas qualidades que os fazem profissionais diferenciados nessa esfera, ressaltam suas habilidades no momento de procura de emprego ou quando descrevem suas trajetórias:

*Claudio (referindo-se a seu emprego como Gerente de Atendimento): (...) de repente eu comecei a ver que as outras partes da empresa, tipo... parte do financeiro tudo mais, as pessoas não queriam tratar com os responsáveis, ligavam e queriam falar comigo, porque eu sempre fui paciente, educado, eu sou muito calmo, então eu lidava muito bem, quando eu saí de lá foi um Deus nos acuda, inclusive eles me fizeram uma oferta de emprego,*

*Claudio (referindo-se ao seu comportamento em entrevistas de emprego): não é me gabando, mas no momento da entrevista ela viu que eu (...)você tem um modo de se expressar diferente, você tem um pouco mais de cultura, um posicionamento, quando você vai falar de empregos antigos você não denigre a imagem da empresa, o modo como você se porta ali é diferente, e os meus argumentos, a minha redação que foi feita, tudo isso é diferente do nível das outras pessoas que estão ali, as outras pessoas estão trabalhando no Shopping, pedindo emprego no Shopping por falta de opção...*

*Fernanda (referindo-se ao seu emprego no banco): eu sempre... eu sou uma metamorfose, eu me adapto muito bem a todos ambientes, e às pessoas também.*

*Fernanda (referindo-se ao seu último emprego): Amava assim completamente, eu tava me destacando sempre, eu me esforço muito pra me destacar mesmo, todo mundo “Nossa Fernanda você ta super bem”...*

*Paulo (referindo-se ao seu atual emprego): (...) porque eu também gosto de mostrar trabalho e eu não fico parado, eu to sempre correndo pra um lado, correndo pro outro, vejo o que que tem, o que eu posso ajudar, quem eu posso ajudar, então eu acho que eles*

*acabaram gostando dessa minha atitude, então eles me promoveram pra auxiliar de escritório...*

Os excertos revelam que quando pensam sobre o trabalho não são apenas características sociais, como escolaridade, por exemplo, que associam à chance de êxito no mercado de trabalho, há também uma gama de atributos pessoais que não são imediatamente objetivos. Esses são alguns exemplos que expressam a incorporação de valores e atitudes associados e valorizados no mercado de trabalho atual: a capacidade de adaptação a ambientes de trabalho e funções diferentes, a habilidade de construir e vender uma imagem, a atitude de não ficar restrito ao exercício da própria função, a busca por se destacar profissionalmente. Todas essas são qualidades valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente e, são também qualidades que esses jovens fazem questão de destacar neles mesmos, ao abordar suas trajetórias e experiências. Eles reconhecem claramente a receptividade dessas qualidades no exercício do trabalho e elas são incorporadas às suas personalidades e modelos de ação. Assim, há alguma semelhança entre Renata e os demais jovens, no sentido de que todos revelam uma adaptação significativa aos modelos de profissional esperados por muitas empresas, principalmente aquelas com as quais têm ou tiveram contato. Além disso, todos se observam como agentes de seu próprio sucesso profissional, são eles que devem criar e aproveitar as oportunidades, nesse caso, dedicação, esforço, mérito são as chaves para atingir diversos objetivos profissionais. Há uma ênfase, ainda que mais sutil do que aquela expressada por Renata, na capacidade do indivíduo como o agente capaz de construir o melhor caminho profissional. Ainda que reconheçam as dificuldades e limitações do mercado de trabalho, acreditam grandemente nos seus diferenciais como profissionais, na capacidade de corresponder e superar as expectativas de qualquer empresa. Ainda que nenhum deles tenha se referido diretamente à empregabilidade, é possível afirmar que de alguma forma eles incorporam sua lógica.

### *Família*

No quadro abaixo constam algumas informações sobre as famílias dos entrevistados desse grupo:

### QUADRO XIX: Grupo 03 - Família

Nome	Local de nascimento dos pais	Escolaridade*	Ocupação	Com quem mora (Número de pessoas na casa)	Nº de pessoas que estão trabalhando
<b>Claudio</b> <sup>55</sup>	São Paulo (ambos)	Mãe: EF2 Pai: EM	Mãe: promotora de eventos	Mãe e irmão (3)	3
<b>Fernanda</b>	Mãe: São Paulo Pai: Minas Gerais	Mãe: técnico Pai: EF1	Mãe: secretária Pai: construção civil	Pai, mãe e irmã (4)	3
<b>Renata</b>	São Paulo (ambos)	Mãe: Ensino Superior (inc.) Pai: EM	Mãe: gerente de Buffet Pai: promotor de vendas	Pai e mãe (3)	3
<b>Paulo</b> <sup>56</sup>	Paraíba (ambos)	Mãe: EF1 (inc.) Pai: EF2	Mãe: inativa	Mãe e irmão (3)	2

\* EM: Ensino Médio, EF1: Ensino Fundamental 1 (até a quarta-série), EF2: Ensino Fundamental 2: até a oitava série e ES: Ensino Superior.

As informações apresentadas acima indicam algumas coisas. Em primeiro lugar, há uma variedade de graus de escolaridade dos pais dos jovens, entretanto, observa-se que nenhum deles possui formação superior. As profissões que exercem estão principalmente associadas ao conhecimento e experiência adquiridos por meio da prática e do exercício do trabalho, mais do que a qualquer formação formal. A mãe de Fernanda é técnica de enfermagem, mas não exerce mais a profissão. A mãe de Paulo não trabalha há muitos anos, e sustentou a família com a pensão recebida com o falecimento do marido, há 11 anos. Assim, como o verificado nos outros grupos, percebe-se um aumento do nível de escolaridade dos filhos com relação aos pais. Os jovens ainda não concluíram a escolarização, mas já possuem mais de 11 anos de estudo, o que corresponde à conclusão do Ensino Médio. Por sua vez, os pais apresentam diferentes anos de escolaridade, 4, 8 e 11. O aumento da escolaridade é uma tendência brasileira, que pode ser evidenciada pela distribuição de anos de estudo por faixa etária: “nos grupos de idade mais avançada, esse número era bem menos do que o verificado entre as pessoas mais jovens. Nas faixas etárias de 18 ou 19 anos, 20 a 24 anos e 25 a 29 anos, o número médio de anos de estudo foi de 8,8, 9,3 e 8,9, respectivamente. Já entre aqueles entre 50 a 59 anos e 60 anos ou mais, este indicador foi 6,1 e 3,9 nessa ordem” (IBGE, 2007, p. 9)<sup>57</sup>.

<sup>55</sup> O pai de Claudio faleceu há seis anos, por isso a única informação que consta sobre ele nessa tabela é a escolaridade; ele trabalhava na empresa da família, uma fornecedora de autopeças.

<sup>56</sup> Assim como Claudio, o pai de Paulo também já faleceu, trabalhava como pedreiro na construção civil.

<sup>57</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/comentarios2007.pdf>  
acesso em: 11/02/2009.

Todos os entrevistados moram com a família, sendo que nenhum deles tem os pais divorciados. A proporção de pessoas que trabalham nas famílias é alta, apenas a mãe de Paulo é inativa. Além disso, apenas Fernanda estava desempregada no momento da pesquisa, todas as outras pessoas ativas das famílias dos jovens estavam trabalhando.

Todos os jovens afirmaram ter um bom relacionamento com a família, ainda que não seja uma relação livre de conflitos e discordâncias. Renata foi a única que não fez nenhuma menção aos conflitos familiares ou às divergências em família, afirmou que tem uma ótima relação com seus pais, baseada em muito diálogo e amizade.

A leitura da transcrição da entrevista de Claudio já revela a importância da família na sua vida, ele faz referências a ela em diversos momentos, mesmo quando as questões não a envolvem diretamente. Com a morte do pai há aproximadamente sete anos, a família teve que se adaptar a uma nova realidade: mudar de casa, de bairro, reduzir o padrão de vida, sua mãe se viu forçada a procurar um emprego pela primeira vez. Todos esses fatos marcaram a vida de Claudio, sua trajetória profissional, sua vida familiar, e as referências à importância da família como base de apoio emocional apareceram diversas vezes durante sua entrevista. Acontecem discussões e divergências, mas, para ele, o respeito é uma marca dessa relação, além disso, enfatiza a ausência de autoritarismo de sua mãe, que sempre discute com os filhos as questões domésticas e não toma sozinha decisões que podem afetar a todos. Os diálogos são frequentes e todos parecem conhecer e se envolver na vida dos demais.

Paulo também afirma ter uma boa relação com a família, ainda que ressalte o contato pouco frequente que tem com eles. Ele é o caçula de uma família de nove irmãos, sendo apenas uma mulher, todos com idades entre 37 e 19 anos. Apenas ele e o irmão imediatamente mais velho ainda moram com a mãe, os demais residem perto, mas não há uma convivência frequente com eles, principalmente devido à própria rotina de trabalho e estudo de Paulo. Ele tem pouco contato também com o irmão com quem ainda mora, pois seu irmão é policial do exército e não passa muito tempo em casa, assim os horários deles nem sempre coincidem e ele fica dias ou semanas sem encontrá-lo. A única pessoa da sua família com quem realmente tem uma convivência frequente é a sua mãe. Segundo ele, os diálogos são constantes e não há muito conflito entre eles.

Fernanda é a única que afirma ter uma relação um pouco mais delicada com a família. A base dessa dificuldade está na grande diferença de personalidade entre eles:

*- Você tem uma boa relação com a sua família?*

*Fernanda: É meio tumultuado né, porque em casa é muito engraçado, porque eu falo que se juntar meu pai e a minha mãe não dá a responsabilidade que eu tenho (...) meu pai mesmo*

*ele é um pouco irresponsável pra idade dele, ele não aceita que tá na casa dos cinquenta (...) é muito estranho porque eu me sinto um peixe fora d'água em casa (...)A minha mãe é... eu acho muito engraçado, ela é a seguinte pessoa “Se você quiser estudar, você estuda, se você quiser lavar chão você lava, problema seu, a vida é sua” .*

Como é possível perceber pela passagem acima, o caso de Fernanda é muito particular. Em muitas ocasiões ela se sente responsável pela família, pelo funcionamento da casa, por exemplo, é ela quem se lembra dos dias de pagamentos das contas. É ela quem muitas vezes critica o comportamento dos pais e da irmã, que cobra que tenham atitudes mais responsáveis e não o contrário. Ela se sente sobrecarregada em casa, pois, desde cedo, ao reconhecerem o seu grande senso de responsabilidade, houve uma gradativa transferência de obrigações de seus pais para ela. Mas, mesmo com todas essas diferenças, ela afirma que há muito diálogo entre eles.

Com exceção de Fernanda, todos os entrevistados enfatizaram em primeiro lugar a boa relação que possuem com os familiares. Renata não fez nenhuma menção ao conflito e Claudio e Paulo falaram apenas superficialmente sobre isso, sem se deterem longamente sobre esse assunto.

Em relação à esfera do trabalho, não parece haver muita discordância entre as vontades dos jovens e de seus pais. Todos eles afirmaram compartilhar com a família suas decisões e vontades profissionais e esse tema não se revelou um fator de desentendimento entre eles. A participação inclui a existência de conselhos e incentivos por parte dos pais.

Claudio afirmou que sente que seu irmão não concorda totalmente com sua opção de se dedicar integralmente às trufas, pois acredita que ele poderia contribuir mais com a renda da família, entretanto, não há uma cobrança explícita por parte dele. Mesmo assim, ele ajuda na venda dos produtos ou na indicação de novos locais para comercialização. Ainda que a família o aconselhe, ele nunca se sentiu pressionado a concordar com as suas opiniões, ele se sente livre pra tomar as decisões que considera mais adequadas. A importância de sua família é generalizada:

*- Você acha que a sua família foi importante na sua trajetória profissional?*

*Claudio: (...) Ah, é uma pergunta difícil, é uma pergunta difícil, eu poderia te responder aqui na lata qualquer coisa, um sim ou um não e talvez depois fazendo trufa hoje à tarde eu “Não, não era isso, eu tinha que falar outra coisa”, mas, olha eu acho que a minha família é importante em tudo, absolutamente tudo, da roupa que eu visto, ao modo como eu ando e eu acho que o lado profissional não fica fora disso, faz parte, eles podem nunca ter sido o processo decisivo pra qualquer decisão minha, eles podem nunca ter batido o martelo no final das contas. (...) nunca rolou essa pressão, rola decepção, conforme a pessoa fica meio claro que ele ficou decepcionado isso e aquilo, mas eles sempre me apoiaram, acho que aqui em casa, independente da decisão que as pessoas tomem pra vida delas, pessoal,*



*profissional, acadêmica, não interessa a gente sempre apóia, a gente sempre apóia, desde que não fira os nossos princípios.*

A participação da família de Renata no que diz respeito a sua trajetória profissional é grande, haja vista que seu primeiro e único trabalho foi no Buffet no qual sua mãe é gerente. Eles têm participação ativa nas suas decisões não apenas profissionais, aconselham sobre o que acreditam serem os melhores caminhos. Não há dissonância entre as vontades de Renata e a de seus pais e o trabalho não parece ser uma fonte de conflito entre eles.

Por sua vez, Paulo afirma que não recebe muitos conselhos da sua mãe, mas, em outro momento da entrevista, conta que pensou em sair de seu emprego atual para estagiar em sua área e que sua mãe foi contra, pois acredita que ele está em uma posição favorável no mercado de trabalho. Assim, com certeza, há um posicionamento de sua mãe em relação à sua trajetória profissional, ainda que ele não tenha reconhecido isso quando perguntado. A sua família também foi importante na construção de sua trajetória, já que foi por meio deles que conseguiu os dois últimos trabalhos.

Por fim, a situação de Fernanda é um pouco diferente. Ela diz que recebe apoio da família e que compartilha com eles tudo que ocorre em sua vida profissional, mas, ao mesmo tempo, dá várias indicações de que, nesse quesito, a participação deles é pequena, inclusive não dão muitos conselhos. Mas, a entrevista de Fernanda não é muito clara nesse ponto, pois, se por um lado ela diz que praticamente não há interferências da família nas suas ações, por outro ela afirma que sua mãe mais de uma vez a mandou procurar um emprego, o que indica que ela não assume um posicionamento tão indiferente quanto ela relatou. Assim, talvez Fernanda não seja capaz de identificar claramente o posicionamento e o papel de sua família em relação à esfera do trabalho, mas certamente há algum.

Antes de tudo, as famílias são os principais agentes de apoio, mesmo quando não exercem influência ou uma participação ativa nas suas escolhas pessoais; é a família que permite que eles realizem seus sonhos, façam escolhas, arrisquem, cometam erros, é o suporte material e emocional. Ainda que não tenham conseguido mensurar o efetivo papel das famílias, ou mesmo articular a importante influência que exercem, principalmente no tocante à esfera do trabalho, eles reconhecem sua importância global:

*Claudio: Então acho que isso acontece bastante, a família é a base, o alicerce mesmo, a gente fala parece coisa piegas, mas não, é isso mesmo.*

*Fernanda: minha mãe fala “Mas por que você conta tudo pro seu pai?”, eu falo “Ah, mas ele tem que saber, ele é meu pai também, se eu tiver uma posição e não der certo quem vai ter que bancar é ele”.*

*Renata: ...acredito que sem meus pais eu não teria o menor ânimo pra fazer o que eu faço, eles são minha base, meu alicerce.*

*Paulo: eu particularmente acho que a família, apesar de tudo, dos problemas, das desavenças, das brigas... eu acho que a família é a base de tudo*

A família assume um papel central nas suas vidas, é a esfera que torna possível a vivência nas demais. “A família é o grupo de apoio dos jovens, lugar onde se sentem bem, protegidos, à vontade” (Oliveira, 2001, p. 48). O reconhecimento da importância da família não se baseia na total afinidade ou falta de conflitos, antes de tudo, é uma relação constituída profundamente, para a qual não há interpretação fácil. Não se resume a apoio, motivação, auxílio ou proteção é mais do que isso, traduzido pela expressão: “é a base de tudo”.

### *Escola*

Como já foi dito, todos os jovens que formam esse grupo já ingressaram no Ensino Superior. Como já foi mencionado no primeiro capítulo, mas é interessante retomar aqui, nos últimos anos houve um aumento significativo na quantidade de pessoas matriculadas no Ensino Superior (IBGE, 2007)<sup>58</sup>, que concentrava 10,9% do total de estudantes em 2007. Sendo que a grande maioria freqüentava instituições privadas: 76% dos estudantes. Dessa forma, o acesso dos jovens entrevistados ao Ensino Superior está de acordo com uma tendência recente de ampliação do mesmo.

Fernanda interrompeu o curso pouco tempo depois de ser demitida do banco, pois escolheu uma carreira que acreditava iria ajudá-la a ascender dentro da empresa em que trabalhava, mas que não era aquela que realmente gostaria de fazer, por isso tem a intenção de ingressar novamente na faculdade para cursar Arquitetura. Todos os entrevistado estão no primeiro ano: Claudio faz Administração, Renata faz Direito e Paulo faz Arquitetura.

Todos eles tiveram uma trajetória escolar contínua, isto é, sem interrupções ou repetências e todos fizeram o Ensino Médio em escolas públicas e hoje estudam em faculdades privadas.

Como ressaltado anteriormente, é difícil avaliar as condições concretas de escolarização dos entrevistados, dado que todas as informações são filtradas pelo olhar dos mesmos. Em outras palavras, o ensino em uma mesma escola pode parecer satisfatório aos

---

<sup>58</sup><http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/comentarios2007.pdf>, acesso: 1102/2009

olhos de um jovem e totalmente insatisfatório aos olhos de outro. Nem a avaliação do entrevistado, nem a descrição que faz da escola são objetivas, alguns são mais observadores, detalhistas, questionadores. Assim, o que é possível apreender é a experiência que tiveram e o que isso pode representar em suas vidas.

Não é possível afirmar que esses jovens possuem uma perspectiva muito crítica do ensino que tiveram e das instituições pelas quais passaram. Todos afirmaram que as escolas que freqüentaram eram boas. Fernanda foi a única que não fez nenhuma crítica à escola na qual cursou o Ensino Médio, afirmou que era uma instituição rígida, com qualidade de ensino elevada. Ela tinha disciplinas extra-curriculares, como aulas de música, por exemplo, e não sentiu nenhuma defasagem de conteúdo em sua experiência posterior na faculdade.

Claudio também disse que recebeu uma boa formação escolar, ainda que, segundo ele, a escola tivesse problemas como qualquer outra; em relação a isso ele ressalta a incapacidade da instituição de controlar determinados alunos. Ao se referir à qualidade da escola Claudio afirma:

*Claudio: Mas o Rui Bloie, acho que o bom do Rui Bloie eles dão nível, os alunos que vão lá são poucos alunos de baixo nível é... digo social e cultural mesmo, sabe pessoas... bandidinho, grosseiro, que ameaça professor e coisa do tipo, não isso não rolava né, então quando tinha, era mais mesmo a baderna, pessoa que falta um pouco de educação dentro de casa.*

Nessa passagem, Claudio deixa clara a importância que atribui às características das pessoas que freqüentam a escola na qualidade da mesma. Essa passagem é uma tentativa de diferenciar a instituição que freqüentou de outras escolas públicas, salientando a inexistência de alguns problemas; essa interpretação da fala de Claudio procede porque ele faz referências a casos de violência dentro de escolas que foram noticiados pela imprensa, afirmando que esses fatos nunca ocorreram naquele colégio.

Paulo também afirma que teve um bom ensino escolar e realiza uma análise ainda mais personalista da instituição:

*- O que você achava da escola?*

*Paulo: Assim bem... em si boa, achava boa, porque a escola também depende muito dos alunos e lá você via que não tinha interesse de muita gente, de muita parte, mas uma escola boa, os professores são ótimos, eu não gostava muito da direção da escola, nunca gostei, porque eu sentia muito que era uma direção voltada pra eles, eles não se preocupavam tanto com os alunos, então eu via, eu sentia que era uma coisa voltada mais para os professores, pra eles próprios, porque muitas das vezes verba para arrumar carteira, eu ficava pensando pra onde vão.*

Como é possível perceber nesse excerto, a sua avaliação da escola está fortemente relacionada às pessoas que a compunham, corpo discente, corpo docente e direção. Não há uma crítica aos modelos de ensino, conteúdos, sistemas de resolução de problemas, mas principalmente ao interesse e qualidade das pessoas que estavam na escola. Obviamente que, do seu ponto de vista, a capacidade e ação das pessoas dentro da instituição resultavam em problemas de administração de recursos, baixa qualidade dos materiais, entre outros. Mas a sua crítica tem uma ênfase marcadamente pessoal.

Renata estudou a maior parte de sua vida escolar em uma instituição particular, sendo transferida para a escola pública apenas no início do Ensino Médio<sup>59</sup>. O primeiro elemento ao qual faz referência quando perguntada sobre a escola é a sua dificuldade de adaptação e a sua frustração com a transferência. Mesmo assim, ela afirma que estudou em uma das principais escolas públicas da Zona Sul de São Paulo e que não sentiu nenhuma deficiência em relação ao conteúdo aprendido<sup>60</sup>. A diferença entre uma instituição e outra é observada principalmente a partir de um foco, as pessoas que freqüentam: “as pessoas eram diferentes, foi um pouquinho ruim pra me adaptar”. Observando com atenção suas respostas, fica claro que Renata percebe diferenças enormes entre as duas escolas, o que é enfatizado pela entonação de voz que utiliza ao falar dessa diferença, entretanto, permanece a impressão de que não está necessariamente claro para ela no que se baseia essa sua percepção, isto é, ela sabe que há diferença, mas não necessariamente consegue expressar claramente no que consiste. Ela afirma que a escola particular demonstrava uma preocupação grande em preparar os alunos para o mercado de trabalho, enquanto isso não ocorria na escola pública. Além disso, as pessoas que freqüentavam as duas instituições eram diferentes, ela não tinha a mesma identificação com os colegas da escola pública, ainda que ressalte que um dos elementos mais importantes para a sua adaptação ao novo colégio tenha sido a presença de amigos.

É interessante notar a existência de uma convergência: todos se consideraram bons alunos, aplicados, e afirmaram o gosto pelos estudos. Vejamos o que responderam espontaneamente quando perguntados sobre o que mais gostavam ou não gostavam dentro da escola. A associação espontânea é interessante, pois revela aquilo que vem primeiro as

---

<sup>59</sup> Ela contou que essa transferência ocorreu por razões financeiras, pois fazia um curso de informática na época e a família não tinha condição de arcar com as duas despesas.

<sup>60</sup> Há um elemento na sua entrevista que é interessante introduzir, pois revela muito sobre a natureza diversa dos entrevistados pela presente pesquisa. Quando perguntada se ao prestar vestibular ela sentiu que a sua formação era deficitária em algum sentido, ela respondeu que nessas provas há muitas questões de atualidades e que essa sempre foi sua maior dificuldade, já que não assiste ou lê jornal e não se informa muito sobre “essas coisas”.

suas mentes quando perguntados genericamente: “Do que você gostava na escola?”. As possibilidades de respostas são várias e sugerem algo sobre o tipo de relação que os jovens tinham com a escola.

Claudio afirma que a coisa que mais apreciava na escola era a hora do intervalo, pois podia vender as suas trufas; além disso, faz referência a disciplina de História. Talvez seja difícil entender essa resposta sem considerar o seu oposto, o que ele não gostava. Claudio conta que sofreu muito na escola, pois era um adolescente acima do peso, introvertido e estudioso, por essa razão era motivo de brincadeiras de seus colegas e que esse foi um momento bastante difícil da sua vida.

*Claudio: (...) eu acho que eu desenvolvi o meu lado mais forte contra as pessoas, mais politicamente correto, na época do colegial, porque na época do colegial eu sofri o bullying com a fama de gay, de gordinho, de CDF, eu andava com meninas todas negras, um menino que andava comigo era muito afeminado, e um outro menino que andava comigo, que veio a ser meu melhor amigo durante muito tempo, a gente tinha muito contato, tinha acabado de ter um nenê, então nós todos não nos encaixávamos no padrão vigente. Eu via algumas meninas discriminando as minhas amigas por serem negras, todo mundo fala, mas olha a gente vive no Brasil, o Brasil é racista, sexista, homofóbico e machista, total, total, assim só que é um país de preconceitos camuflados...*

Observando sua fala fica mais fácil entender a sua resposta à primeira pergunta. A venda de trufas sempre foi uma atividade importante na sua vida, exigia tempo, dedicação, investimento, esforço e era na escola onde vendia a maior parte delas. Além disso, com o aumento das vendas seu círculo de contatos se expandiu, elas representavam uma forma de ser aceito, requisitado, procurado por pessoas que talvez nunca falassem com ele por outra razão.

Por sua vez, Fernanda afirma que o que mais gostava na escola eram os campeonatos de física e matemática, das aulas de artes, de construir maquetes e de estudar. Por outro lado, não gostava dos “bagunceiros”, isto é, daqueles que tinham uma postura diametralmente oposta à sua na escola. Essas respostas indicam a relação que ela tinha com a escola, era o local que permitia que ela realizasse uma das suas atividades favoritas: estudar.

Além disso, Fernanda se refere à fase da vida em que estava na escola com saudade: “Da rotina, do estudo, você tinha menos responsabilidade, porque cada ano que passa você tem mais responsabilidade, mais maturidade, das amizades”. A vida escolar representava um período específico de sua vida, que era marcado por menores responsabilidades, ela não se sentia tão pressionada a trabalhar, as suas pretensões profissionais nesse período eram

menores; ainda que já trabalhasse, não possuía o mesmo vínculo e a mesma relação que possui hoje com o trabalho. Ela espera agora conseguir um emprego que garanta estabilidade e propicie a realização de uma faculdade, que represente não apenas uma ocupação e renda imediatas, mas que esteja dentro das suas expectativas de futuro e de construção de uma carreira. A escola também permitia o contato freqüente com os amigos, em uma trajetória que era compartilhada, vivida de maneira conjunta, agora cada um trilha um caminho diferente, solitário.

Quando perguntada se gostava da escola Renata afirma que sim, mas ressalta que estudar sempre foi um hábito, isto é, era uma atividade a qual estava acostumada, nunca questionou a necessidade de estudar. Ela gostava das amizades, de algumas disciplinas, mas antes de tudo, a formação escolar era percebida como uma etapa natural, para a qual não cabiam questionamentos, dúvidas, além disso, era uma atividade que fazia automaticamente, prestava atenção nas aulas e absorvia o conhecimento transmitido.

Paulo afirma que gostava dos professores, da amizade que desenvolveu com eles, dos outros colegas, da convivência que a escola propiciava e das aulas, principalmente daquelas disciplinas com as quais tinha maior grau de afinidade. Por outro lado, não gostava da direção da escola e principalmente dos alunos desinteressados, que atrapalhavam o desenvolvimento das aulas, pois como ele já trabalhava e tinha pouco tempo disponível, o momento dentro da sala de aula era muito importante no seu aprendizado.

Fernanda foi a única que afirmou que a escola teve um papel fundamental na descoberta da profissão que gostaria de seguir, foi lá que ela descobriu sua afinidade com Arquitetura, principalmente nas aulas e com os trabalhos de Educação Artística. A escola também ofereceu uma orientação vocacional que auxiliou nesse processo. Ela não consegue explicar a sua decisão de fazer Arquitetura sem considerar a oportunidade de descoberta de seus gostos a partir do contato com diversas disciplinas escolares. É preciso recordar que Fernanda já iniciou e parou um curso superior, de “Gestão Bancária”, sendo que essa decisão esteve fortemente associada a sua situação no emprego naquele momento.

Para os outros jovens a escola não exerceu o mesmo papel de destaque na escolha da profissão. Dos outros três, Claudio foi o único que afirmou ter tido alguma orientação vocacional na escola, que assim como Fernanda, se caracterizava pela aplicação de alguns testes que pretendiam identificar as áreas com as quais os estudantes tinham mais afinidade. Ele salienta que essa experiência não teve nenhuma importância na sua escolha de cursar Administração. Ele foi o único entrevistado desse grupo que definiu o curso que gostaria de fazer na faculdade apenas alguns anos depois de ter saído do Ensino Médio. Isso inclusive

explica porque ele começou sua graduação mais tarde, quatro anos depois de ter concluído sua formação escolar. Ele só se decidiu realmente quando conseguiu identificar claramente seus objetivos futuros, isto é, foi com base no que ele pretende fazer no futuro que se decidiu por esse curso. Sua decisão não foi inteiramente baseada em afinidades, no que gostaria de estudar, tanto que ele revelou seu desejo anterior de cursar Gastronomia ou Psicologia, tendo inclusive passado em um vestibular para esta segunda, mas decidiu não cursar.

*Claudio: Na verdade é o seguinte, vamos lá, ah... eu vim passando por um tempo, eu queria Psicologia, eu cheguei a entrar na faculdade de Psicologia, mas meu irmão mais velho ... ele acabou com o curso de Psicologia, acabou com o curso, e eu acabei desistindo do curso mesmo, e depois parando pra pensar minha vida tal, eu falei meu objetivo é abrir um negócio pra trabalhar com as trufas, ou coisa parecida, eu sempre quis abrir um café, alguma coisa do tipo, falei “Meu, pra eu fazer isso eu preciso ter uma base”, então eu falei “Eu vou aprender a administrar as coisas” (...) então decidi fazer por isso, cheguei lá pensando que eu não fosse gostar tanto, cheguei pensando “Ai que saco, eu vou ter que ver número e etc e tal”, meu me apaixonei por contabilidade, por método quantitativo, são as matérias que eu sou mais foda, desculpe a palavra.*

A escolha de Paulo e Renata foi construída de uma maneira diferente desta relatada por Claudio. Ambos saíram do Ensino Médio e ingressaram imediatamente na faculdade, não tendo dúvidas sobre qual carreira escolher. Ambos falaram que identificaram seu gosto pessoal por essas profissões desde cedo:

- *Quando você decidiu cursar Direito?*

*Renata: Desde pequena, desde pequena eu admirava assim o Direito, acho que eu comecei a assistir Law and Order eu já falava “Adoro”, acho que foi por isso, meio assim.*

- *Quando você decidiu fazer Arquitetura?*

*Paulo: Desde pequeno eu sempre... meu pai era pedreiro, então eu vivia em obra, eu gostava muito, muito, muito, muito, de ver construção, ver aquele terreno no barro, eu gostava muito, achava muito interessante, aí eu fui crescendo, crescendo, crescendo, aí eu entrei em uma empresa de engenharia para variar, aí eu acabei indo.*

Paulo descobriu seu gosto pela Arquitetura quando era ainda criança e visitava as obras onde o pai trabalhava. Renata também disse gostar de Direito desde pequena e salienta a influência que uma série de televisão pode ter tido na sua escolha. Esses jovens revelam como a escolha profissional e o direcionamento da carreira é construído de maneira complexa, ou seja, envolve a influência de fontes dispersas, na escola, na família, amigos e

até mesmo na televisão, ainda pode estar baseado na afinidade, no gosto pessoal, nos determinantes de um emprego, nas projeções futuras.

Ainda que, na maioria das vezes, a escola não tenha representado um papel importante na escolha profissional, ela foi importante por outras razões. A escola permitiu a socialização, o contato com pessoas diferentes, nesse sentido, propicia a descoberta do mundo social, mas também de si mesmo.

*Paulo: Porque eu conheci pessoas, vivi com pessoas diferentes, você vivia diversos problemas, você via coisas estranhas e ao mesmo tempo boas pro seu desenvolvimento pessoal.*

A formação escolar e, mais que isso, a experiência escolar é vista como relevante para todos os entrevistados desse grupo, não apenas porque garante diploma de Ensino Médio, mas também cumpre um papel fundamental de sociabilidade. Como afirma Krauskopf, com relação à América Latina e Caribe:

Sem dúvida, o sistema educacional mantém um alto valor como oferta social, para além de sua defasagem e seus problemas. Além de constituir certa credencial para entrar no mercado de trabalho e proporcionar um reconhecimento formal da aprendizagem de habilidades e conhecimentos, a escola produz uma atribuição identificatória positiva, oferece um âmbito extrafamiliar legitimado e protegido (...) A educação durante a fase juvenil faz parte do campo de elaboração da própria identidade, da socialização e da sociabilidade com os pares, influi nas perspectivas de vida, de encontro de modelos (frustrantes ou enriquecedores) de identificação com os adultos encarregados do sistema (2005, p. 159).

Há um forte reconhecimento, por parte dos jovens desse grupo, da relevância da experiência escolar, sendo que tal importância é ampla e não pode ser reduzida ao fornecimento de certificados ou ao acesso propiciado a diferentes áreas do conhecimento. Há uma ênfase naquilo que foi vivenciado, que foi ricamente expressado no relato de Claudio, quando se refere aos preconceitos vividos na escola.

Todos os jovens reconheceram a importância atribuída por seus pais à educação. Renata afirma que para seus pais a sua educação é prioridade, eles a auxiliam pagando metade da mensalidade da faculdade, sempre a incentivaram a fazer cursos diversos e salientam que no momento ela deve se concentrar nos estudos e não aceitar nenhum trabalho que possa prejudicar sua dedicação.

Paulo, Claudio e Fernanda reconhecem a importância atribuída pelos pais à formação, entretanto, a participação de suas famílias é mais restrita do que a de Renata. São os jovens que se responsabilizam pelo pagamento integral das mensalidades. Claudio afirma



que sofreu uma grande pressão de sua família, não apenas de sua mãe, mas também dos avós, para entrar na faculdade, segundo ele, sua demora foi motivo de frustração materna. Fernanda sofre uma pressão menor em casa nesse sentido, ainda que para os pais fosse inconcebível o abandono dos estudos. Segundo ela, a ausência de cobrança deriva justamente do reconhecimento que os pais têm da incapacidade de ajudá-la na realização desse objetivo. Paulo afirma que a mãe sempre valorizou os estudos, não deixava que faltasse às aulas, contudo, mesmo com essa preocupação e valorização da formação escolar ela não conseguiu que todos os filhos terminassem o Ensino Médio, apenas três dos nove filhos o fizeram. Além disso, Paulo é o primeiro a ingressar no Ensino Superior, sendo que esse era um sonho declarado de seu pai “ter pelo menos um filho formado”. Assim, a realização da faculdade não é apenas um desejo pessoal, mas é também a realização do sonho de um pai que morreu precocemente, sendo que isso está sempre no seu horizonte: “Todo dia que eu vou pra faculdade eu penso muito nele”.

#### *Amigos e lazer*

Nesse grupo aparecem referências às “baladas” como atividades de lazer. As “baladas” são casas noturnas, nas quais a grande atração é a música e onde se vai principalmente para dançar. Há estabelecimentos que contemplam os mais variados estilos musicais, mas a predominância é de música eletrônica. São estabelecimentos fechados, nos quais só é possível entrar com o pagamento de um ingresso. Além das “baladas”, os jovens fizeram referências aos bares, cinemas, teatros e restaurantes. Paulo ainda citou exposições, principalmente as de arquitetura e design.

Dentre todos os jovens desse grupo, Renata foi quem afirmou dedicar mais tempo às atividades de lazer, principalmente às “baladas”, programa muito apreciado. Sua rotina de lazer noturno começa na quinta-feira e se estende até o domingo. Segundo ela, essa rotina agitada só é possível porque ela possui uma rede de relacionamentos extensa, composta por pessoas que trabalham em diversas casas noturnas que garantem não apenas entrada gratuita, mas também o consumo no interior desses estabelecimentos. Assim, ela consegue manter essa atividade sem comprometer o ganho obtido com o trabalho, pois frequentar constantemente tais locais em condições normais implicaria um gasto considerável com o lazer.

Também houve uma referência à internet como importante instrumento de contato e comunicação com os amigos. Claudio e Renata foram os dois jovens que deram maior

ênfase ao acesso à internet como atividade de lazer, destacaram principalmente o acesso a sites de relacionamentos e a utilização de programas de conversa online, a partir de uma lista de contatos pessoais.

Assim como nos outros grupos houve referências à necessidade de adequação da rotina de lazer à renda oriunda do trabalho. Esses dois elementos parecem indissociáveis. Claudio afirma que algumas vezes deixou de sair com amigos por falta de dinheiro:

*Claudio: Não, não tenho, eu gostaria, assim, eu gostaria de ver os meus amigos todos os finais de semana, às vezes tem semana que quando eu tô com dinheiro eu saio a semana inteira...*

*- No final a sua rotina de lazer acaba ficando um pouco dependente da sua disponibilidade financeira?*

*Claudio: Total, diretamente, diretamente, da mesma forma como a minha rotina de lazer é influenciada mediante as minhas encomendas em relação as minhas trufas, eu nunca deixei de fazer uma encomenda pra poder sair.*

Além do limitador financeiro, há também a necessidade de priorizar o tempo do trabalho e das obrigações, em detrimento do tempo de lazer. Esse fato também aparece no relato de Paulo. Como ele trabalha durante a semana e estuda à noite, ele dedica os finais de semana à realização das atividades da faculdade, sacrificando qualquer outro programa. Assim, as suas possibilidades de lazer são também definidas pelo grau de exigência da faculdade.

Com relação às influências dos amigos nas trajetórias profissionais ou mesmo nas construções biográficas, os jovens fizeram referências muito pessoais, ou seja, a esta ou aquela pessoa que consideram importante, alguém que deu conselhos em algum momento ou com quem estabeleceram uma relação de cumplicidade ou confiança. Há sempre um afastamento dos amigos de infância, em decorrência da ausência de contato diário, principalmente, dos colegas de escola.

Entretanto, com relação a esse aspecto, muitas vezes o que se percebe no decorrer da entrevista é mais significativo do que aquilo que é verbalizado quando esse tema é diretamente abordado. Os amigos de Renata propiciam seu acesso a atividades de lazer. Os amigos de Claudio são fundamentais na divulgação e comercialização de seus produtos, assim como são um público sempre cativo. Além disso, foi com uma amiga vizinha que aprendeu a fabricar as trufas e foi com uma colega de escola que começou de fato a comercialização. Dessa forma, não é possível minimizar a importância das amizades nos mais diversos aspectos das vidas dos jovens, o lazer é quase sempre associado a uma relação

que se faz em conjunto<sup>61</sup>. Além disso, os círculos de sociabilidade expandem o aprendizado social dos jovens e o auto-conhecimento. Muitas vezes, é no contato com pessoas da mesma idade que os jovens ampliam seu repertório social e experimentações e, por sua vez, definem os gostos pessoais.

*- Você acha que seus amigos foram uma influência muito importante na sua vida, na sua formação pessoal, no seu gosto?*

*Claudio: Ai que pergunta difícil, você tá fazendo uma pergunta difícil, a gente não pára pra pensar nessas coisas... não acho que o seguinte, foram, foram, acho que desde pequeno quando eu tive meu melhor amigo, meu primeiro melhor amigo, Rafael, ele era o melhor aluno da sala, eu não era tão dedicado, eu passei a me dedicar porque eu passei a andar com ele, ele é viciado em videogame de RPG, então passei a gostar também, passei a jogar videogame, ia pra casa dele, e eu vi... agora que você tá falando, parando pra pensar foi isso sabe, você vai desenvolvendo (...) Assim, você passa por esses preconceitos e tudo mais e o convívio com os seus amigos te faz crescer também, os meus gostos mudaram, a minha vizinha que é a minha dentista inclusive, ela que me ensinou a me vestir...*

É interessante perceber que, nesse grupo, não parece haver uma oposição entre amigos e família. Em outras palavras, não há nenhuma menção dos entrevistados em relação a uma afinidade ou identificação maior com os amigos do que com as famílias, como ocorre nos outros grupos. O círculo de amizades é muitas vezes definido com base em uma identificação, freqüentam os mesmos locais, gostam dos mesmos programas, observam a vida de maneiras semelhantes, mas não é uma relação construída com bases muito diferentes daquelas estabelecidas no grupo familiar. Renata, inclusive, destaca entre as atividades de lazer o hábito de sair com os pais.

### *Expectativas*

Todos eles revelaram a existência de alguns projetos para o futuro, sendo que dependendo do jovem eles são mais ou menos estruturados. Todos eles constroem seus projetos para o futuro com base nas suas formações superiores, esse parece ser o fio condutor principal, o passo inicial, para a construção de carreiras profissionais, que, por sua vez, permitirão a realização dos sonhos pessoais.

---

<sup>61</sup> Nesse caso é importante ressaltar que há referências ao lazer solitário. Claudio afirma que a fabricação de trufas funciona muitas vezes como uma atividade de lazer, é uma distração. Por sua vez, Paulo fala sobre uma prática interessante: quando questionado sobre quais atividades faz para se divertir, ele afirma que pelo menos uma vez por final de semana deve assistir a um filme “V de vingança”, com o qual se emociona toda vez repetidamente.

Quando perguntada sobre o futuro, Fernanda diz:

- *Como você imagina o seu futuro?*

*Fernanda: Me formar quem sabe seja Arquitetura, uma arquiteta bem conceituada, porque às vezes a gente tem que sonhar grande pra gente buscar né, ter sonhos, me formar, viajar bastante.*

O tom utilizado por ela nessa resposta não revela a existência de um projeto muito estruturado, ela se refere mais à forma como gostaria que fosse e não aos passos que ela dará em direção à essa realização. Outra resposta enfatiza essa afirmação:

- *Mas você consegue fazer planos num prazo mais longo?*

*Fernanda: Hoje eu já não faço mais, porque como gato escaldado tem medo de água fria sabe, hoje eu faço o presente quem sabe até o final de semana.*

- *Por quê? Você acha que as coisas podem mudar muito rápido?*

*Fernanda: É muito, eu já era muito sonhadora, hoje já sou mais pé no chão.*

- *Mas você acha que isso ocorreu por causa da sua trajetória toda? Das experiências que você teve?*

*Fernanda: Tudo, tudo, tudo.*

Há elementos importantes nessa passagem. O primeiro diz respeito a uma mudança de atitude de Fernanda em relação aos seus próprios objetivos. Observando essa passagem e outras de sua entrevista é possível afirmar que ela faz uma referência clara ao período em que trabalhava no banco. Nesse momento ela fez planos, assumiu compromissos, investiu em sua formação vislumbrando a consolidação e o crescimento nessa empresa, idealizou e projetou o seu futuro com base na situação vivenciada naquele momento, mas tudo ruiu de forma inesperada, obrigando Fernanda a rever todas essas questões. Ela falou da depressão que acompanhou a perda desse emprego e o quanto foi difícil superá-la. Certamente, essa experiência provocou uma mudança de atitude e postura com relação às próprias expectativas, ela não deixou de sonhar, idealizar, construir objetivos futuros, mas agora seus projetos são mais frouxos, não parecem estar no horizonte de sua vida presente como destino certo, mas como possibilidades de realização.

É interessante notar que a entrevista de Fernanda demonstra como a incapacidade de planejar o futuro ao longo prazo pode estar relacionada à trajetória e às experiências anteriores. No caso dela não foram os empregos instáveis e sem registro que afetaram a sua segurança no futuro, ao contrário, foi a perda da única situação de trabalho que parecia ser segura.

Renata adota uma postura diferente:

- *Você consegue se imaginar daqui a dez anos?*

*Renata: Consigo, antigamente eu nem pensava, mas agora.*

- *Mas o que mudou?*

*Renata: Porque agora acho que eu já ganhei mais maturidade, tipo já consigo mais assim focar assim, já parei com essa vida de “Ah, vamos só curtir o momento”, agora eu já penso mais no futuro, então eu já idealizo como eu quero, pra seguir os meus passos pra conquistar esse meu objetivo.*

Essa resposta de Renata também indica uma mudança de atitude em relação à construção de projetos para o futuro, mas o caso dela é exatamente o contrário. Se antes ela se concentrava apenas no presente, agora o futuro já aparece como um horizonte importante para o qual direciona as suas ações, mudança que ela associa à sua maturidade. É fácil identificar fatores que estão vinculados a essa transformação que vão além do amadurecimento resultante do seu envelhecimento cronológico. Neste momento, ela cursa uma faculdade, precisou escolher uma carreira, o que, em alguma medida, fez com que pensasse sobre o seu futuro. Ela se aproxima de um momento no qual se processará uma mudança na sua situação de vida. Em outras palavras, há muitos anos ela é uma estudante que trabalha como monitora em um Buffet aos finais de semana, sendo que a sua condição de estudante sempre se sobrepôs a sua condição de trabalhadora, agora ela terá que se inserir de outra maneira no mercado de trabalho. Não basta ter uma ocupação que propicie sua renda pessoal e se adeque ao seu estilo de vida, ela sabe que terá que procurar um emprego na área de sua escolha, pois essa experiência é necessária para a consolidação de sua carreira. Essas decisões estão claramente associadas ao futuro. A sua decisão de procurar um estágio e abandonar sua ocupação atual está claramente orientada para aquisição de conhecimento, experiência, qualificações que serão importantes no seu futuro profissional. Ainda que suas ambições profissionais possam não ter se alterado, antes eram realizações que estavam em um horizonte distante, agora obrigam-na a tomar decisões e agir de maneira orientada. Não é possível viver apenas o presente, é preciso clareza na definição dos objetivos para um direcionamento.

É possível afirmar que Claudio e Paulo se assemelham nesse ponto, pois ambos apresentam projetos de futuro bem estruturados. Isso se confirma pela forma como descrevem seus futuros de maneira mais detalhada.

Já no início da entrevista, Claudio afirma a sua vontade de ter um negócio próprio um dia, um estabelecimento comercial ligado ao ramo da alimentação, com um café, por exemplo. Essa vontade está claramente associada à sua trajetória com as trufas, à fabricação,

comercialização e a sua habilidade culinária. Ele planeja trabalhar na área de administração, em alguma empresa para adquirir a experiência e o conhecimento necessário, para depois disso investir em um negócio próprio. Quando fala de seu futuro, ele delinea esses passos, declara até mesmo a região da cidade para onde gostaria de se mudar quando conseguisse sua independência financeira.

*Claudio: então eu gosto de ter objetivos sim, e eu preciso cumprir esse objetivo até tal período, que é o período que eu programei pra isso, se eu não cumprir tem alguma coisa errada, tem alguma coisa errada, mas eu faço o possível pra cumprir, como eu faço trufas, você tem um prazo pra entregar uma encomenda e vou sair pra balada?*

Apesar de tudo isso, ele reconhece que esses projetos podem ser alterados, pois sabe que pode não ser fácil realizá-los, além disso, ele mesmo pode mudar, as suas vontades, os seus desejos, os seus objetivos, pois isso já aconteceu quando resolveu cursar Administração.

Paulo também é detalhista quando fala de seus planos:

*- Você consegue se imaginar daqui a dez anos?*

*Paulo: Sim.*

*- Você quer ter um escritório?*

*Paulo: Não daqui a dez anos, porque eu ainda quero trabalhar pra alguns arquitetos, algumas empresas de engenharia e arquitetura. O que eu almejo mesmo, depois de terminar a faculdade ir pra uma empresa, pra uma construtora chamada Odebrechet, muito grande. Eu tenho contato, justamente por conta dessa empresa eu tenho contato com pessoas da Odebrechet, da Gafisa.*

Os planos de Paulo e Claudio são parecidos, ambos pretendem trabalhar para terceiros em suas áreas para posteriormente comandar um negócio próprio. Mesmo cursando o primeiro ano de faculdade, Paulo já sabe para quais empresas gostaria de trabalhar e já articula seus contatos visando a realização desse objetivo. Além disso, ele fala dos cursos que quer fazer quando terminar a faculdade, pós-graduação e talvez outra faculdade.

Uma questão importante sobre as expectativas de futuro diz respeito às inseguranças e incertezas que possivelmente têm. Com base no que foi exposto, talvez fosse pertinente questionar se a construção de projetos está relacionada com a existência de tais incertezas. Como essas são duas questões colocadas aos jovens de maneira independente, será interessante perceber se há essa associação.

As respostas de Fernanda em relação ao futuro parecem estar fortemente associadas à sensação de incerteza, ela tem consciência de que o planejamento não significa sucesso na realização de objetivos, que não é possível ter total controle dos fatores que podem influir nisso. A sua resposta confirma isso:

*- E você tem alguma insegurança em relação ao futuro?*

*Fernanda: Eu tenho de não conseguir o que eu quero, mas acho que todo mundo também né, a gente tem um objetivo, mas a vida traz um destino diferente, eu acredito muito nisso.*

Ela sabe que é difícil ter controle sobre o futuro, em outro trecho quando questionada se consegue se imaginar daqui a dez anos ela revela:

*Fernanda: Eu tava pensando nisso hoje “Meu Deus como eu vou estar daqui a dez anos?”, porque eu pensei isso a dez anos atrás né, com doze anos, eu pensei que eu iria ter meu carro, as minhas férias, morar sozinha, independência total, nada a ver, nada a ver, daqui a dez anos quem sabe né?.*

Se adotássemos essa lógica, de que a incerteza afeta a construção de projetos definidos para o futuro, era de se esperar que Claudio e Paulo demonstrassem menos insegurança em relação a isso do que Fernanda. Essa afirmação seria verdadeira no caso de Paulo, pois ele não parece considerar a hipótese de que os seus projetos não se realizem, mas há uma única e grande insegurança:

*- Você tem alguma insegurança em relação ao futuro?*

*Paulo: A minha insegurança é de ficar desempregado, eu tenho muito medo disso hoje em dia. Principalmente por causa da faculdade, porque eu acho que se eu não tiver um emprego estável eu não consigo pagar, então se eu não tiver um emprego eu não consigo fazer a faculdade, então é complicado, esse é o meu único medo, minha única insegurança mesmo.*

É preciso salientar que as inseguranças reveladas por Paulo e Fernanda são substancialmente diferentes. Ainda que reconheça que não se sente inseguro nesse momento em seu emprego atual, ele sabe que o desemprego ameaça a consecução dos seus objetivos. Essa incerteza afeta a sua decisão de sair desse emprego, no qual dificilmente terá a chance de trabalhar na área na qual se gradua, para realizar um estágio em arquitetura, pois em caso de não adaptação ele poderia ficar desempregado. Segundo Rodrigues, a queda no número de empregos e a conseqüente dificuldade de inserção estável no mercado de trabalho fazem com que o significado simbólico do mesmo aumente, inclusive para os trabalhadores

estáveis: “De minha perspectiva nos diferentes setores de atividade, o aumento do volume de desemprego e do tempo de duração dessa situação reforçam o sentimento de insegurança das pessoas que dependem do trabalho assalariado para viver.” (2005, 33). O desemprego não precisa ser vivenciado para aparecer no horizonte de preocupações dos trabalhadores e incidir sobre as representações deste, ao contrário, a simples existência de uma ameaça de desemprego já traz conseqüências. A partir de uma pesquisa realizada com jovens trabalhadores de metalúrgicas, Rodrigues e Souza Martins (2005) salientam que o desemprego é uma preocupação constante, inclusive daqueles que não estão sob ameaça real de perda do emprego. Os autores relatam que 76% dos jovens metalúrgicos entrevistados por eles declararam preocupação em perder o emprego. No caso de Paulo não há uma ameaça concreta de demissão, isto é, a sua insegurança não é causada pelas circunstâncias de exercício da sua atividade profissional, mas por um reconhecimento de que encontraria dificuldade de reinserção nas mesmas condições no caso de uma demissão. Nesse sentido, o cenário do trabalho, os altos níveis de desemprego e as pequenas oportunidades abertas aos jovens como ele são suficientes para provocar insegurança com relação ao futuro.

A insegurança de Paulo está fortemente associada ao pagamento da mensalidade da faculdade e não ao reconhecimento de que o futuro é incontrolável, como é o caso de Fernanda. Por essa razão, ele consegue imaginar sua vida daqui a dez anos, fazer projetos no longo prazo; para ele, seu único grande desafio é obter as condições para concluir sua formação superior.

Assim como Paulo, Claudio também demonstrou um planejamento do futuro, mas ele foi claro ao abordar as suas inseguranças:

*- Você tem alguma insegurança em relação ao seu futuro?*

*Claudio: Insegurança... eu tenho... eu acho que eu tenho receio na verdade de não conseguir ser auto-suficiente no quesito profissional, ser independente financeiramente, com a minha mãe sozinha, eu fico muito... eu sou o caçula né, então será que eu sairia de casa e deixaria minha mãe, ou será que a gente venderia essa casa grande e compraria uma menor pra viver junto, às vezes eu tenho vontade de sair só com o meu irmão, penso muito nisso.*

As suas inseguranças ultrapassam as questões relacionadas à esfera do trabalho, apesar de ter sido esse o primeiro elemento citado. Ele pode não conseguir realizar seus projetos profissionais, em outra passagem da entrevista, ele diz: “eu sei o que eu quero, eu só não tenho certeza se eu sei o que eu faço pra chegar”. Nesse sentido, a realização de projetos é uma estratégia para identificar os melhores caminhos para alcançar seus objetivos. Quando ele fala das suas inseguranças em relação à família, ele revela a



impossibilidade de pensar sua própria vida, o seu futuro pessoal, sem considerar outras esferas, sem considerar as pessoas que o cercam. Assim, quando eu pergunto como ele se imagina daqui a dez anos, ele fala do trabalho, da família, do local onde gostaria de morar, da sua relação conjugal e, da mesma forma, quando pergunto se há alguma insegurança, ele volta a essas questões. Não vislumbra seu futuro sem considerar todos esses elementos e se há projetos claros em algumas áreas, como o trabalho, por exemplo, em outras as perguntas estão em aberto. Assim, ainda que Claudio tenha revelado diversos planos antes dessa questão, é possível perceber, pela sua resposta, que ele está certo que sabe claramente como gostaria que fosse sua vida no futuro, mas ainda precisa definir a viabilidade do que planeja.

Por sua vez, Renata afirma que não sente nenhum tipo de insegurança em relação ao futuro. Ela sabe que podem acontecer eventos excepcionais que a impeçam de dar continuidade aos seus projetos, como ela diz, uma doença, acidente, ou algum acontecimento dessa natureza. Nesse sentido, ela considera que apenas alguma fatalidade pode atrapalhar seus planos, algo de natureza exterior. Mas, ela não se deteve sobre isso e foi categórica ao afirmar que não se sente insegura em relação ao futuro.

Uma questão importante proposta pela pesquisa é a investigação sobre o papel da realização profissional no interior das expectativas futuras dos jovens. Todos sem exceção afirmaram que se realizar profissionalmente está entre suas prioridades principais. Entretanto, é preciso fazer algumas observações a esse respeito.

Em primeiro lugar, é natural que as pessoas desejem ter trabalhar naquilo que gostem, obter sucesso na sua profissão, receber uma boa remuneração por isso. E todos eles desejam esse futuro e alcançar esse objetivo está entre os principais de suas vidas. Todos foram muito enfáticos nessa questão. Todavia, o desejo e, muitas vezes, a necessidade de estabilidade podem interferir na realização profissional. Todos eles foram perguntados se prefeririam trabalhar naquilo que gostam ou em um emprego que trouxesse estabilidade, mas que não fosse o mais apreciado. Vejamos algumas respostas:

*Fernanda: Pela maturidade hoje, acho que ficaria com o que eu não goste, se fosse registrado, hoje.*

*Renata: se você tiver, por exemplo, uma família pra sustentar, você não vai querer trabalhar no que você gosta, ganhar menos e deixar a sua família passando necessidade. Eu sozinha assim hoje, por exemplo, eu queria trabalhar no que eu gosto, não no que eu ganho mais. Mas, se eu tiver uma família, construir uma família e se for necessário, eu quero trabalhar no que ganha mais.*

*Claudio: É, é muito importante, só que eu acho assim, eu faria alguma coisa profissionalmente que não me desse prazer? Faria, faria, só que o tempo seria determinado na minha cabeça “Eu vou abdicar de tantos anos da minha vida, porque vão me pagar tão bem pra fazer isso e eu vou reforçar o meu lado emocional, o meu lado pessoal de todas as formas, pra poder suprir o máximo que eu puder tal emprego, procurar tal coisa, pra poder chegar aonde eu quero”. Faria, só que pra mim é muito importante ser reconhecido e ser prazeroso, ser prazeroso, ser prazeroso é muito importante.*

*Paulo: Não aceitaria um emprego que eu não gostasse, prefiro trabalhar na minha área.*

As respostas acima permitem algumas considerações. Há quase uma gradação nas respostas de Fernanda, Renata e Claudio. A primeira é taxativa ao afirmar a importância da estabilidade, sendo que essa seria sua primeira opção ainda que sacrificasse sua realização profissional. Renata afirma que essa decisão dependeria da sua situação naquele momento, a quantidade de pessoas afetadas por uma escolha dessa natureza. Por sua vez, Claudio afirma que aceitaria um emprego que não lhe trouxesse realização, mas apenas por um tempo determinado, pois no seu horizonte há sempre o forte desejo de trabalhar naquilo que gosta. Por fim, Paulo afirmou que ficaria com a opção de trabalhar no que gosta. Essa resposta de Paulo suscita algumas dúvidas, pois afinal ele está em um emprego que não lhe possibilita praticar o que aprende na faculdade e não o abandona justamente por causa da estabilidade. Ao mesmo tempo, posteriormente ele afirma que a maioria dos arquitetos trabalha como autônomo, assim, deve se acostumar à falta de estabilidade, mas, é muito importante trabalhar naquilo que gosta. Assim, acredito que quando deu essa resposta estava pensando no seu futuro profissional como arquiteto e menos no seu presente.

Para encerrar essa seção, é importante acrescentar mais uma coisa. Todos os entrevistados desse grupo falaram de alguma maneira da importância de constituir família. Claudio falou espontaneamente disso, assim como respondeu todas as questões relacionadas ao futuro de maneira ampla, incluiu rapidamente a possibilidade de uma união estável e até mesmo filhos no interior de suas expectativas. Fernanda também falou espontaneamente na constituição de uma família, ainda que isso tenha aparecido com menor peso em sua entrevista. Paulo e Renata não tocaram nessa questão espontaneamente. Quando questionada Renata disse pensar em matrimônio, mas ainda acha que, para ela, ser independente é mais importante do que isso. Paulo afirmou que possui duas prioridades principais, estudos e trabalho, sendo que a constituição de um relacionamento estável está em terceiro lugar, tendo que priorizar alguma coisa, ele fica com as primeiras duas opções, em detrimento da última.

## **CAPÍTULO 4: Retomando Conceitos e Observando Resultados**

O objetivo deste capítulo é retomar e reconstruir algumas das principais idéias presentes nesta dissertação, assim como os conceitos que as fundamentam. Essa etapa será realizada com base na pesquisa teórica e nas descobertas do trabalho de campo, dois elementos fundamentais para a compreensão do nosso objeto. Primeiramente retomaremos o conceito de juventude. Em seguida, nos debruçaremos sobre o conceito de trabalho precário, unindo a pesquisa teórica às descobertas do trabalho de campo. Esses passos de reflexão são importantes para dar visibilidade à questão de nossa pesquisa, a vivência da precariedade no trabalho.

### **4.1 A juventude como categoria sociológica**

É importante retomar aqui o conceito sociológico de juventude, dado que esta foi a categoria escolhida para pensar a precariedade do trabalho. A juventude é concebida como uma fase da vida que se interpõe entre a infância e a idade adulta. A diferenciação da vida em fases específicas é recente, principalmente no que se refere à vida que antecede a idade adulta. É preciso considerar que a percepção da vida como segmentada em fases diferenciadas não é óbvia, ao contrário, é “o produto de um complexo processo de construção social” (Pais, 1990, p. 146). Há diversos processos sociais que influem na progressiva diferenciação dos indivíduos que atravessam diferentes momentos da vida<sup>62</sup> (Áries, 1978).

Segundo Pais (1990) a juventude surge quando há um prolongamento do momento de passagem da infância à idade adulta. O autor enfatiza que o reconhecimento das fases da vida deu-se muito em consequência dos conflitos ou problemas sociais associados a elas. Assim, a juventude se tornou objeto de atenção na segunda metade do século XIX ao ser percebida a consolidação de um comportamento grupal diferenciado, a que o autor se refere como “cultura adolescente” (1990, p. 148); esses grupos foram considerados como foco de delinqüência social<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Postman (1999) afirma que a criação da prensa tipográfica e a disseminação da cultura letrada foram decisivas para a descoberta da infância.

<sup>63</sup> Pais (1994) identifica na Sociologia dois principais olhares através dos quais a juventude foi considerada, que constituem as correntes *geracional* e *classista*. A corrente *geracional* aborda a juventude como fase da vida, e enfatiza a constituição da juventude como uma categoria que se define a partir da sua relação com as demais gerações e com os seus legados. A corrente *classista* também se interessa pela relação intergeracional, mas a partir do enfoque das relações de classe. Dessa forma, a cultura juvenil é entendida como uma cultura de classe com algum significado político.

Segundo Pimenta (2007), muitos dos estudos sociológicos atuais sobre a juventude se debruçam no tema da transição para a vida adulta. Esta é marcada por mudanças em diversas esferas da vida juvenil: constituição de família própria, saída da escola e a inserção no mercado de trabalho entre outras. É preciso destacar que falar em transição não significa considerar a juventude como uma etapa intermediária de preparação, sem sentido ou valor em si mesma. A transição ocorre no sentido do jovem conquistar autonomia, independência, participação e responsabilidades no nível social e individual. Pimenta mostra que, nesse tema, o percurso teórico percorrido foi extenso e mais recentemente as teorias concentram-se em perceber como as condições objetivas e subjetivas se articulam e configuram as trajetórias individuais, mais especificamente, na relação entre “agência e estrutura” (2007, p. 101). A discussão acerca da relação entre agência e estrutura aparece associada a idéia de que o jovem foi afetado de forma particular, nos seus processos de socialização e de transição para a vida adulta, pelas transformações sociais e econômicas observáveis no fim do século XX. Segundo Pimenta, a preocupação com esse tema está presente em grande parte da produção sociológica desde a década de 70, assim sua incorporação nos estudos específicos sobre juventude só representa um reflexo desse debate, que foi grandemente inspirado pelas obras de dois autores em particular: “a teoria da estruturação de Anthony Giddens e a relação entre habitus e campo, de Pierre Bourdieu” (2007, p. 101). Segundo a autora, houve um leve enfraquecimento dessa discussão com a incorporação da tese da *individualização* aos estudos de transição; que por sua vez se baseia nas obras de Lash, Giddens e Beck, que desenvolvem a teoria da modernização reflexiva ou segunda modernização. De forma simplificada, esses autores entendem que houve uma radicalização da modernidade, resultando em diversas transformações sociais, que afetam a sociedade como um todo, inclusive a vida cotidiana dos indivíduos.

A tese da individualização sustenta que há uma erosão de determinados padrões, parâmetros sociais e modelos de referências, fazendo com que as distinções sociais sejam cada vez mais individualizadas e menos fundadas no coletivo.

Ao se tornarem agentes de sua própria subsistência, exige-se dos indivíduos a capacidade de planejar em longo prazo e adaptar-se a mudanças, organizar, improvisar, reconhecer obstáculos, aceitar derrotas e tentar começar de novo. (...) Mas talvez a característica mais contundente da individualização seja a preponderância da escolha em todos os aspectos da vida social<sup>64</sup> (Pimenta, 2007, p. 104).

---

<sup>64</sup> Uma das conseqüências ressaltadas pela autora do processo de individualização é um enfraquecimento das desigualdades e dos conflitos baseados nas diferenças entre classes.

Como resultado, os jovens de hoje teriam trajetórias muito mais indeterminadas do que as que tiveram as gerações anteriores. Como é possível perceber, a tese da individualização tende a reforçar a importância da agência no direcionamento de trajetórias e de processos de transição para a vida adulta.

Pimenta argumenta que uma das soluções teóricas mais pertinentes para desvendar a relação entre agência e estrutura foi fornecida por um discípulo de Bourdieu, Lahire. Esse autor sustenta que os indivíduos possuem sistemas de disposições internas, “experiências socializadoras passadas, interiorizadas nos sujeitos” (2007, p.123), que são convertidas em determinada forma de compreender, se relacionar e agir no mundo. A abordagem desse autor se diferencia daquela fornecida por Bourdieu ao enfatizar o caráter incoerente, inconsciente e heterogêneo de tais disposições. Ou seja, as disposições não necessariamente formam um todo coerente e homogêneo, as ações podem ser por vezes contraditórias, dado que o indivíduo age de acordo com o contexto social. “Não se trata, portanto, de captar apenas o encadeamento dos eventos que compõem as trajetórias biográficas dos sujeitos, mas de compreender como as principais instâncias socializadoras contribuíram para a interiorização das diversas disposições que engendram as múltiplas formas de atuação dos atores” (Pimenta, 2007, p.125).

A idéia de trajetórias de transição a serem percorridas em direção à vida adulta nos remete à problemática de definir em que momento há uma conquista indiscutível desse estatuto:

Assim como os limites de início e término dessa transição não são claros nem precisos, nem demarcados por rituais socialmente reconhecidos, nas sociedades modernas, esses direitos e deveres não são explicitamente definidos nem institucionalizados, imprimindo-se à condição juvenil uma imensa *ambigüidade* (grifo da autora). (Abramo, 1994, p. 11).

Com relação à transição para a vida adulta, observam-se mudanças nos padrões de construção dessas trajetórias, vinculadas às mudanças sociais e econômicas que ocorreram nas últimas décadas. Esse percurso perde sua característica de linearidade e a conquista de estatutos não ocorre simultaneamente em todas as esferas. Além disso, deve ser abandonada a idéia de juventude como uma fase da vida de preparação para a etapa adulta, que não possui sentido em si mesma. A idade adulta não é mais considerada como referencial central, a partir do qual é atribuído sentido a presente fase juvenil, pois também ela é marcada por instabilidades (Charvet, 2001). Houve mudanças importantes que nos obrigam a buscar outros elementos para pensar a questão juvenil. Em primeiro lugar, houve uma

recomposição dos tempos de vida, causada também pelo aumento da expectativa de vida. Dessa forma, houve um prolongamento da fase considerada como juvenil, com prolongamento dos anos de estudos, adiamento de entrada no mercado de trabalho e constituição de família própria (Charvet, 2001). Os jovens hoje passam mais anos na escola, tendem a adiar a entrada no mercado de trabalho e a se casar mais tarde. Essa é uma característica da juventude atual, pois há diversas dificuldades postas no percurso desses indivíduos que dificultam a conquista de autonomia e a obtenção de todos os elementos associados tradicionalmente ao estatuto de adulto. Mas, por outro lado, as transformações culturais permitem uma maior liberdade para a construção de trajetórias diferenciadas e individualizadas, o que reafirma a impossibilidade de se abordar a juventude como um grupo homogêneo. As trajetórias de transição para a vida adulta são fortemente marcadas por reversões e recomeços. Como já introduzido, é nesse sentido que Pais (1994) utiliza a metáfora do iô-iô para caracterizá-las. O autor faz referência ao movimento repetitivo do brinquedo para enfatizar os constantes “movimentos” realizados pelos jovens nos caminhos engendrados em direção às conquistas de independência e autonomia, que caracterizam a vida adulta. Além disso, segundo Dubet (2004), na sociedade moderna a juventude é vivenciada em um cenário no qual os estatutos são adquiridos e não atribuídos. Para este autor, a juventude porta duas características essenciais dessas sociedades. Por um lado, deve experimentar e exercer a liberdade e autonomias absolutas, em um processo de construção de si; por outro, deve conquistar posições por meio da eficácia de suas realizações, principalmente escolares. Contudo, as posições alcançadas e os percursos são cada vez menos programados e previsíveis, disseminando a incerteza e a mudança como uma marca das mesmas.

Tartuce (2007) afirma a necessidade de desconstruir o consenso social estabelecido com respeito à definição da juventude como uma fase da vida marcada pela transição. Segundo a autora, não é possível utilizar a ideia de “fase” como definidora desta categoria social, pois “todas as etapas da vida são provisórias” (2007, p. 92).

A juventude é uma criação, uma categoria construída, como afirma Bourdieu (1983): “o reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre idades são arbitrárias” (1983, p.112). Logo, a divisão da vida em sucessivas fases limitadas por idades pré-definidas é uma arbitrariedade que envolve a divisão dos poderes em uma sociedade: “As classificações por idade (mas também por sexo ou, é claro, por classe...) acabam por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (1983, p.112).

Nesse sentido, é preciso cautela na consideração da categoria sociológica “juventude” como uma realidade empírica. Em outras palavras, os jovens reais não podem ser reduzidos à representação social e à construção teórica que fazemos acerca da juventude (Corrochano, 2008). O que torna possível falar em juventude, ou em qualquer outra categoria etária, é o fato de existirem grupos de pessoas que nasceram em anos próximos, e que, em alguma medida estão sujeitos aos mesmos processos em fases semelhantes em um momento histórico e social determinado. Assim, Singer argumenta que:

em função do momento histórico em que nasceram, elas estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas. Se são todas nascidas no Brasil e continuam no país em sua juventude, então é de esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo e em estágios vitais semelhantes: juntas terminarão os estudos, casarão e terão filhos, farão carreira, se engajarão em movimentos políticos, sociais, culturais e etc. (2005, p. 27).

Nesse sentido, os jovens são os indivíduos de uma mesma geração. Mas, não apenas isso, pois essa afirmação remete a importância de um mundo social compartilhado. Isto é, ainda que se argumente que as situações de vida são muito diferentes, que principalmente há uma heterogeneidade de condições, que expõe os indivíduos a experiências totalmente diversas, é preciso considerar que também há unidade em meio a diversidade. Além disso, os jovens compõem um grupo diferenciado no interior da sociedade, ao se inserirem de uma maneira particular na estrutura social. (Dubet, 1996<sup>65</sup> apud Corrochano, 2007).

Contudo, diversos autores têm enfatizado a necessidade de considerar a juventude a partir de um enfoque que ressalte sua diversidade e heterogeneidade (Charvet, 2001; Souza Martins, 2000; Pais, 1990, 2001; Pimenta, 2007; Rodrigues e Souza Martins, 2005; Sposito, 2005). Isto é, deve-se haver precaução em não considerar a juventude como um grupo homogêneo ou unitário. Certamente este parece ser o principal consenso em relação ao tema da juventude nos estudos sociológicos contemporâneos<sup>66</sup>. A heterogeneidade juvenil explicitou-se na realização das entrevistas, de uma maneira ampla e generalizada, ou seja, com relação às diversas dimensões observadas. Os jovens não apenas se diferenciam em suas características pessoais e sociais, como cor, local de moradia, condições das famílias de origem, tipo de trajetória no mercado de trabalho, por exemplo, mas também e,

---

<sup>65</sup> DUBET, F. “Des jeunes ee des sociologies: les cãs français”. *Sociologie et Sociétés*. v. 28, n.1, 1996. p. 23-35

<sup>66</sup> Rodrigues e Souza Martins demonstram que mesmo quando as pesquisas focalizam jovens que trabalham em um mesmo setor industrial, “existem diferenças significativas entre eles quanto às condições de vida e de trabalho que os cercam” (2005, p. 222).

principalmente nas percepções e opiniões que enunciaram e que não apenas representam o mundo que os cerca, mas também o cria.

Na década de 70 muitos dos estudos sobre a juventude centravam suas investigações sobre a crise dos valores associados ao trabalho, na década de 80, por sua vez, viu-se uma substituição do foco das pesquisas sociológicas que passaram a abordar centralmente as dificuldades de inserção profissional e a exclusão do mercado de trabalho (Maruani e Reynaud, 2004). Em outras palavras, nas últimas duas décadas do século XX, os estudos acompanharam as transformações da realidade do trabalho juvenil e se dedicaram à investigação das diferentes modalidades de acesso profissional e o desemprego juvenil. Segundo Maruani e Reynaud (2004), ainda que existam diferentes abordagens do tratamento do tema da juventude, é possível afirmar que de alguma maneira todas tratam das formas de transição para a vida adulta, sendo que a conquista de emprego estável é um dos pilares dessa transição. Há duas interpretações comuns sobre a problemática da inserção profissional dos jovens, a primeira enfatiza o caráter de exclusão da juventude nessa esfera, enquanto a segunda observa as estratégias de adaptação desenvolvidas por eles no interior da precariedade.

Muitos estudos ressaltam as dificuldades de inserção profissional dos jovens. Segundo Charvet (2001), houve uma transformação das organizações produtivas, que buscam agora maior flexibilidade. Nesse contexto, os ingressantes são os principais afetados, porque a inserção não estável tem forte impacto nas suas carreiras produtivas, que ainda estão em fase inicial de construção. Os jovens são a maioria entre os trabalhadores admitidos em contrato de duração determinada (CDD) (Charvet, 2001; Demazière, 2006; Pais, 2001; Maruani e Reynaud, 2004; Vesapollo, 2006). São também fortemente afetados pelo desemprego.

Segundo Tartuce, é preciso considerar que a maioria das teses de transição para a vida adulta foram desenvolvidas em contextos bastante diferentes daquele existente no Brasil. Aqui o trabalho não é apenas um tema do futuro quando se fala de juventude, ao contrário, está posto no presente, principalmente na figura do “estudante-trabalhador”. Por essa razão, a partir da década de 80, no país proliferam-se os estudos que adotam o estudante como objeto, para pensar a relação entre escola-trabalho. De fato, observou-se durante a pesquisa a recorrência das situações que mesclam estudos e trabalho. Com exceção de Frederico, todos os demais jovens entrevistados começaram a trabalhar antes da conclusão do Ensino Médio. Sendo que, assim como afirma Tartuce, o trabalho juvenil não deve ser pensado apenas como uma estratégia de sobrevivência, isto é, consequência da



necessidade econômica vivenciada, mas também como estratégia de estilo de vida das famílias, dado que o trabalho juvenil não é uma exclusividade de jovens pobres. Há ainda outro aspecto que permeia a inserção juvenil, que é seu caráter moral e educacional (Oliveira, 2001).

Ainda segundo Tartuce, há uma divergência entre a realidade concreta e a construção social que se tem de transição para a vida adulta, isto é, vigora ainda um padrão de construção de identidade e reconhecimento social centrado no trabalho, da forma como se constituiu para as gerações anteriores, contudo a realidade atual do trabalho se modificou: “Os itinerários para a vida adulta, cada vez mais obscuros, longos e duvidosos chocam-se com o modelo centrado no trabalho *ainda proposto* para as novas gerações (grifo da autora)” (Tartuce, 2007, p. 109). Dessa forma, há uma possibilidade latente de conflito entre as possibilidades reais colocadas aos jovens e as expectativas sociais e pessoais. Como apresentado nos capítulos anteriores, há uma divergência de opiniões e expectativas entre os jovens e os pais, no que diz respeito ao trabalho, principalmente para os jovens dos grupos 1 e 2. As famílias centram suas expectativas na manutenção de inserções estáveis, no modelo tradicional, mesmo que não representem satisfação, oportunidades ou realização:

*Sofia: então o futuro profissional pra eles que eles imaginam é você arrumar um emprego é ganhando mesmo que fosse uma miséria, mas você viver isso...*

*Sofia (em outra passagem): mas o pior é trabalhar muito, porque eu vou trabalhar doze horas, oito horas, a vida é tão curta, porque eu não posso trabalhar quatro horas e ter outros tempos pra mim curtir realmente, pra mim o trabalho é um subsídio pra mim viver, ele não é o fim de tudo*

*Otto: Ah é meu... é aquilo que... minha mãe ela queria que eu fosse aquele cara que eu falei né meu, que nem sei lá o filho da amiga dela que trampa na empresa e ta satisfeito, era vendedor, agora virou gerente da loja e pá, uma coisa que eu sei que não rola comigo.*

*Otto (em outra passagem): você passa em frente à casa do cara assim, você fala “Não o cara que vai ser pedreiro não mora aqui nessa casa”, e às vezes não, o cara tem até uma casa bacana, até já teve uma situação de vida mais ou menos, mas o filho dele não encontra trabalho da maneira que ele encontrou...*

Como Otto relata, há uma diferença fundamental entre as possibilidades de trabalho de seus pais e aquelas que sua geração encontra. Por sua vez, como as duas passagens expressam, o tipo de conduta em relação ao trabalho desejado por seus pais não é o mesmo que eles acreditam desejáveis. Sofia reivindica a oportunidade de desfrutar outras atividades e experiências, ela não recusa o trabalho, mas recusa a vida em torno dessa atividade. Certamente, as mudanças sociais e principalmente as mudanças na configuração do trabalho no tempo entre essas duas gerações está na base das divergências em relação a forma como

deve ser conduzida a inserção nessa esfera e, conseqüentemente, a transição para a vida adulta.

No Brasil é forte a tendência atual a se considerar outras esferas que compõem e integram a transição para a vida adulta, outras esferas de sociabilidade que se tornam relevantes em percursos cada vez mais dispersos e complexos que não podem ser reduzidos a conquistas nesta ou naquela esfera. O que se observa aqui é que a complexidade e diversidade de trajetórias para a vida adulta se dissipam pela sociedade e passam a integrar a construção das biografias juvenis, que são construídas em uma época de “futuro incerto e indeterminável” (Leccardi, 2005), na qual há riscos constantes<sup>67</sup>. No Brasil, a descontinuidade das inserções profissionais não é novidade (Tartuce, 2007; Corrochano, 2008), já caracterizava as trajetórias de jovens e adultos, antes mesmo das transformações no mercado de trabalho.

A juventude é uma construção social, com referência a um grupo diversificado de pessoas que se inserem de uma maneira particular na estrutura social. Para Tartuce:

A juventude é, pois, uma *condição* que será vivida conforme os distintos contextos socioestruturais e socioculturais e, dentro deles, conforme a posição social, o sexo, o próprio momento do ciclo de vida (ter quinze é diferente de ter 24), etc.. Por outro lado, essa própria condição é também uma *representação*, ou seja, é revestida de valores que diferem historicamente conforme a cultura dominante. Da perspectiva sociológica, a juventude não pode, assim, ser definida apenas por critérios biológicos ou jurídicos, pois cada sociedade vê seus jovens de uma dada maneira, o que significa dizer que a juventude é uma *construção social*. A “juventude” é, portanto, diferente dos “jovens”, estes são concretos e se afastam ou se aproximam dessa imagem social construída, seja como fase da vida com determinados papéis e/ou como estilo de vida (grifos da autora) (2007, p. 95).

No excerto acima, a autora se refere à juventude como: condição social, construção social e representação. São três elementos componentes da categoria juventude. Contudo, a autora ressalta que não se pode confundir a juventude enquanto categoria sociológica com os jovens reais, que há graus de aproximação entre estes e aquilo que concebemos como juventude.

Nesta pesquisa entrevistamos jovens reais e, ainda que não houvesse um critério rigoroso e muito bem definido de seleção dos mesmos, não há dúvidas na identificação deles como jovens. Em outras palavras, quando iniciamos a pesquisa qualitativa havia uma restrição por idade, que compreendia indivíduos que tivessem 16 a 24 anos; tal critério foi

---

<sup>67</sup> Nesse sentido, Leccardi (2005) argumenta que o futuro perde seu posto de referencial último das ações humanas.

escolhido com base na difusão desse padrão etário nos estudos e estatísticas sociais. Contudo, os próprios percursos e contatos desenvolvidos para a realização das entrevistas levaram esta pesquisadora ao encontro de um jovem, que tinha 25 anos (Otto) e que demonstrava disposição em colaborar, além de possuir uma gama de experiências que seria valiosa para o problema de investigação em questão. Além dessa definição etária, não havia nenhum outro critério claramente definido que limitasse a seleção dos entrevistados, com relação à sua pertença ao grupo denominado juventude. A questão se impôs: por que não entrevistar alguém com 25 anos? O que classificaria Otto como jovem ou não-jovem? Ele poderia ser considerado um adulto apenas com base na sua idade? Essas problemáticas da pesquisa de campo nos ajudam a refletir sobre a teoria e as conceituações de juventude e, principalmente, a definir com maior clareza o objeto de estudo da pesquisa.

O perfil de Otto não difere dos demais jovens encontrados na pesquisa. Ele ainda reside com os pais e depende deles para seu sustento, pois não possui e não possuiu em momento algum de sua trajetória uma renda pessoal que permitisse sua independência financeira. Também não possui filhos ou estabeleceu matrimônio. O primeiro emprego de Otto foi há nove anos atrás, quando tinha 16, o que indica que sua experiência temporal de trabalho é menor do que Sofia que teve a primeira experiência aos oito anos, há 13 anos atrás. Além disso, teve o mesmo número de trabalhos que Fernanda e Edna (6). Poder-se-ia argumentar que as opiniões e percepções de Otto difeririam demasiadamente daquelas expressadas pelos outros jovens da pesquisa, em decorrência de uma vivência mais prolongada. De fato existem diferenças, principalmente quando se analisa a narrativa de Otto em relação aos discursos dos jovens que estão inseridos no mesmo grupo que ele. Essas diferenças, entretanto, não decorrem de maturidade ou qualquer outra qualidade relacionada ao tempo de vida, mas, foi principalmente o meio social no qual transitou que contribuiu para a criação de uma maneira específica de se relacionar com o mundo. Essa afirmação pode ser confirmada pela observação das suas opiniões e daquelas expressadas pelos jovens do segundo grupo, vinculados ao Terceiro Setor. Nesse caso, há similaridades interessantes. Também não foi identificada nenhuma diferença em relação ao estilo pessoal, de se expressar verbalmente ou esteticamente entre Otto e os demais jovens. Observando todas essas semelhanças em relação ao universo entrevistado, a questão se reconfigurou: o que caracteriza um indivíduo como jovem? Essa se tornou a pergunta fundamental.

São necessários critérios claros para abordar essa problemática que ultrapassam apenas a percepção individual. Como dito acima, a juventude não é apenas representação, mas é também uma condição e construção social, isto é, a sua existência está atrelada a uma

sociedade que erige as bases da divisão do ciclo de vida em etapas diferenciadas. Definitivamente, os critérios biológico e etário não bastam, Otto nos convenceu disso. Segundo Singly (2004), nas sociedades contemporâneas a juventude é um momento de construção e aquisição de dois estados, que se complementam na aquisição do estatuto de adulto: autonomia e independência. A autonomia está associada à construção de um mundo pessoal, que lhe diz respeito e, que vai progressivamente se erigindo à distância do grupo familiar. O autor retoma o conceito de autonomia de Kant, sendo “a capacidade de um indivíduo de dar a si mesmo sua própria lei, a construir para si uma visão de mundo” (tradução pessoal)<sup>68</sup>. Por sua vez, a independência é caracterizada pela capacidade de viver sem ter que recorrer ao auxílio de outrem<sup>69</sup>. Para o autor, as nossas sociedades são marcadas pela individualização, o que pressupõe uma formação e educação dos indivíduos para a conquista de autonomia e independência progressivas, sendo que a condição da juventude atual é caracterizada pela dissociação entre essas duas dimensões. A autonomia é progressivamente adquirida, conquistada e exercida pelos jovens. Por sua vez, o principal fator de independência é a independência econômica com relação à família; nesse sentido, a atividade de trabalho ganha relevo, pois esta é ainda a principal forma de acesso a renda; o autor também faz referência à dependência espacial, vivenciada quando o jovem habita com os pais. Assim, muitos jovens conquistam autonomia, mas não a independência. Segundo Singly, a conquista da autonomia dos jovens é marcada pela negociação das práticas e normas, pela construção de um mundo particular, comumente associado ao interior do próprio quarto ou pela vivência compartilhada com os amigos.

Observando o relato dos jovens entrevistados nesta pesquisa, pode-se afirmar que todos demonstraram autonomia, ainda que em graus diferentes, mas todos ainda não atingiram um estágio de independência absoluta. Mesmo inseridos no mercado de trabalho, todos dependem do apoio das famílias de origem para se sustentar, é justamente a manutenção da relação de dependência com relação aos pais que torna possível a sobrevivência. Mas, vamos pensar essas duas dimensões nos exemplos empíricos que nos foram fornecidos pela pesquisa qualitativa.

Como foi dito, os jovens não atingiram a independência absoluta e todos estão ainda longe de alcançá-la, não se sustentam e ainda residem com a família. Mas, a renda que adquirem por meio do trabalho lhes garante algum grau de independência, pois lhes permite dispor de meios para custear parte de seus gastos pessoais. Em todos os casos observados

---

<sup>68</sup> “ (...) la capacité d’un individu à se donner lui-même sa propre loi, à se construire une vision du monde...” (Singly, 2004, p. 261).

<sup>69</sup> Nesse caso o autor retoma o conceito de independência de Leibniz.

ficou explícito o fato de que os jovens possuem um grau de liberdade considerável na decisão do destino de seus próprios ganhos, assim como a maior parte é destinada para uso pessoal e não familiar.

Com relação à autonomia o contexto é mais complexo. Segundo Singly, o exercício da autonomia começa a ser exercido progressivamente durante o crescimento da criança. Nesse sentido, é difícil delimitar precisamente o grau de autonomia deste ou daquele jovem. É certo que todos possuem vidas e vivências desvincilhadas do núcleo familiar, mas autonomia e independência se relacionam e configuram possibilidades de ação dos jovens. Singly ressalta que a independência espacial cria condições para um exercício mais pleno da autonomia: “dito de outra forma, quando a independência varia em seus graus e em suas modalidades, a autonomia muda de forma” (tradução pessoal)<sup>70</sup>. O compartilhamento da residência determina uma sujeição dos jovens a regras, definições e rotinas familiares. Tais padrões de organização da vida cotidiana podem ou não ser abandonados com estabelecimento de moradia própria, mas nesse caso há um poder de decisão do jovem.

Como todos os jovens entrevistados residem com os pais, é possível afirmar que há conflitos gerados por um desejo de autonomia, pelo próprio exercício da mesma e pela manutenção de uma situação de dependência. Se a autonomia supõe o exercício da individualidade e a tomada de decisões no que diz respeito ao curso da própria vida, ela necessita de um ambiente livre de constrangimentos, pressões ou imposições, o que não é observado no caso dos entrevistados. Há pressões no interior das famílias no que diz respeito às mais diferentes esferas de suas vidas. O grupo 2 é extremamente exemplar nesse sentido. Esses jovens percorreram percursos alternativos no que diz respeito à formação e ao exercício do trabalho, contudo, há uma série de conflitos familiares decorrentes da não concordância dos pais com relação a tais escolhas. Esses entrevistados construíram seus próprios mundos, que não é compartilhado com o grupo de origem e reclamam para si o direito de construir biografias individualizadas. O descontentamento familiar não impediu nenhum dos jovens de exercer a autonomia e prosseguir nos caminhos escolhidos. Assim, a característica da autonomia expressada por esses jovens está relacionada com os constrangimentos exteriores: “Se a autonomia sem independência é percebida como inferior à autonomia com independência, é porque a autonomia conquistada na primeira situação está inscrita em uma situação desigual e, portanto, sempre, em parte concedida” (tradução

---

<sup>70</sup> “Autrment dit, lorsque l’indépendance varie dans ses degrés et dans ses modalités, l’autonomie change de forme” (Singly, 2004, p. 266).

pessoal)<sup>71</sup>. Talvez seja possível afirmar que a autonomia não é apenas concedida, mas também negociada, conquistada e muitas vezes imposta pelos jovens que não se submetem completamente a estruturação imposta pela família.

*- Você sente uma cobrança familiar em relação a isso (ao trabalho)?*

*Frederico: É, sim, mas daí você precisa manter um diálogo muito forte com eles né, pra falar o que você está fazendo, o que tá acontecendo, o que tá te trazendo de bom. Então eu preciso tá dialogando com eles o tempo todo pra mostrar que o caminho que eu tô escolhendo não é um caminho... porque eles também dão muito valor ao ensino superior, eles me apóiam bastante nesse sentido.*

Essa passagem da entrevista de Frederico mostra como o diálogo constante é necessário para a manutenção de uma relação familiar harmoniosa. Ele sabe que suas escolhas profissionais não são as desejáveis do ponto de vista de seus pais, mas por outro lado, há um esforço de sua parte para reduzir a oposição. Dessa forma, pode exercer sua autonomia reduzindo as pressões exteriores.

Com base no que foi dito, é possível caracterizar os jovens entrevistados nessa pesquisa como indivíduos que estão em processo de construção de autonomia e independência com relação à família. Nesse sentido, a vivência juvenil não é apenas um momento de conquista de estatutos em um processo de transição para a vida adulta, como uma etapa de preparação. A identificação da autonomia como dimensão proeminente ressalta a existência e relevância de uma vivência permeada de experiências significativas, não é apenas construção para o futuro, mas também exercício de uma vivência presente, repleta de significados.

Certamente não é possível reduzir o que foi dito a uma definição de juventude, no sentido de afirmar que são jovens aqueles que estão num processo de dupla construção dessas duas dimensões. Nesse caso, seríamos obrigados a considerar parte da juventude os indivíduos que nunca deixam a casa dos pais ou que nunca atingem uma independência econômica total. Mas, a proposta aqui não é construir uma definição de juventude, mas tentar esclarecer quais os elementos que estão fortemente atrelados a esse grupo. Assim, poderíamos afirmar que a construção dessas duas dimensões caracteriza a condição juvenil, mas certamente não a define. E também não exclui a existência de estatutos que caracterizam a idade adulta e que progressivamente são adquiridos pelos indivíduos. Ainda que diversos pilares da vida adulta sejam questionados e, até mesmo, desestabilizados –

---

<sup>71</sup> “Si l’autonomie sans indépendance est perçue comme inférieure à l’autonomie avec indépendance, c’est parec que l’autonomie dans le premier cadre est inscrite dans une relation inégale et donc toujours, em partie concédée” (Singly, 2004, p. 269).

como a inserção estável no mercado de trabalho – eles continuam a exercer uma importância pessoal, social e sociológica fundamental. Morar sozinho, casar, ter filhos, trabalhar ainda se configuram como referenciais, como foi demonstrado pelos jovens entrevistados. Assim, autonomia, independência e estatutos sociais se mesclam para configurar o ser jovem nas nossas sociedades, contudo, não apenas isso. A juventude também está associada a uma identidade juvenil, ao compartilhamento de certas características culturais, sociais e estéticas que diferencia esse grupo dos outros na sociedade. Certamente é difícil tentar identificar e enumerar quais são esses elementos. Pimenta (2007) pesquisou as representações sobre adolescência, juventude e idade adulta, a partir da realização de entrevistas com jovens e adultos. A autora observa que uma das principais representações sobre “ser jovem” não está relacionada a uma categoria etária, ao contrário, se refere a um “modo de ser ideal”. Nesse sentido, a juventude assume a conotação de um estado de espírito que pode ser experimentado por pessoas de qualquer idade: “Esse ‘estado de espírito’ compreende uma postura diante da vida e um conjunto de práticas que descrevem uma atitude muito valorizada, que todos deveriam adotar sempre (ou quase sempre)” (2007, p. 145). Há uma diferenciação das atitudes de jovem e as atitudes de adulto, sendo que as primeiras são claramente definidas em oposição às segundas. Destacam-se características como gostar de sair, se divertir e ter energia como sendo atitudes jovens. Como a autora argumenta, nesse sentido, a juventude perde sua característica de transitoriedade e passa a ser percebida como potencialmente permanente. Há também o reconhecimento de que enquanto se é jovem há menos responsabilidade e preocupação com os outros, o indivíduo pode preocupar-se mais com si mesmo. Se, por um lado, os entrevistados fizeram referência à liberdade de ser jovem, por outro, reconheceram que são dependentes de seus pais, o que é um delimitador da autonomia. Por fim, ainda houve a identificação da juventude como “um período de definição, de construção da identidade social e profissional, especialmente a escolha da carreira e a elaboração de um projeto de vida futuro com base em aspirações profissionais” (2007, p. 149). Nesse sentido, a juventude é vista como um projeto, que pode ser conduzido pelos indivíduos. Assim, há diversos elementos que compõem a representação acerca da juventude, que não são apenas percepções, mas que também contribuem para formação da mesma como uma categoria.

Não há limiares claros entre a juventude e a idade adulta, nem mesmo para os próprios jovens:

Tornar-se adulto é um processo que pode ser visto de várias formas e depende, em grande parte, do modo como os sujeitos se vêem a si mesmos. As experiências pessoais, tanto quanto as diversas estruturas

de oportunidades com as quais os indivíduos se defrontam, situam a idade adulta mais próxima ou mais distante da realidade vivida. Mais importante ainda, esse estatuto não é algo simplesmente atribuído e interiorizado nas interações sociais por meio das quais os indivíduos são socializados, mas é também um processo de construção identitária. Embora os entrevistados tenham identificado alguns momentos específicos a partir dos quais sentem que se tornaram adultos, a transição não é um processo linear, unidirecional e estável (...) os sujeitos se tornam adultos aos poucos, não a partir de uma passagem por uma seqüência determinada de etapas, mas pelo acúmulo de um conjunto de experiências e condições que lhe permitem se afirmar enquanto tal. (Pimenta, 2007, p. 178).

Sobre essa citação há dois elementos principais que são importantes enfatizar. Em primeiro lugar, há um reconhecimento social de que alguns acontecimentos estão associados ao fim da juventude e entrada na idade adulta, e pesquisas empíricas confirmam essa afirmação. A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (Abramo e Branco, 2005) propôs a seguinte questão: “Na sua opinião, quando uma pessoa deixa de ser jovem?”. As respostas foram espontâneas e múltiplas e as seis principais referências se dividiram da seguinte forma<sup>72</sup>: maturidade/ assumir responsabilidade (32%), família/filhos/casamento (31%), perde a alegria/ perde a vontade de viver (14%), nunca deixa de ser jovem (12%), trabalho (12%) e idade (12%). As referências a diversos elementos de natureza diferente reafirmam a complexidade da juventude, como categoria sociológica ou empírica. Os entrevistados citam acontecimentos concretos e objetivos, como a constituição de família própria e a idade, mas também atitudes abstratas e subjetivas como perder a alegria/ perder a vontade de viver e nunca deixar de ser jovem.

Há outro destaque na citação de Pimenta que é preciso ressaltar: a autora enfatiza a importância da construção identitária no processo de transição para a vida adulta. Isto é, tal processo não se finda a partir de limiares claros de transição, mas é dependente de mudanças e transformações individuais que ocorrem com a socialização em tempos individualizados. Essa afirmação é muito importante, pois ressalta a relevância de se considerar a mudança pessoal como fator de transição, isto é, esta não é apenas efetuada na relação objetiva do indivíduo com o mundo exterior, não é apenas a conquista de estatutos que define o fim da juventude. A referência à maturidade como um dos fatores associados ao fim da juventude, no “Perfil da Juventude Brasileira” também é um indicador do que está sendo dito. A maturidade é uma qualidade difícil de definir, precisar ou identificar. No

---

<sup>72</sup> As demais respostas foram: depende de cada um (8%), independência financeira (5%), drogas, criminalidade (2%), enfrentar problemas (1%), quando perde a saúde/começa a ficar doente (1%), outras (3%) e não sabe/não respondeu (4%).



dicionário a maturidade é definida como o estado em que há maturação, que por sua vez significa: “processo de transformação e desenvolvimento de um órgão ou organismo para o exercício pleno de suas funções, em que se prende essencialmente à idade” (Ferreira, 1999, p. 1105). Nas respostas da pesquisa há uma associação da maturidade com o ato de assumir responsabilidades, o que parece apontar para “capacidade de”, “condição de”, ao mesmo tempo em que enfatiza a o ato concreto de “assumir responsabilidades”.

Em vista de tudo o que foi dito, é possível afirmar a complexidade de dimensões e elementos associados à juventude. É uma construção histórica, uma categoria sociológica e também um grupo social, que se diferencia dos demais pela forma particular como se insere na estrutura social e, além disso, é um conjunto de atitudes e representações, é um momento específico da constituição de identidade e do amadurecimento.

#### **4.2 O trabalho precário como conceito**

A presente pesquisa propôs uma investigação da precariedade do trabalho de jovens. Dessa forma, é fundamental retomar aqui a discussão sobre essa noção, inserindo achados teóricos e empíricos.

Percebe-se nos estudos recentes produzidos sobre o trabalho na atualidade uma proliferação da utilização da noção de precariedade. Essa noção ganha visibilidade nas produções científicas<sup>73</sup>, mas também nos discursos políticos e na imprensa (Demazière, 2006). A difusão dessa utilização está largamente associada às tentativas de nomear e qualificar as transformações observadas no mundo do trabalho a partir da década de 70 do século passado.

Situada na origem ao lado da pobreza e da privação econômico, a noção de precariedade adquire em seguida um sentido dominante que a situa ao lado do emprego e do desemprego: rapidamente a precariedade designa um fenômeno social considerado como central e negativo caracterizado pela fragmentação dos estatutos de emprego e a multiplicação de formas de emprego atípicas e menos protegidas que o contrato de duração indeterminada (CDI) em tempo pleno com um único empreendimento, que se tornou a norma do emprego de referência com a generalização do assalariamento no curso das décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial<sup>74</sup> (Demazière, 2006, p.1).

---

<sup>73</sup>Uma ilustração dessa afirmação pode ser oferecida pelo teor dos trabalhos selecionados para apresentação no “GT2: Mundo do Trabalho: novos desafios”, da *II Jornada de Estudos do Neseft: Desafios e Dilemas trazidos pelas novas configurações do capitalismo: sindicatos, trabalhadores e empresários*, realizada em novembro de 2008, na Universidade Federal de São Carlos. Nessa ocasião, quatro das cinco comunicações continham no título alguma referência à precariedade ou precarização do trabalho.

<sup>74</sup>“Située à l’origine du côté de la pauvreté et du dénuement économique, la notion de précarité acquiert ensuite un sens dominant que la situe du côté de l’emploi et du chômage: rapidement la précarité designe un

Contudo, como o autor argumenta, uma das principais características da noção de precariedade é o seu poder de atração. Sob a noção são agrupados muitos estatutos sociais e muitas categorias de atividades diferentes: estagiários, temporários, trabalhadores em tempo parcial, desempregados, trabalhadores pobres sem domicílio fixo, intelectuais autônomos. E afirma: “essa capacidade de atração da categoria complica singularmente as tentativas de avaliar o peso dessa precariedade e de esclarecer os seus contornos”<sup>75</sup>(2006, p. 2)”.

A pesquisa teórica revelou a dificuldade de trabalhar essa noção, que ainda que seja usada extensivamente na literatura sociológica, poucas vezes é conceitualizada. A palavra *precário* é constantemente empregada como adjetivo, para caracterizar uma situação social. Essa utilização muitas vezes obscurece todos os aspectos que estão relacionados à idéia de precariedade.

Penso que talvez seja importante dar um passo atrás, para avançar em seguida. No dicionário (Ferreira, 1999, p. 1623) precário é definido como 1. Difícil, minguado, estreito; 2. Escasso, raro, pouco, insuficiente; 3. Incerto, vário, contingente, inconsistente; 4. Pouco durável, insustentável; 5. Delicado, débil.

Essa definição por si só sugere muito a respeito do que é um trabalho precário. Inclusive quando se emprega como noção sociológica, por sua própria natureza morfológica, o termo já qualifica o objeto ao qual está associado, pois está carregado de sentido. Como o Dicionário nos mostra o precário, por si só não é positivo, ao contrário, é aquilo que está aquém. Assim, é preciso ter clareza que falar em trabalho precário demonstra uma forma específica de olhar a realidade social, mais especificamente o mundo do trabalho. Já revela de antemão um ponto-de-vista que concebe a situação atual do trabalho como negativa. É por isso que Alves (2000) afirma a existência de diferença essencial entre informalização e precarização, pois o primeiro representa eufemismo do segundo, ou seja, uma suavização.

Uma leitura de vários autores permitiu identificar uma utilização diversificada da noção de precariedade. Fala-se em emprego precário e em trabalho precário. No primeiro caso delimita-se o universo às relações assalariadas, na qual é pressuposto um vínculo entre empregador e empregado, ainda que muitas vezes não formal, e uma rotina pré-estabelecida

---

phénomène social considéré comme central et négatif caractérisé par la fragmentation des status d’emploi et la multiplication de formes d’emploi atypiques et moins protectrices que le contrat à durée indéterminée (CDI) à temps plein avec une seule entreprise, qui est devenu la norme d’emploi de référence avec la généralisation du salariat au cours des décennies postérieures à la seconde guerre mondiale” (2006, p. 1)

<sup>75</sup> “Cette capacité d’attraction de la catégorie complique singulièrement les tentatives pour évaluer le poids de cette précarité et pour en cerner les contours” (2006, p. 2).

de trabalho. No segundo amplia-se o universo para uma gama extensa de atividades exercidas em troca de remuneração<sup>76</sup>. Certamente essa diferença está intimamente relacionada ao objeto que se deseja investigar e ao fenômeno social em questão. Além disso, as diferenças de uso dessa noção não se restringem a definição de um recorte, mas também ao enfoque adotado por cada autor. Ela é empregada para analisar as mudanças estruturais da sociedade ou para refletir acerca da experiência dos indivíduos nessa situação. Entendo que no primeiro caso trata-se do estudo do processo de precarização, no segundo da vivência da precariedade. De um lado a macroestrutura, de outro a microestrutura. No meu entendimento, isso indica uma qualidade dessa noção, que permite conceber ao mesmo tempo essas duas esferas essenciais. Pois, ainda que se privilegie um ou outro enfoque é difícil pensar a experiência do indivíduo ou de um grupo social particular, sem considerar que a sua realidade está inserida e é influenciada por processos mais amplos. Da mesma forma, é necessário reconhecer a importância de investigar como essas instâncias afetam concretamente as pessoas.

Um aspecto fica claro em quase todos os autores analisados: a oposição constante de trabalho precário a uma forma de trabalho padrão. Essa oposição está na própria constituição dessa noção, pois revela a existência de uma representação coletiva do que seria um modelo de trabalho aceitável e desejável. O próprio fato de haver essa concepção na sociedade sugere que há também uma outra que percebe o trabalho precário como deficitário. Em outras palavras, a existência de um padrão de trabalho reconhecido socialmente, influencia, por si só, a percepção da precariedade como negativa. Por sua vez, isto está intimamente relacionado ao processo histórico de construção desse padrão na sociedade capitalista. Segundo Demazière (2006), o padrão é o emprego por tempo indeterminado, em tempo integral, regulamentado. Por um lado, esse referencial está baseado na disseminação dessa forma de trabalho durante o século passado. Entretanto, por outro lado, o autor ressalta que sempre existiram formas de trabalho divergentes desta na sociedade capitalista. Logo, a importância desse referencial demonstra a existência de um forte reconhecimento coletivo do mesmo como sendo a forma de inserção normal no mercado de trabalho. Não é possível afirmar que havia, em períodos anteriores, uma unificação do trabalho no sentido de um estatuto único, pois, outras formas de inserção sempre existiram, ainda que houvesse uma tendência ao assalariamento. Uma diferença é

---

<sup>76</sup> Podemos citar o trabalho de José Machado Pais *Ganchos, Tachos e Biscates* (2001) como um exemplo desse tipo de abordagem.

que “as novas formas particulares de emprego<sup>77</sup>” se disseminam em um cenário no qual anteriormente já foram efetuados avanços na regulamentação e proteção social vinculada ao trabalho. As mudanças também estão nos significados e conseqüências dessa precariedade. Há uma substituição das formas públicas de solidariedade social pela solidariedade privada, pois os trabalhadores estão desarmados frente às barreiras encontradas no mercado (Demazière, 2006).

Uma leitura das entrevistas coletadas nesta pesquisa revela a existência desse referencial no discurso de jovens que muitas vezes não tiveram nenhuma inserção desse tipo no mercado de trabalho. Mas, é preciso refletir sobre essa afirmação. A referência a esse modelo de emprego padrão aparece principalmente quando eles abordam os anseios de seus familiares. Como foi visto nos capítulos anteriores, há uma série de conflitos decorrentes de divergências entre jovens e famílias no que diz respeito à esfera do trabalho. Tais conflitos são mais agudos quanto mais distantes os jovens estão das possibilidades de uma inserção desse tipo<sup>78</sup>. Os tópicos sobre a relação dos jovens entrevistados e suas famílias, principalmente nos capítulos 01 e 02, são ilustrativos das dificuldades das mesmas de conceber como boas outras formas de trabalho. Há uma forte identificação entre trabalho e emprego, uma atividade remunerada, com vínculo empregatício, rotina e horários de trabalho claramente definidos. Alice, Otto e Sofia falam do desejo de seus pais de que conseguissem um emprego nesses moldes. Contudo, é possível afirmar que em alguns momentos esse modelo de trabalho orienta também as vontades dos próprios jovens, como é o caso de Elizabete, por exemplo. Ela afirma a sua vontade de conseguir um emprego nesses moldes o que é representado por ela como um emprego “em escritório”. Do seu ponto de vista essa seria a inserção ideal.

Castel afirma que o fenômeno da precarização é ainda mais importante do que o do desemprego, pois “ênfatizar essa precarização do trabalho permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação” (1998, p.516). Segundo ele, não é pertinente denominar as formas de emprego decorrentes desse processo como atípicas ou particulares, pois tal denominação está fundada na idéia do emprego com contrato de trabalho por tempo indeterminado, e este não é mais o referencial social padrão. Desta forma, o autor quer enfatizar que tanto a precarização, quanto o desemprego, são fenômenos que se inserem no

---

<sup>77</sup> “formes particulières d’emploi nouvelles” (2006, p. 6).

<sup>78</sup> Isso é claramente explicitado no excerto da entrevista de Alice, na página 114, capítulo 02.

processo de modernização, ou seja, não são anomalias inesperadas desse processo. A passagem a seguir da entrevista de Frederico se alinha com tal afirmação:

*Frederico: (...) o mercado de trabalho normal também não tem... não tem mais estabilidade trabalhista, então entre uma coisa que eu não quero fazer que não me dá estabilidade e uma coisa que eu quero fazer que também não me dá estabilidade, eu vou escolher a que eu quero fazer mesmo, talvez fique mais prazeroso, mesmo que seja difícil...*

No caso de Frederico há um reconhecimento claro de que o cenário do trabalho não é mais o mesmo e as expectativas atuais devem ser ajustadas a essa nova realidade. Ainda que ele reconheça que o trabalho que efetua na cooperativa é permeado de incertezas, ele afirma que uma inserção diferente não seria necessariamente mais segura. A contratação de Fernanda por meio de contrato de duração determinada (CDD) reforça o argumento de que há uma disseminação da precarização do trabalho na sociedade atual. Não são situações vivenciadas apenas por aqueles que experimentam situações não assalariadas ou que ocupam cargos de pouca qualificação ou remuneração. No caso de Fernanda, a forma de sua contratação anunciava para ela própria a instabilidade de seu vínculo com aquela empresa, resultando em uma pequena expectativa pessoal com relação ao trabalho e quanto às chances de crescimento profissional.

Pode-se afirmar que, em detrimento da diferença de enfoques, abordagens ou mesmo matrizes teóricas, há uma faceta da precariedade que é ressaltada por todos aqueles que se referem à precariedade (Alves, 2000, Castel, 1998, Demazière, 2006, Evelyn, 1998, Pais, 2001, Pochmann, 1999): a insegurança que permeia essa condição. Nas entrevistas realizadas com os jovens ficam evidentes as incertezas e inseguranças experimentadas em situações de trabalho precárias. A ausência de vínculo estável gera uma sensação de incerteza constantemente vivenciada. Na pesquisa foram relatadas situações de trabalho muito diferentes, há relatos de trabalhos autônomos, temporários, cooperativa; são situações diversas que engendram múltiplas incertezas. Os jovens cooperados, Alice e Claudio enfatizam as dúvidas com relação aos ganhos mensais que não são fixos. São situações de trabalho nas quais não há assalariamento, nas quais os rendimentos são variáveis e, muitas vezes, imprevistos.

Contudo, o assalariamento não garante a segurança desses jovens trabalhadores. Isso pode decorrer da informalidade do vínculo, como no caso relatado por Fernanda, quando ficou três meses sem receber a remuneração. Mas, também pode ser agudizado pela própria natureza do trabalho e da relação pessoal estabelecida com ele, como é o caso de Jeferson e

Elizabete. Ainda que sejam contratados por estabelecimentos comerciais, o valor de seus ganhos é determinado pela quantidade de pessoas que conseguem levar para o estúdio de tatuagens. A insegurança em relação ao trabalho se manifesta não apenas nas dificuldades de previsão ganhos, mas também no vínculo pessoal criado entre esses jovens e suas atividades. Como foi demonstrado anteriormente, observou-se em muitos casos uma gama de empregos e ocupações que não permitiram a criação desse vínculo ou de identificação, o que se expressa claramente na incapacidade dos jovens de remontarem suas trajetórias ou se referirem a essas passagens de suas biografias de maneira consistente. Muitas dessas atividades foram vividas e incorporadas em suas percepções biográficas como capítulos passageiros.

Como foi dito anteriormente, há uma disseminação da precariedade do trabalho, inclusive naquelas atividades e ocupações que se caracterizavam por contratações tradicionais (Evelyn, 1998). A insegurança não é apenas vivida por aqueles que experimentam a precariedade, nesse sentido, é preciso evitar um separação e uma oposição entre inserções estáveis no mercado de trabalho e inserções precárias (Alves, 2001). Castel (1998) argumenta que no cenário atual é possível distinguir uma “nova questão social”, que no âmbito do emprego pode ser caracterizada por: desestabilização dos estáveis, instalação da precariedade, ou seja, a consolidação dessa situação como durável e permanente, e por último, um déficit de lugares ocupáveis na estrutura social. Essas três características se relacionam para compor o cenário atual de emprego.

Além da disseminação de sentimentos de insegurança entre aqueles que não estão precariamente inseridos é preciso salientar mais um aspecto. Como a estabilidade não é mais a qualidade característica do trabalho, essas duas situações tendem a ser experimentadas pelo mesmo trabalhador. Ainda que os nossos jovens não tenham longas trajetórias, Otto e Fernanda forneceram exemplos nesse sentido. Ambos têm a experiência de empregos estáveis, entretanto, foram situações que não perduraram e foram seguidas pelo desemprego. No caso de Fernanda vimos como a demissão desse emprego representou uma grande perda pessoal, o que certamente afetou sua forma de apreender e se relacionar com os próximos empregos no futuro. É ainda mais pertinente considerar essa alternância em relação à inserção quando se considera que uma das características das trajetórias profissionais no Brasil é a recorrência do desemprego (Guimarães, 2004a)

Para Demazière (2006), a disseminação dos sentimentos de insegurança e incerteza se relacionam com um elemento chave da precariedade: a descontinuidade do tempo. É importante lembrar que o autor está analisando a precariedade a partir de um recorte claro,

isto é, está pensando apenas sobre os empregos precários e não qualquer atividade remunerada. Ele afirma que a descontinuidade do tempo está presente em várias formas de contratação precárias, como o emprego parcial ou temporário e, que se expressa também na volatilidade dos vínculos e no curto período de duração das pequenas empresas.

O tempo também aparece como um dos elementos chaves na análise de Evelyn<sup>79</sup> (1998), que identifica três formas de contratação que caracterizam as transformações do trabalho no mundo contemporâneo, e a sua conseqüente precariedade: trabalho por tempo determinado, trabalho em tempo parcial (ou part time job) e trabalho em domicílio.

A dimensão do tempo apareceu nas entrevistas, ainda que nem sempre através de citações que abordem a relação direta entre esta e a precariedade. No caso dos jovens cooperados e dos autônomos, Alice e Claudio, é possível afirmar a existência da descontinuidade do tempo se expressa principalmente pela ausência de uma rotina de trabalho pré-estabelecida, que é determinada imediatamente pela demanda externa. Assim, há épocas na qual o ritmo de trabalho é acelerado e ocupa uma parcela importante do tempo de vida, resultando em ganhos maiores. Por outro lado, há momentos nos quais há uma grande quantidade de tempo ocioso. O caso de Renata que presta serviço de monitoria em um Buffet infantil é diferente. Ela consegue exercer um controle sobre o seu tempo de trabalho e essa descontinuidade é vista de maneira favorável.

A relação entre o tempo de trabalho e a precariedade pode também ser observada a partir de outra ótica. Jeferson e Elizabete trabalham das 09h30 da manhã até as 19h, com uma hora de almoço, de segunda a sábado, ou seja, realizam uma jornada de 51 horas semanais, muito superior à jornada de 44 horas estabelecida por lei. Fernanda e Paulo também fazem referência à carga horária de trabalho que tiveram em empregos que não eram regulamentados, ainda que não saibam precisar ao certo quantas horas semanais trabalhavam.

---

<sup>79</sup> Com o objetivo de pensar a relação dos homens com seu trabalho na sociedade contemporânea Evelyn (1998) estabelece três mediações principais para abordar essa relação, que a autora denomina “portas de entrada” para a abordagem da mesma, que são: o tempo, o ganho e o sonho. Esses três elementos estão fortemente relacionados, pois, por exemplo, a representação do trabalho pelo tempo que estabelece sua medida monetária, isto é, permite pensar acerca da remuneração do trabalho, um dos ganhos mais imediatamente perceptíveis da atividade de trabalhar. Por sua vez, ganho e sonho também estão fortemente associados; o ganho pode ser a conseqüência imediata do trabalho realizado, mas também está fortemente associado aos projetos de vida e desejos futuros, isto é, os sonhos que desperta. Logo, é preciso considerar que a separação proposta pela autora é puramente analítica. Evelyn sustenta que essas três mediações são capazes de revelar os diversos elementos e contradições contidos não apenas no exercício do trabalho, mas também nas interpretações daqueles que o realizam, dessa forma, permitem perceber o papel e o lugar que o trabalho ocupa atualmente na produção da vida. Para o nosso propósito no presente trabalho a dimensão *tempo* é essencialmente importante, pois é principalmente a partir dela que a autora aborda categorias de trabalho que caracteriza como precárias.

As inserções precárias não estão igualmente disseminadas pela sociedade, ao contrário, alguns grupos sociais estão mais sujeitos a experimentar esse tipo de situação (Castel, 1998, Demazière, 2006)<sup>80</sup>. Demazière argumenta que a transformação das formas de emprego, ou melhor, a disseminação de formas de emprego heterogêneas e precárias, provoca uma conseqüente mudança nas normas do emprego. Percebe-se uma distribuição desigual da precariedade pelos grupos sociais, ou seja, algumas categorias de ativos estão mais sujeitas a experimentar uma inserção precária do que outras. Nesse sentido, o autor destaca a grande quantidade de jovens que estão nessa situação, eles são uma parcela expressiva entre os desempregados, mas principalmente entre os contratados por tempo determinado. Como resultado disso, percebe-se uma diferenciação importante entre gerações, no que tange às experiências e trajetórias no mercado de trabalho. Principalmente, porque a precariedade atual não se apresenta como uma etapa passageira no percurso profissional, ao contrário, é durável e difícil de ser superada. Além disso, os indivíduos com menor nível educacional estão mais expostos à precariedade. Por último, ressalta a situação das mulheres, que são a parcela mais significativa entre os contratados em tempo parcial. Há uma relação entre a precariedade e os diferentes grupos sociais, não apenas no risco de exposição que possuem, ou nas suas condições materiais, mas nos seus diferentes papéis sociais. De fato, uma análise das entrevistas permite perceber como os entrevistados percebem que as suas posições no mercado de trabalho são peculiares. E, ainda que exista insatisfação com a posição que é relegada a eles, parece haver também a compreensão de que a própria condição de jovens não apenas propicia, mas permite a experiência de inserções precárias. A dependência financeira dos pais e familiares é provavelmente um dos principais fatores nesse sentido, pois define o papel do jovem no interior da família e da sua remuneração na sua vida. Além disso, a grande maioria dos jovens entrevistados está em processo de formação educacional, o que também os faz conceber sua posição no mercado de trabalho como temporária, dado que o ensino superior é visto como importante meio de acesso a uma carreira específica. Em alguns relatos é possível perceber que a própria percepção em relação ao papel social e ao papel do trabalho em suas vidas está mudando, o que faz com que queiram se inserir de outra maneira no mercado de trabalho:

*Claudio: ... e o meu irmão é professor, ele ajuda bastante aqui em casa, eu não acho justo eu com vinte e dois ser sustentado pelo meu irmão com vinte e quatro, então eu to buscando um pouco a segurança na minha vida.*

---

<sup>80</sup> Contudo, Castel afirma que isso não significa que exista alguma categoria produtiva que esteja imune à precarização.



- *Vamos falar mais sobre esse emprego que você ficou mais de um ano sem registro em carteira. Você me falou que nessa época o registro não chegava a ser uma coisa tão importante pra você?*

*Fernanda: Não, não era muito importante pra mim, eu só precisava de um emprego, que tivesse uma remuneração que desse pra eu me virar assim, porque não tinha muita responsabilidade em casa, hoje eu já tenho mais.*

Por outro lado, justamente por serem jovens, terem pouca experiência no mercado de trabalho e cultivarem planos de construir uma carreira profissional que exige investimento em formação, há uma identificação do cenário como sendo desfavorável para eles:

- *Você acha que os empregos para os jovens são satisfatórios?*

*Paulo: Muita das vezes não, na maioria das vezes não, porque muitos jovens pensam em fazer faculdade, em continuar os estudos, eles pensam no futuro, muitos pensam no futuro e querem ter um futuro, porém o que acontece... o salário não ajuda, porque vai um vendedor de loja... eu conheço um cara, um amigo, ele trabalha em uma loja e ele ganha menos que quinhentos reais, e ele quer fazer faculdade, e ele não consegue porque ele tem que ajudar a família dele e tal, então... muitos colaboram, ajudam, veem que o cara é esforçado, quer continuar os estudos, ajudam, mas muitas não, principalmente comércio eu acho que não é uma área assim que auxilia o jovem.*

Se, por um lado, os jovens se arriscam em trabalhos incertos, instáveis e “formas inventivas de ganhar dinheiro” (Pais, 2001, p. 12), por outro, há uma dificuldade de abandonar essas formas de trabalho, em direção a uma estabilidade, sempre reconhecida como importante, principalmente no futuro.

Segundo Nicole-Drancourt e Roulleau-Berger (2001), enquanto nas décadas de 50 e 60 havia uma unidade das dimensões instrumental, social e simbólica do trabalho, nas duas últimas décadas do século XX há uma dissociação das mesmas na experiência da precariedade do trabalho juvenil. Por outro lado, há a formação de novos espaços sociais e atividades nas quais há novas relações de trabalho e engajamentos sociais. Pais argumenta que o trabalho precário pode ser interpretado como uma forma criativa do jovem em lidar com as dificuldades que encontram em suas trajetórias profissionais: “embora muitos jovens sejam vítimas dos processos de reestruturação econômica, eles procuram, criativamente, fazer face aos dilemas, dificuldades e desafios que lhes surgem” (2001, p. 16). Isso não significa que a precariedade seja vista por ele a partir de um enfoque positivo. O que o autor pretende é compreender como as trajetórias ocorrem em um cenário de limitações, para isso propõe que não se considere as mesmas como simples consequência da estrutura social. Ou seja, reforça o argumento de que os indivíduos possuem um potencial e capacidade de ação, inclusive em universos sociais adversos, como é o caso do mercado de trabalho atual. Caso

contrário, os percursos individuais se apresentariam como mera consequência ou resultado das vicissitudes enfrentadas. Retomando, não significa afirmar que a precariedade é positiva, mas que não limita ou condiciona totalmente as trajetórias individuais. Assim, ele não desconsidera a conjuntura social como elemento que restringe as oportunidades e possibilidades, mas também enfatiza a capacidade do jovem de buscar alternativas e mobilizar estratégias para fazer frente a mesma<sup>81</sup>.

Vamos ver o que o material empírico nos diz nesse sentido. Os jovens identificam claramente uma série de constrangimentos e vicissitudes aos quais estão expostos nas suas tentativas de se inserir no mercado de trabalho. Por vezes seus discursos enfatizam tais constrangimentos estruturais, salientando a construção de trajetórias “engessadas”, nas quais as oportunidades são limitadas e compartilhadas socialmente por aqueles que têm a mesma origem social:

*Alice: (...) pra qualquer jovem de periferia, primeiramente eles acabam pegando o que dá dinheiro, então é o trabalho super precário, aqui no centro é super comum você vê jovem que é carregador de água, de gás, de compra, é guarda carro, lava carro, enfim, o subemprego, então os subempregos em São Paulo tá bem alimentado pelos nossos jovens assim, tá muito presente, então assim, as empresas de telemarketing elas vendem a proposta de plano de saúde e tudo mais, mas é uma das figuras que mais exploram, que mais assim, ela cobra, cobra, cobra, cobra, e o menino vai ficando, ele não faz faculdade né, ele não faz outra coisa e ele acaba achando que aquilo é uma maravilha né, que a comissão que ele ganha é muito melhor do que ele ter um futuro em outra coisa né, e aí vale a lei do consumo.*

No excerto acima e em outras passagens apresentadas nos capítulos anteriores os jovens falam sobre algumas das dificuldades encontradas com relação à inserção no mercado de trabalho. Enfatizam a qualidade dos empregos disponíveis para jovens com baixa qualificação e oriundos de famílias com poucos recursos econômicos, traduzido por Alice como “jovens da periferia”, já que nesses locais há uma concentração de pessoas com essas características sociais. Em outra passagem Otto diz:

*Otto: É, você vai... e se você ver o tanto de coisa que ele já fez (falando do irmão de dezenove anos), é a mesma coisa, você vai pegar vários caras da periferia e eles vão te contar a mesma coisa, você tem algumas poucas opções né, tem uns que vão optar pelo crime, que mora aqui né, todo mundo já falou, mas é verdade, mas é verdade, aí você pode optar pelo crime, arrumar uma saída, assim você não vai viver muito tempo, mas é uma saída, mas você também pode ser motoboy entendeu, você pode entregar pizza, e isso*

---

<sup>81</sup> Entendo que dessa forma o autor aborda uma questão tradicional da Sociologia que é a relação entre estrutura e ação. Se, por um lado, existe uma estrutura social que se impõe, por outro lado, o indivíduo possui uma capacidade de ação que permite que sua vida não seja mera consequência do meio social.

*motoboy... o cara que mora na periferia que ele tem uma moto, se ele não trabalha, alguma coisa ele já fez com a moto dele pra ganhar um dinheiro, tipo ele passou um mês entregando pizza pra pagar uma conta, alguma coisa ali ele fez, fez uma entrega não sei aonde pra ganhar uns cinquenta conto...*

No exceto acima Otto volta a afirmar o tipo de trajetória dos jovens da periferia como ele e o irmão, há uma restrição de opções, dentre as quais identifica as atividades ilícitas e a profissão de motoboy. Contudo, quando se refere ao trabalho de motoboy, ele salienta que a posse de uma moto muitas vezes favorece a realização de pequenos trabalhos para conseguir uma renda visando uma necessidade imediata. Nesse caso, será possível afirmar que há criatividade nessa alternativa ou o exercício desse tipo de trabalho é mais uma sujeição à falta de opções? Certamente não é possível arriscar um palpite para esse caso ressaltado por Otto, pois não temos informações a respeito.

Mas, observemos o caso dos nossos entrevistados, dos quais temos uma quantidade e qualidade grande de informações. Os jovens claramente identificam uma determinada gama de empregos aos quais conseguiriam ter acesso, nesse caso, as televendas ou telemarketing, isto é, o trabalho em centrais telefônicas de atendimento é um dos principais citados nas entrevistas. Há também uma disseminação da percepção de que os empregos oferecidos e disponíveis para os jovens no mercado de trabalho não são satisfatórios e não atendem às suas necessidades. Aqui, as necessidades não são apenas financeiras, mas podem ser pessoais, em vista dos anseios, realizações e identificação. Os jovens expressaram as mais diferentes justificativas para rejeitar alguns trabalhos. Logo, quando é possível optam por outras alternativas, mesmo quando elas devem ser construídas e também apresentam de diversas características que as tornam distante do que seria um trabalho ideal. Observemos o caso de Claudio. Ele fabrica e vende trufas há anos, é possível afirmar que, desde o início, esse trabalho surgiu como uma estratégia criativa frente às inserções normais no mercado de trabalho, pois permitia o acesso à renda sem o prejuízo dos estudos e era adequado às suas necessidades naquele momento. Entretanto, o próprio Claudio afirma durante a entrevista que naquele momento percebia essa atividade como um hobby, que só assumiu um caráter profissional há alguns anos quando se mudou para Araraquara.

O caso da Cooperativa de jovens também pode ser considerado uma estratégia criativa de inserção no mercado de trabalho. Os próprios jovens reconhecem isso, como demonstra Frederico:

*- Mas você acha que o mercado de trabalho é favorável?*

*Frederico: Hummm...*

*- Ao ingresso do jovem?*

*Frederico: Não, de maneira nenhuma, tanto que a gente montou a cooperativa.*

*- Isso foi como uma opção?*

*Frederico: Uma opção de tá no mercado de trabalho sem sofrer aquela avalanche de... sem se submeter a esses...*

*- Outras pessoas da cooperativa pensam nisso como uma saída profissional?*

*Frederico: Exatamente.*

Como fica explícito nessa passagem, uma das razões que motivou a fundação da cooperativa foi o conhecimento de que a inserção do jovem no mercado de trabalho é dificultosa, principalmente para jovens com as características deles, que adquiriram formação na área de audiovisual. Todavia esta não possui o valor de uma formação profissional para o mercado de trabalho. Os jovens têm uma percepção negativa das opções existentes para eles no mercado de trabalho, sabem que as possibilidades são limitadas e que não preenchem suas próprias expectativas de remuneração, trabalho, atividade, realização e identificação pessoal. Com isso em mente, resolveram construir suas próprias alternativas, com base no conhecimento comum e no aporte da instituição que conheciam. Esses dois fatores foram fundamentais na viabilização desse projeto, pois a Ação Educativa oferece o local para as reuniões, computadores e aconselhamento.

De todos os jovens entrevistados, Jeferson e Elizabete são os que estão inseridos em ocupações com menores remunerações, níveis de qualificação e identificação, oportunidades de crescimento, ou mesmo aprendizado profissional. Mas, também nos casos deles é possível afirmar que houve uma orientação pessoal na escolha desse trabalho. Segundo Jeferson, “porque é da hora tramar aí na galeria”, há uma identificação que não é com a atividade de trabalho que realiza, mas com o local. Dessa forma, há uma margem de escolha e seleção dentre as oportunidades, ainda que escassas. Essa discriminação entre alternativas pode envolver os mais diferentes critérios, como mostra Jeferson, que não são apenas referentes às condições concretas de trabalho. Nesse caso, há uma gama variada de elementos que entram em ação e determinam a preferência por esta ou aquela atividade de trabalho, sempre em um momento determinado, pois como vimos, necessidades e anseios mudam no decorrer do tempo, transformando uma situação antes adequada em insatisfatória.

As possibilidades de utilização da criatividade na busca de alternativas não é a mesma para todos os jovens observados nesta pesquisa. Os jovens utilizam e mobilizam os recursos que possuem e que foram pré-adquiridos na sua relação com o mercado de trabalho. Nesse sentido, aqueles que possuem uma maior quantidade e qualidade de recursos

estão mais propensos a diversificar suas possibilidades. Este ponto será retomado adiante, nas “Considerações Finais”.

Agora que já foram feitas algumas observações a respeito do trabalho precário, é possível fazer uma diferenciação importante entre o mesmo e o trabalho informal. Por vezes esses dois termos aparecem associados e, de fato, parece impossível analisar o trabalho precário sem estabelecer as relações necessárias entre ambos.

Não pretendo fazer aqui uma retomada de toda a discussão existente na Sociologia sobre o conceito de informalidade, mas algumas considerações são necessárias.

Desde o seu surgimento em meados da década 70, o conceito de setor informal foi objeto de grande discussão sociológica. Esse conceito foi introduzido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e baseou-se na distinção da forma de organização das unidades produtivas, na inserção legal e no tipo de contabilidade da empresa. Sendo que, na sua origem, o conceito de setor informal era empregado nos estudos de sociedades de capitalismo não avançado<sup>82</sup>. Integram o setor informal as unidades que são administradas pelo proprietário e familiares ou outros, mas que não constituem uma entidade separada legalmente deste, além de não possuírem uma contabilidade padrão (Cacciamali e José-Silva, 2003). Segundo Comin (2003), essa utilização inicial do conceito caracterizava as atividades informais como sendo àquelas nas quais não há grande investimento de capital, organização e capacitação, com utilização de tecnologia antiquada, nas quais são comuns as empresas familiares e a produção de pequena escala, estando, por fim, inseridas em mercados marcados por pouca regulação e alta competição. Ainda segundo esse o autor, nessa formulação havia um alto grau de associação entre pobreza e informalidade, pois, dessas atividades resultavam baixos salários e pequena acumulação. Em outras palavras, as atividades informais eram àquelas que contrastavam com as formas modernas de produção capitalista. Tavares (2004) sustenta que mais do que a própria definição desse conceito, o que é problemático é a interpretação utilitarista que foi dada a ele. Isto é, no setor informal seria possível que os trabalhadores tivessem acesso à ocupação, o que poderia representar uma solução no combate à pobreza e à miséria. Assim, houve um incentivo ao desenvolvimento desse setor por parte dos organismos internacionais, como fonte de trabalho e renda de fácil acesso àqueles que estavam excluídos da forma assalariada de inserção capitalista.

As formulações e estudos sociológicos sobre a informalidade estão relacionados com a discussão sobre a integração social por meio do assalariamento, isto é, o problema da

---

<sup>82</sup> Os primeiros usos desses conceitos ocorreram em estudos sobre as economias africanas (Comin, 2003).

integração à economia capitalista moderna, da grande quantidade de trabalhadores que migravam dos campos para as cidades, nos países subdesenvolvidos na década de 70 (Rivero, 2001; Oliveira, 2005). É possível identificar três formulações importantes que orientaram os debates sobre a informalidade na América Latina: de um lado as teorias da “modernização” e da “marginalidade”, e de outro, a crítica marxista. Nas duas primeiras é possível identificar a forte presença de um dualismo que opõe categorias como tradicional/moderno e integrado/marginal (Oliveira, 2005). De forma resumida, a “teoria da modernização” conceitua que a desestruturação dos mercados de trabalho nos países desenvolvidos estava associada às características do capitalismo nessas regiões, que possuíam baixo nível de capitalização. Por sua vez, a “teoria da marginalidade” considera que devido aos problemas associados à modernização da economia nesses países, com substituição de importações, os trabalhadores eram excluídos de colocações que integravam o sistema capitalista de produção, ocupando trabalhos informais. Nessas formulações não há o reconhecimento das conexões entre as atividades formais e informais. De outro lado, a crítica marxista enfatiza a informalidade como uma consequência inerente do desenvolvimento capitalista, que produz para sua própria manutenção e funcionamento um “exército industrial de reserva”; dessa forma, essa conceituação busca romper com as análises que consideram o formal e o informal como dois universos desintegrados e desconectados, como opostos um ao outro<sup>83</sup> (Oliveira, 2005).

Segundo Oliveira (2005), este seria o primeiro momento acerca do conceito de informalidade que, embora ainda que fosse marcado por muita discussão, se consolidou ao redor de duas questões “as formas de inserção dos trabalhadores informais à estrutura produtiva e o grau de integração das atividades informais à estrutura produtiva” (2005, p. 54). No cerne desse conceito está o reconhecimento da existência de uma dicotomia entre setor informal e setor formal. Entretanto, há uma gama variável de ocupações, trabalhos, empregos, atividades que não podem ser encaixadas claramente em nenhuma das duas categorias. Ao contrário, o que se observa é que “(...) a formalidade e a informalidade coexistem, subsidiam-se, interpenetram-se e são indissociáveis” (Malaguti, 2000, p.101).

Para Oliveira (2005), na década de 80 há uma mudança na discussão acerca desse conceito, que devido à crise do fordismo e do Estado de Bem-Estar Social, deixa de ser uma

---

<sup>83</sup> A obra *Crítica à razão dualista*, de Francisco de Oliveira (2003), editada pela primeira vez em 1972, é um importante referencial teórico desse debate no Brasil. Nessa obra o autor demonstra como diversos setores da economia brasileira, inclusive aqueles considerados representantes do subdesenvolvimento, estão não apenas vinculados, mas também subordinados à lógica da acumulação capitalista e contribuem para esta. Além disso, o autor ressalta a importância de integrar as reflexões sobre o funcionamento político interno do país para compreender como o Brasil se constituiu econômica e socialmente.

noção empregada exclusivamente em análises de países em desenvolvimento. Nesse momento há uma ênfase no papel do Estado na regulação das atividades laborais. No último e terceiro momento da “trajetória do conceito”, o debate visa apreender as mudanças oriundas da flexibilidade do trabalho. Nesse momento também há um reconhecimento de que a informalidade não é uma característica passageira da realidade econômica, ao contrário, sendo a precarização e flexibilização do trabalho características da mais moderna forma de produzir no capitalismo, a informalidade resultante dessa configuração tende a perdurar.

É compreendida como processo de precarização e flexibilização do trabalho, que não diz respeito apenas aos aspectos relacionados à inserção produtiva e à reprodução social dos trabalhadores que encontram dificuldades de se integrarem ao mercado de trabalho formalizado, mas também envolve as questões políticas que ‘institucionalizam’ a precarização como regime de dominação política e exploração da força de trabalho. Em termos sociológicos trata-se justamente de entender como a institucionalização da precarização é incorporada às práticas dos trabalhadores informais. (Oliveira, 2005, p. 87).

Dessa forma, ainda que com diferenças de abordagem, tende-se a entender a informalidade como elemento constituinte da economia capitalista, enfatizando os processos recentes de reestruturação produtiva, flexibilização e terceirização, assim como, a desestruturação do mercado de trabalho. Pois, ainda que a informalidade não seja um fenômeno novo na sociedade brasileira, ela aparece hoje associada ao processo mais amplo de precarização.

Assiste-se ao surgimento de uma nova informalidade. Nova porque agora afeta uma gama maior de trabalhadores, porque não é mais restrita a alguns setores da sociedade, porque a terceirização e flexibilização são processos instaurados no centro da produção capitalista. Assim, a informalidade deve ser observada como parte do desenvolvimento capitalista e como necessária a essa nova etapa de seu desenvolvimento (Tavares, 2004).

Pamplona (2001) afirma que é preciso ter cuidado ao considerar a informalidade como indicador de precariedade, pois há uma diversidade de situações inseridas sobre a primeira. O autor reconhece que a substituição de ocupações formais por informais tenda à precarização, dado que na informalidade

a ocupação tende a ser mais baixa (menor produtividade) e mais instável (maiores flutuações de mercado); a ausência de proteção da legislação trabalhista estimula a existência de longas jornadas de trabalho e de alta rotatividade; a ausência de proteção previdenciária deixa o trabalhador a mercê de sua própria sorte caso sofra um acidente ou adoença; há menos possibilidade de ascensão profissional ou cultural (2005, p. 215).

Segundo Noronha (2001), no Brasil há três maneiras diferentes de se entender a informalidade. A primeira abordagem é a dos economistas e assenta-se sobre uma distinção entre as atividades econômicas, associando a informalidade àquelas consideradas “periféricas e não-rentáveis” (2001, p. 7). Uma segunda abordagem é fornecida pelos juristas e se baseia na idéia da legalidade do trabalho, isto é, o trabalho informal é considerado trabalho ilegal. E, por fim, resta o que a opinião pública entende por informalidade, nesse caso há uma forte associação entre o trabalho informal e trabalho sem carteira assinada, e conseqüentemente, como trabalho injusto; essa abordagem é fortemente influenciada pela anterior, pois, segundo o autor, é possível supor que a concepções da população sobre os contratos de trabalho sofrem forte influência da legislação existente sobre os mesmos. O autor ressalta que as noções do que é ‘justo’ e ‘injusto’ depende também das noções do que é ‘aceitável’ e ‘inaceitável’. Alguns trabalhos informais podem ser considerados justos dependendo da configuração específica daquela situação e de quem é lesado com o não-cumprimento da lei. Noronha esclarece que justo/injusto são noções que se referem à esfera pública, enquanto outras noções, como ‘ideal’, ‘aceitável’ e ‘inaceitável’ se relacionam às preferências individuais.

A discussão teórica sobre a informalidade é acompanhada por diferentes critérios de mensuração da mesma. Isso pode ser exemplificado com a apresentação de dois estudos sobre a informalidade que se baseiam em critérios diferentes. O *Mapa do trabalho informal* organizado por Jakobsen, Martins e Dombrowski (2000), é um trabalho empírico que pretende fornecer mais informações sobre a composição da informalidade, ou seja, não se detém na discussão teórica do conceito, mas, sobretudo nas informações fornecidas pelas diversas pesquisas empíricas que abordam a questão. Na introdução os organizadores afirmam que o objeto do livro (a informalidade) “é uma das dimensões pouco estudadas da precarização” (2000, p. 7). Dessa forma, a informalidade não é apenas um indicador de precarização, mas é uma de suas dimensões. Ou seja, a precarização não pode ser entendida apenas como informalidade, pois possui outras dimensões. No livro a informalidade é mensurada a partir das categorias definidas pela OIT<sup>84</sup>, que se baseia nas características das unidades econômicas. São considerados informais: assalariados em empresas com até cinco empregados (com ou sem carteira assinada), assalariados sem carteira assinada em empresas com mais de cinco empregados, donos de negócio familiar, autônomos (que trabalham para o público ou para o privado), empregados domésticos e trabalhadores familiares. Essas

---

<sup>84</sup> A intenção aqui não é defender essa definição como apropriada, essas informações só estão sendo apresentadas para chegar a uma melhor relação entre informal e precário.



categorias permitem corroborar a afirmação anterior de Pamplona de que na informalidade há uma gama variada de ocupações, que por sua vez denotam condições de vida e trabalho heterogêneas. Será sempre pertinente denominar como inserido na precariedade um trabalhador autônomo que consegue por meio de seu trabalho suprir as lacunas deixadas pela ausência de vínculos formais? Por outro lado, uma situação de trabalho autônoma pode implicar também em falta de direitos<sup>85</sup>. Além disso, é possível que nem todo trabalhador considerado precário esteja na informalidade. Como foi visto anteriormente, alguns autores identificam o contrato por tempo parcial como precário, por exemplo, mas não necessariamente ele se encaixa em uma das categorias acima.

Por sua vez, Rivero (2001) em seu estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro reconhece as dificuldades de operacionalização do conceito de informalidade, que mostra-se ambíguo e pouco explicativo. A autora opta por trabalhar com o conceito de “processos de informalização do trabalho<sup>86</sup>”, que busca conciliar a regulamentação do Estado sobre o trabalho e as mudanças recentes observáveis nas relações de assalariamento. Utilizando essa noção a autora pretende captar:

1) situações de não-regulamentação do trabalho assalariado, que mostram fundamentalmente a deterioração das condições de trabalho e a ruptura dos compromissos entre capital e o Estado e dos direitos conquistados pelos trabalhadores (2001, p. 3).

2) a persistência e crescimento do trabalho estruturado na unidade familiar, nas redes de vizinhança etc., nas quais as relações entre capital e trabalho aparece difusa (não-assalariada) e cuja lógica pode não ser a de ‘maximização dos ganhos’, senão a sobrevivência ou melhoria da qualidade de vida do grupo social (proporcionar trabalho e aumentar a renda da unidade). Essas unidades funcionam em espaços não-regulamentados e podem significar a permanência das relações de ‘reciprocidade’. Essas atividades estariam vinculadas àquelas de tipo ‘tradicional’, mas que ainda encontramos dentro das sociedades economicamente avançadas (2001, p. 3).

3) aqueles trabalhos cuja relação não será fundamentalmente assalariada, mas que podem atuar dentro de espaços regulamentados por lei ou não e que, por causa dos altos níveis de qualificação e de ganho ou remuneração obtida, é possível dizer que trabalham na lógica de mercado, tendo como objetivo primordial a ‘maximização dos lucros’ e não a sobrevivência do grupo. Neste caso, trata-se daquelas atividades que desde o desenvolvimento capitalista funcionam como profissões liberais exercidas por conta própria ou em pequenas

---

<sup>85</sup> Por ocasião do exame de qualificação, Suzana Sochaczewski argumenta que o trabalho informal sempre pode ser considerado precário quando observado a partir do prisma do coletivo, isto é, da classe de trabalho, dado que não há representação e proteção coletiva.

<sup>86</sup> “No sentido mais amplo, *processos de informalização* são o conjunto de transformações no mundo do trabalho, a tendência à terceirização, o crescimento do desemprego, a precarização do emprego assalariado (piores condições de trabalho, rebaixamento dos níveis salariais, flexibilização das relações de trabalho, maior facilidade de rompimento de contratos)” (2001, p. 26, 27).

empresas, assim como novas ocupações de perfil ‘pós-industrial’, cuja expansão se vincula à expansão do setor de serviços e à ‘externalização’ das atividades industriais (2001, p. 3, 4).

Como foi possível observar, ainda que cada um à sua maneira, os dois estudos apresentados acima possuem como objeto a informalidade do trabalho e buscam critérios pra definir as atividades abarcadas pela mesma. Mas isso é feito de maneira muito diferente em cada uma dessas pesquisas. É perceptível que cada uma das pesquisas em questão adota critérios para definir a informalidade a partir da concepção teórica adotada, mas também, a partir da natureza dos objetivos propostos e da metodologia de investigação empregada. Jakobsen, Martins e Dombrowski pretendem delinear um mapa da informalidade a partir da utilização de dados secundários; para isso fazem uso dos critérios objetivos definidos pela OIT, e utilizam um recorte bem preciso de atividades que compõem a informalidade. Por sua vez, Rivero pretende demonstrar como diversas formas de integração social, que não o trabalho regulamentado, e inclusive o não-assalariamento, persistem na sociedade brasileira contemporânea. Como se percebe, os enfoques das pesquisas são fundamentalmente diferentes. Isso é o que se observa em diversos estudos sobre a informalidade desenvolvidos no Brasil e na América Latina; a ampla discussão acerca do conceito se reflete não apenas nas diferentes abordagens teóricas, mas também na definição de diferentes critérios, mais ou menos objetivos e abrangentes, que são adotados quando se pretende realizar a passagem do plano da discussão teórica, para uma análise da realidade empírica do trabalho.

Com base no que foi dito até o presente momento, é possível fazer algumas afirmações. Em primeiro lugar, sob a denominação *informal* há diversas atividades de trabalho bastante diferenciadas, ou seja, a informalidade abarca um universo heterogêneo de trabalho<sup>87</sup>. Em segundo lugar, a informalidade não pode mais ser associada à pobreza ou subdesenvolvimento.

É preciso salientar que não há uma correspondência total entre os trabalhos informais e precários. Nem todo trabalho informal é necessariamente precário, assim como nem todo trabalho precário é necessariamente informal. A pesquisa empírica demonstrou isso. O caso de Fernanda é um bom exemplo, ela foi devidamente contratada por uma grande empresa com contrato de duração determinada. Nesse caso, ela não estava na informalidade, todavia, há precariedade nessa forma de contratação que, como demonstramos anteriormente, interferiu na forma de percepção desse emprego, assim como na criação de vínculo e na organização da vida em torno do mesmo.

---

<sup>87</sup> Isso é especialmente verdade quando se considera o crescimento da nova informalidade.

Nesse sentido, para a presente pesquisa mais importante do que definir os critérios objetivos sobre o que constitui um trabalho informal é esclarecer porque foi feita a opção de utilizar a noção de trabalho precário. Mais uma vez a resposta só pode constituir-se a partir da consideração dos objetivos, problema de investigação e a metodologia utilizada. Neste tópico tentamos demonstrar como a idéia de insegurança e contingência é central na construção teórica do que é trabalho precário. Assim, como também já foi introduzido, Alves (2000) afirma que a denominação informalização é um eufemismo para a precarização. Essa afirmação sugere que o termo precário possui um conteúdo específico, de insuficiência e debilidade. Assim, falar em precarização significa recorrer a outros significados que não estão presentes na idéia de informalidade. O trabalho precário não é apenas aquele que é realizado a despeito de qualquer regulação, que é realizado em pequenas empresas ou que é improdutivo no sentido marxista<sup>88</sup>. O trabalho precário é aquele que possui um determinado significado simbólico e esse significado é um importante elemento de interesse do presente trabalho.

Esta pesquisa se debruça sobre as formas de inserção dos jovens no mercado de trabalho, mas, de uma forma ampla, não se restringe às relações assalariadas, aos empregos informais, mas a toda e qualquer atividade de trabalho da qual resulte renda. É possível questionar se determinadas atividades, como os “bicos”, tão comuns entre os jovens, podem ser consideradas inserções no mercado de trabalho. A adoção desse critério resulta da preocupação central da pesquisa de perceber e identificar formas variadas de lidar com as dificuldades postas à colocação profissional desses indivíduos, isto é, a busca por alternativas e estratégias por parte dos jovens. Além de produzir renda, os trabalhos dessa natureza propiciam também experiência, vivência e conhecimento, ampliam o leque de relações sociais, ocupam o tempo e a mente, são oportunidades relevantes para a descoberta de si e para a formação pessoal. É preciso salientar que essas experiências não são vistas aqui como necessariamente positivas, prazerosas ou desejáveis, ao contrário, podem ser experiências dolorosas, mas que ainda assim representam uma vivência pessoal e social significativa. Por isso, entendo que são situações que não devem ser desconsideradas pela investigação sociológica, ainda que sejam dificilmente mensuráveis ou detectáveis, ou seja, ainda que sejam experiências que se desenvolvam no interior da sociedade, quase sem visibilidade, quase inalcançáveis para o estudo ou mensuração. Mas, que constituem parte

---

<sup>88</sup> De forma simplificada, o trabalho produtivo na sociedade capitalista é aquele que produz mais –valia, que é o objetivo principal da produção nessa sociedade. Nesse sentido, o trabalho é produtivo porque aumenta o capital. Por sua vez, o trabalho improdutivo é aquele do qual não resulta aumento do capital (Tavares, 2004).

importante da realidade experimentada por vários jovens, pelo menos em algum momento de suas trajetórias.

Por essa razão foi utilizado o conceito de trabalho precário como central na pesquisa, pois essa noção permite alcançar com liberdade um espectro maior de situações. Permite explorar as categorias de inserção que dificilmente são abarcadas por critérios previamente fixados. Permite considerar toda atividade realizada no interior de uma trajetória como experiência significativa, não apenas do ponto de vista do jovem, como também do ponto de vista da pesquisa. É uma conceituação ampla que pretende trazer à tona a amplitude de situações experimentadas pela juventude.

Para encerrar essa seção é importante ressaltar mais um aspecto. Entende-se que a definição do que constitui o precário é social. Em outras palavras, a caracterização de um determinado trabalho como precário depende de uma construção social do que é uma inserção desejável. Mas não apenas isso, pois outra qualidade da precariedade é ser uma situação na qual uma ou mais necessidades do indivíduo ou grupo não são atendidas. A definição do que é uma necessidade também é social, basta observar que estas mudam quando se consideram diferentes momentos históricos. As necessidades referidas não se restringem às condições materiais, ou seja, o trabalho precário não é aquele do qual não resultam ganhos materiais suficientes para atender as necessidades concretas de sobrevivência dos indivíduos, mas são também aqueles que não são capazes de suprir os anseios de segurança e estabilidade, por exemplo. Dessa forma, podem ser necessidades abstratas ou simbólicas. Pode-se argumentar que definida dessa forma não será possível chegar a uma definição utilizável do que consiste a precariedade, pois certamente há uma gama extensa de necessidades individuais. A precariedade pode ser definida por várias facetas, pode ser a precariedade das condições de trabalho, a precariedade da inserção, a precariedade da remuneração. Contudo, a nossa intenção aqui não foi operacionalizar o conceito de precariedade e sim explorar as diversas nuances que permeiam sua construção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: Juventudes e seus trabalhos - reflexão sobre as diferenças**

O objetivo desta última seção é realizar um trabalho de análise comparativa dos grupos delineados na presente pesquisa. Serão ressaltadas suas diferenças, peculiaridades e similaridades que podem fornecer pistas sobre a vivência da precariedade no trabalho. Para isso, serão retomados alguns pontos relevantes já apresentados na análise realizada para cada grupo separadamente. A leitura dos capítulos anteriores indica elementos relevantes, sugere questões e pontos de reflexão, que serão retomados agora.

A separação dos jovens em três grupos distintos obedeceu aos critérios que foram expostos na Introdução, que consistem principalmente no tipo de trajetória de trabalho delineada e no direcionamento atual em relação ao mercado de trabalho. Outro critério suplementar foi o grau de escolaridade dos mesmos. Esses critérios foram selecionados de um ponto de vista metodológico e não explicativo, isto é, não foram adotados a priori como critérios explicativos das diferenças entre os mesmos, ao contrário, foram adotados com o intuito de permitir a sistematização dos dados e das descobertas do campo. Durante o processo de análise de entrevistas ficaram evidentes outras diferenças relevantes entre os entrevistados, não apenas no interior de cada grupo específico, mas também entre os referidos grupos. A nossa intenção é analisar mais detidamente algumas das particularidades de cada um desses grupos. O objetivo não é buscar causas últimas que expliquem essas diferenças, mas refletir a respeito de elementos que certamente estão associados à formação dessa diversidade, com o intuito de lançar luz sobre a vivência da precariedade no trabalho dos jovens. Por um lado, há uma gama de diferenças concretas entre os jovens, isto é, das suas condições de vida, vivências e trajetórias. Por outro, há diferenças abstratas, relacionadas às percepções das experiências e expectativas de futuro.

No que diz respeito ao perfil dos jovens dois elementos merecem atenção e destaque. O primeiro é a composição por cor de cada grupo. Como já foi dito e apresentado, a identificação por cor foi feita de forma livre e espontânea, os jovens utilizaram as suas próprias categorias para explicitar sua identificação pessoal. Ainda que não exista unidade nas classificações é possível observar uma distinção importante. O terceiro grupo – “Jovens com trajetórias atuais direcionadas” – é o único composto por maioria branca. Na pesquisa apenas quatro jovens se identificaram como brancos – Felipe, Renata, Fernanda e Claudio – sendo que os três últimos pertencem ao grupo três. Os outros jovens se identificaram como não-brancos: negros, mulatos, pardos, mestiços.

O segundo ponto que deve ser ressaltado com relação ao perfil dos jovens é a sua escolaridade. Há uma diferença não apenas no grau de escolaridade entre os grupos, mas a maneira como ela foi alcançada. Apenas no grupo 1 há jovens que não ingressaram ainda no Ensino Superior ou que estejam em vias de fazê-lo. Nesse grupo também estão os dois únicos entrevistados que não concluíram o Ensino Médio por abandono. Nos outros dois grupos há um claro direcionamento para a formação superior, mas com uma diferença substantiva. Ainda que todos reconheçam a importância da continuidade da formação, os meios que possibilitam essa conquista são diferentes. Todos os jovens do grupo 3 custeiam sua formação por meio das rendas adquiridas em seus trabalhos, assim, cursar uma faculdade é uma possibilidade real derivada de suas rendas pessoais e de seus famílias. Por sua vez, no grupo 2, os dois jovens que atualmente estão na faculdade recebem auxílio de programas governamentais de apoio à formação superior. As outras três jovens pretendem ingressar nas universidades públicas ou serem aprovadas para um desses mesmos programas de auxílio governamental e, com esse propósito, preparam-se através de cursinhos pré-vestibulares, nos quais usufruem de bolsas conseguidas pela Ação Educativa. Assim, para os jovens do segundo grupo, a formação universitária não depende apenas deles, mas das redes de relações as quais tem acesso, dos incentivos públicos, do seu êxito no vestibular em uma universidade gratuita. Não são as suas rendas que garantirão a continuidade de suas escolarizações, mas os mecanismos sociais que conseguem e conseguirão mobilizar em prol da realização de seus objetivos.

As diferenças em relação à escolarização não são irrelevantes, elas engendram outras, interferem nas possibilidades reais de colocação no mercado de trabalho, nas suas expectativas de futuro. Não apenas o grau de escolaridade, mas também os outros elementos associados à obtenção do diploma de ensino superior, o próprio reconhecimento das dificuldades presentes nesse percurso parece interferir nas percepções dos jovens. Mas antes de nos atermos a essa questão, é preciso considerar, como foi mostrado no parágrafo anterior, que a forma como se constrói a trajetória escolar também está associada a outros elementos. Assim, ao tentar analisar de maneira mais detida aqueles aspectos que diferenciam os jovens e que possivelmente oferecem indicações importantes sobre a vivência da precariedade, torna-se evidente a insuficiência de análises compactadas, isoladas, fragmentadas sobre as diferentes esferas de suas vidas. A família, a escola, o trabalho e as amizades se complementam, se interpenetram e formam uma rede complexa na qual se desenrolam as diversas experiências. Da mesma forma, passado, presente e futuro aparecem como categorias temporais quase indissociáveis, ou seja, na maioria dos casos

parece difícil compreender a situação presente do jovem, sem considerar suas vivências passadas e a importância das mesmas na construção de seus futuros.

Nesse sentido, a relação com a família é de extrema importância. Para além das diferenças de relacionamento entre os jovens e suas famílias, há o papel da mesma como mantenedora. Todos os entrevistados afirmaram começar a trabalhar em decorrência da vontade ou necessidade de adquirir uma renda pessoal. Mesmo no caso das famílias mais desprovidas financeiramente não houve nenhum relato em que os jovens afirmassem que as rendas obtidas através dos seus salários fosse importante para a manutenção da família. Ao contrário, em todos os casos ela é direcionada para suprir gastos pessoais de transporte, consumo e lazer. Mas há uma diversidade naquilo que as famílias podem oferecer além do sustento. Os jovens do grupo 3 são os que tiveram acesso ao maior número de cursos privados, de inglês, espanhol e informática. Além disso, suas famílias são capazes de garantir um nível de consumo e conforto diferenciado, como, por exemplo, o acesso à internet em casa. Podemos inserir aqui a informação coletada sobre a renda familiar dos entrevistados. Foi entregue aos jovens um pequeno cartão contendo cinco faixas diferenciadas de renda e pedido para que assinalassem aquela que corresponde à sua renda familiar<sup>89</sup>, as opções eram<sup>90</sup>: a) até R\$ 415,00; b) R\$ 416,00 à R\$ 1245,00; c) R\$ 1246,00 à R\$ 2075,00; d) R\$ 2076,00 à R\$ 2905,00; e) R\$ 2096,00 à R\$ 4150,00 e f) acima de R\$ 4151,00. Neste quesito observa-se uma diferença importante entre os grupos. A renda familiar média do grupo 3 é a maior: dois jovens assinalaram a opção “d” (entre 5 e sete salários mínimos) e dois jovens assinalaram a opção “e” (entre sete e dez salários mínimos). Por sua vez, as rendas declaradas dos jovens dos grupos 1 e 2 não diferem tanto, havendo maior concentração na segunda e terceira faixa de renda. No grupo 1, um jovem assinalou a opção “c” (entre três e cinco salários) e os outros dois a opção “b” (entre 1 e três salários) e o último a opção “d” (entre 5 e sete salários mínimos). No grupo 2, a variação de renda foi maior: um jovem assinalou a opção “a” (até um salário mínimo), dois jovens assinalaram a opção “b” (entre 1 e três salários), um jovem assinalou a opção “c” e outro a opção “d”. Retomaremos essa questão adiante.

A família é o grupo primordial de sociabilidade e transmissão de valores, conhecimento e comportamento. A juventude é uma fase da vida em que o grupo de

---

<sup>89</sup> É preciso que se diga que foi garantido aos entrevistados o anonimato dessa informação, o que reconheço agora foi um erro irreparável para a presente pesquisa. Dessa forma, não haverá uma apresentação dessas informações individualizadas, mas por grupos, o que não deixa de ser relevante.

<sup>90</sup> As faixas de renda foram calculadas com base no salário mínimo estadual vigente no período de início da pesquisa.

socialização dos indivíduos se expande, muitas experiências ocorrem de maneira desvinculada do grupo familiar, o que faz parte do processo de individualização e construção da identidade. Assim, as entrevistas dos jovens revelaram a importância do grupo familiar como influência em suas vidas, mas, em muitos casos, demonstraram o enfraquecimento dessa influência quando atingem a juventude. A influência da família tende a ser maior para os jovens que estabelecem relações mais próximas e participativas com os pais, marcadas pela identificação. É no grupo 3 que a influência da família mostra-se forte, esses jovens têm diálogo com suas famílias e há uma identificação em relação aos projetos e valores. Um exemplo disso é a reação esboçada por eles com relação ao papel da educação, em suas falas fica clara a percepção de que o abandono escolar seria inconcebível; a influência familiar foi eficiente em inculcar-lhes a necessidade de concluir a escolarização e também a relevância da formação universitária, valorizada por seus pais. Nos outros dois grupos a relação familiar se estabelece de maneira diferente. As discordâncias em relação ao trabalho, à escola e até ao estilo pessoal surgem como importantes focos de conflito. Mas, também nesses casos é preciso não subestimar o papel da família, pois a necessidade de se impor como indivíduo diferenciado fortalece o próprio reconhecimento de si, de suas vontades e escolhas. Muitas vezes em contraposição àquilo que a família deseja, eles engendram seus percursos pessoais. As duas únicas exceções claras são os casos de Joana e Fritz. A afinidade de Joana com o Terceiro Setor é compartilhada pela sua mãe, o que favorece sua relação familiar, aumenta a compreensão dos pais em relação às dificuldades que encontra. Fritz recebe o apoio dos pais nas suas empreitadas e decisões pessoais, ainda que essa relação não seja imune aos conflitos. Para todos os outros jovens dos grupos 1 e 2 o cenário é diferente. Eles ressaltam a falta de compreensão, incentivo e apoio dos pais, com os quais não compartilham o mesmo universo social e cultural. Com relação à família ou, mais propriamente, aos conflitos familiares, pode-se dizer:

Comprendemos, na mesma lógica, que os conflitos de geração opõem não classes de idades separadas por propriedades de natureza, mas *habitus* que são produtos de diferentes *modos de engendramento*, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível, do provável ou do certo, fazem alguns sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas, e inversamente (Bourdieu, 1983c, p. 64).

Essa passagem retrata bem o tipo de relação estabelecida entre os diferentes grupos de jovens e suas respectivas famílias. O crescimento biológico e social do indivíduo o leva a



expansão de experiências, relações e conhecimentos que se estabelecem fora do grupo familiar o que, por vezes, resulta em uma diferenciação crescente das mesmas. Nesse sentido, as narrativas dos jovens são exemplares. Nos grupos 1 e 2 há uma recorrente afirmação do não compartilhamento dos jovens e suas famílias de objetivos, valores, expectativas e até mesmo com relação à percepção da realidade social. Como Bourdieu argumenta essas diferenças devem ser entendidas não apenas como diferença de geração, mas como diferenças de *habitus*,

(...) convém ressaltar que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porém nos limites das contrições estruturais de que são o produto e que as definem. (Bourdieu, 2001, p. 169).

Essa definição proposta por Bourdieu nos diz que os indivíduos possuem uma série de disposições internas, sedimentadas a partir de suas experiências anteriores que se relacionam com as formas de agir, perceber, observar o mundo. Essa noção busca apaziguar a tensão existente entre a estrutura e a agência, pois a formação do *habitus* está intimamente relacionada com a posição ocupada pelo agente no espaço social e também contém uma parcela de subjetivação, isto é, ao internalizar a realidade exterior na forma de *habitus* o indivíduo atribui personalidade a tais disposições (Ortiz, 1983). Assim, a formação do *habitus* é ao mesmo tempo produto da estrutura e da individualidade. Na construção da ação há uma relação dialética entre o *habitus* do indivíduo e a situação, definida pela conjuntura social externa. Com base nessa definição podemos afirmar que o *habitus* não apenas influi na relação do jovem com suas famílias, mas com o próprio mundo no qual estão inseridos. “*Habitus* é um conceito que expressa um sistema de disposições internalizadas que media a estrutura social e a atividade prática dos indivíduos; forma-se no curso de uma história coletiva e é adquirido no curso de histórias individuais” (Setton, 1996, p. 91).

Com relação ao conceito de *habitus* delineado por Bourdieu é importante demarcar a sua limitação e a contribuição de outro autor, Bernard Lahire. Este último enfatiza a pluralidade do ator em contraposição às teses que o concebem em torno de sua unicidade. Segundo Lahire (2002) a unicidade do ator deve ser relativizada em sociedades “fortemente diferenciadas” (2002, p. 27), como a sociedade brasileira, por exemplo. Em tais contextos o indivíduo é exposto a socializações heterogêneas:

Entre a família, a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais, os meios de comunicação, etc., que são muitas vezes levados a freqüentar, os filhos de nossas formações sociais confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até em contradições umas com as outras do ponto de vista da socialização que desenvolvem (Lahire, 2002, p. 27).

Como consequência, as disposições do *habitus* são também heterogêneas e a sua coerência depende da homogeneidade de contextos de socialização nos quais se desenvolve. Observa-se uma variabilidade de ações de um mesmo ator, que também depende do contexto específico no qual é engendrada.

*A pluralidade de disposições e de competências, por um lado, a variedade de contextos de sua efetivação, por outro, é que podem explicar sociologicamente a variação de comportamentos de um mesmo indivíduo, ou de um mesmo grupo de indivíduos, em função de campos de práticas, de propriedades do contexto de ação ou de circunstâncias mais singulares da prática (grifo do autor)(Lahire, 2006, p. 18)<sup>91</sup>.*

Segundo Pimenta (2007), a conceituação de Lahire busca tornar visível e compreensível a variedade de ações individuais, que são evidenciadas em seu estudo empírico sobre hábitos e gostos culturais (Lahire, 2006). Nesse sentido, Lahire busca equilibrar o peso das experiências passadas e da situação presente no engendramento das ações, pois, o passado permanece incorporado na forma de disposições. Estas são mobilizadas, contudo, conforme os diferentes momentos das diversas situações de vida<sup>92</sup>.

Voltando a atenção para os nossos achados na pesquisa de campo, as diferenças entre os grupos de entrevistados também se refletem na esfera do trabalho, onde há uma diversidade de situações. Todos eles têm experiência em trabalhos pouco estruturados, sem regulamentação e com vínculos frágeis, mas a natureza das ocupações é heterogênea. Nesse sentido é possível diferenciar dois tipos de trabalho. O primeiro tipo é aquele para o qual não é exigido nenhum tipo de conhecimento ou qualificação especial, são ocupações que não oferecem oportunidades de ascensão profissional ou de construção de uma carreira, que assumem, a partir dos relatos dos jovens, o caráter de ocupações passageiras ou transitórias,

---

<sup>91</sup>O autor argumenta em outro texto (2003) que, considerando a heterogeneidade de disposições e de situações, é necessário que a Sociologia adote o indivíduo como elemento de análise, não indivíduos atomizados, mas sim como seres socializados em múltiplas esferas, ou seja, o estudo dos indivíduos pode ser elucidativo para o sociólogo, pois permite apreender o social.

<sup>92</sup>“(…) o campo de investigação proposto aqui levanta a questão das modalidades de desencadeamento dos esquemas de ação incorporados (produzidos no decorrer do conjunto de experiências passadas) pelos elementos ou pela configuração da situação presente, isto é, a questão das maneiras como uma parte – e somente uma parte – das experiências passadas incorporadas é mobilizada, convocada e despertada pela situação presente” (grifo do autor) (Lahire, 2002, p. 52).

empregos que são aceitos principalmente pela necessidade de trabalho e não por identificação pessoal com aquela atividade. Há vários exemplos desse tipo de ocupação nas entrevistas. Um segundo tipo de ocupação caracteriza-se por exigir o emprego de habilidades ou qualificações específicas, sendo que o exercício dessa atividade sedimenta conhecimentos que poderão ser utilizados em experiências futuras no mercado de trabalho, são empregos com os quais os jovens desenvolvem identificação pessoal, que não são retratados como ocupações passageiras, que não visam apenas a atender às necessidades imediatas de trabalho. Essas experiências muitas vezes se convertem em um direcionamento na busca por emprego e nas suas trajetórias profissionais. Há outro elemento que caracteriza esses trabalhos: a opção pessoal. Em alguns casos os jovens deixaram muito claro o papel da escolha pessoal na realização de alguns trabalhos, que são vistos como preferíveis a outros possíveis. Tendo em vista essa diferenciação, é possível perceber a prevalência de um desses tipos de trabalhos no que foi relatado em cada um dos grupos, sendo que em dois deles é possível identificar trajetórias de transição.

Nos grupos 2 e 3 temos exemplos de jovens que transitaram de ocupações do primeiro tipo para empregos do segundo tipo. São os casos de Alice, Edna, e Sofia (grupo 2) e Claudio, Fernanda e Paulo (grupo 3). Os jovens do grupo 2 fizeram das suas vivências no Terceiro Setor, em projetos sociais, uma possibilidade de construção profissional, isto é, utilizaram os conhecimentos adquiridos, as suas vivências e a afinidade com a área para um direcionamento de suas atividades e expectativas profissionais. Aquilo que foi vivenciado a partir de seus vínculos com o Terceiro Setor tornou-se experiência relevante no sentido profissional. Por um lado, acessaram conhecimentos, relações e um universo social específico, por outro, se inseriram como agentes nesse próprio universo. Em outras palavras, as suas experiências os tornaram profissionais potenciais nessa área.

Se a transição das trajetórias dos jovens do grupo 2 foi determinada pelo vínculo com o Terceiro Setor, no caso dos jovens do grupo 3 ela foi construída principalmente a partir das experiências no mercado de trabalho. A maioria desses jovens se inseriu no mercado de trabalho em empregos do primeiro tipo, mas as experiências subsequentes permitiram-lhes adquirir experiência e qualificação para um direcionamento a uma área específica, resultando em empregos de maior qualificação, remuneração, estabilidade e possibilidade de ascensão.

Por sua vez, os jovens do grupo 1 diferenciam-se dos demais por possuírem trajetórias mais dispersas no mercado de trabalho, não há um direcionamento para nenhuma

área particular. As suas trajetórias se caracterizam por empregos de curta duração, em áreas diferentes.

Como seria possível compreender essa diversidade de situações? Será possível estabelecer de maneira mais clara e sistemática razões que influenciam a constituição dessas diferenças? Cremos que sim. Uma primeira reflexão sobre a diversidade poderia sugerir que ela decorre da diferença de renda familiar e que a origem social seria determinante na construção de trajetórias e nas maneiras de viver a precariedade, pois, como mostramos acima, a renda varia conforme os grupos. Os jovens do grupo 3 possuem maiores níveis de renda familiar, que lhes garante segurança e suporte, podendo ser mais seletivos com relação ao mercado de trabalho. Além disso, a renda permite o acesso a cursos, qualificações, instrumentos que auxiliam a preparação para a inserção nessa esfera. Entretanto, uma observação mais detida sobre os achados empíricos rapidamente nos obriga a considerar essa explicação como insuficiente. Outros elementos interferem na relação do jovem com o trabalho, e com o mercado de trabalho, e qualquer tentativa de estabelecimento de uma relação unívoca seria errônea e facilmente negada pelas evidências empíricas. O caso dos jovens do grupo 2 corrobora nossa afirmação: a renda familiar desse grupo não difere fundamentalmente da do grupo 1, no entanto, as diferenças entre esses dois grupos são significativas. Isso não quer dizer que a renda familiar seja um elemento irrelevante na nossa análise, certamente ela possui seu papel, mas ela apenas não consegue lançar luz suficiente sobre a diversidade expressada pelos jovens. Também não podemos afirmar simplesmente que as diferenças observadas entre os entrevistados são oriundas de diferenças de *habitus*. O processo de análise das entrevistas nos sugeriu que as diferenças observadas entre as experiências, trajetórias, percepções e a forma de viver a precariedade podem ser observadas a partir das diferenças nas posses de capital, no sentido bourdieusiano.

Para Bourdieu, a posição dos agentes no espaço social, e nos diversos campos sociais<sup>93</sup>, se define pela quantidade e qualidade de capital que possuem. O autor identifica diversos tipos de capital: social, cultural, econômico, que podem se converter em capital

---

<sup>93</sup> “Bourdieu tem uma concepção sistêmica do social, isto é, acredita que a sociedade é um sistema estruturado por campos homólogos (grupos ou classes sociais) que possuem certa autonomia (...) A distribuição dos campos sociais obedece à lógica de que quanto mais próximos os grupos sociais estiverem mais propriedades terão em comum, e quanto mais afastados, menos propriedades em comum. A imagem de uma topografia social revela também uma preocupação em traçar relações de força existentes entre posições sociais, mais do que circunscrever, definitivamente, os limites entre os grupos” (Setton, 1996, p. 87).

simbólico, isto é, quando a posse do capital alcança legitimidade e reconhecimento social<sup>94</sup>. É precisamente nesse sentido que utilizaremos aqui o conceito de capital<sup>95</sup>:

O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de facto, a cada campo ou subcampo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo). (Bourdieu, 2007, p. 134).

O espaço social é formado por diversos campos, relativamente autônomos, com características específicas. É com relação a tais campos que a posse das diferentes formas de capital constitui um critério delimitador de poder, prestígio, oportunidades e posição. Em outras palavras, o significado da posse de capital só pode ser entendido com relação a um campo determinado. O capital econômico se refere a posse de recursos econômicos que podem ser mobilizados em um determinado campo. O capital social é comumente associado às relações sociais, mas sua formulação é mais complexa: “O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento (grifos do autor)” (Bourdieu, 1998a, p. 67). As referidas relações não são relações de proximidade física ou geográfica, são relações estabelecidas pela troca direta entre os agentes que se reconhecem como próximos. As trocas estabelecidas não são apenas materiais, mas também simbólicas.

O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (Bourdieu, 1998a, p. 67).

---

<sup>94</sup> “O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente, dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio” (Bourdieu, 2007, p. 145).

<sup>95</sup> É importante esclarecer o sentido que utilizaremos para tal conceito, pois, como afirma Pinto (2000) há uma redefinição do conceito de capital na obra de Bourdieu, que fica claro em *Meditações Pascalianas* (2001). A partir dessa obra, o autor caracteriza o capital simbólico como uma forma sob a qual qualquer outra espécie de capital pode se investir, isto é, o capital simbólico deixa de ser considerado como uma forma específica e diferenciada de capital.

Assim, uma rede de relações sociais constituída pode ampliar o capital de um indivíduo. Há vários exemplos de como o capital social é relevante, não apenas com relação à forma de vivenciar a precariedade do trabalho, mas também em diversas dimensões. O capital social de Claudio favorece o exercício do seu trabalho, pois seus produtos são comercializados principalmente para conhecidos que, por sua vez, podem indicar novos compradores. O capital social dos jovens do grupo 2 também é determinante para a manutenção de suas atividades, pois os coloca em contato com grupos, pessoas e instituições que podem ser parceiros ou contratantes.

O capital social também pode ser importante na manutenção do estilo de vida dos entrevistados, como é o caso de Renata que consegue gratuidade no acesso a diversas casas noturnas, o que lhe permite manter uma rotina de lazer constante. Além disso, o trânsito constante a tais locais por sua vez reforça a pertença a um determinado grupo social de pares, que conhecem e se reconhecem como compartilhando códigos, atitudes, valores. Como Bourdieu salienta, o capital social é “o produto de um trabalho de instauração e manutenção” (Bourdieu, 1998a, p. 68), ou seja, resulta de esforços conscientes ou não para sua durabilidade, o que ocorre por meio da troca, da comunicação de bens materiais e simbólicos, que resultam no conhecimento e reconhecimento mútuo de fazer parte de um mesmo grupo.

Antes de prosseguirmos é necessário situar a discussão sobre o conceito de capital social e a forma como este está sendo apropriado pela presente pesquisa. O conceito de capital social tem ganhado relevo nas últimas décadas, há uma ampliação do interesse político e também acadêmico (Morrow, 2007), assim como também há uma visibilidade dessa temática, que tem sido abordada tanto na literatura sociológica, quanto na literatura econômica (Prates, Carvalho e Silva, 2007). As utilizações desse conceito se fundamentam em diferentes conceituações formuladas por diferentes autores. O que se percebe é que não apenas há diferenças conceituais, mas que o mapeamento desse campo de pesquisa também é diferente segundo o autor analisado. Não cabe aqui fazer uma revisão bibliográfica exaustiva das utilizações, pois isto poderia nos afastar do nosso foco de investigação. Para os nossos propósitos partiremos do panorama construído por Neves e Helal (2007). Os autores afirmam que a difusão dos estudos acerca do capital social ocorre principalmente em torno de duas correntes teóricas principais. A primeira caracteriza-se por uma abordagem que pensa o capital social como elemento pertencente a uma comunidade ou sociedade, e seus expoentes principais são Robert Putnam e James Coleman. “Segundo

esses autores, capital social é algo que não pode ser internalizado pelo indivíduo, ou seja, é algo que existe apenas na esfera coletiva” (Neves e Helal, 2007, p. 63). Por sua vez, a segunda corrente teórica entende que o capital social pode ser internalizado pelo indivíduo e tem como principais representantes Pierre Bourdieu, Mark Granovetter e Alejandro Portes. Com relação ao nosso problema de pesquisa e com base nos dados obtidos, entendemos que o capital social não se constitui apenas como elemento social e que é parte das características sociais do indivíduo. Como nos interessam aqui as diferentes formas de capital, pois apenas a conjugação entre elas pode oferecer pistas sobre as diferentes formas de viver a precariedade do trabalho, a abordagem de Bourdieu aparece como a mais adequada para nossos fins:

Para Bourdieu, capital social é definido como o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados por posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de reconhecimento mútuo, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não são somente dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. Nessa visão, capital social é algo que pertence ao indivíduo e por ele pode ser utilizado de modo a produzir benefícios, inclusive de ordem econômica (maiores salários, acesso a emprego e a melhores cargos nas empresas etc.). (Neves e Helal, 2007, p. 63)

Ainda que o conceito de capital social não possa ser reduzido às redes sociais, estas se mostraram de significativa importância na compreensão das formas de vivenciar a precariedade do trabalho. Como apresenta Cockel, as redes sociais foram utilizadas por diversas teorias sociais, em áreas diferentes, sendo muitas vezes utilizadas com sentidos distintos. Segundo a autora, há referências às redes sociais para pensar as relações com o mercado de trabalho, no seu papel como estratégia de sobrevivência, no apoio comunitário, no enfrentamento de situações adversas, em situações de doença e no suporte emocional e religioso (Cockel, 2008). A variedade de temáticas a partir das quais tem sido investigado o papel das redes nos sugere, por si só, a abrangência e importância das mesmas em diversos aspectos da vida. Como visto acima, Bourdieu salienta as características de permanência e durabilidade das relações sociais que compõe o capital social, além do compartilhamento de propriedades comuns. É preciso enfatizar a relevância das redes sociais informais, isto é, que se constroem por meio de ligações não-institucionais ou participação em alguma associação ou grupo comunitário, sendo, por exemplo, grupos de amigos, escola ou vizinhança (Morrow, 2007). De fato, a constituição de tais redes são permeadas por alguma espécie de partilha e algum grau de identificação que, como a nossa pesquisa sugere, pode ser o local de moradia, por exemplo. Entretanto, é preciso cautela ao considerar que o

capital social provém da ligação entre iguais, as redes sociais são formadas por pessoas que se vinculam em diversas dimensões e por contatos de naturezas diversas, sem representar uma unidade ou homogeneidade de grupo. Além disso, as entrevistas sugerem que o próprio capital social deve ser considerado como um conceito dinâmico, isto é, que se transmuta no tempo. É nesse sentido que Bourdieu preconiza que este é mantido por meio de investimento na construção de relações duráveis.

Nas entrevistas há uma ênfase dos jovens na importância do capital social e das redes sociais na conquista de emprego, associação que se formula a partir da expressão “QI” (quem indica). Uma observação de suas trajetórias de trabalho revela a importância da indicação no momento de procura de emprego, são várias as referências a esse fato. Porém, a diferença de capital social se expressa no poder da indicação e no tipo de oportunidade que elas são capazes de oferecer. Edna formula bem essa questão:

*Edna: Ah eu acho que a coisa do QI né, o “quem indica”, é muito forte, e como os meus contatos, os meus amigos, fazem a mesma coisa que eu, o QI fica num círculo super fechado, que é tipo “Ah eu fiquei sabendo que tal lugar tá pegando currículo”, mas nada assim do tipo “Vai lá conversar com a moça, porque tá precisando de um emprego lá”, uma coisa assim. Daí você foi muito na sorte de mandar currículo e ser chamada pra uma dinâmica.*

É a partir das redes sociais que as informações circulam e ampliam as oportunidades de inserção dos jovens. Em todas as narrativas há referências a esse fato, que tem sido cada vez mais salientado pela literatura:

Isso porque sabemos que o acesso a oportunidades de trabalho com frequência também se resolve por meio de mecanismos que escapam à racionalidade das instituições especializadas do mercado, fundando-se numa outra razão, já que ancorados na estrutura e funcionamento das redes sociais tecidas no curso da vida cotidiana (Guimarães, 2006a, p. 6).

Com relação a esse tema, o trabalho de Granovetter ainda é de grande importância. Esse autor argumenta que o funcionamento do mercado de trabalho é fortemente influenciado por fatores derivados das condições sociais e políticas (Guimarães, 2006). Granovetter ressalta a importância dos contatos pessoais na circulação de informações relevantes que resultam na obtenção de emprego. A circulação de informação deve ser observada na estrutura a partir da qual se processa, isto é, a maneira como se estabelecem os laços sociais e como tais relações se convertem em fontes de informação sobre o mercado de trabalho (Granovetter, 1995). O autor qualifica esses relacionamentos em laços fracos e laços fortes. Os primeiros seriam constituídos por conhecidos, são redes que possuem uma



baixa densidade, isto é, nas quais algumas linhas possíveis de envolvimento pessoal não existem. Por sua vez, os laços fortes são construídos pelo indivíduo e seus amigos próximos, formando redes de alta densidade, com envolvimento social em muitas linhas de relações (Granovetter, 1983). Contudo, o estabelecimento de laços fracos é essencial para a manutenção do sistema social e para a circulação de informações no seu interior. Observando o processo de obtenção de empregos, Granovetter (1995) identifica os laços fortes como aqueles formados por pessoas próximas, que possuem um contato social constante, como parentes e amigos pessoais ou da família. Os laços fracos são representados principalmente pelos “contatos de trabalho”, que são empregadores ou supervisores (chefes), colegas de empresa, colegas de outras empresas e professores. Como o autor demonstra e fundamenta empiricamente, os laços fracos são essenciais na circulação de informação e são determinantes na obtenção de emprego, mesmo nos casos em que o demandante não está em procura efetiva, ou seja, não utiliza outros métodos de busca ou, ainda, não está desempregado. Justamente por não ser parte de uma rede social próxima, os conhecidos podem contribuir ao acrescentar informações novas, que não são acessíveis ao grupo que compõe os laços fortes (1983, 1995).

A partir de sua própria observação empírica, mas também com base em outras pesquisas que investigam a importância dos laços fracos, Granovetter (1983) argumenta que em grupos com menor poder socioeconômico, os laços fracos são por vezes constituídos por conhecidos, mas que a informação que fornecem não tende a se converter em uma ponte de acesso a novas oportunidades.

No Brasil, a partir de um estudo comparado de três regiões metropolitanas, Paris, São Paulo e Tóquio, Guimarães (2004b) argumenta que variações nas configurações e percepções do trabalho incidem nas “representações sobre a procura de trabalho” (2004b, p. 18) e também nos mecanismos utilizados no processo e procura de emprego<sup>96</sup>. A autora argumenta que há uma variedade de instrumentos mobilizados na procura de emprego, todavia, no Brasil se destacam em importância os familiares e grupos de amigos próximos ou, utilizando a terminologia de Granovetter, os laços fortes<sup>97</sup>. Assim, a autora demonstra que a utilização das redes sociais na procura de emprego se constitui de maneira diferente

---

<sup>96</sup> “Em sistemas de emprego onde o padrão de duração dos vínculos é mais estável (como no Japão), ou onde a regulação normativa do desemprego o faz mais protegido (como na França), o significado da desocupação, por um lado, e as condições em que se dá a procura de trabalho, por outro, induzem a que sejam valorizados mecanismos de obtenção de educação distintos daqueles que se verificam no Brasil, onde a recorrência das transições se alia à fraca institucionalização do desemprego” (Guimarães, 2004b, p. 19)

<sup>97</sup> Dessa forma, a autora argumenta que a observação empírica do caso brasileiro demonstra uma realidade diferente daquela observada por Granovetter (1995), isto é, aqui os laços fortes são instrumentos mais utilizados e mais eficientes na procura de emprego do que documentado por este autor.

conforme o contexto. O estudo também investigou as representações dos demandantes de emprego e revelou que mais uma vez as redes sociais aparecem como mecanismo de destaque, ao lado da prospecção individual no mercado de trabalho (contato com as empresas), ou seja, são esses os instrumentos percebidos pelos demandantes como mais efetivos.

De fato, a nossa pesquisa empírica revela a importância dos laços fortes. Muitos foram os exemplos citados das ocasiões nas quais a circulação de informação e também a indicação direta a uma vaga foram realizadas por parentes e amigos próximos, ressaltando a importância dos laços fortes na conquista de emprego.

As redes sociais são importantes tanto na circulação de informações como também na contratação final. Entretanto, como referido acima, o capital social depende também do capital que as pessoas que compõem a rede de relações do indivíduo possuem, o que influi sobre a efetividade de contratação.

Como percebemos em nossas entrevistas, as redes sociais informais não são importantes apenas na esfera do trabalho, mas também em outras dimensões. As redes sociais foram determinantes ao possibilitar o trabalho de Claudio como produtor de trufas, para a disseminação e consumo de seus produtos. Também se mostram importantes para os jovens do grupo 2, tanto para a realização do trabalho autônomo de Alice, ao ampliar as oportunidades de trabalho, quanto para a viabilização da cooperativa, por meio do auxílio institucional ou informal que oferecem. Além disso, nesse grupo também há fortes referências às redes como apoio em momentos de dificuldades, como as crises financeiras. São amigos, parentes, colegas e vizinhos que muitas vezes fornecem o auxílio necessário. Não é possível esquecer também, a importância das redes na criação de oportunidades de outras naturezas, como, no caso das jovens que conseguiram redução no valor da mensalidade do cursinho pré-vestibular em decorrência dos contatos com pessoas da Ação Educativa.

O capital cultural pode ser identificado em três formas. A primeira é o capital cultural incorporado, que depende da inculcação pessoal de comportamentos, saberes e valores, tornando-se uma qualidade que integra aquele indivíduo, convertendo-se em *habitus*. A segunda forma é o capital cultural em estado objetivado, que consiste na propriedade de suportes materiais, que podem ser pinturas, por exemplo. Nesse caso, a real apropriação dessa forma de capital depende da existência do capital cultural incorporado, que dá significado a esses materiais. A terceira forma é o capital cultural institucionalizado,

isto é, reconhecido e validado por uma instituição, sendo o exemplo mais explícito o diploma (Bourdieu, 1998b).

Há um claro exemplo da importância do capital cultural nas entrevistas. Os jovens do grupo 2, engajados no Terceiro Setor expressam claramente a necessidade de cursar o Ensino Superior, para a própria manutenção deles como profissionais nesse campo profissional. Em uma passagem, Alice explica porque a faculdade é tão importante:

*Alice: A minha formação superior tá sendo muito importante, a minha formação superior tá sendo um peso, “preciso me formar, preciso me formar”, porque assim como o adolescente quer ter uma roupa de marca porque é um status social, no meu caso a formação, estar na faculdade, também vai acabar sendo porque as pessoas que eu conheço estão, então eu fico numa cobrança muito maior né, até pela questão do objetivo... profissional, mas pelo social assim também, você dizer “ó gente também tô e tal”, porque as pessoas com quem você convive estão.*

É preciso observar com cuidado essa fala de Alice, pois ela afirma que cursar uma faculdade é importante porque todas as pessoas que conhece já fazem. Mas, quem são essas pessoas? Segundo a sua entrevista, não são seus familiares ou as pessoas do bairro onde mora; são as pessoas que estão engajadas nos mesmos projetos sociais que ela, que estão no mesmo campo profissional. A sua fala revela como a formação universitária é reconhecida como um elemento importante no interior desse campo, não apenas porque lhe abre oportunidades objetivas, no sentido de qualificá-la para realizar alguns trabalhos, mas porque influi na maneira como os outros a observam e na sua integração completa ao grupo. Nesse campo profissional particular há uma grande valorização do capital cultural, que inclui a formação universitária. Nesse caso, a posse do diploma, isto é, a conquista do capital cultural claramente se converte em capital simbólico, no sentido que é legitimado pelo grupo social do qual faz parte, é um símbolo de distinção

É preciso considerar o capital cultural em um sentido mais amplo do que aquele delineado por Bourdieu. Ainda que o diploma apareça com relevo nas nossas entrevistas, há uma extensa gama de recursos culturais que são adquiridos a partir de uma diversidade de experiências e meios sociais, não apenas a partir da escola ou da família. Alinhamo-nos com a proposta de Setton:

Ou seja, é preciso salientar que a posse desse novo capital pode derivar de investimentos culturais diversos. Pode se expressar na forma de diplomas, na visitação a museus e assistência a concertos eruditos ou, na sua impossibilidade, pode se expressar em comportamentos menos aristocráticos não deixando de ser utilizado como capital distintivo. Nesse estudo quero salientar que a leitura de jornais e revistas, a assistência interessada a uma programação televisiva informativa, a audiência a entrevistas com especialistas ou viagens pela internet (entre

outras possibilidades) podem servir também como estratégias de adquirir os bens da cultura e do conhecimento a ter acesso a estes. Em outras palavras, quero destacar uma outra ordem de estratégias e/ou práticas culturais que demonstram uma abertura ante o aprendizado informal/formal difundido por instâncias ainda não consagradas como legítimas (Setton, 2005, p. 80).

A expressão desse novo capital cultural não pode ser subestimada. Considerando os relatos dos nossos entrevistados, é preciso sublinhar o Terceiro Setor como lócus de acesso a um capital cultural relevante. Principalmente nos grupos 1 e 2 há pouca referência àquilo que foi aprendido na escola, por outro lado, há uma ênfase no aprendizado informal, para utilizar o vocabulário da autora. Isso se aplica também aos jovens que não tiveram nenhum vínculo com projetos sociais, como Elizabete e Jeferson. Eles fazem constante uso da internet para ouvir músicas e procurar letras e traduções, já que elas são predominantemente em inglês. Essa prática foi importante na familiarização e no aprendizado da língua estrangeira. O acesso ao capital cultural também foi adquirido a partir de experiências exteriores ao grupo familiar, como expressa Otto:

*Otto: eu até tava conversando isso esses dias assim, que quando você tem a sua família envolvida com coisas de cultura e tal, você acaba lendo mais, sendo mais informado de alguma maneira, e é uma coisa que não acontece na minha casa assim, nunca aconteceu, eu nunca vi meu pai pegando um livro assim e começar a ler e tal.*

A teoria de Bourdieu nos ajuda a pensar algumas das descobertas mais importantes da pesquisa. As entrevistas revelaram diferenças importantes entre os jovens em geral, mas também semelhanças entre alguns deles, que permitiu sua distribuição em três grupos distintos. As características iniciais empregadas para essa distribuição nos dizem pouco acerca da constituição das mesmas, sobre a influência que tais disparidades têm sobre a vivência e percepção da precariedade. Por essa razão devemos investigar outras diferenças que nos permitam analisar o material coletado de maneira mais aprofundada.

Com base no que foi apresentado sobre cada um dos grupos nos capítulos anteriores, é possível afirmar que os jovens entrevistados possuem diferentes posições no espaço social, no sentido de que são dotados de diferentes capitais. Observemos essa afirmação mais de perto. Os jovens do grupo 2 possuem capital cultural e social, que ameniza as restrições determinadas pela posse limitada de capital econômico. Isso cria uma situação específica que traz conseqüências concretas na construção de suas biografias. As suas trajetórias no Terceiro Setor, os conhecimentos e qualificações adquiridos resultaram em um acúmulo de capital cultural que lhes permite adquirir um posicionamento em relação à

esfera do trabalho. Associado a isso há o estabelecimento de uma rede de relações sociais que permite a criação e o usufruto de oportunidades diferenciadas. Por um lado, as redes sociais possibilitam a realização e continuidade de suas escolhas em relação ao trabalho, por outro, influem em outras esferas da vida, como na possibilidade de aumento da escolarização, que, por sua vez, interfere na esfera do trabalho. Esse fato resultou na possibilidade de criação de uma alternativa realizadora de trabalho, ainda que não segura.

Uma comparação entre os dois primeiros grupos revela a relevância da posse dos capitais cultural e social pelos jovens do grupo 2. Os entrevistados de ambos os grupos encontram-se em uma situação de limitação de capital econômico, mas os jovens do grupo 1 também possuem pouco capital social e cultural. A exceção a essa afirmação é Otto, que vem adquirindo capital cultural, a partir da sua incursão em atividades ainda desestruturadas no Terceiro Setor, com a intenção de alcançar uma posição semelhante aos jovens do segundo grupo, mas falta-lhe o capital social para efetivar sua transição para uma posição diferente no campo. Em decorrência da ausência de posse de tais capitais, esses jovens experimentam inserções no mercado de trabalho caracterizadas pelo fraco poder de construção de alternativas diferenciadas, isto é, inserções mais seguras ou realizadoras.

Por fim, os jovens do grupo 3 possuem um nível mais elevado de capital social, econômico e cultural. Possuem maior escolaridade, melhores oportunidades de emprego e de cursar uma faculdade, uma rede de amigos e conhecidos que influenciou e influencia não apenas as suas possibilidades de trabalho, mas também o acesso ao lazer

É preciso fazer uma ressalva: eu afirmei que há uma diferença de quantidade de capitais, mas, como salienta Bourdieu, o capital também pode ser observado a partir de sua qualidade. Cada campo social valoriza capitais diferentes e não é possível estabelecer medidas de mensuração, isto é, qualificar e quantificar os capitais dos jovens. O que se percebe é que a utilização de diversos capitais se efetiva nas práticas cotidianas dos jovens e se convertem em acessos a outros recursos. Assim, o capital cultural dos jovens dos grupos 2 e 3 são diferentes, não tanto em seu volume, mas principalmente nas suas qualidades. Não é possível ou mesmo desejável no nosso caso escalonar tais posses, isto é, afirmar que determinado capital é melhor do que outro, dado que tais diferenças se relacionam também aos diferentes campos sociais que integram. Por exemplo, Renata afirma que não tem o hábito de ler jornais e em decorrência disso não tem um bom desempenho em avaliações que abordam “conhecimentos gerais”. Contudo, isso não é observado por ela como uma defasagem determinante ou limitante para os seus interesses e para o espaço social que ocupa. Por outro lado, para os jovens do segundo grupo o conhecimento e informações

sociais são absolutamente relevantes para a própria atuação no campo no qual estão inseridos. Dessa maneira, as diferentes qualidades de capital só podem ser observadas a partir de seus próprios contextos.

As diferenças em relação ao capital cultural se expressam claramente nas conseqüências concretas que a posse ou não dos mesmos podem ter, mas, as entrevistas expressam essas diferenças também na constituição dos discursos e das opiniões. As falas e categorias utilizadas pelos jovens para se expressar se relacionam com o capital cultural acumulado. Assim, nas entrevistas dos jovens do grupo 2 são comuns referências à realidades abrangentes, categorias amplamente empregadas nos discursos sociais sobre alguns temas; suas respostas freqüentemente abordam não apenas suas realidades pessoais, mas fazem referência à realidade social que conhecem a partir de suas experiências, aprendizados, discussões em grupo, reflexões. No grupo 1 encontramos Otto que, em relação ao capital cultural se aproxima mais dos entrevistados do grupo 2 e menos de Jeferson, Elizabete e Fritz, de seu grupo. As entrevistas desses últimos jovens revelam pouca familiaridade com alguns temas, as respostas refletem menor nível de abstração e se detêm mais sobre suas realidades concretas. Por fim, no grupo 3 há uma constituição diferente dos discursos. Na maior parte das perguntas os jovens se detêm principalmente em suas próprias experiências e percepções, mas há referências àquilo que tem acesso a partir da mídia e, em alguns casos, emitem opiniões mais elaboradas<sup>98</sup> e refletidas do que Elizabete e Jeferson, do grupo 1.

A vivência da precariedade, tantas vezes mencionada na presente pesquisa como problemática de investigação, envolve as percepções da situação e as ações engendradas com base nas mesmas. A utilização das entrevistas como instrumentos de pesquisa permite, por um lado, o resgate das percepções dos entrevistados, por outro, ajudam a reconstituir a própria realidade social na qual estão inseridos, a estrutura na qual se desenvolvem suas ações. A relação entre agência e estrutura é um dos temas clássicos da Sociologia, perpassa algumas das obras e produções científicas mais importantes. Mas, no nosso caso, fica clara a importância de se pensar a estrutura não apenas como elemento da ação, mas também a partir da qual se constroem as percepções e vivências. Os jovens entrevistados estão inseridos na sociedade a partir uma posição particular, o que é claramente observado em um estudo sobre o trabalho. Essa posição na sociedade influencia toda a construção de trajetória de vida, opiniões, percepções e maneiras de viver.

---

<sup>98</sup> No sentido de que abordam maior número de elementos associados a um tema específico e respondem e assentam suas opiniões ou afirmações em relatos pessoais ou justificativas que acreditam válidas.

O exemplo apresentado anteriormente sobre a fala de Alice e as demais constatações sugerem um aspecto com respeito à teoria dos capitais, que não é muito enfatizado por Bourdieu<sup>99</sup>, mas revela-se muito importante quando parte-se da discussão teórica para a observação empírica. Assim como as diferentes esferas das vidas dos jovens não podem ser observadas como compartimentos separados e fragmentados de suas existências, as diversas formas de capital não podem ser vistas como elementos independentes que influem em seus posicionamentos no interior da sociedade. Ao contrário, essas formas de capital se relacionam, se comunicam e apenas observadas conjuntamente podem nos ajudar a compreender o específico posicionamento desses jovens no campo profissional, por exemplo. Alice fala sobre a importância da aquisição do diploma de Ensino Superior. No Terceiro Setor há uma valorização desse tipo de formação, maior do que a valorização da posse de capital econômico. Entretanto, ainda que, como vimos no caso de Frederico e Sofia, a ausência de capital econômico não seja um obstáculo intransponível para a realização desse objetivo, certamente é um dificultador. É a própria Alice que nos sugere:

*Alice: então assim eu sei que se eu tivesse dinheiro né, muita coisa seria diferente do que é, tanto na questão da minha formação, tanto na questão de moradia né, localização, do olhar das pessoas sobre né...*

Segundo Corrochano (2008), diversos estudos recentes sobre a temática do desemprego juvenil ressaltam a diversidade de formas de vivenciar o desemprego. Um dos principais fatores que influem na maneira como o desemprego é vivido é o próprio trabalho, isto é, a relação estabelecida entre os jovens e o mundo do trabalho e os significados que atribuem a este<sup>100</sup>. Citando uma pesquisa realizada por Bajoit e Frassen (1993), a autora afirma que o desemprego pode ser observado através de diferentes lógicas, a partir de uma perspectiva mais dramática ou como um momento de ativo de busca de emprego ou mesmo de reavaliação pessoal. Essas lógicas diferentes podem aparecer associadas, isto é, o desemprego pode ser vivido ao mesmo tempo de forma banalizada e como sofrimento. Além disso, “essa combinação de lógicas associa-se aos recursos econômicos, culturais e escolares, às relações estabelecidas com a família, bem como à diversidade de orientações

---

<sup>99</sup> Sobre a conversão de uma espécie de capital em outra, Bourdieu afirma: “... eu coloco incessantemente, em termos que a mim mesmo não satisfazem completamente, o problema da conversão de uma espécie de capital em outra; é o exemplo de um problema que só pode ser resolvido explicitamente – ele se colocava antes que se tivesse consciência dele – porque a noção de espécie de capital foi construída. (...) A análise destas leis de reconversão não está terminada, longe disso, e se existe alguém a quem ela coloca problemas, esse alguém sou eu” (1983a, p. 46, 47).

<sup>100</sup> A autora saliente que outros elementos como classe social, escolaridade e perfil profissional também podem ser utilizados em alguns estudos, contudo a relação com o trabalho ainda possui uma importância central.

em relação ao mundo do trabalho” (Corrochano, 2008, p. 42). Com base nos nossos dados empíricos podemos estender essa afirmação à vivência da precariedade.

Os comportamentos dos jovens em relação à esfera do trabalho são diferentes. Isso não apenas se associa ao capital que possuem, mas às suas experiências e percepções construídas em relação ao passado, presente e futuro. O passado constitui a base de construção dos esquemas de disposições que influenciam nas possibilidades presentes e, o futuro se coloca como uma instância significativa de orientação das ações e escolhas de hoje. A diversidade de posicionamentos dos jovens em relação ao futuro também é ressaltada por Pimenta (2007). Contudo, sustento que não são apenas as possibilidades de realização das expectativas que balizam a percepção do porvir, mas também a maneira como entendem e enxergam a realidade, sua bagagem crítica. Essa afirmação pode ser exemplificada pela postura de Jeferson e Elizabete com relação ao futuro. Quando questionados sobre como se imaginariam daqui a dez anos, os dois jovens se mostraram bastante otimistas. De todos os entrevistados, eles são aqueles que estão mais longe de alcançar os objetivos mencionados, principalmente no que diz respeito à formação superior, já que interromperam os estudos antes da conclusão do Ensino Médio. Entretanto, isso não parece limitar seus anseios e principalmente suas projeções para o futuro.

Quando questionados se reconhecem alguma dificuldade para a realização desses objetivos, os jovens afirmam que sim, mas principalmente ressaltam a confiança de que conseguirão atingi-los. Nesse sentido, é importante questionar o papel da ação estratégica. As entrevistas revelaram mais de uma vez a importância desse tipo de ação, diversas vezes os jovens justificaram suas próprias escolhas a partir do que esperam para si no futuro próximo ou distante. Ações que ganham significado a partir das expectativas que foram construídas e que se reconstróem a cada dia. Ao abordar a noção de *habitus*, Bourdieu enuncia:

(...) como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio exposto das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (Bourdieu, 1983c, p. 61).

Nessa passagem, o autor enfatiza que as práticas engendradas pelo *habitus* são caracterizadas pelo ajustamento às condições de ação, isto é, a estrutura exterior que as produzem, sendo que essa é a base da regularidade de tais práticas. O *habitus* consiste em



disposições sedimentadas pelas experiências passadas e ressignificadas no contato com o mundo. Bourdieu (1983c) reconhece a existência da ação estratégica, mas, não no sentido de que o agente tem plena consciência dos seus fins e objetivos e das maneiras de agir, ao contrário, a estratégia se caracteriza por esse ajustamento entre o seu *habitus* e a estrutura que o produziu, reproduzindo, ao mesmo tempo, tal estrutura. Em outras palavras, para Bourdieu, o *habitus* é também formador da ação estratégica no sentido em que permite a antecipação das conseqüências futuras a partir do que foi construído como experiência passada e que constitui seu repertório de prática, ação, representação e comportamento. Continuando ele afirma:

Se não está de modo algum excluído que as respostas do *habitus* se acompanhem de um cálculo estratégico tendendo a realizar sob o modo quase consciente a operação que o *habitus* realiza de outro modo, a saber, um cálculo das probabilidades que suponham a transformação do efeito passado em futuro esperado, resta que elas se definem em primeiro lugar em relação a um campo de potencialidades objetivas, imediatamente inscritas no presente, coisas a fazer ou a não fazer, a dizer ou a não dizer, em relação a um vir (...) (Bourdieu, 1983c, p. 61, 62).

As práticas podem encontrar-se objetivamente ajustadas às chances objetivas – *tudo se passa como se* a possibilidade *a posteriori* ou *ex post* de um acontecimento, que é conhecida a partir da experiência passada, comandasse a possibilidade *a priori* ou *ex ante*, a ela subjetivamente combinada – sem que os agentes procedam ao menor cálculo racional ou mesmo a uma estimação, mais ou menos consciente das chances de sucesso. (Bourdieu, 1983c, p. 63).

Há dois pontos importantes a serem ressaltados com base nessas passagens. Em primeiro lugar, há a forte sugestão do autor de um ajustamento entre as práticas e a estrutura na qual se inserem, dado que as próprias práticas são engendradas pela internalização das mesmas. Em segundo lugar, é preciso ressaltar a ênfase realizada pelo autor no caráter não totalmente consciente do ator na efetivação desse ajustamento. Em outro texto (2004), ao falar sobre a estratégia na escolha matrimoniais observada em seus estudos em Cabília, Bourdieu enfatiza a característica particular desse tipo de ação, que não é totalmente consciente ou racional, mas que também não é uma ação inconsciente totalmente definida pelas regras sociais.

Nas entrevistas a ação estratégica foi abordada associada aos projetos de ação para o futuro. Ao relatarem suas expectativas para o futuro, os entrevistados identificaram os passos necessários para alcançar os objetivos, tornaram visíveis suas escolhas. Mas, será possível afirmar que o material coletado no campo confirma a teoria de Bourdieu? É difícil

responder a essa questão, mas principalmente, com base no material coletado será difícil oferecer uma resposta única. Poder-se-ia dizer que a existência de uma expectativa para o futuro determina a existência de uma ação prática direcionada. Mas, essa afirmação é problemática já no seu pressuposto. Com relação aos jovens entrevistados não é possível afirmar que há certeza em relação aos seus objetivos futuros. Eles certamente mencionaram desejos, no entanto, em diversos casos, há uma maleabilidade em relação a isso, dado que seus sonhos estão em constante construção, suas expectativas, vontades e desejos podem mudar, e parece haver por parte deles um reconhecimento desse fato.

Com base no que foi dito, pode-se considerar que uma questão fundamental e aparente nas entrevistas é que uma percepção crítica da realidade social influi sobre a forma de percepção do mundo, das suas possibilidades e na própria vivência da precariedade. As diferenças expressadas em seus discursos não se baseiam apenas em vivências mais agudas da precariedade, pois Elizabete e Jeferson têm essa experiência. Pode-se afirmar que essa percepção crítica está relacionada com o *habitus* e com o capital cultural acumulado. Essa afirmação é confirmada pelos relatos dos jovens do grupo 2 e por Otto do grupo 1. A forma de ver o mundo está intimamente relacionada a maneira de se comportar nesse mundo e, nesse sentido, de vivenciar a precariedade no trabalho. Há diferenças fundamentais na forma de perceber e vivenciar o trabalho. Nicole-Drancourt e Roulleau-Berger (2001) argumentam que é preciso considerar que ainda que existam constrangimentos estruturais no mercado de trabalho, há uma diversidade de formas de trabalho sob a precariedade, assim como não afeta da mesma maneira todas as categorias de jovens. Sendo que, nesse e no nosso caso, “afetar da mesma maneira” não significa estar imune às inserções precárias, mas principalmente experimentá-las sob condições e a partir de percepções diferentes. Segundo os autores, o trabalho precário pode afetar a construção da identidade e da estima de si, são os efeitos morais dessa forma de inserção. O que se percebe a partir de nossas entrevistas é que isso definitivamente não é regra. Os relatos dos jovens sugerem que a percepção de suas atividades está dissociada de uma classificação de sua precariedade. Como tentamos demonstrar nas duas seções do capítulo anterior, há situações de trabalho que são preferidas a outras, isto é, os jovens lançam mão de seu poder de escolha entre as inserções disponíveis. E, não necessariamente há uma opção por inserções tradicionais. O caso de Renata é exemplar. A sua atividade intermitente, sem contrato de trabalho e rotina pré-estabelecida é perfeitamente adequada às suas pretensões. Além disso, como no caso de Claudio, Paulo e Fernanda, o contexto momentâneo é importante para determinar a adequação daquela atividade às próprias expectativas. Não se pode afirmar que o exercício

de trabalhos precários tenha tido conseqüências morais significativas. Por outro lado, essa situação pode ser vivenciada com angústia, ansiedade ou mesmo sofrimento. Se Renata considera que o trabalho que realiza no Buffet é uma atividade passageira, enquanto não está preparada para estagiar na área na qual se gradua, para Jeferson e Elizabete a transitoriedade dessa situação é apenas um desejo e não uma possibilidade real. Quando entrevistei os dois jovens eles me revelaram a vontade de mudar de emprego, mas não tinham ainda uma oportunidade real em vista.

Há uma variedade de formas de vivenciar a precariedade do trabalho ou mesmo percebê-la. Com base em sua pesquisa realizada com trabalhadores da construção civil da cidade de São Carlos, Cockell afirma:

Podemos observar, também, que cada trabalhador vivencia singularmente a precariedade do trabalho na construção civil, dependendo da trajetória ocupacional, da identidade profissional, do tipo de rede de apoio informal, da possibilidade de custear as formas mercantis de proteção social, das estratégias adotadas, da capacidade de consumo, das margens de regulação e do acesso à rede de proteção formal. Situações percebidas como precárias para uns podem não ser para outros, mesmo a despeito de todo o processo de precarização já evidenciado e comprovado pela literatura recente sobre a construção de edificações. (Cockell, 2008, p. 181).

A autora nos alerta para um ponto fundamental: a precariedade não se constrói objetivamente para aqueles que a experimentam. As diferentes percepções sobre as ocupações realizadas nos colocam questões importantes, elementares para o nosso problema. Nesse sentido, ao abordamos essa temática podemos nos perguntar: Precário para quem? Podemos de fato considerar como precárias todas as situações de trabalho observadas nessa pesquisa? Mesmo que os jovens que as vivenciam não as considerem assim? Como apresentado no tópico anterior, a idéia de precariedade do trabalho está fortemente associada à derrocada de um modelo de emprego padrão e à disseminação de novas formas de trabalho, que são, sobretudo, marcadas pela insegurança e instabilidade dos vínculos e condições de exercício do mesmo. Nos diversos casos relatados pelos entrevistados há o exercício de trabalhos nos quais há instabilidade laboral, situações que se afastam do modelo de contratação disseminado durante algumas décadas do século passado. Todavia, afirmamos anteriormente também que a própria definição da palavra “precário” remete à insuficiência ou debilidade. Há insuficiência em todas as formas de trabalho exercidas pelos entrevistados e que foram consideradas precárias? Aparentemente não. Por vezes os estudos sociológicos sobre o trabalho se constroem a partir de generalizações perigosas, principalmente quando se fala da precariedade. A nossa pesquisa nos mostra que

entre as formas de trabalho que nós pesquisadores classificamos como precárias há situações de trabalho desejáveis, preferíveis e até mesmo suficientes. Renata se refere ao seu trabalho como monitora no Buffet como ideal. A questão principal com relação a isso é que esse trabalho é *ideal sim, mas por ora, isto é, durante a sua adolescência e na atual fase de sua vida*. O mesmo poderia ser dito com relação ao trabalho de Claudio com as trufas, era uma ocupação suficiente para as suas necessidades e expectativas, que atualmente se alteraram e que o faz procurar um emprego que lhe traga estabilidade. Dessa forma, se essas situações são observadas e vividas a partir de uma ótica positiva e desafiam a nossa construção sociológica sobre a precariedade do trabalho, isso decorre de um contexto específico. Como a própria Renata nos relata a sua posição com relação ao trabalho que realiza é particular, ela é chamada para trabalhos com frequência e recebe remuneração maior do que outras pessoas que trabalham com ela. Além disso, ela deixa clara sua intenção de exercer a profissão que escolheu, essa ocupação se mostrará em breve insuficiente em várias dimensões. O que nos indica que a sua relação com essa ocupação não é necessariamente representativa daquela vivida por outros jovens inseridos no mesmo trabalho. Essas informações nos ajudam a esclarecer particularidades da constituição da relação entre o jovem e o trabalho na nossa sociedade e, nesse sentido, a precariedade que certamente se constrói como um problema relacionado ao trabalho para a maioria dos grupos de trabalhadores pode ter outras configurações quando se observa apenas a juventude.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Instituto de Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES, Giovanni. *O novo (e precário) mundo do trabalho*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2000.

ARIÈS, Philippe. *A história social da criança de da família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

ARROYO, Miguel. “As relações sociais na escola e a formação do trabalhador”. FERRETTI, C. J.; SILVA JUNIOR, J. R.; OLIVEIRA, M. R. S.. *Trabalho, Formação e Currículo*. São Paulo, Xamã, 1999. p. 13-41.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Hucitec, São Paulo, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Beltrand do Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. “Da Regra às estratégias”. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2001.

\_\_\_\_\_. “O capital social – notas provisórias”. *Escritos de educação*. Petrópolis, Editora Vozes, 1998a. p. 65-69.

\_\_\_\_\_. “Os três estados do capital cultural”. *Escritos de educação*. Petrópolis, Editora Vozes, 1998b. p. 71-79.

\_\_\_\_\_. “O Sociólogo em questão”. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, marco Zero, 1983a. p. 30-48.

\_\_\_\_\_. “A juventude é apenas uma palavra”. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, marco Zero, 1983b. p. 112-121.

\_\_\_\_\_. “Esboço de uma teoria da prática”. ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983c. p.46-81.

BRANDÃO, S., WATANABE, M., FERREIRA, S., MONTAGNER, P. “Mobilidade ocupacional: a experiência da região metropolitana de São Paulo”. GUIMARÃES, N., HIRATA, H. (orgs). *Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações*. São Paulo, Editora Senac, 2006. p. 91-125.

BRAVERMAN, Harry. “A Gerência Científica” e “Principais efeitos da Gerência Científica”. *Trabalho e Capital Monopolista – A degradação do Trabalho no Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 82-123.

CACCIAMALI, Maria Cristina; JOSÉ-SILVA, Maria de Fátima. “Emprego e seguridade social: mais uma década perdida no mercado de trabalho da América Latina”. COGGIOLA, O. *América Latina. Encruzilhadas da História Contemporânea*. São Paulo, Xamã, 2003. p. 215-232.

CARDOSO, Ruth. “Fortalecimento da Sociedade Civil”. IOSCHPE, Evelyn Berg. *3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000. p. 7-12.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes, 1998.

CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni (orgs.). *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília, IPEA, 2008.

Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td\\_1335.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1335.pdf)

Acesso: 18/03/2009.

CHARVET, Dominique. *Jeunesse, le devoir d'avenir*. Paris, La Documentation Française, 2001.

COCKELL, Fernanda Flávia. *Da enxada à colher de pedreiro: trajetórias de vulnerabilidade social na construção civil*. Tese de Doutorado. São Carlos, Departamento de Engenharia de Produção/UFSCAR, 2008.

COMIN, Álvaro Augusto. *Mudanças na estrutura ocupacional do mercado de trabalho em São Paulo*. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 2003.

CORROCHANO, Maria Carla. *O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bola Trabalho no município de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 2008.

COSTA, Luzia Aparecida. *O olhar do jovem para o futuro profissional: descrença ou esperança?* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, USP, 2002.

DAYRELL, Juarez. “A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000300022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300022&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30/01/2009

DEMAZIÈRE, Didier. “Precarites d’emploi, precarites de condition: entre formes e normes”. *Colóquio Internacional: Novas Formas do Trabalho e do Desemprego*. São Paulo, 2006. Disponível no site: [www.fflch.usp.br/sociologia](http://www.fflch.usp.br/sociologia) . Acesso em 20/11/2006.

DRUCK, Maria da Graça. *Terceirização: (des)fordizando a fábrica*. Bahia: EDUFA; São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

DUBET, François. “La jeunesse est une épreuve”. DUBET, F.; GALLAND, O.; DESCHAVANNE, E. (orgs.) *Comprendre - Les jeunes*. Paris, PUF, n.5, 2004. p. 275-291.

EVELYN, Suzana S. *a produção da vida: estudo do papel e lugar do trabalho na sociedade contemporânea*. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 1998.

FERNANDES, Rubem Cesar. “O que é Terceiro Setor?”. IOSCHPE, Evelyn Berg. *3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000. p. 25-33.

\_\_\_\_\_. *Privado porém público: o Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Novo Aurélio*. São Paulo, Editora Nova Fronteira, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Juventude, trabalho e educação no Brasil”. NOVAES, R. VANUCCHI, P. (orgs.) *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

GOMES, Álvaro (org.). “Trabalho, desemprego e sofrimento mental: impactos do neoliberalismo”. *O trabalho no século XXI*. São Paulo, A. Garibaldi; Bahia, Sindicato dos Bancários da Bahia, 2001. p. 109-152.

GRAMSCI. “Americanismo e Fordismo”. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

GRANOVETTER, Mark. *Getting a job: a study of contacts and careers*. Chicago e London, The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. “The strange of the weak ties: a network theory revisited”. *Sociological Theory*. New York, State University of New York, Vol. 1, 1983. p. 201-233.

Disponível em:  
[http://www.si.umich.edu/~rfrost/courses/SI110/readings/In\\_Out\\_and\\_Beyond/Granovetter.pdf](http://www.si.umich.edu/~rfrost/courses/SI110/readings/In_Out_and_Beyond/Granovetter.pdf)  
Acesso: 06/04/09

GUERREIRO, Maria das Dores, ABRANTES, Pedro. “Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 10, n. 58, jun/2005. p. 157-212.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. “Flexibilizando o flexível: as novas formas do trabalho sob o prisma do mercado de intermediação”. *Colóquio Internacional: Novas Formas do Trabalho e do Desemprego*. São Paulo, 2006a. Disponível no site: <http://www.fflch.usp.br/sociologia>. Acesso em: 20/11/2006.

\_\_\_\_\_. “Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais”. CAMARANO, Maria Amélia. *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição*. Rio de Janeiro, IPEA, 2006b. p. 171-197.

\_\_\_\_\_. *Caminhos Cruzados: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. São Paulo, Editora 34, 2004a.

\_\_\_\_\_. “Transições ocupacionais e representações sobre a procura de trabalho. Comparando mercados de trabalho sob diferentes regimes de *welfare* (São Paulo, País e Tóquio)”. *Anpocs*, XXVIII Encontro Anual, Caxambu, 2004b. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/nadya> Acesso: 01/04/2009.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2007*. Disponível no site: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/comentarios2007.pdf>

Acesso em: 11/02/2009.

JAKOBSEN, K., MARTINS, R.; DROMBOWSKI, O. *Mapa do trabalho informal: perfil dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, CUT, 2000.

JARDIM, Fabiana. *Entre o desalento e a invenção: experiências de desemprego em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 2004.

KRAUSKOPF, Dina. “Juventudes na América Latina e no Caribe: dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida” THOMPSON, Andrés A (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo, Peirópolis, 2005. p. 149-196.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre, Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. “From the habitus to an individual heritage of dispositions. Towards a sociology at the level of the individual”. *Poetics*. Lyon, n° 31, 2003. p. 329-355.

\_\_\_\_\_. *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, Vozes, 2002.

LECCARDI, Carmem. “Por um novo significado de futuro: mudança social, jovens e tempo”. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologia/FFLCH, v. 17, n.2, 2005. p. 35-57.

LIMA, Jacob Carlos. “O trabalho em cooperativas: dilemas e perspectivas”. DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia. *A perda da razão social do trabalho – terceirização e precarização*. São Paulo, Boitempo, 2007. p. 69-80.

LINDEMBERG, Beatriz Laschan. *Jovens de Baixa Renda na Cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1993.

MALAGUTI, Manoel Luiz. *Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado*. São Paulo: Boitempo; Vitória: EDUFES, 2000.

MARUANI, Margaret; REYNAUD, Emmnuèle. *Sociologie de l'emploi*. Paris, la Découverte, 2004.

MORAES, C. S. V., LOPES NETO, S. “Educação, formação profissional e certificação de conhecimentos: considerações sobre uma política pública de certificação profissional”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, Set/Dez 2005, p. 1435-1469. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 19/03/2009.



MORROW, Virginia. “Conceituando o capital social em relação a crianças e jovens: é diferente para as meninas?”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 18, n. 101, set/dez 2007. p. 1351-1373. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 10/03/2009.

NEVES, J. A., HELAL, D. H. “Associativismo, capital social e mercado de trabalho”. AGUIAR, Neuma. *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007. p. 61-71.

NICOLE-Drancout, Chantal; ROULLEAU-BERGER, Laurence. *Les jeunes et le travail: 1950-2000*. Paris, Presses Univesitaires de France, 2001.

NORONHA, Eduardo. “Informal, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil”. Trabalho apresentado no XXV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 2001. pp. 1-20.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista – O ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Paulo Jesus. *A condição provisória-permanente dos trabalhadores informais: uma análise das estratégias de empregabilidade no processo de informalidade na cidade de Salvador*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2005.

OLIVEIRA, Orlandina de; ARIZA, Marina. “Gênero, trabalho e exclusão social”. OLIVEIRA, Maria Coleta (org.). *Demografia da Exclusão Social*. Campinas, Editora da UNICAMP, Nepo, 2001. p. 77-103.

OLIVEIRA, Régia Cristina. *Jovens trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade*. Dissertação de mestrado, FFLCH/ USP, 2001.

ORTIZ, Renato. “Introdução: A procura de uma Sociologia da Prática”. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983. p. 7-36.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates*. Portugal, Editora Âmbar, 2001.

\_\_\_\_\_. “A geração yo-yo”. *Dinâmicas culturais, novas faces, novos olhares*. Lisboa, Instituto Nacional da Universidade de Lisboa, 1994. p. 11-25.

\_\_\_\_\_. “A construção sociológica da juventude – alguns contributos”. *Análise Social*, vol. XXV, 1990. p. 139-165.

PAMPLONA, João Batista. *Erguendo-se pelos próprios cabelos: auto-emprego e reestruturação produtiva no Brasil*. São Paulo, Germinal, 2001.

PASCUAL, A. S.; MARTÍN, F. M.; SUÁREZ, E. C.. “La experiencia subjetiva del trabajo em uma sociedad em trasformacion”. TOMÁS, E. A.; BERNAL, A. O (coord.). *Trabajo, individuo y sociedad*. Madrid, Ediciones Pirâmide, 2001. p. 49-63.

PASTERNAK, S.; BÓGUS, L. M. M. “Migração na MetrÓpole”. *São Paulo em perspectiva*. Vol. 14, n. 4, out/dez 2005. pp. 21-47. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 23/03/2009.

PIMENTA, Melissa de Mattos. “*Ser jovem*” e “*ser adulto*”: *identidades, representações e trajetÓrias*. Tese de doutorado. São Paulo, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 2007.

PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

POCHMANN, Marcio. *O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo, Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. *Inserção ocupacional e o emprego dos jovens*. São Paulo, Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 1998.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro, Graphia, 1999

POUPART, Jean. “A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teÓricas e metodológicas”. *A pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos*. Rio de Janeiro, Vozes, 2008. p. 215-253.

PRATES, A. A. P., CARVALHES, F. A. O., SILVA, B. F. A. “Capital social e redes sociais: conceitos redundantes ou complementares?”. AGUIAR, Neuma. *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007. p. 47-59.

PRESTA, Sueli; ALMEIDA, Ana Maria F. “Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, maio/ago 2008. pp. 401-424. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 19/03/2009.

RIVERO, Patrícia Silveira. *Escolhendo entre fragmentos: qual trabalho seria melhor sendo eu...? Os processos de informalização do trabalho no Rio de Janeiro*. Tese apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

RODRIGUES, Vanúzia Almeida. *Desemprego e crise de identidade do trabalhador: elementos que contribuem para a desestabilização do caráter do trabalhador*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 2005.

SEADE. *Os negros no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo*. Novembro, 2008 Acesso em: 29/01/2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. “Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos de baixa escolaridade”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 90, jan/abr 2005. p. 77-105.

\_\_\_\_\_. *Rotary clubs: clubes de serviço ou ‘clubes de capital social e capital simbólico’?* Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, 1996.

SINGER, Paul “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social”. ABRAMO, H., BRANCO, P.P. (org.) *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 27-35.

SINGLY, François de. “La spécificité de la jeunesse dans le sociétés individualistes”. DUBET, F.; GALLAND, O.; DESCHAVANNE, E. (orgs.) *Comprendre - Les jeunes*. Paris, PUF, n.5, 2004. p. 259-273.

SOCHACZEWSKI, Suzana. “Educação, trabalho e vida”. BERNARDO, Paula Cristina. *Juventudes em debate; sindicalismo e mercado de trabalho*. São Paulo, CUT, 2007. pp. 125-138.

SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. de. “O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação”. *Tempo social*, 13 (2), nov. 2001. pp. 61-87.

\_\_\_\_\_. “A juventude no contexto de reestruturação produtiva”. ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V.; SPOSTIO, M; P. (orgs.) *Juventude em debate*. São Paulo, Cortez, 2000. p. 17-40.

SOUZA MARTINS, Heloisa Helena T. de; RODRIGUES, Iram Jácome. ”Perfil socioeconômico dos jovens metalúrgicos”. *Tempo Social*, 17 (2), nov. 2005. p. 221-252.

SPOSITO, Marília Pontes. “Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil”. ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Instituto de Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira. *Tensões e intenções na transição escola-trabalho: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre os processos de qualificação profissional e (re)inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, 2007.

TAVARES, Maria Augusta. *Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho*. São Paulo, Cortez, 2004.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 18, n. 1, jun. 2006.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702006000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 /01/2009.

VESAPOLLO, Luciano. “O trabalho atípico e a precariedade: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista”. *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo, Boitempo Editorial, 22006. p. 45-57.

ZALUAR, Alba. “Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns problemas”. CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. p. 107-123.

Sites e Portais consultados:

[www.acaoeducativa.org.br](http://www.acaoeducativa.org.br)

[www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)

[www.decsp.org.br/portal/indez](http://www.decsp.org.br/portal/indez)

[www.escoladafamilia.sp.gov.br](http://www.escoladafamilia.sp.gov.br)

[www.fflch.usp.br/sociologia](http://www.fflch.usp.br/sociologia)

[portal.mec.gov.br/prouni](http://portal.mec.gov.br/prouni)

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

[www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br)

[www.scielo.br](http://www.scielo.br)

[www.seade.com.br](http://www.seade.com.br)

[www.si.umich.edu](http://www.si.umich.edu)

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

#### **1) Perfil do jovem:**

- Nome, idade, sexo, cor, local de nascimento (zona urbana ou rural)
- Bairro em que mora e há quanto tempo
- Grau de escolaridade
- Religião
- Ocupação (trabalho)
- Estado Civil
- Número de pessoas na família e número de pessoas que trabalham
- Amigos: locais onde se reúnem, atividades que fazem e lugares que freqüentam
- Renda familiar:
  - a) até R\$ 415,00
  - b) R\$ 416,00 à R\$ 1245,00
  - c) R\$ 1246,00 à R\$ 2075,00
  - d) R\$ 2076,00 à R\$ 2905,00
  - e) R\$ 2906,00 à R\$ 4150,00
  - f) acima de R\$ 4151,00

#### **2) Dados sobre trabalho:**

- Idade com que começou a trabalhar
- Trajetória no mercado de trabalho: empregos que teve, o que fazia em cada emprego, tempo de trabalho em cada um, motivo de saída do emprego, tempo em que ficou desempregado, atividade desenvolvida no período, como conseguiu cada emprego
- Relações de trabalho (colegas, patrão)
- Percepção do mercado de trabalho

#### **3) Família:**

- Trajetória familiar: onde os pais nasceram, grau de escolaridade, ocupação, qual a escolaridade e trabalho dos irmãos
- Relação com pais, irmãos e parentes e forma de tratamento (freqüência de diálogo)
- Posicionamento dos familiares em relação ao futuro e trajetória profissional do jovem

#### **4) Dados sobre escola:**

- Trajetória escolar (se parou de estudar, porque)
- Condições da escola que frequentou
- Opinião sobre a escola (materiais, conteúdo, didática dos professores, do que gostava na escola e do que não gostava, porque)
- Posição da família com relação à escola e educação
- Relações entre alunos e alunos/professores
- Existência de orientação profissional oferecida pela instituição de ensino

#### **5) Amizades:**

- De onde são os amigos que possui (escola, vizinhança...). Possui diversos grupos de amigos diferentes
- Amigos: locais onde se reúnem, atividades que fazem e lugares que frequentam (quantos dias por semana)
- Quais são as atividades de lazer (quantos dias por semana)
- Importância dos amigos na construção de uma trajetória profissional

#### **6) Expectativas**

- Percepção do futuro (possibilidades, incertezas)
- Qual a importância das realizações profissionais no interior das expectativas futuras
- Existência de algum projeto de ação definido para a realização dos objetivos (familiar ou individual)

## Anexo B – Situação Educacional dos jovens em 2006

TABELA 2

### Situação educacional dos jovens em 2006

(Em %)

	Faixa etária		
	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
Analfabetos*	1,6	2,8	4,7
Freqüentam a escola	82,1	31,7	13,0
– Ensino fundamental (regular ou supletivo)	33,9	4,9	2,0
– Ensino médio (regular, supletivo ou pré-vestibular)	47,7	13,8	3,3
– Ensino superior (inclusive mestrado ou doutorado)	0,4	12,7	7,3
– Alfabetização de jovens e adultos	0,1	0,3	0,4
Não freqüentam a escola	17,9	68,3	87,0
– Ensino fundamental incompleto	11,9	19,9	28,3
– Ensino fundamental completo	2,0	6,2	7,3
– Ensino médio incompleto	1,4	6,8	5,8
– Ensino médio completo	1,1	28,9	30,2
– Ensino superior incompleto	0,0	0,9	1,7
– Ensino superior completo (inclusive mestrado ou doutorado)	0,0	1,9	8,6
– Nunca freqüentaram a escola	1,5	3,7	5,1
<b>População jovem (valor absoluto)</b>	<b>10.424.755</b>	<b>24.285.150</b>	<b>15.821.341</b>

Fonte: Pnad/IBGE.

Elaboração: Disoc/Ipea.

Nota: \*Há analfabetos entre os que freqüentam e os que não freqüentam a escola.

## Anexo C – Rendimento real do trabalhador por faixa etária (RMSP), 2006:

Faixa etária do ocupado – 6 faixas	Freqüência (%)	Média de rendimento Real do Trabalho principal (em R\$ de Nov/2006) (corrigido pelo ICV- Dieese)
<b>15 a 17 anos</b>	2,2	316
<b>18 a 24 anos</b>	18,1	679
<b>25 a 39 anos</b>	41,8	1.139
<b>40 a 59 anos</b>	33,6	1.449
<b>60 anos e mais</b>	4,3	1.313
<b>Total</b>	100	1.145

Fonte: Fundação Seade, Dieese, MTE/FAT e Sert.

Acesso em: 29/01/2009

<http://www.seade.gov.br/produtos/ped/microdados/index.php?page=tabela>

**ANEXO D – Rendimento médio do ocupado, por nível de instrução e faixa etária (RMSP), 2006<sup>101</sup>**

Nível de Instrução do Ocupado - 7 faixas	Faixa Etária do Ocupado - 2 faixas				Total	
	15 a 17 anos		18 a 24 anos		Frequência (%)	Média de Rendimento Real do Trabalho Principal (em R\$ de nov/06) (corrigido pelo ICV - Dieese)
	Frequência (%)	Média de Rendimento Real do Trabalho Principal (em R\$ de nov/06) (corrigido pelo ICV - Dieese)	Frequência (%)	Média de Rendimento Real do Trabalho Principal (em R\$ de nov/06) (corrigido pelo ICV - Dieese)		
Analfabeto	-	-	*	*	*	*
Ensino Fundamental Incompleto	2,2	258	7,1	514	9,2	453
Ensino Fundamental Completo	2,2	279	6,9	541	9,1	479
Ensino Medio Incompleto	5,5	331	9,3	538	14,7	462
Ensino Medio Completo	0,9	446	49,3	645	50,2	642
Ensino Superior Incompleto	*	*	11,8	865	11,9	863
Ensino Superior Completo	-	-	4,5	1.487	4,5	1.487
Não Informa	-	-	*	*	*	*
<b>Total</b>	10,8	316	89,2	679	100,0	639

Fonte: Fundação Seade, Dieese, MTE/FAT e Sert.

**Acesso em: 29/01/2009**

<http://www.seade.gov.br/produtos/ped/microdados/index.php?page=tabela>

<sup>101</sup> Dados tabulados a partir dos microdados da PED, disponíveis no site: [www.seade.com.br](http://www.seade.com.br). Acesso em: 29/01/2009.